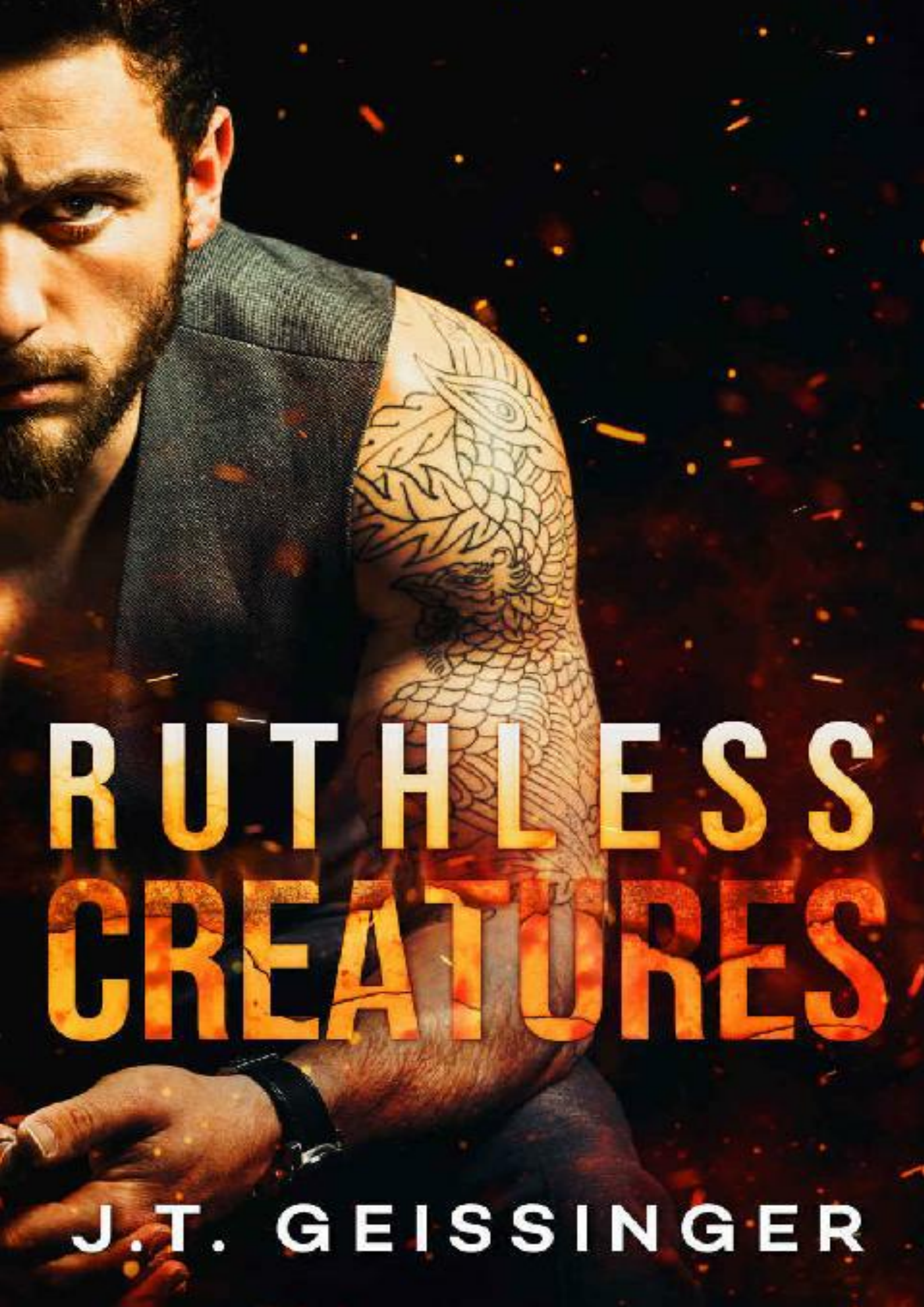




RUTHLESS CREATURES

J.T. GEISSINGER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



RUTHLESS CREATURES

J.T. GEISSINGER

A presente tradução foi efetuada pelo grupo WL, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WL poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WL de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



QUEENS & MONSTERS

LANÇAMENTO



**RUTHLESS
CREATURES**

J.T. GEISSINGER

LIVRO UM



QUEENS & MONSTERS

ORDEM DA SÉRIE



J.T. GEISSINGER

LIVRO UM



J.T. GEISSINGER

LIVRO DOIS



J.T. GEISSINGER

LIVRO TRÊS

PLAYLIST

Desperado - Rhianna

Beautiful Girl - Junge Junge

My Oh My - Camila Cabello

Black Magic - Jaymes Young

Is This Love? - James Arthur

Superposition - Young the Giant

Infinity - Jaymes Young

Fall For You - Leela James

Don't Give Up on Me - Andy Grammar

All Over Again - Leela James

Rise Up - Andra Day

**RUTHLESS
CREATURES**

J.T. GEISSINGER



SINOPSE

Cinco anos atrás, meu noivo desapareceu. Ele me deixou com um vestido de noiva que eu nunca usaria. Deixou-me com o tipo de cicatrizes que não poderiam sarar. O homem em que construí meu futuro desapareceu como um fantasma. Tudo o que restou foi meu coração partido e minhas perguntas sem resposta.

Até que um misterioso desconhecido chega à cidade.

Alto, sombrio e perigoso, Kage está tão cheio de segredos quanto de sex appeal. Embora eu saiba que ele está escondendo algo, sou atraída por ele como uma mariposa à chama.

A intensidade de nossa conexão é viciante, diferente de qualquer coisa que eu já tenha sentido antes. O calor crepita entre nós a cada olhar, o desejo flama em paixão, e me apaixono duramente, incapaz de resistir.

Mas quando descubro como ele está ligado à escuridão do meu passado, aprendo o que acontece quando se voa imprudentemente para o fogo:

Você se queima.



DEDICATÓRIA

Para Jay, minha escolha de veneno.

EPÍGRAFO

*O amor é veneno. Um veneno doce, sim,
mas que matará a todos da mesma forma.*

~ George R. R. Martin

1

Nat

— Sinto muito. Simplesmente não posso mais fazer isso. É óbvio que sou o único tentando.

A voz do outro lado da linha é sombria. Sei que Chris está me dizendo a verdade. Ele realmente lamenta que não esteja funcionando entre nós. Mas não é uma surpresa. Eu sabia que isso ia acontecer. Se eu pudesse reunir energia suficiente para me importar.

Se fosse esse o caso, entretanto, não estaríamos nesta situação.

— OK. Entendo. Acho que te vejo por aí, então.

Na curta pausa que se segue, ele vai de arrependido a irritado. — É isso? Isso é tudo que você vai dizer? Estamos namorando há dois meses e tudo que consigo é 'vejo você por aí?'

Ele quer que eu fique chateada, mas estou realmente aliviada. Embora, é claro, eu não possa dizer isso em voz alta.

De pé na minha pia da cozinha, olho pela janela aberta para o pequeno quintal cercado. Lá fora, está claro e ensolarado, com um cheiro forte de outono no ar, um dia típico de setembro no Lago Tahoe.

Época perfeita do ano para se casar.

Empurro esse pensamento indesejado de lado e me concentro na conversa. — Não sei o que mais você quer que eu diga. Você é quem está terminando comigo, lembra?

— Sim, e eu teria pensado que você teria uma reação melhor do que isso. — Seu tom fica seco. — Acho que deveria saber melhor.

Chris não é um cara mau. Ele não é mal-humorado como o último cara com quem tentei namorar, ou um clérigo chorão como o anterior. Ele é realmente muito bom.

Acho que vou tentar arranjá-lo com minha amiga, Marybeth. Eles formariam um casal fofo.

— Só tenho muito trabalho, só isso. Realmente não tenho tempo para investir em um relacionamento. Sei que você entende.

Há outra pausa, esta mais longa. — Você ensina pintura a dedo para alunos da sexta série.

Arrepio-me com seu tom. — Ensino *arte*.

— Sim. Para um bando de crianças de 12 anos. Não estou tentando ser insultante, mas seu trabalho não é exatamente estressante.

Não tenho coragem de discutir com ele, então fico em silêncio. Ele entende isso como uma deixa para continuar o ataque frontal.

— Meus amigos me avisaram sobre você, sabe. Eles disseram que eu não deveria namorar alguém com sua história.

Minha história. — Essa é uma boa maneira de colocar isso.

Como a garota com o noivo desaparecido, que desapareceu na véspera do grande casamento na igreja, cinco anos atrás, não tenho bagagem, mas carga. É preciso um certo tipo de autoconfiança para me enfrentar.

— Espero que possamos continuar amigos, Chris. Sei que não sou perfeita, mas...

— Você precisa seguir em frente com sua vida, Nat. Sinto muito, mas tem que ser dito. Você está vivendo no passado. Todo mundo sabe disso.

Sei que eles sabem. Vejo os olhares.

King's Beach – uma pequena cidade praiana na costa norte do lago, tem uma população de cerca de quatro mil

peessoas. Mesmo depois de todos esses anos, às vezes parece que cada um deles ainda está rezando por mim à noite.

Quando não respondo, Chris exala. — Isso saiu errado. Eu não quis dizer...

— Sim, você quis. Está bem. Ouça, se está tudo bem para você, vamos apenas dizer adeus agora. Eu quis dizer isso quando disse que gostaria de continuar amigo. Você é um cara legal. Sem ressentimentos, ok?

Depois de um momento, ele diz categoricamente: — Claro. Sem ressentimentos. Sem sentimentos, sei que essa é a sua especialidade. Cuide-se, Nat. — Ele desliga, deixando-me ouvindo o ar morto.

Suspiro, fechando meus olhos.

Ele está errado sobre eu não ter sentimentos. Tenho todos os tipos de sentimentos. Ansiedade. Fadiga. Depressão de baixo nível. Uma melancolia inabalável combinada com um leve desespero.

Veja bem, não sou o iceberg emocional de que sou acusada.

Penduro o receptor de volta no berço na parede. Ele imediatamente toca novamente.

Hesito, sem saber se quero responder ou começar a beber em excesso como faço todos os anos neste dia a esta

hora, mas decido que tenho outros dez minutos ou mais para matar antes de iniciar o ritual anual.

— Olá?

— Você sabia que os casos de esquizofrenia aumentaram acentuadamente na virada do século XX, quando a posse de gatos domésticos se tornou comum?

É minha melhor amiga, Sloane. Ela não tem interesse em iniciar uma conversa de maneira normal, que é uma das muitas razões pelas quais a amo.

— Qual é a sua rixa com os gatos, afinal? É patológico.

— Eles são pequenos assassinos em série peludos que podem lhe dar amebas comedoras de cérebros com seu cocô, mas não é esse o meu ponto.

— Aonde você quer chegar?

— Estou pensando em comprar um cachorro.

Tentando imaginar Sloane ferozmente independente com um cachorro, olho para Mojo, cochilando sob um raio de sol no chão da sala de estar. Ele é um cão da raça pastor com os pelos preto e castanho, 45 quilos de amor em um casaco desgrenhado, com uma cauda como uma pluma que está constantemente balançando.

David e eu o resgatamos quando ele tinha apenas alguns meses de idade. Ele tem sete agora, mas age como se

tivesse setenta. Nunca vi um cachorro dormir tanto. Acho que ele é meio preguiçoso.

— Você sabe que tem que pegar o cocô deles todos os dias, certo? E caminhar com eles? E dar banho neles? É como ter um filho.

— Exatamente. Será uma boa prática para quando eu tiver filhos.

— Desde quando você pensa em ter filhos? Você não consegue nem manter uma planta viva.

— Desde que vi este pedaço de homem em chamas em Sprouts esta manhã. Meu relógio biológico começou a soar como o Big Ben. Alto, moreno, bonito... E você sabe como sou uma otária para os formigamentos. — Ela suspira. — O dele foi épico.

Sorrio com a imagem mental dela cobiçando um cara no supermercado. Essa situação geralmente é o contrário. As aulas de ioga que ela ministra são sempre repletas de homens solteiros esperançosos.

— Eu gostaria de ver isso.

— É como uma sombra de cinco horas com esteróides. Ele tinha esse ar de pirata. Isso é uma palavra? De qualquer

forma, ele tinha aquela vibração de fora-da-lei perigosa acontecendo. Totalmente gostoso. Rawr¹...

— Gostoso, hein? Não soa como ninguém local. Deve ser turista.

Sloane geme. — Eu deveria ter perguntado se ele precisava de alguém para mostrar a ele os pontos turísticos!

Eu ri. — Os pontos turísticos? É assim que você está chamando seus seios agora?

— Não odeie. Há uma razão pela qual são chamados de ativos. As meninas me deram muitas bebidas grátis, você sabe. — Ela faz uma pausa por um momento. — Falando nisso, vamos hoje à noite ao Downrigger.

— Não posso, desculpe. Tenho planos.

— Sei quais são seus planos. É hora de mudar as coisas. Faça uma nova tradição.

— Sair para se embriagar em vez de ficar em casa?

— Exatamente.

— Vou passar. Vomitar em público não é uma boa aparência para mim.

Ela zomba. — Sei que você nunca vomitou na sua vida. Você tem zero reflexo de vômito.

¹ Som do grunhido de gato.

— Isso é uma coisa *muito* estranha de saber sobre mim.

— Não há segredos aqui, baby. Somos melhores amigas desde antes de ter pelos púbicos.

Digo secamente: — Que comovente. Posso ver o cartão Hallmark agora.

Ela me ignora. — Além disso, estou pagando. Isso deve agradar ao seu Scrooge² interior.

— Você está tentando me dizer que sou mão de vaca?

— Prova A: você me deu um vale-presente de vinte dólares do Outback Steakhouse no Natal do ano passado.

— Isso foi uma piada!

— Hmm. — Ela não está convencida.

— Você deveria devolver para outra pessoa, eu te disse isso. É uma coisa. É engraçado.

— Sim, se seu lobo frontal foi danificado em um terrível acidente de carro, é engraçado. Para o resto de nós com cérebros funcionando, não é.

Meu suspiro é grande e dramático. — Este ano, comprarei um suéter de cashmere para você. Satisfeita?

— Vou buscá-la em quinze minutos.

— Não. Não vou sair hoje à noite.

² Personagem de filme americano que é super-avarento

Ela diz com firmeza: — Não vou deixar você ficar sentada em casa para mais um aniversário do seu jantar de ensaio que nunca foi, se desperdiçando no champanhe que deveria tomar na recepção do casamento.

Ela deixa o resto sem dizer, mas paira pesadamente no ar entre nós de qualquer maneira.

Hoje faz cinco anos desde que David desapareceu.

Quando uma pessoa está desaparecida há cinco anos no estado da Califórnia, ela é considerada legalmente morta. Mesmo se eles ainda estiverem por aí em algum lugar, para todos os efeitos e propósitos, eles estão quase dois metros abaixo do solo.

É um marco que tenho temido.

Afasto-me da janela e de sua cena bonita e ensolarada.

Por um momento, penso em Chris. Lembro-me da amargura em sua voz quando disse que estou vivendo no passado... E como todos sabem disso.

Todos, incluindo eu.

Digo suavemente: — Tudo bem. Pegue-me em quinze minutos.

Sloane grita de empolgação.

Desligo antes que eu possa mudar de ideia e colocar uma saia.

Se vou ficar bêbado em público, pelo menos vou ficar bem fazendo isso.



Downrigger's é um lugar casual à beira do lago, com um deck envolvente e uma vista espetacular das serras de um lado e do lago Tahoe do outro.

O pôr do sol vai ser lindo esta noite. O sol já é um brilho laranja flamejante mergulhando baixo no horizonte. Sloane e eu nos sentamos perto de uma janela, um local que nos permite ver a água e o bar, que está lotado de gente. A maioria dos quais conheço.

Afinal, morei aqui minha vida toda.

Assim que nos sentamos, Sloane se inclina sobre a mesa na minha direção e sibila: — Olha! É ele!

Olho em volta, confusa. — Ele quem?

— O pirata! Ele está sentado no final do bar!

— Cara de nuca épica — Viro-me e estico o pescoço para ver a multidão. — Qual deles?

Isso é tudo que digo antes de localizá-lo, ocupando uma parte considerável da barra e diminuindo o banquinho abaixo dele. As impressões vêm rápido.

Ombros largos. Cabelo escuro despenteado. Uma mandíbula dura que não conhece uma navalha há semanas. Uma jaqueta de couro preta combinada com jeans pretos e um par de botas de combate, todas as peças parecem de alguma forma caras e surradas, descuidadamente gastas. Anéis grossos de prata decoram o polegar e o dedo médio de sua mão direita.

Um é algum tipo de sinete. O outro é uma caveira.

Um par de óculos escuros esconde seus olhos.

Parece-me estranho usar óculos de sol dentro de casa. Como se ele tivesse algo a esconder.

— Não estou ficando com pirata tanto quanto com uma estrela do rock. Ou chefe de uma gangue de motociclistas. Parece que ele saiu *do set de Sons of Anarchy*. Dez dólares dizem que ele é traficante de drogas.

— Quem se importa? — Sussurra Sloane, olhando para ele. — Ele poderia ser Jack, o Estripador, e eu ainda o deixaria gozar nos meus peitos.

Digo com afeto, — Esfria aí amiga.

Ela balança as mãos. — Então gosto de machos alfa perigosos com energia de pau grande. Não julgue.

— Vá fazer seu movimento, então. Vou pegar uma bebida e assistir dos bastidores para ter certeza de que ele não puxará uma faca.

Aponto para o garçom. Ele me dá um puxão de queixo e um sorriso, indicando que ele terminará assim que puder.

Sloane diz: — Não, isso é muito desesperador. Não persigo homens, não importa o quão quente eles sejam. É indigno.

— A menos que você seja um cocker spaniel³, o jeito como você está ofegante e babando é indigno. Vá amarrar aquele garanhão, cowgirl. Vou ao banheiro.

Levanto-me e vou em direção ao banheiro feminino, deixando Sloane mordendo o lábio de indecisão. Ou talvez seja luxúria.

Levo meu doce tempo usando o banheiro e lavando minhas mãos, verificando meu batom no espelho sobre as pias. É um vermelho escarlate chamado *Sweet Poison*. Não sei por que o usei, já que quase nunca uso maquiagem, mas acho que não é todo dia que seu noivo desaparecido fica legalmente morto, então que se dane.

Oh, David. O que aconteceu com você?

Uma onda repentina de desespero se abate sobre mim.

³ Uma raça de cães britânica de porte médio.

Inclinando-me na borda da pia para me equilibrar, fecho meus olhos e solto uma respiração lenta e instável.

Não sinto uma dor tão forte há algum tempo. Normalmente, é uma febre inquieta que aprendi a ignorar. Uma dor surda atrás do meu esterno. Um grito de angústia dentro da minha cabeça que posso abaixar até ficar quase silencioso.

Quase, mas não exatamente.

As pessoas dizem que o tempo cura todas as feridas, mas essas pessoas são idiotas.

Feridas como as minhas não cicatrizam. Acabei de aprender a controlar o sangramento.

Alisando meu cabelo com a mão, respiro fundo várias vezes até me sentir mais no controle. Dou a mim mesma uma rápida conversa de incentivo, coloco um sorriso no rosto, então abro a porta e saio.

E imediatamente colidir com um objeto enorme e imóvel.

Recuo, tropeço, perco o equilíbrio. Antes que eu possa cair, uma grande mão se estende e agarra meu braço para me firmar.

— Cuidado.

A voz é um estrondo rouco e agradável. Olho para cima e me encontro olhando para meu próprio reflexo em um par de óculos de sol.

É o pirata. O traficante. Cara de grande energia com a nuca épica.

Um estalo de algo como eletricidade desce pela minha espinha.

Seus ombros são enormes. *Ele é enorme.* Sentado, ele parecia grande, mas ereto, ele é um gigante. Ele deve ter pelo menos um metro e noventa. E cinco. E seis, não sei, mas ele é ridiculamente alto. Um Viking.

Eu nunca poderia ser descrita como pequena, mas esse cara me faz sentir positivamente delicada.

Ele cheira como as notas de degustação de um Cabernet caro: couro, fumaça de charuto, um toque de chão de floresta.

Tenho certeza de que meu coração está batendo tão forte porque quase caí de bunda.

— Sinto muito. Eu não estava olhando para onde estava indo. — *Por que estou me desculpando? Ele é o único que estava parado do lado de fora da maldita porta do banheiro.*

Ele não responde. Ele também não solta meu braço, nem abre um sorriso. Ficamos em silêncio, nenhum de nós se movendo, até que se torne óbvio que ele não tem intenção de sair do meu caminho.

Levanto minhas sobrancelhas e dou uma olhada nele. — Desculpe-me, por favor.

Ele inclina a cabeça. Mesmo sem ser capaz de ver seus olhos, posso dizer o quão de perto ele está me examinando.

Quando está prestes a ficar estranho, ele tira a mão do meu braço. Sem outra palavra, ele empurra a porta do banheiro masculino e desaparece dentro.

Enervada, fico carrancuda para a porta fechada por um momento antes de voltar para Sloane. Encontro-a com uma taça de vinho branco na mão e outra esperando por mim.

— Seu pirata acabou de ir ao banheiro, — digo, deslizando em minha cadeira. — Se você for rápida, poderá pegá-lo no caminho para uma rapidinha em um canto escuro do corredor antes que ele volte ao Pérola Negra para mais destruição.

Ela toma um grande gole de seu vinho. — Você quer dizer arrebatamento. E ele não está interessado.

— Como você sabe?

Ela franze os lábios. — Ele me disse sem rodeios.

Estou chocada. Isso não tem precedentes. — Não!

— Sim. Aproximei-me dele com minha melhor dança Jessica Rabbit, coloquei as garotas na cara dele e perguntei se ele gostaria de me pagar uma bebida. Sua resposta? 'Não estou interessado'. E ele nem olhou para mim!

Balançando a cabeça, tomo um gole do meu vinho. — Bem, está resolvido. Ele é gay.

— Meu gaydar⁴ diz que ele é hétero como uma flecha, baby, mas obrigado por esse voto de apoio.

— Casado, então.

— Pfft. Sem chance. Ele está totalmente não domesticado.

Penso na maneira como ele cheirava quando bati nele fora do banheiro, o almíscar de feromônios sexuais puros saindo dele em ondas, e decido que ela provavelmente está certa.

Um leão perambulando pelo Serengeti não tem esposa. Ele está muito ocupado caçando por algo em que afundar suas presas.

O garçom chega para anotar nosso pedido. Quando ele sai, Sloane e eu passamos alguns minutos conversando sobre nada de importante, até que ela me pergunta como estão as coisas com Chris.

— Oh, ele. Hum...

Ela me lança um olhar de desaprovação. — Você não fez isso.

— Antes de você começar a apontar o dedo, *ele* terminou *comigo*.

⁴ A personagem quer dizer que ela tem um Radar gay.

— Não tenho certeza se você percebe isso, mas um homem espera eventualmente ter relações sexuais com a mulher que ele está namorando.

— Não seja sarcástica. Não posso evitar se minha preciosa fechar a loja.

— Se você não colocar um pinto nesse bolso logo, ele vai colar. Você nunca será capaz de fazer sexo novamente.

Por mim tudo bem. Minha libido desapareceu junto com meu noivo. Mas preciso distraí-la antes que essa conversa se transforme em uma sessão de terapia.

— Nunca teria funcionado de qualquer maneira. Ele acha que os gatos são tão espertos quanto os humanos.

Ela parece chocada. — Boa viagem.

Sabendo que isso mudaria seu tom, sorrio. — Estou pensando em armar para ele com Marybeth.

— Sua colega? Aquela que se veste como se fosse Amish⁵?

— Ela não é Amish. Ela é professora.

— Ela ensina batedeira de manteiga e manutenção de carrinhos?

⁵ **Amish** é um grupo religioso cristão anabatista baseado nos Estados Unidos e Canadá. São conhecidos por seus costumes ultraconservadores

— Não, ciência. Mas ela gosta de casacos acolchoados. Ela também tem cinco gatos.

Estremecendo, Sloane levanta seu copo em um brinde.
— É um casamento feito no céu.

Bato meu copo contra o dela. — Que eles tenham um futuro longo e cheio de bolas de cabelo juntos.

Bebemos. Engulo toda a minha taça de vinho, sabendo que Sloane está me observando enquanto faço isso.

Quando coloco o copo vazio de volta na mesa e aponto para o garçom para outra rodada, ela suspira. Ela estende o braço sobre a mesa e aperta minha mão.

— Eu te amo, sabia.

Sabendo para onde isso vai dar, olho pela janela em direção ao lago. — Acho que toda aquela couve que você come distorceu seu cérebro.

— Preocupo-me com você.

— Você não precisa. Estou perfeitamente bem.

— Você não está bem. Você está sobrevivendo. Há uma diferença.

E é exatamente por isso que deveria ter ficado em casa.

Com a voz baixa, digo: — Demorou dois anos antes que eu pudesse dirigir um carro sem pensar: 'E se eu não parasse nesta curva? E se eu batesse direto naquela parede de

tijolos? Outro ano depois disso, parei de pesquisar no Google 'maneiras indolores de cometer suicídio'. Em seguida, outro antes de parar de chorar aleatoriamente. Faz apenas alguns meses que consigo entrar em uma sala sem procurar automaticamente seu rosto. Vivo com o fantasma de um homem com quem pensei que envelheceria, o peso sufocante de perguntas que nunca serão respondidas e a culpa esmagadora de saber que a última coisa que disse a ele foi: 'Se você chegar atrasado, vou te matar'.

Afasto-me da janela e olho para ela. — Portanto, considerando todas as coisas, apenas sobreviver é uma vitória.

Com os olhos brilhando, Sloane murmura: — Oh, querida.

Engulo o repentino nó na minha garganta. Ela aperta minha mão novamente e diz: — Você sabe do que precisamos?

— Terapia de eletrochoque?

Soltando minha mão, ela se recosta na cadeira, balançando a cabeça. — Você e seu humor negro. Eu ia dizer guacamole.

— Você está pagando? Porque o guacamole aqui custa dez dólares por duas colheres de sopa, e ouvi dizer que sou avarenta.

Ela sorri com ternura para mim. — É uma das suas muitas deficiências, mas pessoas perfeitas são chatas.

— Ok, mas estou avisando agora, não como desde o café da manhã.

— Baby, te conheço bem o suficiente para manter minhas mãos a uma distância segura enquanto você está comendo. Lembra daquela vez que dividimos uma tigela de pipoca enquanto assistíamos *The Notebook*? Quase perdi um dedo.

— Mal posso esperar até ficarmos velhas e você ter demência. Essa sua memória fotográfica é a pior.

— Por que *eu* vou ser aquele com demência? Você é quem se recusa a comer um vegetal!

— Estou prestes a comer alguns abacates esmagados. Isso não conta?

— Um abacate é uma fruta, gênio.

— É verde, não é?

— Sim.

— Então é vegetariano.

Sloane balança a cabeça. — Você não tem jeito.

— Concordo.

Compartilhamos um sorriso. Naquele momento, olho para o lado oposto do restaurante.

Sentado sozinho a uma mesa, de costas para a janela, um copo de cerveja na mão, o estranho com quem esbarrei do lado de fora do banheiro me encara.

Porque ele tirou os óculos escuros, desta vez posso ver seus olhos.

Eles são do profundo e rico marrom da cerveja preta Guinness, largos abaixo de uma sobrancelha severa e cercados por uma moita de cílios negros. Focado em mim com uma intensidade surpreendente, aqueles olhos não se movem nem piscam.

Mas oh, como eles queimam escuros.

2

Nat

— Terra para Natalie. Entre, Natalie.

Tiro meu olhar da armadilha estranhamente poderosa dos olhos do estranho e volto minha atenção para Sloane. Ela está olhando para mim com as sobrancelhas levantadas.

— O quê? Desculpe, não ouvi o que você disse.

— Sim, eu sei, porque você estava muito ocupada sendo fodida pelos olhos da bela besta que esmagou o ego da sua melhor amiga.

Aturdida, zombo. — Não há um homem na terra que poderia esmagar seu ego. É feito do mesmo material que a NASA usa em naves espaciais, para que não queimem na reentrada na atmosfera.

Girando uma mecha de seu cabelo escuro, ela sorri. — Tão verdade. Ele ainda está olhando para você, por falar nisso.

Contorço-me na minha cadeira. Por que minhas orelhas estão esquentando, não sei. Não sou o tipo que fica incomodada com um rosto bonito. — Talvez eu o lembre de alguém de quem ele não gosta.

— Ou talvez você seja uma idiota.

Não sou, entretanto. Seu olhar não era de luxúria. Era mais como se eu devesse dinheiro a ele.

O garçom volta com outra rodada para nós, e Sloane pede guacamole com batatas fritas. Assim que ele está fora do alcance da voz, ela suspira. — Ah não. Aí vem Diane Myers.

Diane é a fofoqueira da cidade. Ela provavelmente detém o recorde mundial de nunca calar a boca.

Ter uma conversa com ela é como ser submetido à tortura da água: continua e continua em um gotejar constante e doloroso até que, eventualmente, você racha e enlouquece.

Sem se preocupar em dizer olá, ela puxa uma cadeira vazia da mesa atrás de nós, senta-se ao meu lado e se inclina, me envolvendo no cheiro de lavanda e naftalina.

Em voz baixa, ela diz: — O nome dele é Kage. Não é estranho? Como uma gaiola de cachorro, mas com K. Não sei, só acho um nome *muito* estranho. A menos que você esteja em uma banda, é claro. Ou você é algum tipo de lutador underground. Seja qual for o caso, na minha época, um

homem tinha um nome respeitável como Robert ou William ou Eugene ou algo assim...

— De quem estamos falando? — Interrompe Sloane.

Tentando parecer indiferente, Diane balança a cabeça algumas vezes na direção de onde o estranho está sentado. Seus cachos cinza envernizados estremecem. — Aquaman, — ela diz em um sussurro.

— Quem?

— O homem perto da janela que se parece com aquele ator do filme *Aquaman*. Qual o nome dele. O grande bruto que é casado com a garota que estava no *The Cosby Show*.

— Você está falando sobre Jason Momoa?

— É isso, — diz Diane, assentindo. — O Samoano.

Sloane revira os olhos. — Ele é havaiano.

Diane parece confusa. — Não é a mesma coisa?

Grata por ter um copo cheio de vinho, tomo um grande gole dele.

— Tanto faz, — diz Diane. — São todos grandes e morenos, é o que quero dizer. Muito bonito, de um jeito nativo. Claro que você não pode confiar nesses tipos de ilhas. Eles estão acostumados a viver livres como ciganos, vagando em suas caravanas maltrapilhas e nunca usando sapatos.

Simplesmente sinto muito pelas crianças. Criado como animais selvagens. Imagine!

Pergunto-me o que ela faria se eu despejasse meu copo de vinho sobre seu permanente horrível? Gritaria como um cachorrinho assustado, provavelmente.

Imaginar isso é estranhamente satisfatório.

Enquanto isso, ela ainda está falando.

— ...Muito, muito estranho que ele pagou em dinheiro. As únicas pessoas que mantêm esse tipo de dinheiro à mão não são boas. Não quer que o governo saiba onde estão, esse tipo de coisa. O que eles chamam? Viver fora da rede? Sim, essa é a expressão. Em fuga, vivendo fora da grade, escondendo-nos à vista de todos, seja qual for o caso, vamos ter que ficar de olho nesta pessoa, Kage. Um olho muito, muito próximo, veja bem, especialmente porque ele está morando bem ao lado de você, querida Natalie. Certifique-se de manter tudo bem trancado e todas as cortinas fechadas. Nunca se pode ser muito cuidadosa.

Endireito-me no assento. — Espere o quê? Morando na porta ao lado?

Ela me encara como se eu fosse um simplório. — Você não tem ouvido? Ele comprou a casa ao lado da sua.

— Eu não sabia que aquela casa estava à venda.

— Não estava. De acordo com os Sullivans, aquele Kage bateu em sua porta um dia recentemente e fez uma oferta que eles não podiam recusar. Com uma pasta cheia de dinheiro, nada menos.

Surpresa, olho para Sloane. — Quem paga por uma casa com uma pasta de dinheiro?

Diane cacareja. — Você vê? É tudo extremamente estranho.

— Quando eles se mudaram? Eu nem sabia que eles tinham mudado!

Diane franze os lábios ao olhar para mim. — Não leve a mal, querida, mas você vive em meio a uma bolha. Não se pode culpar você por estar distraída, é claro, com o que você passou.

Pena. Não há nada pior.

Encaro-a, mas antes que eu possa bater de volta com um comentário inteligente sobre o que estou prestes a fazer com seu permanente feio, Sloane interrompe.

— Então o estranho rico e gostoso vai morar na casa ao lado. Cadela sortuda.

Diane — Oh não, eu não diria sorte. Eu não diria isso de forma alguma! Ele tem a aparência de um criminoso, você não pode negar, e se alguém é um bom juiz de caráter, ora,

certamente sou eu. Você vai concordar, tenho certeza. Você se lembra, é claro, que fui eu quem...

— Com licença, senhoras.

O garçom interrompe, Deus o abençoe. Ele coloca a tigela de guacamole sobre a mesa, coloca uma cesta de tortilhas ao lado e sorri. — Você está apenas tomando bebidas e aperitivos esta noite, ou gostaria que eu lhe trouxesse menus de jantar?

— Vou beber o meu jantar, obrigada.

Sloane me lança um olhar azedo e diz ao garçom: — Gostaríamos de menus, por favor.

Acrescento: — E outra rodada.

— Coisa certa. Volto logo.

No segundo que ele sai, Diane começa de novo, virando-se ansiosamente para mim.

— Você gostaria que eu ligasse para o chefe de polícia para saber se um carro patrulha vem à noite para verificar você? Odeio pensar em você sozinha e vulnerável naquela casa. Tão trágico o que aconteceu com você, coitadinha.

Ela dá um tapinha na minha mão.

Quero dar um soco na garganta dela.

— E agora com este elemento desagradável se mudando para a vizinhança, você realmente deveria ser cuidado. É o

mínimo que posso fazer. Seus pais eram queridos, queridos amigos antes de se aposentarem no Arizona por causa da saúde de seu pai. A altitude em nosso pequeno ponto do céu pode ser difícil à medida que envelhecemos. Seis mil pés acima do nível do mar não é para os fracos de coração, e Deus sabe, está seco como um osso...

— Não, Diane, não quero que você chame a polícia para cuidar de mim.

Ela parece afrontada com meu tom. — Não há necessidade de ficar zangada, querida, estou simplesmente tentando...

— Eu sei. Obrigada.

Ela se vira para Sloane em busca de apoio, que ela não encontra.

— Nat tem um cachorro grande e uma arma ainda maior. Ela vai ficar bem.

Escandalizada, Diane se volta para mim. — Você mantém uma *arma* em casa? Meu Deus, e se você acidentalmente atirar em si mesmo?

Olhando para ela, inexpressivamente, — Eu deveria ter tanta sorte.

Sloane diz: — Na verdade, já que você está aqui, Diane, talvez você pudesse opinar sobre a discussão que Nat e eu

estávamos tendo quando você veio. Adorariíamos saber sua opinião sobre o assunto.

Diane se arruma, alisando o cabelo. — Ora, é claro! Como você sabe, tenho um conhecimento bastante amplo sobre vários assuntos. Pergunta à vontade.

Isso deve ser bom. Bebo meu vinho, tentando não sorrir.

Com uma cara séria, Sloane diz: — Anal. Sim ou não?

Há uma pausa congelada, então Diane chia, — Oh, olhe, lá está Margie Howland. Não a vejo há anos. Eu deveria dizer olá.

Ela se levanta e sai correndo com um — Tchau agora!

Observando-a ir embora, digo secamente: — Você sabe que dentro de vinte e quatro horas a cidade inteira vai pensar que estávamos sentados aqui discutindo os prós e os contras do sexo anal, certo?

— Ninguém escuta aquela velha morcega rabugenta.

— Ela é a melhor amiga do administrador da escola.

— O que, você acha que vai ser despedida por falta de moral? Você é praticamente uma freira.

— Precisa desse exagero?

— Não. Você namorou três caras nos últimos cinco anos, nenhum dos quais você fez sexo. Pelo menos se você fosse uma freira, você poderia fazer sexo com Jesus.

— Não acho que é assim que funciona. Além disso, tenho *muito* sexo. Comigo mesmo. E meus amigos que funcionam com bateria. Relacionamentos são muito complicados.

— Eu dificilmente acho que seus envolvimento curtos, sem sexo, sem emoção podem ser chamados de relacionamentos. Você tem que foder um cara para se qualificar. E talvez, tipo, sinta algo por ele.

Encolho os ombros. — Se eu encontrasse um de que gostasse, eu o faria.

Ela olha para mim, sabendo que meu problema com os homens tem menos a ver com não encontrar alguém com quem me conecto e mais a ver com não ser capaz de me conectar com ninguém. Mas ela me dá um tempo e segue em frente.

— Falando em foder, seu novo vizinho está lá olhando para você como se você fosse sua próxima refeição.

— Literalmente. E não no bom sentido. Ele faz grandes tubarões brancos parecerem amigáveis.

— Não seja tão negativa. *Droga*, ele é gostoso demais. Você não acha?

Resisto ao impulso surpreendentemente forte de me virar e olhar na direção que Sloane está olhando e tomar outro gole do meu vinho. — Ele não é meu tipo.

— Baby, aquele homem é o tipo de toda mulher. Não tente mentir para mim e me diga que você não pode ouvir seus ovários gemendo.

— Dê-me um minuto para respirar. Fui largada apenas meia hora atrás.

Ela bufa. — Sim, e você parece *realmente* chateada com isso. Próxima desculpa?

— Lembre-me por que você é minha melhor amiga de novo?

— Porque sou incrível, obviamente.

— Hmm. O júri ainda não decidiu.

— Olha, por que você não é apenas uma boa vizinha e vai até lá e se apresenta? Em seguida, convide-o para um passeio por sua casa. Especificamente em seu quarto, onde nós três exploraremos nossas fantasias sexuais enquanto estaremos cobertos por chocolate e ouvindo Lenny Kravitz cantar 'Let Love Rule.'

— Oh, você vai virar bi para mim agora?

— Não para você, idiota. Para ele.

— Vou precisar de muito mais vinho antes de começar a pensar em um trio.

— Bem, pense sobre isso. E se tudo der certo, podemos fazer com que seja a longo prazo e ser um throuple.

— Que diabos é um throuple?

— A mesma coisa que um casal, mas com três pessoas em vez de duas.

Fico olhando para ela. — Por favor, me diga que você está brincando.

Sloane sorri, colocando guacamole em uma batata frita. — Estou, mas aquele olhar em seu rosto é quase tão inestimável quanto o de Diane.

O garçom volta com cardápios e mais Chardonnay. Uma hora depois, destruímos dois pratos de enchilada de camarão e tantas garrafas de vinho.

Sloane arrota discretamente por trás da mão. — Acho que deveríamos ir de táxi para casa, querida. Estou tonta demais para dirigir.

— Concordo.

— A propósito, vou passar a noite aqui.

— Você não foi convidada.

— Não vou deixar você acordar sozinha amanhã.

— Não estarei sozinha. Mojo estará comigo.

Ela gesticula para o garçom pedir nossa conta. — A menos que você saia com seu novo vizinho gostoso, você está presa a mim, irmã.

Foi uma observação improvisada, feita porque ela obviamente sabe que não tenho intenção de partir com o misterioso e vagamente hostil Kage, mas o pensamento de Sloane pairando sobre mim em preocupação o dia todo amanhã para ter certeza de que não cortarei meus pulsos no “O aniversário do meu não casamento” é tão deprimente que corta meu burburinho como um balde de água fria derramado sobre minha cabeça.

Olho para a mesa dele.

Ele está no celular. Não falando, apenas ouvindo, de vez em quando assentindo. Ele olha para cima e me pega olhando.

Nossos olhos se encontram.

Meu coração pula na minha garganta. Uma combinação estranha e desconhecida de excitação, tensão e medo faz uma onda de calor subir pelo meu pescoço.

Sloane está certa. Você deve ser amigável. Vocês vão ser vizinhos. Seja qual for o problema dele, não pode ser sobre você. Não leve tudo tão pessoalmente.

O pobre rapaz provavelmente teve um dia ruim.

Ainda olhando para mim, ele murmura algo ao telefone e desliga.

Digo a Sloane: — Já volto.

Levanto-me, atravesso o restaurante e caminho até sua mesa. — Oi. Sou Natalie. Posso me juntar a você? — Não quero sua resposta antes de me sentar.

Em silêncio, ele olha fixamente para mim com aqueles olhos escuros e ilegíveis.

— Minha amiga e eu bebemos vinho demais e não podemos dirigir em segurança para casa. Normalmente, isso não seria um problema. Pegaríamos um táxi e pegaríamos o carro dela amanhã. Mas ela acabou de me dizer que, a menos que eu saia daqui com você, ela vai passar a noite na minha casa. Agora, há toda uma longa história sobre por que não quero que isso aconteça, mas não vou te aborrecer com os detalhes. E antes que você pergunte, não, eu geralmente não exijo caronas de estranhos. Mas me disseram que você comprou a casa ao lado da minha em Steelhead, então pensei em matar dois coelhos com uma cajadada só e pedir-lhe o favor de uma carona para casa, já que não ficará fora do seu caminho.

Seu olhar cai para minha boca. Um músculo em sua mandíbula se flexiona. Ele não diz nada.

Ah não. Ele acha que estou dando em cima dele.

Sentindo-me terrivelmente constrangida, acrescento: — Juro que não é uma frase de efeito. Na verdade, estou apenas procurando uma carona para casa. Além disso, um... bem-vindo -vindo à cidade.

Ele debate consigo mesmo sobre algo por um momento enquanto sento, observando-o com meu coração batendo forte, sabendo que cometi um erro terrível.

Quando ele finalmente fala, sua voz é baixa e áspera. — Desculpe, princesa. Se você está procurando por um cavaleiro de armadura brilhante, está procurando na porra do lugar errado.

Ele se levanta abruptamente, batendo na mesa e se afasta, deixando-me sentada sozinha, tendo apenas a minha humilhação ardente como companhia.

Tudo bem, então. Acho que não vou aparecer no futuro para pedir uma xícara de açúcar emprestada. Com as bochechas quentes, volto para a nossa mesa.

Sloane me olha boquiaberto. — O que acabou de acontecer?

— Perguntei a ele se ele me levaria para casa.

Ela pisca, uma vez, lentamente. Quando ela se recupera de seu espanto, ela diz: — *E?*

— E ele deixou claro que preferia que seu pau batesse na porta de um carro. Estamos prontas para ir?

Ela se levanta, pegando sua bolsa de onde está pendurada nas costas da cadeira e balançando a cabeça. — Uau. Ele recusou nós *duas*. Você pode estar certa sobre ele ser casado.

Enquanto nos dirigimos para a porta da frente, ela acrescenta, pensativa: — Talvez ele seja apenas tímido.

Ou talvez ele acabe sendo um assassino em série e acabe com minha miséria.

Provavelmente não. Não tenho esse tipo de sorte.

3

Kage

Não deveria fazer diferença que ela seja deslumbrante, mas faz. Ela é tão extravagantemente linda que quase ri alto quando a vi.

Eu estava pronto para tudo menos isso. Isso me surpreendeu.

Odeio surpresas. Normalmente, quando sou pego de surpresa, alguém começa a sangrar.

Mas agora sei. Na próxima vez que a vir, estarei preparado. Não vou deixar aquele rosto ou aquelas pernas ou aqueles olhos incríveis me distrair do que vim fazer aqui.

Ou aquele cabelo também. Nunca vi cabelo tão brilhante e preto. Parece algo saído de um conto de fadas. Eu queria mergulhar minhas mãos naquela massa espessa e brilhante de ondas e puxar sua cabeça para trás e...

Porra.

Sei melhor do que misturar negócios com prazer. Só preciso me concentrar e fazer o que vim aqui fazer.

Se ela não fosse tão bonita.

Não gosto de quebrar coisas bonitas.

4

Nat

Acordo de manhã com uma dor de cabeça latejante e Mojo roncando na minha cara.

— Nossa cachorro, — murmuro, cutucando seu peito peludo. — Você poderia roncar baixo? Mamãe está de ressaca.

Sua resposta é resmungar, enterrar-se mais fundo no travesseiro e soltar um peido que pode descascar a tinta das paredes.

Rolo de costas e suspiro, me perguntando se fiz algo terrível em uma vida anterior. Às vezes acho que é a única explicação lógica para o show de merda da minha existência.

Quando o telefone toca, me debato na direção da mesa de cabeceira até que minha mão se fecha sobre o celular. Aperto o botão de atender, mas antes mesmo de dizer olá, Sloane está tagarelando no meu ouvido.

— Descobri isso. Ele é viúvo.

— O quê? Quem?

— Não seja estúpida. Você sabe quem. O garanhão que rejeitou as duas garotas mais gostosas da Costa Oeste, porque... — Ela faz uma pausa para um efeito dramático. — Ele está de luto!

No mundo de Sloane, o único motivo legítimo para um cara não estar interessado nela é se ele é gay, casado, tem problemas cerebrais ou sua esposa morreu recentemente. Muito recentemente. Tipo, dentro de uma semana. Também acho que ela secretamente acredita que, dada a exposição suficiente aos seus encantos, um homem em qualquer uma dessas situações vai se recuperar de qualquer maneira.

Eu gostaria de ter esse tipo de confiança.

Passo a língua nos dentes peludos e rezo para que uma fada madrinha se materialize e me traga água e aspirina. Com um caçador de cerveja. — Por que você está me ligando tão cedo, sua bruxa sem coração?

Ela ri. — Não é cedo, são dez horas. Já dei duas aulas de ioga, tomei café da manhã e reorganizei meu armário. E você prometeu que me ligaria agora, lembra?

Eu não, mas provavelmente isso se deve a todo o vinho branco no jantar... e todo o vinho tinto depois que cheguei em casa. Graças a Deus não entrei no bourbon.

Ainda tenho o dia inteiro pela frente.

— Por que prometi que ligaria para você?

Há uma pausa carregada. — Vamos levar seu vestido para a Second Wind, loja de usados...

Oh Deus.

Choramingando, coloco um braço sobre o rosto e fecho os olhos, como se isso fosse me ajudar a me esconder.

Ela diz com firmeza: — Nem pense em inventar uma desculpa. Vamos colocar seu vestido de casamento em consignação, Nat. Hoje. Você tem que tirar essa coisa de casa. Isso a assombrou por tempo suficiente.

Eu a acusaria de ser dramática demais, mas assombrada é a palavra certa. A maldita coisa aparece em meus sonhos, chacoalhando correntes e gemendo. Não consigo passar pelo armário onde está guardado sem sentir calafrios. É assumido uma presença sobrenatural, e não inteiramente amigável.

— Ok. — Minha voz cai. — Mas... mas e se...

— Por favor, não diga isso.

Ficamos em silêncio por um momento, até ela ceder. — Se David voltar, você vai comprar outro vestido.

Mordo meu lábio com força. Ter um amigo que o conhece tão bem é uma bênção e uma grande maldição.

Quando fico quieta por muito tempo, ela fica nervosa. — Olha, o que você tem agora é um objeto urucado. Tem muita energia negativa ligada a ele. Muitas lembranças dolorosas. Se você precisar de outro vestido no futuro, compre um novo. Você não guarda aquele que te faz chorar toda vez que olha para ele. Certo?

Quando hesito, ela repete em voz alta: — *Certo?*

Solto uma respiração forte com tanta força que meus lábios se agitam. — Merda, sim. Você está certa.

— Claro que estou. Agora tome um banho, se vista e coloque um pouco de comida no estômago. Estarei aí em uma hora.

Murmuro: — Sim, mãe.

— Não me atrapalhe, mocinha, ou você está de castigo.

— Ha.

— E vou tirar todos os seus dispositivos eletrônicos. — Ela dá uma risadinha. — Especialmente os vibrantes.

Digo sem calor: — Você é uma péssima amiga.

— Você vai me agradecer mais tarde. Você provavelmente não consegue mais ter um orgasmo com um pênis de verdade porque tem martelado sua vagina com todas aquelas ferramentas elétricas. Sua vagina é uma área de construção.

— Vou desligar agora.

— Não se esqueça de comer!

Desligo a chamada sem responder. Nós duas sabemos que tomarei um café da manhã líquido esta manhã.

Cinco anos. Como sobrevivi tanto tempo, não sei.

Arrasto-me para fora da cama, tomo um banho e me visto. Quando vou para a cozinha, encontro Mojo deitado como um grande tapete felpudo na frente da geladeira, sorrindo em minha direção.

— Você precisa fazer xixi antes do café da manhã, amigo?

Ele ofega e bate com o rabo, mas não se move, indicando sua preferência.

O cão tem uma bexiga do tamanho de uma piscina acima do solo. Se ele não fosse tão sólido, eu pensaria que ele tem uma ou duas pernas ocas onde armazena todo o seu xixi.

— Café da manhã, então.

Depois que o alimentei e o levei para o quintal para um descanso e uma brincadeira entre os arbustos para perseguir os esquilos, voltamos para dentro. Ele toma seu lugar de costume no tapete da sala e prontamente adormece, enquanto me armo com uma mimosa light-on-the-OJ.

Não posso fazer o que estou prestes a fazer sem bebida.

A ideia me veio enquanto eu estava no quintal vendo Mojo mijar em um arbusto. É estúpido, eu sei, mas se hoje é o último dia que terei meu vestido de noiva, preciso experimentá-lo uma última vez. Uma espécie de adeus final. Um passo simbólico para o meu futuro.

Quase espero que não sirva mais. Tirar fantasmas de seus túmulos pode ser perigoso.

Minhas mãos não começam a tremer até que estou do lado de fora da porta fechada do armário no quarto de hóspedes.

— Ok, Nat. Homem de pé. Mulher levantada. Qualquer que seja o lema. Apenas... — Inalo uma respiração profunda. — Junte sua merda. Você tem que estar calma quando Sloane chegar aqui, ou ela vai pirar.

Ignorando o quão estranho é eu estar falando sozinha em voz alta, tomo um grande gole da mimosa, coloco a taça de champanhe na cômoda e cuidadosamente abro as portas do armário.

E aí está. A bolsa preta fofa que contém o memorial de todos os meus sonhos perdidos. É um sarcófago, uma tumba de náilon com zíper e dentro está minha mortalha fúnebre.

Uau, isso é escuro. Beba, Debbie Downer⁶

⁶ Personagem de um filme fúnebre.

Engulo o resto da mimosa. Levo mais alguns minutos andando e torcendo as mãos antes de criar coragem para abrir o zíper da bolsa. Quando o faço, o conteúdo se derrama com um suspiro.

Fico olhando para ele. Lágrimas se acumulam em meus olhos.

É lindo, esse vestido maldito idiota. É uma linda nuvem de seda, renda e pérolas sob medida, a peça de roupa mais cara que já tive.

O mais amado e odiado.

Rapidamente tiro apenas minha calcinha, em seguida, tiro o vestido do cabide e coloco a saia cheia. Puxando-o para cima sobre meus quadris, tento ignorar o quão rápido meu coração está batendo. Deslizo as alças do cabresto sobre minha cabeça, em seguida, chego atrás de mim para fechar o zíper.

Em seguida, ando lentamente até o espelho de corpo inteiro no lado oposto da sala e me olho.

O vestido é um estilo frente única sem mangas com um decote profundo, costas abertas e cintura apertada. É todo revestido de renda e decorado com pequenas pérolas e cristais. A saia princesa tem uma cauda embelezada a condizer. O longo véu fica pendurado no armário em sua própria bolsa, mas não sou corajosa o suficiente para montar

a roupa inteira. Apenas colocar o vestido já é traumático o suficiente.

E também o fato chocante de que não se encaixa.

Franzindo a testa, aperto alguns centímetros de tecido solto em volta da cintura.

Perdi peso desde a última vez que o usei na prova final, duas semanas antes do casamento. Para começar, nunca tive curvas, mas só agora percebo que estou muito magra.

David não teria aprovado este corpo. Ele estava sempre me incentivando a comer mais e malhar mais, a parecer mais com Sloane.

Eu tinha esquecido o quanto isso magoou meus sentimentos até agora.

Viro lentamente para a esquerda e para a direita, perdida em memórias e hipnotizada pela forma como os cristais captam a luz e o brilho, até que o som da campainha me tira do meu torpor.

É o Sloane. Ela está adiantada.

Meu primeiro instinto é arrancar o vestido e colocá-lo de volta no armário, com culpa. Mas então me ocorre que ela me ver nele – e me ver calma – é a melhor maneira de tranquilizá-la de que estou bem. Que ela não tem que ser tão vigilante sobre cuidar de mim.

Quer dizer, se posso lidar com isso, provavelmente posso lidar com qualquer coisa, certo?

Grito em direção à porta da frente: — Entre! — Então fico calmamente em frente ao espelho e espero.

A porta da frente abre e fecha. Passos ecoam pela sala de estar, então param.

— Estou aqui!

Os passos começam novamente. Sloane deve estar usando botas, porque parece que um alce está marchando pela minha casa.

Aliso minhas mãos pelo corpete do vestido, esperando ver a cabeça de Sloane aparecer pela porta. Mas a cabeça que aparece não é a dela.

Ofegante, giro ao redor e olho com horror para Kage.

Ele faz a porta parecer anã. Ele está todo preto de novo, couro e jeans, botas de combate para combinar. Em suas grandes mãos está um pacote, uma caixa marrom lacrada com fita adesiva.

Em seu rosto há uma expressão de espanto aberto.

Lábios separados, ele me encara. Seu olhar aquecido percorre meu corpo para cima e para baixo. Ele exala em um bufo audível.

Sentindo-me como se tivesse sido pega me masturbando no chão da cozinha, cubro meu peito com os braços e grito:
— O que diabos você está fazendo aqui?

— Você me disse para entrar.

Deus, aquela voz. Esse barítono rico e rouco. Se eu não estivesse tão horrorizada. Poderia pensar que estava quente.

— Pensei que você fosse outra pessoa!

Seu olhar fixo me percorre novamente, da cabeça aos pés, tão focado e intenso quanto um laser. Ele umedece os lábios.

Por alguma razão, acho esse gesto simples sexy e ameaçador.

Sua voz cai para um rosnado. — Você vai se casar?

Pode ser o constrangimento, a surpresa ou o fato de que este homem foi tão rude comigo ontem à noite, mas de repente, estou furiosa. Minha voz tremendo e meu rosto quente e dou um passo em direção a ele.

— Não é problema seu. O que você está fazendo aqui?

Por algum motivo, minha raiva o diverte. A sugestão de um sorriso cruza seus lábios, então rapidamente desaparece. Ele gesticula com a caixa nas mãos. — A UPS deixou isso na minha varanda. É endereçado a você.

— Oh.

Agora estou ainda mais confusa. Ele está sendo um vizinho amigável. A julgar por seu desempenho na noite passada, eu esperava que ele colocasse fogo na caixa e chutasse por cima da cerca, não entregasse em mãos.

Minha bolha de raiva murcha.

— OK. Obrigada. Você pode apenas deixar na cômoda.

Quando ele não se move e fica parado olhando para mim, cruzo os braços sobre o peito e o encaro de volta.

Depois de um momento de estranheza devastadora, Kage joga uma mão desdenhosa no meu vestido. — Não combina com você.

Sinto meus olhos esbugalhados, mas não me importo. — *Com licença?*

— Muito....demais.

Ele tem sorte de eu não estar usando o véu, porque eu o colocaria em volta do pescoço e o estrangularia com ele.

— Para referência futura, se você vir uma mulher usando um vestido de noiva, a única coisa aceitável para dizer a ela é que ela está linda.

— Você é linda, — vem a dura resposta. — Mas não tem nada a ver com esse vestido de merda.

Depois disso, ele fecha a mandíbula. Tenho a nítida sensação de que ele está se arrependendo de suas palavras.

Em seguida, ele vai até a cômoda, joga a caixa em cima e sai, me deixando boquiaberta em estado de choque, meu coração palpitando.

Quando a porta da frente bate, ainda estou parada ali tentando descobrir o que diabos aconteceu.

Alguns momentos depois, ouço um barulho estranho. É um som repetitivo, um *whump* abafado *whump whump* como alguém batendo em um tapete sujo com uma vassoura. Vou até a janela e olho para fora, tentando identificar de onde vem o som.

É quando o vejo.

A rua em que moro é inclinada, subindo vários metros de um lote para o outro. A elevação permite uma visão do quintal vizinho, de modo que de onde estou, posso ver por cima da cerca da casa ao lado. Também tenho uma visão clara da janela da sala de estar.

As cortinas geralmente estão fechadas, mas agora estão abertas.

No meio da sala há um saco de pancadas pendurado em uma estrutura de metal pesada, do tipo que os boxeadores usam para treinar. Parece ser a única mobília.

Dando socos violentos no saco está um Kage de punho nu.

Ele tirou a camisa. Fico congelada no local, observando-o bater no saco repetidamente, observando-o bater e dançar, observando todos os músculos da parte superior de seu corpo ondular.

Assistindo suas tatuagens se movendo e flexionando a cada golpe.

Ele está coberto por elas, peito e costas e em ambos os braços. Apenas seu abdômen está sem tinta, um fato pelo qual sou grata, porque permite uma visão clara de sua barriga musculosa e tensa.

Que ele trabalha religiosamente é óbvio. Ele está em uma forma física incrível. Também é óbvio que ele está furioso com alguma coisa e está descontando naquele pobre equipamento de ginástica.

A menos que algo tenha acontecido nos sessenta segundos desde que ele saiu pela minha porta, o que quer que ele esteja furioso tem a ver comigo.

Ele dá um último soco no saco, então dá um passo para trás e solta um rugido de frustração. Ele fica lá, com o peito arfando, flexionando as mãos abrindo e fechando, até que acontece de se virar e olhar para a janela.

Nossos olhos se encontram.

Nunca vi uma aparência como a dele. Há tanta escuridão em seus olhos, é assustador.

Respiro fundo e dou um passo involuntário para trás. Minha mão sobe para minha garganta. Ficamos assim, olhares fixos, nenhum de nós se movendo, até que ele quebra o feitiço indo até a janela e fechando as cortinas.

Quando Sloane chega vinte minutos depois, ainda estou enraizada no mesmo lugar, olhando para a janela em branco da sala de estar de Kage, ouvindo o *whump whump whump* de seus punhos punitivos.

5

Nat

— Eu disse que ele era viúvo. É a única explicação lógica.

Sloane e eu estamos almoçando. Já largamos o vestido na loja. Agora estamos curvadas sobre nossas saladas, repetindo meu encontro com Kage para tentar fazer sentido.

— Então você acha que ele me viu com o vestido e...

— Enlouquecido, — ela termina, balançando a cabeça. — Isso o lembrou de sua esposa morta. Merda, isso deve ser recente. — Mastigando um bocado de alface, ela pondera por um momento. — É provavelmente por isso que ele se mudou para a cidade. Onde quer que ele estivesse morando antes o lembrava muito dela. Deus, me pergunto como ela morreu?

— Provavelmente um acidente. Ele é jovem, o que você acha? Trinta e poucos anos?

— No máximo até o meio. Eles podem não estar casados há muito tempo. — Ela faz um som de simpatia. — Pobre rapaz. Não parece que ele está reagindo bem.

Sinto uma pontada de consternação com a maneira como o tratei esta manhã. Fiquei tão envergonhada de ser pega com meu vestido de noiva e tão surpresa em vê-lo em vez de Sloane que fui meio vadia.

— Então, o que havia na caixa que ele trouxe?

— Materiais de pintura. Óleos e pincéis. O estranho é que não me lembro de ter feito o pedido.

Sloane olha para mim com uma combinação de simpatia e esperança. — Isso significa que você está trabalhando em uma nova peça?

Evitando seus olhos, pego minha salada. — Não quero azarar falando sobre isso.

Mais como se eu não quisesse inventar uma mentira, mas se eu disser a ela que ainda não estou pintando, mas de alguma forma encomendei materiais de arte sem me lembrar que o fiz, ela me levará direto do almoço para o consultório de um terapeuta.

Talvez Diane Myers estivesse certa: estou vivendo em uma bolha. Uma grande e difusa bolha de negação que me desconectou do mundo. Estou lenta, mas seguramente perdendo o contato com a vida real.

Sloane diz: — Oh, querida, estou tão feliz! Este é um grande progresso!

Quando olho para cima, ela está sorrindo para mim. Agora me sinto uma idiota. Terei que colocar um pouco de tinta em uma tela vazia quando chegar em casa, para não ser consumida pela culpa.

— E você se saiu tão bem na loja de consignação também. Nenhuma lágrima à vista. Estou muito orgulhosa.

— Isso significa que posso pedir outra taça de vinho?

— Você é uma menina crescida. Tu podes fazer o que quiseres.

— Ótimo, porque ainda é o dia que não será mencionado e espero estar apagada por volta das quatro horas.

A hora em que eu deveria estar andando pelo corredor nesta data, há cinco anos.

Graças a Deus é sábado, ou eu teria muito o que explicar quando tombasse cheirando a bebida no meio da aula.

Sloane é distraída de qualquer declaração de desaprovação que ela estava prestes a dizer pelo toque do seu telefone celular. Chegou um texto.

Ela tira o telefone da bolsa, olha para ele e sorri. — Oh, sim, garotão.

Então ela olha para mim e seu rosto cai. Ela balança a cabeça e começa a digitar. — Vou dizer a ele que precisamos remarcar.

— Ele quem? Reprogramar o quê?

— É Stavros. Deveríamos sair hoje à noite. Esqueci.

— *Stavros?* Você está namorando um magnata da navegação grega?

Ela para de digitar e revira os olhos. — Não, garota, ele é o gostosão de quem estou falando.

Quando a encaro sem expressão, ela insiste: — Aquele que apareceu na minha aula de ioga em calças de moletom cinza apertadas, sem cueca, para que todos pudessem ver um contorno perfeito de seu pau?

Levanto uma sobrancelha, com certeza eu teria me lembrado disso.

— Oh, vamos. Eu te contei tudo sobre ele. Ele tem um lugar bem no lago. 91 metros de praia particular. O cara da tecnologia. Alguma coisa disso está soando um sino?

Zero sinos estão tocando, mas aceno de qualquer maneira. — Certo, Stavros. Calça de moletom cinza. Lembro.

Ela suspira. — Você não precisa.

Olhamos um para o outro do outro lado da mesa até eu dizer: — Até que ponto o Alzheimer de início precoce entra em ação?

— Não tão cedo. Você não tem nem trinta ainda.

— Talvez seja um tumor cerebral.

— Não é um tumor cerebral. Você é meio que... — ela estremece, não querendo ferir meus sentimentos. — Desligada.

Portanto, Diane, a tagarela, *estava* certa. Gemendo, coloco meus cotovelos na mesa e coloco minha cabeça em minhas mãos. — Sinto muito.

— Não há nada para se desculpar. Você sofreu um grande trauma. Você ainda está superando isso. Não existe um cronograma correto para o luto.

Se ao menos houvesse um corpo, eu poderia seguir em frente.

Estou tão envergonhada com esse pensamento que meu rosto queima. Mas a verdade feia é que não há como seguir em frente.

A pior coisa sobre uma pessoa desaparecida que nunca foi encontrada é que aqueles que deixaram para trás não podem realmente chorar. Eles estão presos em um crepúsculo perpétuo de desconhecimento. Incapazes de chegar ao fim, incapazes de sofrer adequadamente, eles existem em uma espécie de limbo entorpecido. Como plantas perenes no inverno, adormecidas sob o solo congelado.

São as perguntas não respondidas que pegam você. Os terríveis e se que corroem sua alma com dentes famintos à noite.

Ele está morto? Se sim, como isso aconteceu? Ele sofreu? Por quanto tempo?

Ele se juntou a um culto? Foi abduzido? Começou uma nova vida em outro lugar?

Ele está sozinho na floresta, vivendo da terra?

Ele bateu com a cabeça e esqueceu sua identidade?

Ele vai voltar algum dia?

A lista não tem fim. Uma sessão de perguntas e respostas unilateral e aberta que se repete continuamente a cada hora do dia, exceto que você está apenas falando consigo mesmo e as respostas nunca vêm.

Para pessoas como eu, não há respostas. Só existe vida na animação suspensa. Existe apenas a calcificação lenta e constante do seu coração.

Mas não vou deixar minha melhor amiga calcificar comigo.

Levanto minha cabeça e digo com firmeza: — Você vai nesse encontro com calça de moletom cinza.

— Nat

— Não há razão para nós duas estarmos infelizes. Fim de discussão.

Ela me olha com os olhos semicerrados por um momento, até suspirar e balançar a cabeça. — Não gosto disso.

— Agora, envie uma mensagem para o seu brinquedo de menino informando que seu encontro está marcado e termine o almoço.

Faço um espetáculo polindo minha salada como se tivesse com apetite de um bicho de fazenda, porque a Sloane é como uma avó: sempre fica melhor quando me vê comer.

Observando-me, ela diz secamente: — Sei o que você está fazendo.

Respondo com a boca cheia de salada. — Não tenho ideia do que você quer dizer.

Olhando para o céu, ela respira lentamente. Em seguida, ela exclui tudo o que estava digitando em seu celular e começa de novo. Ela envia a mensagem e coloca o telefone de volta na bolsa. — Feliz?

— Sim. E quero um relatório completo pela manhã.

Soando como a cabeça da Gestapo⁷, ela exige: — O que você vai fazer esta noite se não estiver comigo?

Penso rápido. — Mimar-me com um jantar no Michael's.

⁷ Era a Polícia Secreta oficial da Alemanha nazista.

O Michael's é um cassino pequeno e luxuoso no lado do lago de Nevada, onde turistas ricos vão jogar e gastar seu dinheiro. A churrascaria fica acima do andar do cassino para que você possa ver todos jogando dados e vinte-e-um, enquanto se enche de um caro filé mignon. Não posso pagar por isso com meu salário, mas, no minuto em que sai da minha boca, fico ansiosa por isso.

Se me vir comendo faz Sloane se sentir melhor, para mim, é ver outras pessoas tomarem decisões erradas.

Ela diz: — Sozinha? As únicas pessoas que comem sozinhas são psicopatas.

— Obrigada por isso. Alguma outra joia de encorajamento que você gostaria de compartilhar?

Ela franze os lábios em desaprovação, mas permanece em silêncio, então sei que estou fora de perigo.

Agora só preciso descobrir o que vestir.



Quando entro no Michael's às seis horas, já estou com um zumbido agradável.

Peguei um táxi para não ter que dirigir, porque meu plano para esta noite é pedir a garrafa de champanhe mais cara do cardápio – dane-se, vou colocar no cartão de crédito – e obter merda adequada.

Sem o vestido de noiva em casa, me sinto mais leve. Como se eu tivesse soltado algo pesado que estive segurando por muito tempo. Cavei no fundo do meu armário e tirei outro vestido que nunca uso, mas que não tem tanta bagagem presa a ele. É uma bainha de seda vermelha que cobre o corpo, que consegue embelezar minha figura sem parecer que está se esforçando demais.

Combinei com saltos dourados de tiras, uma braçada de pulseiras de ouro finas e um penteado desleixado para o que espero ser um visual boho-chique. Um toque de Sweet Poison em meus lábios completa o visual.

Quem sabe? Talvez eu me dê bem com alguém que conhecer no bar.

Rio com esse pensamento porque é tão ridículo.

O maître me senta em uma bela mesa em um canto da sala. Há um enorme aquário atrás de mim e o andar do cassino abaixo de mim à direita. Também tenho uma visão clara do resto do restaurante, que é principalmente habitado por casais mais velhos e alguns jovens que parecem estar no primeiro encontro.

Peço champanhe e me sento na cadeira, satisfeita por ter sido uma boa ideia. Não posso ser tão taciturna em público como seria em casa, compartilhando macarrão com queijo com Mojo e chorando por causa das minhas antigas fotos de noivado.

Estou satisfeita por dois minutos antes de vê-lo, sentado do outro lado do restaurante sozinho a uma mesa, fumando um charuto e tomando um copo de uísque.

Murmuro: — Você deve estar brincando comigo.

Como se tivesse me ouvido falar, Kage olha para cima e me olha nos olhos.

Uau. Foi meu estômago embrulhando.

Envio a ele um sorriso tenso e olho para longe, me contorcendo. Eu gostaria de saber por que fazer contato visual com o homem é tão visceral. É como se toda vez que eu encontrasse seu olhar, ele estivesse alcançando meu estômago para apertar minhas entranhas em seu grande punho.

Esqueci de contar a Sloane sobre seu comentário. O – *você é linda* – aquele em que venho tentando não pensar o dia todo. Aquele acompanhado por um tom de voz áspero e *aquele* olhar que estou rapidamente me familiarizando. Essa estranha mistura de intensidade e hostilidade, aquecida com o que eu pensaria ser curiosidade se não soubesse melhor.

Ocupo-me olhando para o chão do cassino até que o maître volta, sorrindo.

— Senhorita, o cavalheiro na mesa contra a parede pede que você se junte a ele para jantar.

Ele aponta para onde Kage está sentado me observando como um caçador olhando para uma corça através da mira de um rifle.

Meu coração bate forte, hesito, sem saber o que fazer. Seria rude recusar, mas mal conheço o homem. O que sei dele é confuso, para dizer o mínimo.

E hoje à noite. Por que tive que correr para ele novamente *esta noite*?

O maître sorri ainda mais. — Sim, ele disse que você ficaria relutante, mas promete se comportar da melhor maneira possível.

Seu *melhor* comportamento? Qual seria a aparência disso?

Antes que eu possa imaginar, o maître está me ajudando a levantar da cadeira e me guiando pelo cotovelo pelo restaurante. Aparentemente, não tenho escolha no assunto.

Chegamos à mesa de Kage. Estou surpresa ao encontrá-lo de pé. Ele não parece alguém que se importaria com tais formalidades.

O maître puxa a cadeira em frente à dele, faz uma reverência e se retira, deixando-me ali parada sem jeito enquanto Kage me encara com olhos ardentes.

— Por favor, sente-se.

É o – *por favor* – que finalmente resolve. Afundo na cadeira, engolindo porque minha boca está de repente muito seca.

Ele também se senta. Depois de um momento, ele diz: — Esse vestido.

Olho para ele, me preparando para outro insulto sobre meu vestido de noiva exuberante, mas ele está olhando com as pálpebras fechadas para o vestido que estou usando no momento. Ele provavelmente acha que este também é horrível.

Consciente, mexo com uma das alças finas. — É velho. Simples.

Seus olhos escuros brilham para encontrar os meus. Ele diz com veemência: — Simples é melhor para você. A perfeição não precisa de nenhum enfeite.

É uma coisa boa eu não estar segurando um copo, porque eu o deixaria cair.

Atordoada, fico olhando para ele. Ele me encara de volta, parecendo que gostaria de se dar um soco no rosto.

É óbvio que ele não gosta quando me elogia. Também é óbvio que ele nunca teve a intenção, eles simplesmente saíram.

Menos óbvio é por que ele fica tão zangado consigo mesmo quando isso acontece.

Com minhas bochechas queimando, digo: — Obrigado. Esse é... provavelmente o melhor elogio que já recebi.

Ele range os molares por um tempo, depois toma um longo gole de seu uísque. Ele coloca o copo de volta na mesa com tanta força que pulo.

Ele está arrependido do convite. É hora de deixá-lo fora do gancho.

— Foi muito gentil da sua parte me convidar, mas posso ver que você prefere ficar sozinho. Então, obrigada por...

— Fique.

Saiu como um comando latido. Quando pisco, assustada, ele suaviza com um murmúrio, — Por favor.

— Ok, mas apenas se você tomar seus remédios.

Ele murmura para si mesmo: — Ela também é engraçada. Que inconveniente.

— Inconveniente para quem?

Ele simplesmente me encara sem responder.

O que há com esse cara?

O maître volta segurando a garrafa de champanhe que pedi, junto com duas taças.

Graças a Deus. Eu estava prestes a começar a roer meu braço. Não consigo me lembrar da última vez em que me senti tão desconfortável.

Oh espere. Claro que posso. Foi ontem à noite, quando o Príncipe Cascudo rejeitou tão elegantemente meu pedido de uma carona para casa. Ou foi esta manhã, quando ele me viu com meu vestido de noiva e parecia que ia vomitar?

Tenho certeza de que se der mais cinco minutos, terei outro exemplo para escolher.

Kage e eu ficamos em silêncio enquanto o maître desenvolve a garrafa e derrama. Ele nos informa que nosso garçom vai chegar logo, depois desaparece enquanto estou preparando meu champanhe como se estivesse em uma competição para uma viagem com todas as despesas pagas ao Havaí.

Quando coloco meu copo vazio na mesa, Kage diz: — Você sempre bebe tanto?

Ah sim. Ele me viu bebendo ontem à noite também. Pouco antes de eu cambalear até sua mesa. Não admira que ele olhe para mim com tal... seja o que for.

— Não, na verdade, — digo, tentando parecer elegante enquanto limpo meus lábios no guardanapo. — Apenas dois dias por ano.

Ele ergue uma sobrancelha, esperando por uma explicação. Em um cinzeiro ao lado de seu cotovelo esquerdo, seu charuto solta espirais preguiçosos de fumaça no ar.

Você pode fumar aqui?

Como se isso fosse detê-lo.

Olho para longe da atração escura de seus olhos. — É uma longa história.

Mesmo que eu não esteja olhando para ele, sua atenção é uma força que posso sentir fisicamente em meu corpo. No meu estômago. Na minha pele. Fecho meus olhos e exalo lentamente, tentando acalmar meus nervos.

Então – a culpa é do zumbido – pulo do penhasco na minha frente. — Hoje era para ser o dia do meu casamento.

Depois de uma pausa estranhamente tensa, ele pergunta: — Deveria ser?

Limpo minha garganta, sabendo que minhas bochechas estão vermelhas, mas não há nada que eu possa fazer sobre isso. — Meu noivo desapareceu. Isso foi há cinco anos. Não o vi desde então.

Que diabos, ele descobriria de alguém em breve, de qualquer maneira. Diane Myers provavelmente já lhe enviou pelo correio um ensaio escrito à mão sobre a coisa toda.

Quando ele permanece em silêncio, olho para ele. Ele está sentado perfeitamente imóvel em sua cadeira, seu olhar fixo no meu. Sua expressão não revela nada, mas há uma nova tensão em seu corpo. Uma nova dureza em sua mandíbula já pétrea.

Que é quando me lembro que ele é um viúvo recente. Acabei de enfiar o pé na boca.

Com a mão sobre o coração, respiro: — Oh, sinto muito. Isso foi imprudente da minha parte.

Suas sobrancelhas se juntam em uma carranca interrogativa. É óbvio que ele não sabe o que quero dizer.

— Por causa de sua... situação.

Ele se senta para frente em sua cadeira, cruza os braços sobre a mesa e se inclina para mais perto de mim. Com os olhos brilhando, ele diz baixinho: — Que situação é essa?

Deus, esse cara é assustador. Grande, quente e realmente assustador. Mas principalmente quente. Não, assustador.

Merda, acho que estou bêbada.

— Talvez eu esteja errada. Apenas presumi

— Presumiu o quê?

— Que quando você me viu com meu vestido de noiva... que você é novo na cidade e parece muito, hum, um pouco, como devo dizer? Não exatamente com raiva, mas mais como chateado? Que talvez você estivesse, ah, talvez sofrendo de uma perda recente...

Sentindo-me patética, fico em silêncio.

Seu olhar é tão duro e penetrante, pode muito bem ser um holofote de interrogatório. Então sua expressão clareia e ele se recosta na cadeira. — Você pensou que eu era casado.

Definitivamente, há uma sugestão de riso em seu tom.

— Sim. Especificamente, um viúvo.

— Nunca fui casado. Nunca me divorciei. Não tenha uma esposa morta.

— Entendo.

Não vejo, nem um pouco, mas o que mais posso dizer? Desculpe, minha melhor amiga e eu somos teóricas da conspiração e passamos um almoço inteiro obcecadas por você?

Não. Definitivamente não posso dizer isso.

Também na lista de tópicos proibidos: se você não tem uma esposa morta, por que você pirou quando me viu com meu vestido de noiva? Por que você me olha como se quisesse

me atropelar com seu carro, mas se vira e me dá elogios tão bonitos? Então se odeie por dar isso?

Por último, mas não menos importante, o que há com o saco de pancadas?

Sem saber o que mais fazer ou dizer, bato os lábios com o guardanapo novamente. — Nós vamos. Peço desculpas. Não é da minha conta, de qualquer maneira.

Muito suavemente, Kage diz: — Não é?

Seu tom sugere que sim. Agora estou ainda mais confusa. — Quero dizer não?

— Isso é uma pergunta? — Um leve sorriso levanta um canto de sua boca. Seus olhos esquentaram e há pequenas rugas ao redor deles.

Espere. Ele está *zombando de mim*?

Digo friamente: — Não estou com vontade de jogar.

Ainda com aquele tom baixo e sugestivo, ele diz: — Eu estou.

Seu olhar cai para minha boca. Ele afunda os dentes no lábio inferior carnudo.

Em uma onda, o calor sobe pelo meu pescoço até as orelhas, onde se instala, latejante.

Pego a garrafa de champanhe e tento despejá-la na minha taça. Minhas mãos estão tremendo tanto, no entanto, que derrama pelas laterais da taça e na toalha de mesa.

Kage remove a garrafa da minha mão, pega o copo e termina de servir, o tempo todo com uma expressão muito próxima de um sorriso malicioso.

Não é um sorriso afetado, veja bem, porque isso exigiria um sorriso.

Ele me entrega a taça de champanhe. Digo sem fôlego, — Obrigada, — e jogo de volta.

Quando coloco o copo vazio de volta na mesa, ele se torna profissional. — Acho que começamos com o pé esquerdo. Vamos começar de novo.

Oh, olhe, ele está sendo razoável. Pergunto-me que personalidade é essa?

Ele estica a mão de sua luva de beisebol. — Oi. Sou Kage. Prazer em conhecê-la.

Sentindo-me em um universo alternativo, coloco minha mão na dele, então duvido que algum dia a recuperarei, porque ela está perdida em algum lugar dentro de sua palma quente, áspera e gigantesca.

Como seria ter essas mãos no meu corpo nu?

— Kage? — Repito fracamente, impressionada com a imagem mental vívida dele passando suas mãos enormes por

toda a minha pele nua. Coro até os dedos dos pés. — Esse é o seu primeiro nome ou o seu sobrenome?

— Ambos.

— Claro que é. Oi, Kage. Eu sou Natalie.

— Prazer em conhecê-la, Natalie. Posso chamá-la de Nat?

Ele está quebrando as maneiras, vejo. E ele ainda não largou minha mão. E eu ainda não posso banir a imagem dele me acariciando em todos os lugares enquanto me contorço e gemo e imploro por mais. — É claro.

Por favor, não o deixe perceber que meus mamilos estão duros. Por favor, por favor, não o deixe notar. Por que diabos não usei sutiã?

Ele diz agradavelmente: — Então, o que você faz da vida, Nat?

— Sou professora. De arte. No ensino médio.

Eu também poderia ser uma fugitiva de uma instituição mental. Eu te aviso em um minuto, logo depois que a latejante entre minhas pernas se acalmar e o sangue voltar à minha cabeça.

O que há de errado comigo? Nem gosto desse cara!

— E você?

— Sou um colecionador.

Isso me surpreende. Ele poderia ter dito – assassino contratado – e eu teria apenas concordado. — Oh. Como antiguidades ou algo assim?

Sua pressão na minha mão é firme e constante. Seu olhar também está firme enquanto ele olha nos meus olhos e responde.

— Não. Como dívidas.

6

Nat

É óbvio que há algum significado oculto por trás de suas palavras. Este não é um homem que está sentado atrás de uma mesa em um call center usando um fone de ouvido e assediando devedores pelo telefone para pagar suas contas de cartão de crédito vencidas.

Retiro minha mão da dele, mas mantenho o contato visual, me sentindo curiosa e desconfortável e extremamente excitada. É uma combinação confusa.

Visando indiferente, digo: — Um cobrador de dívidas. Essa é uma linha de trabalho interessante. É por isso que você se mudou para Lake Tahoe? Para trabalho?

Recostando-se na cadeira, ele pega o charuto e dá uma baforada pensativa por um momento, olhando para mim como se escolhesse cuidadosamente suas palavras.

Por fim, ele diz: — Era para ser para o trabalho.

— Mas agora, não é?

Seu olhar cai para minha boca novamente. Sua voz sai rouca. — Não sei o que é agora.

Estou eletrizada. Cada um dos meus nervos está à flor da pele, gritando, e tudo o que eu preciso é esse estranho de olhos escuros me olhando de certa maneira.

De certa forma ambivalente e faminta. A maneira como um homem faminto olharia para um bife que queria desesperadamente comer, mas também sabia que estava cheio de veneno.

Lembro-me de minha primeira impressão dele quando o vi no bar na noite passada, como eu disse a Sloane que ele parecia ter saído do set de *Sons of Anarchy*, e entendo em um nível celular que o homem sentado à minha frente é alguém para a quem as regras normais da sociedade não se aplicam.

Também entendo que ele é perigoso.

E que ele me quer, mas não quer.

E que também o quero, mas não deveria.

Porque as pessoas que colocam a mão muito perto da boca de um leão vão sair com um coto ensanguentado onde antes estava a mão.

O garçom chega. Kage o manda embora com um estalo regamente desdenhoso de seus dedos, nunca tirando o olhar de mim.

Quando ele se foi, Kage diz: — Então, seu noivo desapareceu. E nos últimos cinco anos, em cada aniversário do que teria sido o dia do seu casamento, você fica bêbada.

— Parece pior quando você diz isso em voz alta. Preciso ter medo de você?

Encaramo-nos do outro lado da mesa. O silêncio é elétrico. Se ele está surpreso com minha pergunta, não transparece.

Ele diz baixinho: — E se eu disser sim?

— Então eu acreditaria na sua palavra e iria direto para a delegacia de polícia mais próxima. Você está dizendo sim?

Ele hesita. — A maioria das pessoas que me conhecem diria sim.

Meu coração bate tão forte que estou surpresa que ele não possa ouvir. — Quero um sim ou um não.

— Você acreditaria em mim se eu dissesse não?

Respondo instantaneamente, sem pensar. — Sim. Você não é o tipo de homem que se esconde atrás de mentiras.

Ele me considera em um silêncio violento, sem piscar, girando lentamente o charuto entre o polegar e o indicador. Finalmente, ele diz rispidamente: — Você é linda *pra* caralho.

A respiração que estou prendendo sai com pressa. — Isso não é uma resposta.

— Estou chegando lá.

— Chegue mais rápido.

Em seus lábios aparece aquela leve aproximação de um sorriso. — Eu já disse que não sou um cavaleiro de armadura brilhante...

— Há milhas entre isso e o que perguntei.

Ele rosna: — Interrompa-me de novo e vou colocá-la sobre meus joelhos bem aqui e bater em sua bunda perfeita até que você grite.

Vindo de qualquer outra pessoa, uma declaração como essa, dita em um tom tão duro e dominador, me deixaria furiosa.

Vindo dele, quase me faz gemer alto de desejo.

Mordo minha língua e olho para ele, sem saber de qual de nós não gosto mais no momento.

Ele esmaga o charuto no cinzeiro, passa a mão pelo cabelo escuro e umedece os lábios. Então ele balança a cabeça, rindo com tristeza.

— Tudo bem. Você quer uma resposta? Aqui está.

Ele olha nos meus olhos, o riso desaparecendo, até que ele está com a mandíbula dura e lábios finos e ardente gostosura. — Não. Você não precisa ter medo de mim. Mesmo se eu quisesse machucar você, eu não faria.

Levanto minhas sobrancelhas. — De alguma forma, isso não é exatamente reconfortante.

— É pegar ou largar. É a verdade.

O garçom retorna, sorrindo. Sem olhar para longe de mim, Kage rosna para ele: — Venha de novo quando você não tiver sido chamado e colocarei uma bala em sua cabeça.

Nunca vi um homem girar e fugir tão rapidamente.

Sentindo-me perigosamente imprudente, digo: — Já que você está com disposição para falar a verdade, por que pagou pela sua casa em dinheiro?

— Para lavar o dinheiro. Não repita isso para ninguém. Próxima questão.

Minha boca se abre. Por vários momentos, nada sai. Quando consigo me recompor, digo: — Por que você confiaria em mim com algo assim?

— Porque quero que você confie em *mim*.

— Por quê?

— Porque quero você. E suspeito que conseguir ter você requer um certo nível de confiança. Posso dizer que você não é do tipo que dorme por aí. Próxima questão.

Deus, meu coração está batendo tão, tão rápido. Tão rápido que mal consigo respirar. Além disso, acho que posso ter uma chicotada.

Eu digo: — Você é sempre assim...

— Direto? Sim.

— Eu ia dizer contraditório. Ontem, parecia que você me odiava. Ainda não tenho certeza se você não sabe.

Sua voz cai. — Ontem, você não estava sob minha proteção. Agora você está.

Seus olhos são hipnóticos. Sua voz é hipnótica. Este homem está me deixando enfeitiçada. — Tenho quase certeza de que não tenho ideia do que você está falando.

— Não importa. O que importa é que você acredita que está segura comigo.

Minha risada é fraca. — Segura com você? Deus não. Acho que corro mais perigo com você do que com qualquer outro homem antes em minha vida.

Algo nisso o agrada. Seus lábios se curvam, mas ele balança a cabeça. — Você sabe o que quero dizer.

— Volte comigo mais tarde. Meu cérebro não está funcionando bem no momento.

Em um tom de repreensão gentil, ele diz: — Quero um sim ou um não.

— Jogar minhas palavras de volta em mim não ajudará em sua causa.

— Decida logo. Não temos muito tempo.

— Por quê?

— Não vou ficar na cidade por muito tempo.

Isso me cala por uns bons trinta segundos. Percebo que ambos nos inclinamos mais perto um do outro sobre a mesa e estamos presos em uma pequena bolha tensa que exclui todos e tudo o mais, mas me sinto estranhamente impotente para resistir.

Agora entendo como as mariposas se sentem perto de chamas abertas.

— Por que você comprou uma casa aqui se não vai ficar?

— Eu já te disse isso.

Ele estica o braço por cima da mesa. Lenta e suavemente, ele desliza o polegar sobre a minha bochecha e desce para o meu queixo, seu olhar aquecido seguindo o caminho de seu dedo.

Arrepios explodem em meus braços. Meus mamilos formigam. Lambo meus lábios, lutando contra os desejos contraditórios de pular sobre a mesa e beijá-lo ou fugir gritando.

Isso é uma loucura. Você é muito sensata para isso. Levante-se da mesa e vá embora.

Consigo ignorar a voz da razão em minha cabeça. — Quanto tempo você ficara aqui?

— Alguns dias. Preciso beijar você.

— Não. — É fraco e não totalmente convincente.

— Então venha sentar no meu colo e deixe-me te foder com o dedo enquanto te alimento com o jantar.

Para controlar a explosão de choque e luxúria que aquela frase surpreendente causou em meu corpo, me recostei abruptamente na minha cadeira e desviei o olhar, sufocando uma risada descrente.

— Deve ser todo o champanhe que bebi. Não há como você ter dito isso.

— Eu disse isso. E você gostou. — Após uma pausa, ele exige: — Olhe para mim.

— Não posso. Isso é loucura. Eu te conheço há vinte e quatro horas. Ninguém nunca falou assim comigo antes na minha vida, nem mesmo meu noivo.

Ele espera em silêncio que me reorganize, mas duvido que isso seja possível. Acho que essa conversa vai me deixar com uma cicatriz permanente.

Quando finalmente reúno coragem suficiente para olhar para ele, um tremor percorre meu corpo com o que vejo em seus olhos.

Limpo minha garganta. — Além disso, parece que você precisa de uma coordenação muito boa para dar certo. E talvez um par extra de mãos.

Pela primeira vez, ele sorri para mim.

Ele vem lento e sensual, uma curva gradual ascendente de sua boca que termina com uma exibição de dentes brancos retos. É um sorriso lindo e também assustador.

Assustador por causa do quanto gosto.

Perturbada e suando, pulo de pé. — Bem, isso certamente foi... interessante. — Minha risada parece louca. — Tenha uma boa noite.

Antes que ele possa responder, me viro e corro em direção à saída.

Estou tão fora de mim que quase caio da escada ao sair. Ofegante como um terrier, atravesso as portas de vidro do cassino e me atiro no balcão da pequena barraca sob um grande guarda-chuva preto.

— Preciso de um táxi, por favor.

— Certamente, senhorita.

Ele pega um rádio portátil de mão dupla e pede um táxi para quem está ouvindo do outro lado. Normalmente, os cassinos têm um estacionamento próximo onde os táxis esperam pelos clientes, então espero que eu não tenha que ficar aqui por muito tempo.

Tenho medo de me quebrar em um milhão de pedaços irregulares se não ficar o mais longe possível de Kage o mais rápido possível.

— *Então venha sentar no meu colo e deixe-me te foder com o dedo enquanto te alimento com o jantar.*

Suas palavras repetidas vezes na minha cabeça. Tortura pura.

Pior? *Posso imaginar.* Assim como minha gatinha, porque ela está molhada e dolorida entre as minhas pernas, choramingando melancolicamente pela grande mão áspera de Kage para acariciá-la.

Quando conheci David aos vinte anos, fui ingênua. Não tive a experiência selvagem do colégio, ou a experiência selvagem da faculdade, ou qualquer uma das travessuras de Sloane quando ela foi para o estado do Arizona. Eu morava em casa enquanto ia para a modesta e enfadonha Universidade de Nevada, no alto da colina em Reno.

Eu era uma boa garota. Uma garota de cidade pequena. Uma virgem.

Exceto por aquela vez com meu professor de matemática do ensino médio, mas dez segundos provavelmente não contam.

A questão é que não tenho o tipo de experiência para lidar com um homem bonito, perigoso e viril em seu auge dizendo essas coisas para mim.

É melhor eu parar na loja de conveniência no caminho para casa e comprar um conjunto extra de baterias. Eu realmente vou precisar resolver isso.

— Peço desculpas se te ofendi.

Endureço, sugando uma respiração assustada.

Falando baixo, Kage está atrás de mim, perto o suficiente para que eu possa cheirá-lo e sentir o calor de seu corpo. Ele não está me tocando, mas deve estar a poucos centímetros de distância. Sinto como se estivesse me queimando bem através do vestido.

Respondo sem virar meu corpo ou cabeça. — Não fiquei tão ofendida quanto chocada.

Sua exalação remexe uma mecha de cabelo no meu pescoço. — Não é sempre que eu...

Ele repensa o que quer que vá dizer e começa de novo. — Não sou um homem paciente. Mas isso não é problema seu. Se você me pedir para deixá-la em paz, honrarei esse pedido.

Não sei como responder a isso. Pelo menos não honestamente. Porque se eu contasse a verdade, já estaríamos nus em algum lugar.

Eu decidi: — Não sou a garota que pula na cama com estranhos. Especialmente aqueles que estão deixando a cidade em alguns dias.

Ainda atrás de mim, ele se aproxima e coloca a boca perto da minha orelha. Com uma voz de veludo, ele diz: — Quero provar cada centímetro de você. Quero ouvir você

gritar meu nome. Quero fazer você gozar tão forte que você esquecerá o seu. Não tenho tempo para brincar, desculpe o trocadilho – com o tipo de cortejo que eu normalmente faria para ganhar você, então é por isso que estou sendo tão direto. Peça-me para deixá-la em paz, e você tem minha palavra de que o farei. Mas até que eu ouça isso, tenho que dizer a você, Natalie, que quero foder sua doce boceta e seu traseiro perfeito e sua boca deliciosa e qualquer outra coisa que você me deixar foder, porque você é a mulher mais linda que já vi na minha vida.

Ele inala profundamente contra meu pescoço.

Quase desabo na rua.

Um grande SUV preto para em frente ao estande. Kage passa por mim e dá a passos largos para o lado do motorista, entrega o dinheiro para o manobrista que pula para fora e ruge sem outro olhar em minha direção.

7

Nat

— Ele *disse* isso?

— Ao pé da letra.

— Puta merda.

— Essa foi basicamente minha reação também.

Sloane faz uma pausa. — E você não se ajoelhou, abriu seu zíper e se agarrou a ele como um peixe sugador?

Revirando os olhos, suspiro. — E eles dizem que o romance está morto.

É na manhã seguinte. Estou em casa, onde tenho feito a mesma coisa desde que o táxi me deixou ontem à noite. Ou seja, nada.

Nenhuma luz estava acesa na porta ao lado quando cheguei em casa. Não houve movimento em sua casa esta manhã, também. Não houve nenhum sinal de Kage. Nem sei se ele está lá ou não.

— Sério, baby, essa deve ser a coisa mais quente que já ouvi. E já ouvi quase tudo.

Mastigando minha unha do polegar, me viro e ando na outra direção.

— Concordo que está quente. Também é muito exagerado. Que tipo de mulher reagiria com 'Claro, ótimo, por favor, foda todos os meus buracos, Sr. Completo Estranho, parece um plano totalmente sólido e nada perigoso'?

— Bem, para começar... eu.

— Oh vamos lá! Você não faria!

— Você ao menos me conhece? Eu totalmente faria! Se ele estivesse a fim de mim, eu estava pronta para sair com ele no bar na outra noite, mesmo sem saber seu maldito nome!

— Acho que é hora de você reexaminar seriamente suas escolhas de vida.

Ela zomba. — Ouça-me, irmã Teresa...

— É a Madre Teresa, e pare de me comparar às malditas freiras.

— ...esse homem *não* é o homem que você deixa passar quando ele lhe oferece uma carona em seu elefante.

Paro de andar o tempo suficiente para olhar para o teto e balanço minha cabeça.

Ela ainda está falando.

— Com esse nível de conversa suja logo de cara, aposto um milhão de dólares que ele lhe daria trinta orgasmos em dez minutos se você dormisse com ele.

— Você não tem um milhão de dólares, e isso nem mesmo é fisicamente possível.

— É com ele. Inferno, eu poderia gozar uma dúzia de vezes só olhando para ele. Essa cara! Esse corpo! Jesus, Natalie, ele poderia derreter as calotas polares com um olhar, e você recusou?

— Acalme-se.

— Não vou. Estou indignada em nome das mulheres famintas por sexo em todos os lugares.

— Com licença, mas a única pessoa faminta por sexo nesta ligação sou eu.

— Meu ponto é que ele é uma foda única na vida. Você pode ter devaneios adoráveis com ele aos oitenta anos quando está na cadeira de balanço do asilo, sujando as fraldas. Em vez disso, você está aqui agindo como se estivesse constantemente recebendo salsichas nobres, como confetes.

Depois de um momento, começo a rir. — Oh Deus. A imagem mental. Vou ter que pesquisar na web por esse meme.

— Encaminhe para mim quando você o encontrar. Você ouviu alguma coisa que eu disse?

— Sim. Sou uma idiota. Você fez seu ponto.

— Acho que não.

— Vou precisar sentar para isso? Tenho a estranha sensação de que tenho uma longa palestra chegando.

— Deixe-me apenas pintar um quadro para você de como isso é perfeito.

— Por isso, você está se referindo ao pênis dele?

Ela me ignora. — Ele é maravilhoso. Isso é certo. Ele está totalmente na sua. Ele também vai *embora em breve*.

— Significado?

— O que significa que não pode haver complicações emocionais. Essa é a sua coisa favorita, lembra?

Admito a contragosto que é um cheque na coluna Pro.

— Além disso, quebraria seu trágico período de seca. Pode até ajudá-la a seguir em frente. Pense nisso como uma terapia.

— Terapia?

— Para sua vagina.

— Oh meu Deus.

— Tudo o que estou dizendo é que não vejo uma desvantagem aqui.

Ela poderia se eu contasse a sobre a compra da casa em dinheiro para que pudesse lavar seu dinheiro e como ele se equivocou no início quando perguntei se eu deveria ter medo dele.

Pensando bem, isso provavelmente apenas a faria gostar dele ainda mais.

De acordo com o que ela me contou sobre Stavros no início da conversa, parece que seu trabalho técnico é um disfarce para seu verdadeiro trabalho como traficante de armas. Ninguém precisa de tantos passaportes ou aviões de carga.

— Só sinto que... não sei nada sobre ele. E se ele for um criminoso?

— O quê? Você está concorrendo a um cargo público? Quem se importa se ele é um criminoso? Você não vai se casar com ele, você está apenas pulando para cima e para baixo em seu pau por alguns dias até que ele vá embora. Não torne tudo tão complicado.

— E se ele tiver uma DST?

Seu suspiro é alto e pesado. — Você já ouviu falar dessa coisa ultramoderna chamada camisinha? Está na moda entre as crianças hoje em dia.

— Você ainda pode pegar uma DST com preservativo.

— OK. Desisto. Aproveite o seu celibato. O resto de nós estará aqui tendo uma vida sexual enriquecedora com parceiros totalmente inadequados como pessoas normais.

Ficamos em silêncio por um momento, até que ela disse:
— Oh. Entendo. Não é que você pense que não haverá complicações emocionais... é que você acha que haverá.

Estou prestes a emitir uma negação alta e fervorosa, mas, em vez disso, levo um segundo para considerá-la.

— Ele é o primeiro homem a quem eu tive qualquer tipo de reação desde David. Os outros caras com quem namorei se sentiram mais como irmãos. Tipo, eles eram legais e eu gostava de passar um tempo com eles, mas era isso. Eu ficaria tão contente em ficar em casa com Mojo quanto sair com qualquer um deles. Certamente não tinha vontade de dormir com eles. Eles eram apenas... seguros, mas Kage coloca meu sistema endócrino em aceleração. Ele me faz sentir como se estivesse ligada a eletrodos, sendo sugado como o monstro de Frankenstein. E isso é por *mal* conhecê-lo.

— Você não vai se apaixonar por ele se fizer sexo uma ou três vezes.

— Tem certeza? Porque esse é exatamente o tipo de coisa horrível que aconteceria comigo.

— Argh! Você vai ouvir a si mesma?

— Estou apenas dizendo.

— E só *estou* dizendo que você não pode viver o resto da vida com medo do que pode acontecer, Nat. E daí se você se emocionasse com ele depois de fazer sexo? E daí? Ele vai voltar para a vida dele, você vai voltar para a sua, e nada terá mudado, exceto que você terá ótimas lembranças e sua vagina ficará gloriosamente dolorida. *Nada pode machucá-la tanto quanto você já foi.* Você sobreviveu à pior coisa que poderia imaginar. É hora de começar a viver sua vida novamente. Você quer ter essa mesma conversa comigo daqui a vinte anos?

Respiramos uma na outra por um tempo até eu dizer, — Não.

Ela exala pesadamente. — Ok, vou dizer algo agora. Vai doer.

— Mais do que o que você acabou de dizer?

— David está morto, Nat. Ele está morto.

Ela fica pendurada em toda a sua terrível finalidade enquanto meu peito fica apertado e luto para não chorar.

Sua voz suaviza. — Ele tem que estar. Ele nunca deixaria você voluntariamente. Ele te amava como um louco. Ele não foi abduzido por alienígenas nem sofreu lavagem cerebral por um culto ou qualquer outra coisa. Ele fez uma caminhada nas montanhas e sofreu um acidente. Ele escorregou e caiu da trilha. É a única explicação.

Minha voz falha quando atendo. — Ele era um excelente atleta. Ele conhecia essas trilhas de cor. Ele os havia caminhado mil vezes. O tempo estava perfeito.

— E nenhuma dessas coisas protege as pessoas de acidentes, — ela diz suavemente. — Ele deixou a carteira em casa. Ele deixou suas chaves. Ele não apenas se afastou. Ele também não desapareceu. O dinheiro em sua conta nunca foi tocado. Nem eram seus cartões de crédito. Você sabe que a polícia disse que não havia sinais de crime que puderam encontrar. Sinto muito, querida, e eu te amo muito, mas David nunca vai voltar. E ele odiaria absolutamente ver o que você fez a si mesmo.

Perco a batalha por tentar conter as lágrimas. Elas deslizam silenciosamente pelo meu rosto em trilhas quentes sinuosas até que pingam do meu queixo na minha camisa.

Não me preocupo em limpar meu rosto. Não há ninguém aqui para me ver, exceto o cachorro.

Fechando meus olhos, sussurro, — Ainda posso ouvir sua voz. Ainda posso sentir seu toque. Ainda me lembro do sorriso exato em seu rosto quando ele me deu um beijo de despedida antes de sua caminhada na manhã do jantar de ensaio. Sinto...

Inalo uma respiração engatada. — Sinto que ele ainda está *aqui*. Como posso estar com outra pessoa quando parece que estou o traindo?

Sloane faz um barulho de simpatia. — Oh querida.

— Sei que é estúpido.

— Não é estúpido. É leal e romântico e, infelizmente, totalmente injustificado. É a memória de David que você acha que estaria traindo, não o homem. Nós duas sabemos que a única coisa que ele sempre quis foi que você fosse feliz. Ele não iria querer isso para você. Você honrará a memória dele muito mais sendo feliz do que permanecendo presa.

Meu lábio inferior estremece. Minha voz fica alta e vacilante. — Droga. Por que você sempre tem que estar certa?

Então desabo e começo a soluçar.

— Estou chegando. Esteja aí em dez minutos.

— Não! Por favor, não. Tenho que... — Tento respirar, embora seja mais como uma série de suspiros. — Tenho que seguir em frente com minha vida, e parte disso é parar de depender de você tanto quanto do meu animal de apoio emocional.

Ela diz secamente: — Você poderia apenas ter dito 'muleta'.

— Não tem o mesmo toque. Além disso, gosto de imaginar você como uma grande iguana verde que levo comigo nos aviões.

— *Iguana?* Sou um réptil de merda? Não posso ser um cachorrinho fofo?

— É isso ou um gato siamês. Achei que você levaria a iguana.

Rindo, ela diz: — Pelo menos você não perdeu o senso de humor.

Limpo meu nariz na manga da minha camisa e solto um suspiro forte. — Obrigada, Slo. Eu absolutamente odeio o que você acabou de dizer, mas obrigada. Você é a única pessoa que não anda na ponta dos pés perto de mim como se eu fosse feito de vidro.

— Você é minha melhor amiga. Amo você mais do que as pessoas da minha própria família. Eu cortaria uma cadela por você. Nunca se esqueça disso.

Não posso deixar de rir.

— Podemos desligar agora?

— Sim, — digo, fungando. — Foi boa nossa conversa.

— E você vai marchar na porta ao lado e enlouquecer com esse belo pedaço de masculinidade?

— Não, mas minha vagina agradece por sua preocupação.

— Tudo bem, mas não reclame comigo quando o próximo cara que te chamar para sair tiver verrugas genitais e halitose assassina.

— Obrigada por esse voto de confiança.

— De nada. Falamos amanhã?

— Sim. Falamos então.

— Mas me ligue antes, se você acidentalmente escorregar e cair no pé enorme de Kage.

— Adeus!

Desligo na cara dela, sorrindo. É apenas com Sloane que posso ir dos soluços às gargalhadas no espaço de um minuto.

Tenho sorte de tê-la. Tenho uma leve suspeita de que todos esses anos ela tem sido mais para mim do que apenas uma melhor amiga e um ombro para chorar.

Acho que ela está salvando minha vida.

A campainha toca, distraíndo-me dos meus pensamentos. Pego um lenço de papel da caixa na mesa de centro, assoo o nariz, passo a mão no cabelo e tento fingir que sou um adulto funcional.

Quando chego à porta da frente e olho pelo olho mágico, vejo um jovem que não reconheço parado ali com um envelope branco na mão.

Quando abro, ele diz: — Natalie Peterson?

— Sim, sou eu.

— Oi. Sou Josh Harris. Meu pai é dono dos Thornwood Apartments em Lakeshore.

Congelo. Eu paro de respirar. Meu sangue se transforma em gelo.

David estava morando em Thornwood quando desapareceu.

Consigo dizer — Sim?

— Fizemos algumas grandes reformas recentemente, o telhado, muitos trabalhos internos. O inverno passado foi brutal

— E? — Interrompo, minha voz aumentando.

— E encontramos isso. — Josh levanta o envelope.

Com os olhos arregalados e apavorada, fico olhando para ele como se contivesse uma bomba.

Ele parece envergonhado. — Uh, meu pai me contou o que aconteceu. Para você. Eu não estava morando aqui então. Eu estava com minha mãe em Denver. Meus pais são divorciados, mas, uh...

Obviamente desconfortável, ele limpa a garganta. — De qualquer forma, este envelope ficou preso entre a parede e a parte de trás das caixas de correio do saguão. Eles são do tipo que se abrem pela frente, sabe?

Ele está esperando que eu diga algo, mas perdi o poder de falar.

Vejo meu nome e endereço na frente do envelope.

É a caligrafia de David.

Acho que vou vomitar.

— Não temos certeza do que aconteceu. Quer dizer, a caixa de saída foi bem ajustada. Havia uma lacuna de um lado onde havia enferrujado, e acho... acho que isso caiu pela fresta e ficou preso atrás. Quando fomos substituir as caixas, encontramos.

Ele estende o envelope para mim. Recuo de puro terror.

Quando fico lá olhando boquiaberta como uma pessoa louca, ele diz: — É... é dirigido a você.

Sussurro sem fôlego, — Ok. OK. Só... espere um segundo.

Ele olha para a esquerda. Ele parece certo. Ele parece estar realmente se arrependendo de ter tocado minha campainha.

— Desculpe. Sinto muito. — Pego o envelope de sua mão, giro e corro de volta para dentro, em seguida, bato a porta atrás de mim. Desabo contra ela, agarrando o envelope e tentando recuperar o fôlego.

Depois de um momento, ouço sua voz.

— Você quer que eu... você precisa de alguém para estar com você quando abrir?

Tenho que enfiar meu punho na boca para não soluçar alto.

Justamente quando você pensa que o mundo é um monte de merda sem valor, a gentileza de um estranho aleatório pode derrubar você de bunda.

— Eu estou bem, — digo, em uma voz estrangulada que eu tenho certeza que transmite exatamente o quão *não* sou boa. — Obrigada, Josh. Você é tão doce. Obrigada.

— Está bem então. Cuide-se.

Ouçõ passos se afastando, então ele vai embora.

Como meus joelhos não suportam mais o peso do meu corpo deslizo para o chão. Fico ali sentada tremendo contra a porta por não sei quanto tempo, olhando para o envelope em minhas mãos suadas.

Está manchado em alguns lugares. O papel está seco, ligeiramente amarelado. Tem um selo no canto superior direito: a bandeira americana. Não foi enviado pelo correio, então não há carimbo de data para indicar quando David o colocou na caixa de saída.

Mas deve ter se passado apenas um ou dois dias antes de ele desaparecer. Se fosse mais longo do que isso, ele teria perguntado se eu o recebi.

E por que ele me enviaria algo em primeiro lugar? Estávamos juntos todos os dias.

Viro o envelope lentamente em minhas mãos. Suavemente. Reverentemente. Levanto-o até o nariz e fungo, mas não há nenhum traço de seu cheiro. Passo o dedo pelas letras do meu nome, escritas com tinta preta desbotada em sua caligrafia inclinada e precisa.

Então solto um suspiro, viro de novo, deslizo minha unha sob a aba com sua cola quebradiça e esfarrapada, e a rasgo.

Na palma da minha mão desliza uma pesada chave de prata.

Nat

Com o coração batendo forte, fico olhando para a chave. É indefinido, com aparência completamente normal. Não há nada de incomum nisso que eu possa dizer.

Viro. Gravado do outro lado no topo está uma série de números: 30-01.

É isso.

Não há nenhuma nota no envelope. Não há nada além dessa maldita chave de prata, que poderia abrir qualquer coisa, desde uma porta da frente até um cadeado. Não tenho nenhuma maneira de saber.

Que diabos, David? O que é isto?

Depois de vários minutos olhando para chave confusa, me levanto e vou para o meu laptop. Está no balcão da cozinha. Tenho que passar por cima de Mojo cochilando no meio da sala no caminho.

Ligo o Mac e google e pesquiso – *Como identificar uma chave que encontrei.*

A pesquisa retorna mais de 900.000.000 resultados.

A primeira página traz conselhos de chaveiros e fabricantes de chaves, juntamente com imagens de vários tipos de chaves. Clico nas imagens, mas uma varredura rápida não revela nada que se pareça com a chave na minha mão. Os sites dos fabricantes também não são úteis.

Penso por um minuto, em seguida, me aproximo da gaveta e abro.

Um conjunto extra de chaves de casa está lá, junto com chaves duplicadas para o cadeado do galpão no quintal, meu armário na academia, a chave da minha sala de aula, a chave do meu carro e a chave do pequeno cofre no meu quarto, onde guardo meu cartão de previdência social, título da casa e outros papéis importantes.

Nenhum deles se parece em nada com a chave do envelope.

Meu primeiro instinto é ligar para Sloane, mas não tendo dito a ela há menos de dez minutos que precisava parar de depender tanto dela, não paro.

Fico na cozinha esfregando meu polegar distraidamente para frente e para trás sobre a chave enquanto penso em possíveis explicações.

David não tinha tendência a caprichos. Ele não me mandaria uma chave como um jogo. Ele era sério, maduro, um adulto totalmente responsável. Um pouco responsável demais, na verdade. Muitas vezes o provoquei, dizendo que era velho antes do tempo.

Havia uma diferença de idade de dez anos entre nós, mas às vezes, quando ele estava em uma de suas manias, parecia que tinha cinquenta.

Ele era filho único e os pais morreram em um acidente de carro quando ele saía do colégio. Ele não tinha outra família além de mim. Ele se mudou do meio-oeste para Lake Tahoe um ano antes de eu conhecê-lo e aceitou um emprego nos teleféricos do Northstar Resort. No verão, ele levava turistas em passeios pelo lago para uma empresa de aluguel de barcos. Ele estava em ótima forma, um atleta nato e amava o ar livre. Ele se exercitou tanto quanto pôde.

Isso o ajudou a dormir melhor. Nos dias em que tinha que pular um treino, ele ficava inquieto e agitado, andando como um animal enjaulado.

Naquelas noites, ele saía de um sono morto, tremendo e encharcado de suor.

Ganhei mais dinheiro do que ele, mas nenhum de nós se importou. Ele tinha um talento especial para economizar e investir, e nós dois éramos frugais, então nos dávamos bem financeiramente. Meus pais me deixaram a casa quando se aposentaram no Arizona para morar em um condomínio em

um campo de golfe, então eu estava na feliz posição de não ter o pagamento da hipoteca.

Depois da nossa lua de mel, David iria morar comigo.

Obviamente, o destino tinha outros planos.

Quando a batida na porta vem, quase salto para fora da minha pele. Mojo solta um bocejo e rola.

Então a campainha toca e uma voz entra pela porta. — Natalie? Você está em casa?

É o Chris.

Chris me deu o fora pelo telefone, que agora está aparecendo sem avisar enquanto estou tendo um colapso por causa de uma chave misteriosa não identificada que meu noivo desaparecido me enviou pelo correio.

Ele sempre teve um tempo de merda.

Quando abro a porta e o vejo parado ali de uniforme, segurando o chapéu na mão e sorrindo timidamente, meu coração afunda. Posso dizer que esta não é uma conversa que eu quero ter.

— Oi.

— Ei, Nat. — Seu olhar passa por mim. Seu sorriso vacila. — Você está bem?

Policiais e seus malditos olhos penetrantes. Embora ele seja um xerife, não um policial, ele tem aquela coisa dos

sentidos aguçados da aplicação da lei. Aquela vigilância de alerta que supõe que todos estão prestes a cometer um crime.

Minhas bochechas estão secas, mas ele provavelmente pode sentir o cheiro das lágrimas em mim.

Sorrio de forma tranquilizadora. — Sim. Como você está?

— Estou bem, obrigado. — Ele muda seu peso de um pé para o outro. — Eu só queria verificar você.

Imaginando se aquela intrometida Diane Myers o importunou com isso, levanto minhas sobrancelhas. — Mesmo? Por que isso?

Ele olha timidamente para o chão por um momento, mordendo o lábio inferior.

É um visual adorável e infantil. Ele tem toda aquela coisa de nerd fofo do Clark Kent, com óculos e uma covinha no queixo. Sinto uma vaga pontada de pesar por nunca ter sentido nada por ele, porque ele seria um marido extremamente bom para alguém.

Só não eu.

Ele olha para mim com o queixo ainda abaixado. — Sinto-me mal sobre a outra noite. Acho que fui um idiota.

Oh. Que. Eu já tinha esquecido. — Não seja bobo. Você foi um cavalheiro total.

Ele examina meu rosto em silêncio. — Sim? Porque você parece chateada.

É incrível como os homens presumem que qualquer emoção que uma mulher esteja sentindo deve, de alguma forma, estar diretamente relacionada a eles. Tenho certeza de que estarei sofrendo de uma onda de calor da menopausa, vinte anos no futuro, e o idiota na fila atrás de mim no supermercado vai pensar que estou com o rosto vermelho e suando porque ele está quente demais para aguentar.

Tentando não soar indelicada, digo: — Este é geralmente o fim de semana que fico chateada todos os anos, Chris. Ontem seria meu quinto aniversário de casamento.

Ele pisca, então seus olhos se arregalam. — Oh. Merda. Nem mesmo lembrei.

— Não se preocupe com isso. Sério, estou bem. Mas obrigado por me verificar. Isso é atencioso da sua parte.

Ele está estremeendo como se tivesse chutado alguma coisa e quebrado o dedão do pé. — Se eu soubesse que foi neste fim de semana, como *ontem*, eu não teria... quer dizer, eu teria... porra. Foi um momento muito ruim.

— Você não poderia saber. Você não morava aqui quando aconteceu e eu nunca te disse. Então, por favor, não se culpe por isso. Estamos bem, prometo.

Ficamos parados sem jeito, até que ele percebeu o envelope em minha mão.

Chicoteio-o nas minhas costas e engulo, enrolando meus dedos em torno da chave.

Quando ele olha de volta para o meu rosto com uma sobrancelha erguida, sei que pareço culpada.

Merda.

— Eu estava apenas, hum, vasculhando algumas gavetas e encontrei esta, hum, chave que acho que meus pais devem ter deixado. — Meu encolher de ombros tenta parecer indiferente, mas provavelmente parece astuto como o inferno. — Eu estava tentando descobrir para que serviria.

— Você poderia enviar uma imagem para eles, para ver se eles reconhecem.

— Essa é uma ideia muito boa! Farei isso. Obrigada.

— Embora seja provavelmente apenas uma chave de casa sobressalente. Você tem uma fechadura Kwikset e um ferrolho. — Ele acena para a porta. — Todas as teclas têm tamanho e formato padrão. Você já experimentou?

— Não. Literalmente acabei de encontrar.

— Deixe-me dar uma olhada. — Ele estende a mão.

A menos que eu queira parecer ridícula – e culpada de alguma coisa – não tenho escolha a não ser entregá-la.

Ele pega de mim e a segura. — Não. Isso não é para sua porta da frente.

— Oh. OK. — Procuro por ele. — Vou retirar isso, então.

— É para um cofre.

Minha mão congela no ar. Minha voz sai alta e firme. —
Um cofre?

— Sim. Você sabe, em um banco?

Meu coração bate forte. O desejo de arrancar a chave de sua mão e bater a porta na cara dele é quase insuportável. Em vez disso, coloco meu cabelo atrás da orelha em uma tentativa de parecer que não estou ficando completamente louca.

— Num banco. Uh-huh. E como você sabe disso?

— Tenho uma igualzinha. Mesmo tamanho e formato, com aquele topo quadrado. Até os números na cabeça são os mesmos. — Ele ri. — Bem, não é o *mesmo*. Esse é o número da caixa.

Porque estou tendo dificuldade em me concentrar em não ficar vesga de impaciência para ele ir embora, faço um barulho que deveria significar *Oh, entendo, que interessante*.

— Na verdade, é provavelmente do mesmo banco que o meu. Wells Fargo. Ramo diferente, porém, talvez. Mas esses tipos de chaves são padrão para qualquer banco para o qual são feitas.

Meu batimento cardíaco acelerado vacila.

David não tinha uma conta no Wells Fargo. A dele era no Bank of America.

Mesmo se você pudesse alugar uma caixa em um banco no qual não tinha uma conta... por que você faria?

Chris estende a chave. Pegou-a dele, minha mente indo a um milhão de milhas por hora.

— Ótimo obrigada. Vou ligar para meus pais e informá-los que encontrei. Eles provavelmente nem se lembram de que estavam com a caixa. Quando eles se mudaram, meu pai estava passando por muitos problemas de saúde.

— Sim, você definitivamente deveria avisá-los imediatamente. Se essas taxas de caixa não forem pagas por tempo suficiente, o banco abre as caixas e envia o conteúdo para o tesoureiro do estado ou faz o leilão.

Ele ri. — Quero dizer, supondo que não seja apenas um monte de fotos sujas. Em seguida, eles simplesmente ficam retalhados.

Não pergunto como ele sabe tudo sobre as regras que regem os cofres. Estarei em um monólogo de trinta minutos. Apenas aceno e tento parecer impressionada e grata.

— Vou ligar para eles agora mesmo. Obrigada novamente, Chris. Foi bom ver você.

Estou prestes a fechar a porta, mas ele me impede deixando escapar: — Acho que cometi um erro.

Deus, por que você me odeia? Foi algo que fiz? Você desaprova todos os vibradores?

Exalo uma respiração lenta. Chris exala uma forte.

— Para ser honesto, pensei que terminar com você poderia, você sabe, acender um fogo sob sua bunda. Faça você perceber que talvez você não deva nos dar por garantidos. Quer dizer, nos damos muito, muito bem.

Sim nos damos. Também me dou muito bem com meu cachorro, meu cabeleireiro gay e a bibliotecária de oitenta anos da escola. Nenhum dos quais estou interessado em fazer sexo, também.

Digo gentilmente: — Acho você um cara ótimo, Chris. E essa é a verdade honesta. Você estava certo quando disse que eu estava vivendo no passado.

Ele fecha os olhos e suspira. — Isso foi um movimento tão idiota.

— E não o culpo por não querer perder seu tempo com alguém tão... tão machucado. Na verdade, estava pensando que talvez pudesse te colocar em contato com minha amiga Marybeth.

Ele abre os olhos e aperta os olhos para mim. — Aquele que parece Amish?

Tenho que falar com aquela mulher sobre seu guarda-roupa.

— Ela não é Amish. Ela é realmente ótima. Ela é inteligente e doce, e acho que vocês se dariam bem. Você acha que pode estar interessado?

Ele está me olhando de forma estranha. Não consigo identificar, até que ele diz zangado: — Não, Nat. Não estou interessado. Vim aqui para dizer que ainda sinto algo por você e que cometi um erro ao romper com isso.

Bem, merda.

— Sinto muito. Hum. Não sei o que dizer.

— Você pode dizer que vai me deixar levá-la para jantar hoje à noite.

Encaramo-nos em um silêncio desconfortável, até eu dizer: — Acho que vou ter que passar.

— Amanhã à noite, então. Terça-feira à noite. O que você disser.

Digo baixinho, — Chris...

Antes que eu possa terminar essa frase, ele dá um passo à frente e me beija.

Ou tenta, de qualquer maneira. Consigo virar minha cabeça no último segundo para que seus lábios pousem na minha bochecha enquanto estou ofegante de surpresa.

Recuo, mas ele agarra meus ombros com as mãos e não me deixa me afastar. Em vez disso, ele me puxa contra seu peito e me mantém lá.

Em meu ouvido, ele diz asperamente: — Apenas me dê outra chance. Vou levar tão devagar quanto você quiser. Sei que você já passou por muita coisa, e eu quero estar lá para você.

— Deixe-me ir, por favor.

— Para o que você precisar. Temos uma conexão, Nat, uma conexão especial.

— Chris, pare com isso.

— E você precisa de alguém para cuidar de você

— Eu disse, *deixe-me ir!*

Empurro seu peito, começando a entrar em pânico, sentindo hematomas se formando em minha carne onde ele está me segurando com tanta força, mas congelo quando ouço alguém dizer: — Tire suas mãos dela, irmão, ou percas.

A voz é baixa, masculina e mortal.

Chris olha por cima do ombro para encontrar um Kage eriçado de pé a poucos metros de distância, olhando para ele com o olhar chato e assassino de um serial killer.

Perturbado, Chris se afasta de mim. — Quem é você?

Kage o ignora e olha para mim. — Você está bem?

Envolvo meus braços em volta da minha cintura e aceno. — Estou bem.

Ele me olha de cima abaixo em silêncio, seus olhos duros e avaliadores, em busca de provas de que não me machuquei. Em seguida, seu olhar gelado volta para Chris.

Ele rosna: — Você tem dois segundos para sair dessa varanda antes que você não seja capaz de sair por conta própria.

Chris levanta o queixo e estica o peito. — Não sei quem diabos você é, mas eu sou um...

— Homem morto, se você não se foder. Certo. *Agora.*

Chris olha para mim pedindo ajuda, mas ele está na minha lista de merda no momento. Quando olho para ele, balançando a cabeça, ele olha para Kage.

Ele dá uma bela e longa olhada, observando os ombros poderosos, os punhos cerrados, a carranca assassina. Então ele faz a coisa sensata.

Ele pega o chapéu de onde o deixou cair no chão, o coloca de volta na cabeça, diz para mim: — Te ligo mais tarde — e sai correndo.

Dobro o envelope em três partes e coloco junto com a chave no bolso de trás.

Observando Chris correr em direção ao carro do xerife, estacionado no meio-fio, digo secamente: — Você tem um efeito muito interessante nas pessoas, vizinho. Até mesmo os que estão armados.

Ele se aproxima, sua mandíbula tão dura quanto seus olhos. — Ele tem sorte de eu não ter arrancado sua cabeça. Tem certeza que está bem?

Sorrio. — E você afirma não ser um cavaleiro de armadura brilhante.

— A coisa mais distante disso, — ele diz, sua voz baixa. — Mas um não é um não.

— Ele é inofensivo.

— Todo homem é perigoso. Mesmo os inofensivos.

— Você tem uma opinião tão negativa sobre seu próprio gênero?

Ele levanta um ombro. — É a testosterona. A natureza nunca fez uma droga mais mortal.

Ou um mais sexy. Todos os feromônios masculinos que ele exala estão me deixando tonta. Desvio o olhar, confusa.

— Então pensei sobre o que você disse. Na noite passada. — Limpo minha garganta. — Você sabe.

Sua voz fica rouca. — Sei. E?

— E... — respiro, reúno minha coragem e encontro seus olhos.

— Fico lisonjeada. Você é provavelmente o homem mais atraente que já conheci. Mas não estive com ninguém desde meu noivo, e estou em um estado de espírito estranho agora, e não acho que um caso com um estranho quente seria bom para mim. Divertido e incrível, mas no final não é bom para mim.

Olhamos um para o outro. Ele parece sério e intenso, seus olhos escuros fixos nos meus.

Bem quando estou com medo de explodir em uma gargalhada histérica de puro estresse, ele murmura: — Tudo bem. Respeito isso. Obrigado por ser honesta comigo.

Por que estou suando? O que está acontecendo com meu coração? Estou tendo algum tipo de emergência médica?

Enxugando as palmas das mãos suadas na frente da calça jeans, digo: — Então, seremos apenas vizinhos.

Ele respira fundo, passa a mão pelo cabelo e olha na direção de sua casa. — Não por muito tempo. A casa estará à venda nas próximas semanas.

Por que isso me faz sentir tão desanimada, não tenho certeza. Afinal, você não pode ter seu dinheiro lavado se não vender o imóvel pelo qual está tentando lavá-lo.

Vou pensar por que esse conhecimento não me incomoda mais tarde.

— Estou fora daqui esta noite, de qualquer maneira.

— Esta noite? E quanto ao seu trabalho?

Ele encontra meus olhos. No seu próprio, vejo calor, escuridão e muitos segredos para contar.

— Trabalho feito.

— Oh. — Se eu ficar mais vazia terei um pneu furado. — Acho que isso é um adeus, então.

— Acho que sim.

Estendo minha mão. — Foi muito interessante conhecê-lo, Kage.

Ele olha para minha mão por um momento, seus lábios se curvando em um sorriso. Então ele pega minha mão, rindo de si mesmo. — Você fica dizendo essa palavra.

— Se encaixa.

— É justo. Foi interessante conhecer você também, Nat. Cuide-se.

— Eu vou, obrigada.

Ele faz uma pausa e diz: — Espere.

Ele puxa uma caneta do bolso interno de sua jaqueta de couro, um cartão de visita de outro bolso. Virando o cartão, ele escreve algo no verso e o entrega para mim.

— Meu número, apenas no caso de.

— Em caso de quê?

— Em caso de qualquer coisa. No caso de seu telhado vazar. No caso de seu carro quebrar. No caso do Delegado Pedaco de Merda tentar beijar você de novo e precisar de uma surra.

Tentando não sorrir, digo: — Você pode lidar com um telhado que vaza, hein?

— Posso lidar com qualquer coisa.

Ele fica muito sério quando fala isso, sério e um pouco melancólico, como se a força fosse um fardo que carrega.

Tenho a estranha sensação de que sua vida não foi fácil. E também que ele se resignou ao fato de que nunca será.

Ou talvez sejam apenas meus hormônios, congelados por sua proximidade.

Ele se vira e começa a se afastar, mas para quando solto: — Espere!

Ele não se vira. Ele simplesmente vira a cabeça para o lado, ouvindo.

— Eu... eu...

Oh, foda-se. Corro até ele, pego a frente de sua jaqueta, fico na ponta dos pés e o beijo na bochecha. Minhas palavras saem em uma corrida sem fôlego.

— Obrigada.

Depois de um tempo, ele diz ríspidamente: — Pelo quê?

— Por me fazer sentir algo. Já faz muito tempo que alguém o fez. Eu não tinha mais certeza de que conseguiria.

Ele olha para mim, olhos escuros queimando. Ele segura meu rosto em sua grande mão e gentilmente passa o polegar sobre minha bochecha. Ele inala lentamente, seu peito subindo. Suas sobrancelhas se juntam até que ele tenha uma expressão como se estivesse com dor física.

Então ele exala, tira a mão do meu rosto e vai embora em direção a sua casa sem dizer mais nada. Ele bate a porta da frente atrás de si.

Cinco segundos depois, ouço o *whump* constante *whump* de seus punhos batendo no saco de pancadas vindo de dentro.

9

Kage

Comunicar-se com um preso em uma prisão federal é um processo complicado.

Nenhuma chamada recebida é aceita. As ligações podem ser feitas apenas de dentro para fora e a cobrar. Os telefones celulares não aceitam chamadas a cobrar, portanto, devem ser roteados para uma linha fixa.

O que significa que alguém deve estar presente para receber a chamada. O que significa definir uma hora combinada com antecedência.

A duração da chamada é limitada a não mais que quinze minutos. Quando isso acontecer, a chamada será simplesmente cortada sem aviso. O preso não pode ligar de volta.

Manter a comunicação privada é ainda mais complicado.

Os guardas ouvem todas as chamadas telefônicas. Eles se sentam a apenas alguns metros de distância, na área de visitação, observando como falcões. Eles monitoram todas as

cartas e e-mails recebidos e enviados, o último dos quais é restrito e permitido apenas em circunstâncias especiais. Em seguida, examinado, palavra por palavra.

Portanto, ao todo, comunicar-se com um presidiário federal é um pé no saco.

A menos que aquele preso tenha pagado a todos dentro do sistema prisional para obter privilégios especiais.

E pagou bem.

— Você cuida disso?

A voz do outro lado da linha é masculina, rouca e com forte sotaque. Max fuma dois maços por dia desde que o conheço, e isso transparece tanto em sua voz quanto em seu rosto. Seus dentes também não são tão bonitos.

— Sim.

Com essa única palavra, contei a mentira mais perigosa da minha vida. Max mandou matar homens por muito menos.

Eu deveria saber. Fui eu quem puxou o gatilho.

Ele grunhe. — Bom. Não gosto de pontas soltas. Ela sabe de alguma coisa?

— Não. Ela não sabia de nada. Ela teria me contado se o fizesse.

Sua risada é baixa e sem alegria. — É por isso que te mandei para o trabalho. Todo mundo fala quando é você quem faz perguntas.

É verdade. Sou o melhor no ramo.

Normalmente, esse tipo de elogio me daria uma certa sensação de satisfação, se não de orgulho absoluto. Hoje, no entanto, isso me deixa deprimido.

Não preciso me perguntar por quê. Sei o motivo.

Esse motivo tem cabelos negros e volumosos, lábios vermelhos e olhos da cor de um mar tempestuoso, cinza-azulado e temperamental. Essa razão é doce, engraçada, afiada e sexy. E honesta. E corajosa.

E muito mais resistente do que ela pensa.

Desde a primeira vez que a vi, esse motivo me chutou bem no estômago. Ou me fez sentir vontade, de qualquer maneira.

— *Obrigada.*

— *Pelo que?*

— *Por me fazer sentir algo. Já faz muito tempo que alguém o fez. Eu não tinha mais certeza de que conseguiria.*

Esses dez segundos de conversa me afetaram mais do que qualquer outra coisa em anos. Décadas. Está gravado no meu cérebro. As minhas orelhas. Meu coração.

Achava que ainda não tinha coração, mas devo. Esse espaço vazio em meu peito que tive por tanto tempo está cheio de surras selvagens.

Por causa dela.

— Vou acompanhar as outras pistas. Volto para você assim que eu tiver alguma coisa.

— Faça isso. E Kage?

— Sim chefe?

— *Ya rasschityvayu na vas*⁸. – Estou contando com você.

— *Ya znayu*. – Eu sei.

Imaginando o rosto de Natalie, fecho meus olhos.

Se alguém descobrir que não fiz o trabalho para o qual fui enviado, estamos ambos mortos.

⁸ Frase em Russo, quer dizer: Estou contando com você.

10

Nat

Não consigo dormir naquela noite. Viro-me inquieta, perseguida por pensamentos sombrios sobre o que poderia estar no cofre de David, por que ele não me disse que tinha um, e por que ele se daria ao trabalho de me enviar a chave em vez de apenas dando para mim.

O mais estranho de tudo é por que não haveria nota de explicação.

Tipo, o que, eu só devo descobrir? Se Chris não tivesse me informado, não sei como o teria identificado.

É tudo perturbadoramente misterioso. Já tive mistérios suficientes para uma vida inteira, muito obrigada.

Também arranhando o interior do meu crânio como pequenos ratos famintos estão os pensamentos de Kage.

Um cobrador de dívidas? O que exatamente isso significa?

Não tenho certeza se quero saber. Parte de mim quer, mas outra parte – a parte mais sábia – está me dizendo para recuar lentamente.

Ele se foi agora, então não importa de qualquer maneira.

Ouvi seu grande SUV rugir noite adentro, observei as luzes traseiras vermelhas da janela da cozinha até que ele dobrou uma esquina e o carro sumiu de vista. Foi então que percebi que não sei de onde ele veio ou para onde está indo, ou por que deveria me importar em primeiro lugar.

Quer dizer, não me importo.

Eu acho que.

Passar pelas aulas na segunda-feira é um inferno. Observo o relógio como uma ave de rapina, contando cada segundo até poder sair e ir ao banco.

Há apenas uma filial da Wells Fargo na cidade, então não é como se eu tivesse que dirigir por todo o estado procurando a certa. Isso não é problema.

O verdadeiro problema está em obter acesso ao cofre.

David e eu não éramos legalmente casados quando ele desapareceu. Tínhamos a certidão de casamento, mas também é necessária uma cerimônia realizada por uma pessoa autorizada para oficializar o casamento.

Como apenas sua noiva e não sua esposa, não terei acesso, a menos que seja nomeado na conta. O que não

estou, considerando que teria que estar lá com ele e fornecer a identidade quando o contrato de aluguel da caixa foi assinado.

Pelo menos de acordo com o Google.

Também complicando a situação é a falta de uma certidão de óbito.

Embora David seja dado como morto pela lei estadual porque ele está desaparecido há cinco anos, não há certidão de óbito. Também não posso fazer uma petição ao tribunal para obter um. Somente um cônjuge, pai ou filho pode fazer isso, e não sou nenhuma dessas coisas.

Se eu tivesse uma certidão de óbito, *poderia* ser capaz de convencer um funcionário do banco solidário a me permitir o acesso, especialmente se eu também apresentasse nossa certidão de casamento.

Ainda mais se a pessoa morasse na cidade há cinco anos. Ninguém falou sobre outra coisa por meses.

Eu ganharia pontos de bônus de saco triste, com certeza.

Além disso, David não tinha testamento, então eu também não sou o executor de sua propriedade... Não que houvesse qualquer propriedade para falar. Ele tinha menos de dois mil dólares em sua conta quando desapareceu. Ele não possuía nenhuma propriedade. Os modestos investimentos que fizemos foram em uma conta de corretora

exclusivamente em meu nome. O plano era adicioná-lo como beneficiário a todas as minhas contas assim que voltássemos da lua-de-mel, mas isso nunca aconteceu por motivos óbvios.

Então, não sou sua esposa, não sou sua família e não sou seu executor. Quase não sou nada além de um azar.

Vou tentar de qualquer maneira.

Às quatro e dez, estaciono no estacionamento do banco, desligo o carro e fico olhando para as portas de vidro duplo da entrada, dando a mim mesma uma conversa estimulante. Não tenho conta no Wells Fargo, então não tenho contato com ninguém, um gerente de conta amigável ou caixa familiar com quem eu pudesse tentar a sorte. Vou entrar totalmente cega.

Hesito apenas dentro das portas, olhando ao redor para ver se reconheço algum dos caixas. São três, mas não são pessoas que conheço. A caixa que decido abordar é uma jovem ruiva com um sorriso amigável.

Sei que vou para o inferno por esperar que ela possa ter um passado romântico trágico e ter pena de mim quando eu tiver que contar minha história lamentável.

— Boa tarde! Como posso ajudá-la?

— Preciso de acesso a um cofre, por favor.

— Certamente. Deixe-me verificar o cartão de assinatura. Qual é o nome da conta?

Sorrindo agradavelmente, digo, — David Smith.

— Um momento, por favor. — Ela bica alegremente o teclado do computador. — Aqui está. David Smith e Natalie Peterson. — Ela olha para mim. — É você, suponho?

Meu coração bate forte. *Estou na conta. Como eu poderia estar na conta? Talvez o Google esteja errado.* — Sim, sou eu.

— Só preciso dar uma olhada na sua identidade, por favor.

Vasculho minha bolsa, tiro minha carteira e entrego minha carteira de motorista, esperando que ela não perceba como minhas mãos estão tremendo.

Se o fez, ela não menciona. Seu sorriso alegre permanece firme no lugar.

Ela segura minha identificação contra a tela do computador e acena com a cabeça. — Sim, está tudo bem com você! Puxa, gostaria de ter seu cabelo. Até fica bem em uma foto do DMV. A foto da minha licença me faz parecer um cadáver.

O banco tem uma cópia da minha carteira de motorista.

David tirou minha licença da carteira e abriu um cofre sem me avisar.

Que merda real está acontecendo?

Quando ela me devolve a identidade, pergunto casualmente: — Minha prima também quer alugar uma caixa. O que ela precisa para abrir uma?

— Ela só precisa trazer duas formas de identidade, assinar o contrato de aluguel e pagar o depósito da chave e o aluguel do primeiro ano. As caixas menores começam em cinquenta e cinco dólares anuais.

— Ela quer que a mãe dela participe do aluguel da caixa também. Ela precisa vir pessoalmente ou minha prima pode simplesmente colocar o nome da mãe dela no contrato de aluguel?

A caixa balança a cabeça. — Todos que estão no contrato de locação devem estar presentes no momento da execução, fornecer uma assinatura e apresentar duas formas de documento de identidade aprovado.

Afinal, o Google estava certo. A trama se complica.

— Ótimo, vou informá-la.

Radiante, ela diz: — Aqui está meu cartão. Apenas diga a ela para perguntar por mim quando ela entrar, e vou garantir que ela seja bem cuidada. Venha até aqui e deixo você entrar na sala onde guardamos as caixas.

Enfio o cartão na bolsa e sigo a atendente no lado oposto do balcão enquanto ela caminha para um lado do saguão. Ela aperta um botão em seu lado do balcão. A porta destrava com um leve *estalo* mecânico.

Grata por ter colocado um antitranspirante extraforte esta manhã, sigo-a por um pequeno corredor ladeado por escritórios de funcionários, então viramos para outro corredor.

— Aqui vamos nós.

Ela abre uma porta. Entramos em uma antecâmara com painéis de madeira. De um prendedor preso à presilha do cinto, ela remove um molho de chaves. Ela destranca outra porta, então entramos no cofre.

É uma longa sala retangular, forrada em três lados, do chão ao teto, com caixas de metal de vários tamanhos. Contra uma parede nua do outro lado da sala estão uma mesa de madeira vazia e uma cadeira de escritório com rodas.

A sala está muito fria, mas não é por isso que meus dentes estão batendo.

— Número da caixa, por favor?

Vasculho minha bolsa, encontro a chave e leio os números no topo. A atendente caminha em direção ao lado oposto da câmara. Ela para na frente de uma das caixas, insere outra chave de seu conjunto e tira uma longa caixa de madeira de dentro.

— Leve o tempo que precisar, — diz ela, colocando a caixa de madeira sobre a mesa. — Quando terminar, basta apertar aquele botão e voltarei para travar.

Ela acena para um pequeno botão vermelho montado em uma placa de metal ao lado da porta principal. Então ela sai, levando o resto da minha compostura com ela.

Desabo na cadeira, largo minha bolsa no chão e fico olhando para a caixa de madeira fechada na mesa na minha frente. Fecho meus olhos e respiro fundo algumas vezes.

Dinheiro? Ouro? Diamantes? O que as pessoas guardam nessas caixas secretas?

O que David guardou?

— Só há uma maneira de descobrir, — sussurro.

Encaixo minha chave de prata na fechadura.

Preciso de três tentativas para abrir a tampa porque minhas mãos estão tremendo muito. Quando finalmente consigo, toda a respiração que estou prendendo sai em uma rajada enorme e alta.

O interior da caixa é simples. Forro de metal. Indescrevível, como a própria chave. Não sei exatamente o que esperava, mas o que encontro não é.

Não há nada além de um envelope.

Um único envelope branco de negócios, idêntico ao que estava dentro da chave.

Se eu encontrar outra chave lá dentro, vou perder o controle.

Quando pego o envelope, porém, posso dizer que não há chave dentro. Tem um peso diferente. Leve como o ar. Passo a unha sob o lacre e retiro uma única folha de papel.

É uma carta dobrada em três.

Engolindo em seco, emocionada, meu corpo todo trêmulo, desdobro e começo a ler.

Nat,

Eu amo você. Primeiro e sempre, lembre-se disso. Você é a única coisa que já fez minha vida valer a pena, e agradeço a Deus todos os dias por você e por seu sorriso precioso.

Amanhã, nos casaremos. Não importa o que venha depois disso, será o melhor dia da minha vida. Ter você como minha esposa é um privilégio que não mereço, mas pelo qual sou muito grato.

Sei que os anos trarão muitas aventuras e mal posso esperar para compartilhá-las com você. Você me inspira de muitas maneiras. Sua beleza, coração, bondade e talento sempre me impressionaram. Espero que você saiba o quanto te apoio.

Quanto apoio sua paixão por sua arte.

Uma vez você me disse que sempre se encontra na arte. Você disse que sempre que se perde, você se encontra em suas pinturas.

Minha linda Natalie, espero que você me encontre lá também.

Nunca pare de pintar ou de olhar para o mundo com seu olho de artista único. Espero que nossos filhos se pareçam com sua mãe brilhante. Espero que nosso futuro seja tão perfeito quanto nossa vida juntos até agora.

Acima de tudo, espero que saiba o quanto eu te amo. Nenhum homem amou mais uma mulher.

Com todo meu coração, por toda a eternidade,

David

Minha visão turva, olho para o pedaço de papel tremendo em minha mão.

Então começo a soluçar e desabo de cara na mesa.

Demora muito até que eu possa me levantar novamente.



Na saída do banco, pergunto a boa atendente que me ajudou se eu poderia ter um saldo atual em nossas contas

correntes e de poupança. Intrigada, ela respondeu que não temos contas com eles.

Então, David estava apenas mantendo um segredo. O único segredo estranho e desnecessário. Um cofre de um banco que ele não patrocinou com uma carta endereçada a mim que ele poderia simplesmente ter entregado a mim e nos poupado de todos os problemas.

Quando chego em casa e ligo para Sloane, ela está tão confusa quanto eu.

— Não entendo. Por que enviar a chave para você?

Estou deitada de costas no sofá. Mojo está enrolado sobre mim como um cobertor, seu focinho em minhas canelas, balançando sua cauda em meu rosto. Estou tão exausta emocionalmente que sinto que poderia ir para a cama e dormir por dez anos.

— Quem sabe? — Digo estupidamente, esfregando o punho no meu olho. — Mais importante, como você acha que ele convenceu um funcionário do banco a abrir o contrato de aluguel da caixa sem eu estar lá? Isso parece vago.

Sua voz fica seca. — Aquele homem poderia convencer qualquer um de qualquer coisa. Tudo que as pessoas tinham que fazer era olhar em seus olhos e eles estavam fritos.

É verdade. Ele era um introvertido, mas tinha um jeito especial. Uma forma de te encantar sem você saber. Uma maneira de fazer você se sentir especial, *visto*, como se ele

conhecesse todos os seus segredos, mas nunca contasse a outra alma.

— Você vai mostrar a carta para a polícia?

— Pfft. Pelo que? Esses investigadores não eram exatamente o A-Team. E ainda acho que uma policial assustadora pensou que eu tinha algo a ver com o desaparecimento dele. Lembra como ela sempre me olhava de soslaio e ficava perguntando se eu tinha *certeza de que* não havia nada que eu não estava contando a eles?

— Sim. Ela totalmente pensou que você o enterrou no quintal.

Deprimida com o pensamento, suspiro. — Não há nada na carta que iria ajudá-los, de qualquer maneira. Minha verdadeira pergunta é... por quê?

— Por que ter um cofre que contém nada mais do que uma carta?

— Sim.

Ela pensa por um momento. — Bem, quero dizer, depois que você e David se casaram, você provavelmente teria todo tipo de papelada importante que poderia entrar lá. Certidão de casamento, certidões de nascimento, passaportes, qualquer coisa.

— Acho que sim. Só peguei meu pequeno seguro depois.

Depois que ele desapareceu, claro. Depois que minha vida acabou. Depois que meu coração parou de bater para sempre.

A memória de Kage olhando fixamente para mim do outro lado da mesa na casa do Michael's me lembra que não foi para sempre, afinal. Não pensei assim, mas pode haver alguma vida ainda no relógio antigo.

Kage. Quem é você?

— Sim, é isso, — diz Sloane. — Seria uma surpresa.

— David *odiava* surpresas. Ele nem mesmo gostava se virasse uma esquina da casa e me encontrasse ali. Ele pularia meio fora de sua pele.

— Essa surpresa não era para ele, no entanto. Era para você. E se alguém pensasse que um cofre seria um belo presente surpresa para sua noiva, seria David. Ele tinha alma de contador.

Isso me faz sorrir. — Ele realmente tinha.

— Você se lembra daquela vez que ele te deu uma carteira de aniversário?

— Com o cupom de vinte por cento de desconto para uma massagem nos pés dentro? Como eu poderia esquecer?

Rimos, depois ficamos em silêncio. Depois de um momento, digo baixinho, — Sloane?

— Que amor?

— Você acha que estou quebrada?

Sua resposta é firme. — Não. Acho que você é uma vadia durona que passou por alguma merda que ninguém deveria ter que passar. Mas agora está no espelho retrovisor. Você vai ficar bem.

— Você promete?

— Prometo.

Vamos torcer para que ela esteja certa. — OK. Se você diz, acredito em você.

— Há anos venho dizendo que você deveria me ouvir, idiota. Sou muito mais inteligente do que você.

Isso me faz rir. — Você não é nem um pouco mais inteligente do que eu.

— Sou sim.

— Não é.

Parecendo presunçosa, ela atira de volta, — Sim, sou, e tenho provas.

Murmuro: — Mal posso esperar para ouvir isso.

— Meritíssimo, apresento ao tribunal as seguintes provas irrefutáveis: a vagina do réu.

Zombo. — Que adorável. Você tem recursos visuais para acompanhar esta exposição?

Ela passa direto por isso. — Que o réu tem esmurrado sem parar com dispositivos pessoais de prazer ajustados em suas configurações altas desde que ela conheceu Kage... qualquer que seja seu sobrenome. Diga que estou errada.

Digo zangada: — Qual é a sua obsessão com a minha vagina?

Agora ela parece ainda mais presunçosa. — Isso foi o que pensei.

— Para sua informação, conselheira, não usei nenhum dispositivo movido a bateria desde que conheci o homem.

— Hmm. Apenas seus dedos, hein?

— Vá embora, bruxa má.

— Desculpe, mas você está presa a mim.

— Por que todo telefonema com você termina comigo querendo encontrar um prédio alto para pular?

Ela ri. — Isso é amor, baby. Se não doer, não é real.



É engraçado como uma observação improvisada pode vir a ser no futuro, como uma profecia horrível, uma verdade perfeitamente precisa.

11

Nat

Um mês se passa. Então outro. Ação de graças vem e vai. Ensinar me mantém ocupada durante os dias, e Sloane, Mojo e minha arte me mantêm ocupada à noite.

Comecei a pintar novamente. Não as paisagens meticulosas que eu costumava fazer, mas abstratos. Cortes de cor ousados e violentos na tela, emocionais e desenfreados. As paisagens têm tudo a ver com o que vejo, mas estas... tudo se refere ao que *sinto*.

Não vou mostrá-los a ninguém. Eles são mais como vômito espiritual do que arte. Presumo que seja uma fase que vai passar, mas por enquanto, estou nessa.

É muito mais barato do que terapia. Funciona melhor também.

A carta de David me deixou perturbada por um tempo, mas quando dezembro chega, estou em um lugar onde sou grata por aquele último contato. Essa última missiva do além-túmulo.

Finalmente aceito que ele nunca mais vai voltar.

Sloane estava certa: ele sofreu um acidente. Ele fez caminhadas naquela manhã e perdeu o equilíbrio. As trilhas eram difíceis. O terreno é íngreme. Os cânions das serras foram esculpidos por geleiras antigas que cortam o granito, e algumas delas mergulham a mais de mil e duzentos metros dos picos.

Não importa o quão experiente ele fosse no deserto, isso não poderia salvá-lo daquele estreito trecho de trilha rochosa que desmoronou sob seu peso e cedeu, enviando-o para o esquecimento.

Não há outra explicação plausível.

Levei cinco anos para aceitar, mas agora que aceitei, me sinto... bem, não exatamente em paz. Não tenho certeza se chegarei lá. Aceitando, talvez. E grata.

Grata por tudo que tínhamos, mesmo que não fosse destinado a durar uma vida inteira.

Minha vida, de qualquer maneira.

E se de vez em quando tenho certeza de que sinto alguém me observando, atribuo isso a um anjo da guarda cuidando de mim lá de cima.

A única outra alternativa é que estou sofrendo de paranóia e realmente não estou preparada para lidar com isso.

Quando minha campainha toca duas semanas antes do Natal, são seis horas. Está escuro lá fora, nevando sem parar, e não estou esperando ninguém, então estou surpresa.

Também estou prestes a tirar os biscoitos do forno. Mais um minuto e eles estarão prontos, dois e eles estarão torrados. O forno não foi substituído desde que a casa foi construída nos anos 60, e tenho quase certeza de que está possuído pelo diabo.

Corro para a porta, tirando minhas luvas de cozinha. Quando abro a porta, estou distraída. Também estou olhando para baixo, então a primeira coisa que vejo é um par de grandes botas pretas polvilhadas com neve.

Levanto os olhos das botas para ver mais preto: jeans, camisa, sobretudo de lã com a gola levantada. Os olhos que me encaram são um tom mais claro do que preto, mas podem muito bem ser pelo quão escuros eles queimam.

É Kage.

Meu coração despenca para algum lugar próximo às minhas rótulas. Digo em voz alta: — *Você*.

— Sim. Eu.

Sua voz é o mesmo murmúrio baixo e adorável, um toque aveludado ao longo da minha pele. O homem deveria conseguir um segundo emprego como locutor em uma estação de rádio pornográfica, se é que existe tal coisa.

Quando só fico lá olhando para ele como uma lunática, ele diz: — Você deixou cair suas luvas de forno.

É verdade. Minhas alegres luvas de Natal vermelhas de Papai Noel e renas estão descartadas no limiar entre nós, caíram em meu choque ao vê-lo.

Pelo menos não engoli minha língua.

Antes que eu possa me recuperar da surpresa, ele se abaixa, levanta as luvas com uma de suas grandes patas e se endireita. Mas ele não as devolve para mim. Ele as segura como se fossem um bem valioso e só as entregará por um preço alto.

— Você voltou. Quero dizer, você está aqui. O que você está fazendo aqui?

Não era exatamente um vizinho, mas pensei que nunca mais o veria. Pensei que nunca teria que lidar com os hormônios que gritavam histericamente que sua presença sempre inflama.

Olhando para mim com firmeza, ele diz: — Eu tinha negócios em Vegas. Pensei em passar aqui e dizer olá. Acabei de chegar.

— Chegar como? Vegas fica a oito horas de carro daqui.

— Voei.

— Oh. Achei que acabei de ouvir a notícia de que todos os voos para Reno-Tahoe International foram interrompidos devido ao mau tempo?

— Eles estão. Só o meu que não.

Ele olha para mim com tanta intensidade que meu coração dispara. — Por que não o seu?

— Eu estava pilotando o avião. Ignorei a chamada para redirecionar.

Pisco para ele. — Você é um piloto?

— Sim.

— Você disse que era um cobrador de dívidas.

— Eu sou.

— Isso é confuso.

— Sou muitas coisas diferentes. Não importa. O que quero dizer é que fiquei longe o máximo que pude. Um pouco da porra da neve não ia me impedir de chegar aqui.

Isso envia um choque de eletricidade direto para mim.

Quero fingir que não sei o que ele quer dizer, mas sei.

Este homem lindo, estranho e magnético acaba de me informar que pensa em mim tanto quanto eu pensava nele, que tentou lutar contra a vontade de voltar aqui de onde quer

que tenha ido, e que acha que voltar é ruim ideia por alguma razão, mas se resignou a ela, no entanto.

Olhamos um para o outro até que eu recupere meus sentidos e o convide para sair da neve.

Fecho a porta atrás dele. Ele faz a sala parecer lotada porque ele é muito *grande*. Pergunto-me se ele tem que encomendar todos os móveis sob medida. E roupas. E preservativos.

Melhor não pensar nisso agora.

Encaramo-nos em meu pequeno saguão, que ficou ainda menor devido ao seu tamanho, e simplesmente olhamos um para o outro.

Finalmente, ele diz: — Algo cheira a queimado.

— Isso é só eu pensando. Você nunca colocou sua casa à venda.

— Não.

— Você disse que o colocaria no mercado algumas semanas depois de partir.

— Sim.

— O que aconteceu?

Sua voz cai. — Você aconteceu.

Certamente meu gole deve ser audível. Desejo que minhas mãos parem de tremer, mas elas me ignoram.

Ele diz: — Você nunca ligou.

— Meu telhado nunca vazou.

O fantasma de um sorriso levanta os cantos de seus lábios. Ele desaparece quando ele diz: — O que aconteceu com o policial Cheio de merda?

— Não conversamos desde aquele dia em que você quase arrancou a cabeça dele. — Faço uma pausa. — Já te agradei por isso?

— Não foram necessários agradecimentos. É trabalho do homem proteger.

Ele corta abruptamente e murmura: — Foda-se. — Em seguida, ele desvia o olhar e diz rispidamente: — Devo ir.

Ele está desconfortável. Nunca o vi desconfortável.

É estranhamente atraente.

Digo baixinho: — Você não pode simplesmente aparecer do nada e sair dez segundos depois. Fique pelo menos para comer um biscoito.

Seu olhar desliza de volta para o meu, e agora está aquecido. — Não quero manter você.

Ele diz isso como se fosse exatamente o que ele quer fazer: manter-me.

Se meu rosto ficar mais vermelho, ele pensará que estourei um vaso.

Então ele recua. — Você está fazendo biscoitos?

— Sim. Bem, eles provavelmente são discos de hóquei agora porque meu forno é um pedaço de lixo, mas tenho outro lote pronto para ir.

— Você *assa*?

Uma pontada de irritação me faz franzir a testa para ele.
— Por que isso é tão surpreendente? Pareço incapaz de operar um eletrodoméstico?

— Nunca conheci uma mulher bonita que cozinhe.

Acho isso ainda mais irritante. Porque um, não gosto de elogios indiretos, dois, habilidade com panificação não tem absolutamente nada a ver com a aparência de uma mulher, e três, ele faz parecer que mulheres bonitas estão enroladas nele onde quer que ele vá.

O que provavelmente são, mas ainda assim. Não gosto da ideia.

Digo asperamente: — E nunca conheci um cobrador de dívidas de 2,5 metros de altura que lava dinheiro através de imóveis e leva um avião para um aeroporto fechado durante uma tempestade de neve, então estamos quites.

Ele sorri. É de tirar o fôlego. Ele diz: — Um metro e noventa. Você é do tipo ciumenta?

Penso sobre isso. — Não sei. Nunca vi um homem fazer algo que me deixasse com ciúme. Você é do tipo que gosta de deixar suas amigas loucas flertando com outras mulheres?

Em sua pausa, sinto um oceano de escuridão.

Ele diz rispidamente: — Não tenho namoradas.

Como estamos nos aproximando? Não me lembro de ter me movido, mas meus pés devem ter uma mente própria, porque de repente, estamos a apenas alguns centímetros de distância.

Espírito Santo do Natal passado, este homem cheira divino. Meu coração batendo loucamente, digo: — Você é casado?

Olhando para a minha boca, ele diz: — Você sabe que não sou.

Sim, já discutimos isso, mas eu queria ter certeza de que ele não adquiriu uma Sra. Dangerous Alpha⁹ desde que o vi pela última vez há alguns meses.

— O trabalho o mantém muito ocupado?

— Algo parecido.

— Hmm. Então, é apenas uma noite para você, então.

⁹ Alfa Perigoso.

Seu olhar vagueia de volta para o meu. Ele leva seu tempo, examinando minhas feições, até que nossos olhos se encontrem novamente.

É como se estivesse conectado a uma tomada.

Com uma voz gutural, ele diz: — Ninguém transa uma noite. Sem namoradas. Nada desde que coloquei os olhos em você pela primeira vez.

Olhamos um para o outro em um silêncio devastador até o alarme de fumaça começar a gritar.

Porque meus nervos já estão à flor da pele, pulo com o som. Então corro para a cozinha. Está cheio de fumaça. Tossindo, abro a porta e afasto a fumaça que sobe em meu rosto.

Atrás de mim, Kage diz: — Mova-se.

Ele jogou seu sobretudo de lã em uma cadeira da cozinha e colocou as luvas de forno. A camiseta preta justa de manga curta que ele está vestindo mostra sua coleção impressionante de tatuagens e músculos, tanto que tenho que desviar o olhar para que ele não me pegue boquiaberta.

Afasto-me e o deixo pegar a assadeira com seus biscoitos fumegantes e torrados do forno demoníaco, então vejo com admiração enquanto ele calmamente fecha a porta do forno, aperta o botão do ventilador no topo do fogão e coloca a assadeira no fogão.

— Lixo?

— Claro.

Enquanto a fumaça é sugada para o ventilador, ele abre o armário embaixo da pia, tira a lata de lixo e pega uma espátula da panela de louça no balcão. Em seguida, ele raspa todos os biscoitos queimados da assadeira e joga no lixo.

— Você deve usar papel alumínio para forrar a panela. Isso torna a limpeza mais fácil.

Talvez ele assista The Food Network entre bater em seu saco de boxe e voar em meio a tempestades de neve e sair por aí sendo ridiculamente sexy.

Digo secamente: — Obrigada, Gordon Ramsay. Vou tentar isso da próxima vez.

Ele para por um momento sobre o lixo, então devolve a assadeira vazia ao fogão, remove as luvas de forno e as joga no balcão, e se vira para mim.

Aproximando-se de mim, ele diz suavemente: — Interromper-me é uma coisa que fará com que você esteja no meu joelho, linda garota. — Ele olha para minha boca e umedece os lábios.

Você pode desmaiar e ainda estar de pé?

Partes iguais alarmadas e ligadas, recuo até que minha bunda atinge a mesa da cozinha. Então fico lá, de olhos

arregalados. Ele ronda cada vez mais perto até que estamos nariz com nariz e estou olhando em seus olhos.

Ele está em silêncio. Espera. Soltando calor como uma fornalha.

Deixo escapar: — Ele é um chef com estrela Michelin, no entanto. Então foi realmente um elogio.

Vendo minha ansiedade, ele murmura: — Por favor, não tenha medo de mim. Eu disse que nunca te machucaria. Essa era a verdade.

Estou respirando como se tivesse acabado de correr uma maratona, então é um pouco difícil de responder. — Não é medo. São os nervos. Você é muito...

Não consigo pensar em uma palavra boa o suficiente até me lembrar de como Sloane o chamou na noite em que nos conhecemos. — Não domesticado.

Seu sorriso surge lentamente. — *Isso* foi um elogio.

— É como minha amiga te chamou naquela noite no Downrigger quando você me disse que não era um cavaleiro de armadura brilhante.

— Sua amiga, a morena confiante?

— É essa mesma.

Ele inclina a cabeça e me considera. — Ela disse que deu em cima de mim quando você foi ao banheiro?

— Sim.

— E que eu não estava interessado?

— Sim. E para ser honesta, nenhuma de nós conseguia acreditar.

— Ela é uma garota bonita. Mas há um milhão de garotas bonitas no mundo. — Ele levanta a mão e toca levemente minha bochecha. Com a voz mais suave, ele diz: — Só existe uma de você.

Expiro com força e fecho os olhos. — Você está me matando aqui.

— Diga-me para ir e irei.

— Realmente não entendo o que está acontecendo.

— Sim, você entende.

— Eu disse que não acho que uma aventura seria boa para mim.

— Não quero um caso.

Quando abro meus olhos, o encontro olhando para mim com tal intensidade que me tira o fôlego.

Ele murmura: — Quero tudo o que você tem para dar, Natalie, pelo tempo que você quiser dar para mim.

Joelhos, não se atreva a desistir de mim agora.
Parecendo tão desesperada quanto me sinto, digo: — Nós mal nos conhecemos.

— Nós sabemos o suficiente. E saberemos mais quanto mais tempo passarmos juntos.

Quando não respondo, ele diz: — Mas você vai ter que dar o primeiro passo.

Pisco tão lentamente que tenho certeza de que parece cômico. — Espere. *O quê?*

— Você me ouviu.

— Você não considera tudo o que me disse desde que abri a porta como o primeiro movimento?

Um sorriso divertido curva seus lábios. — É justo. Você terá que fazer o segundo movimento, então. Não vou te pressionar. Estará no seu cronograma, não no meu.

— *É?*

— No seu...

Ele diz isso como se fosse um absoluto. Uma inevitabilidade. Como se ele tivesse ido ao futuro e dado uma boa olhada ao redor, e agora está de volta aqui apenas esperando que eu embarque no programa.

Se há uma coisa que realmente não gosto, é ser dado como certo.

Olhando-o bem nos olhos, digo: — Desculpe antecipadamente se isso o insulta, Romeu, mas se a sua arrogância fosse a energia nuclear, ela poderia fornecer energia a todo o universo.

Depois de uma batida, ele joga a cabeça para trás e ri.

Isso me assusta tanto que me joga na mesa da cozinha.

Ele ri e ri, o peito largo tremendo, as mãos segurando a barriga, até que finalmente ele suspira e olha para mim, balançando a cabeça.

— Você é adorável quando está com raiva.

— Não me faça chutar sua canela. Tenho um temperamento, só para você saber.

Inclinando-se para apoiar os braços na mesa de cada lado do meu corpo, Kage olha profundamente nos meus olhos.

— Bom. Quero que você fale o que pensa comigo. Diga-me quando estou fora da linha. Chute minha bunda se eu precisar. Porque uma coisa que posso garantir é que não sou um homem fácil. Definitivamente vou irritá-la.

Sorrio docemente para ele. — Mesmo? Chocante.

— Espertinha.

— Cem por cento. Acho que é algo que *você* deveria saber sobre *mim*. Além disso, já que estamos sendo tão

abertos e tudo mais, não tenho certeza de como me sinto sobre toda essa coisa de 'colocar você sobre meus joelhos'. Não gosto da ideia de ser espancada.

— E se eu pudesse garantir que você gostaria?

Resisto à vontade de revirar os olhos. — Isso é *tão* algo que um homem diria.

Ele sorri. Parece perigoso. — Vamos adiar por enquanto. Algum outro animal de estimação que eu deva estar ciente?

Seus olhos estão tão cheios de luxúria que mal consigo me concentrar. — Vou fazer uma lista para você.

Ele ri. — Tenho certeza que você vai.

Olhamos um para o outro até que ele se incline para mais perto e coloque a boca perto do meu ouvido. Ele sussurra: — Você ainda tem meu número?

— S-sim.

— Bom. Use-o.

Ele inala contra meu pescoço, faz um som de prazer baixo em sua garganta, então se endireita e pega seu casaco das costas da cadeira onde o deixou.

Então ele sai tão abruptamente quanto apareceu, fechando minha porta da frente atrás dele.

Quando Mojo entra na cozinha alguns minutos depois, bocejando, ainda estou sentado onde Kage me deixou,

sentindo meu batimento cardíaco em cada parte do meu corpo, sentindo o leve roçar de seus lábios contra o meu pescoço em cada centímetro da minha carne.

12

Nat

No dia seguinte, ligo para Sloane no meu horário de almoço no trabalho e conto a ela toda a história. Ela fica em silêncio quando termino, até que finalmente um assobio baixo vem da linha.

— Uau. Esse cara é realmente outra coisa.

— O que você acha que eu deveria fazer?

— Tenho duas palavras para você. A primeira palavra começa com 'Foda' e a segunda começa com 'Ele'.

Digo secamente: — Tão sutil.

— Tudo bem então. O que você *quer* fazer?

Agitada, me viro e ando na outra direção da sala dos professores. O sanduíche de peru que trouxe para o almoço está intocado na mesa ao meu lado. Nem sei por que fiz isso esta manhã. Suponho que pensei que meu estômago estaria mais tranquilo agora.

Mas não está. Kage tem um jeito de perturbar todas as minhas funções corporais. Tenho certeza de que se eu o visse nu, morreria de um ataque cardíaco em dois segundos.

— Ele é apenas... *muito*. Você sabe o que quero dizer?

Ela faz um barulho de simpatia.

— E ele é muito misterioso. E lindo. Ele é provavelmente o homem mais bonito que já vi.

— Ele não está fora do seu alcance, se é isso que você está tentando dizer. Você poderia ter qualquer homem que quisesse nesta cidade. Mesmo os casados.

— Não sei por que você acrescentou adultério no final, mas obrigada pelo elogio.

— O que quero dizer é que você é o tipo de garota que faz homens normalmente sãos perderem a cabeça. Você poderia transformar o papa em um viciado em sexo.

— Você perdeu sua verdadeira vocação no pulp fiction.

— Estou falando sério. É a coisa toda virgem-com-o-corpo-feito-para-o-pecado. Os homens ficam loucos por essa merda. Você é uma de suas dez fantasias padrão.

— Odeio estourar sua bolha, mas não sou virgem desde antes de Oprah sair do ar.

— Perto o suficiente. Quantos pênis você viu?

— Você sabe a resposta para essa pergunta. E por que parece que você realmente tem uma lista das dez fantasias padrão dos homens?

— Porque tenho. Você quer ouvi-las?

Digo enfaticamente, — Não.

Ignorando isso, ela começa a marcar uma lista. — O trio é o número um, claro. Os homens *adoram* essa fantasia. Esqueça como a maioria deles ficaria decepcionando duas mulheres em vez de apenas uma, é o seu cardápio idiota. Então temos exibição, voyeurismo, virgens...

— Sempre que você quiser voltar para minha problemática vida amorosa, estarei aqui esperando.

— Role jogos, garganta profunda, bondage...

— Já chegamos às dez? Tenho uma reunião logo depois do almoço que não posso perder.

— ...espancamento, dominação e anal.

Quando não digo nada por um tempo, Sloane pergunta:
— Você ainda está aí?

— Sim. É que esses três últimos...

— O quê? — Ela exige. Quase posso vê-la curvada, segurando o telefone em antecipação.

— Tenho a sensação de que esses são os favoritos de Kage.

Seu suspiro é baixo e emocionado. — Oh meu Deus. Eu sabia que ele era perfeito.

— Anal? Não, obrigada. Esse buraco é apenas a saída.

— Querida, o O é *incrível*.

Tenho muitas dúvidas. — Como você sabe que está tendo um orgasmo com toda a dor dilacerante?

Ela zomba. — Você não o deixa apenas enfiar seco, idiota! Você tem que deixar aquele pequeno botão de rosa todo lubrificado e pronto!

Um dos meus colegas passa, sorrindo e acenando para mim. Sorrio de volta, cruzando os dedos para que a voz alta de Sloane não levasse muito longe. Já tenho problemas suficientes.

Abaixando minha voz, digo, — Seguindo em frente. Palmada? Como se eu fosse uma criança de cinco anos que se comportava mal? Parece bobo para mim.

— Não vai acontecer quando você estiver de bruços em seu colo com uma extremidade traseira ardente e uma vagina encharcada.

Começo a rir e não consigo parar.

— Ria agora, amiga, porque posso garantir que você não vai rir quando ele estiver fazendo coisas ruins com você enquanto ele te amarra na cama.

Gemo, apoiando a mão na minha testa. — Isso é demais para mim. Minha ideia de torção é deixar as luzes acesas durante a posição missionária.

— ECA. Eu sei. É trágico.

— Tenho que ir. Minha reunião começa em alguns minutos.

— Happy hour hoje à noite? Estarei em La Cantina com Stavros e seus amigos às cinco. Você deveria trazer Kage. Veja como aquele mastim se dá bem com os outros cães.

Estou prestes a recusar, mas na verdade é uma boa ideia.

Nunca vi Kage interagir com ninguém além de Chris, e isso não era exatamente em circunstâncias ideais. Provavelmente posso descobrir muito sobre ele vendo-o perto de outras pessoas. Como ele age, o que ele diz...

O que ele não diz.

— OK. Vou perguntar a ele. Vou mandar uma mensagem se formos.

— Impressionante. Mal posso esperar para te ver, querida. E seu homem delicioso. Não me odeie se eu usar algo de sacanagem.

— Eu ficaria desapontada se você não o fizesse.

Assim que desligamos, ligo para o número de Kage.

Não que eu fosse admitir para ele, mas sei de cor.

Passei uma quantidade embaraçosa de tempo olhando para aquele cartão de visita que ele me deu com seu número de telefone rabiscado atrás. Por outro lado, estão as informações de contato de um fabricante de ternos sob medida em Manhattan.

Kage mataria em um terno. Espero nunca o ver em um, porque qualquer força de vontade que tenho ao redor do homem desmoronaria instantaneamente.

Um homem bonito em um terno bem ajustado é minha criptonita.

A linha toca apenas uma vez antes de ser atendida. Ninguém diz nada, então digo hesitante: — Alô? Kage? É Natalie.

Ele diz: — Você ligou.

Sua voz está rouca. Ele parece satisfeito e surpreso.

E aqui pensei que era uma conclusão precipitada.

— Liguei. Olá.

Eu deveria apenas enfiar meu sanduíche de peru na minha boca agora para não dizer algo estúpido. Posso sentir isso chegando. Ele faz meu cérebro virar mingau, como risoto cozido demais.

— Olá para você. Eu estava pensando em você.

Coração acalme-se. Controle-se. Jesus, você é patético. —
Oh? — Digo, tentando um tom indiferente.

— Sim. Meu pau está duro como uma rocha.

Eaaaí vem o calor em minhas bochechas. Maravilhoso.
Irei para a minha reunião parecendo que acabei de ser jogada
sobre uma mesa e transado com quase nada da minha vida.

— Posso te pedir um favor?

— Sim.

— Seu machismo feroz. Isso realmente mexe com meu
equilíbrio. Sinceramente, não sei como responder
adequadamente ao uso da palavra 'pau' cinco segundos após
o início de uma conversa. Especialmente quando é
acompanhado por 'rock hard'. Devo ter perdido aquele dia na
aula de etiqueta.

Há uma pausa, então ele ri. O som é profundo, rico e
totalmente maravilhoso.

— Você é engraçada.

— Isso é um sim?

— É um sim. Desculpas. Você acabou de me fazer...

— Conheço o sentimento.

— Você não sabe o que eu ia dizer.

— Tenso? Inseguro? Desequilibrado? Confuso?

Outra pausa. — Você sabia o que eu ia dizer.

— Estou bem assim.

— Com leitura de mentes?

— Com nomear emoções. É de toda a terapia que fiz.

Paro e fecho meus olhos, balançando minha cabeça com minha própria idiotice. Eu nunca tive esse problema com qualquer um dos homens que conheci, mas perto de Kage, não posso ser confiável para abrir minha boca. Coisas idiotas voam em todas as direções.

— Ajudou?

Ele parece interessado, então respondo honestamente.
— Na verdade. Eu ainda me sentia uma merda, só tinha adjetivos melhores para descrever.

Ouçó um farfalhar do outro lado da linha, como se ele estivesse se movendo. Então ele exala. — Lamento que você tenha passado por um momento tão difícil.

— Oh Deus. Por favor, não sinta pena de mim. Odeio pena mais do que qualquer outra coisa no mundo.

— Não é pena. É empatia.

— Não tenho certeza se eles são tão diferentes.

— Eles estão. Um é condescendente. A outra é entender o que alguém está passando porque você já passou por isso.

E você não desejaria esse tipo de sofrimento para ninguém. E você gostaria de poder torná-lo melhor.

Sua voz cai. — Eu gostaria de poder fazer isso melhor para você.

A emoção brota em meu peito, subindo para formar um caroço na minha garganta. Depois de engolir algumas vezes, digo baixinho: — Nesse caso, obrigada.

Depois de um momento em que não digo mais nada, ele murmura: — Se estiver tudo bem, gostaria de beijar você na próxima vez que te ver.

— Achei que deveria dar o primeiro passo.

— Você fez. Você me chamou. A bola está do meu lado agora. O que você diz?

Gosto que ele esteja pedindo permissão. Ele não parece ser um homem que pede permissão para nada.

— Digo... provavelmente. Mas não posso garantir isso. Meus sentimentos ao seu redor são bastante imprevisíveis. Eu poderia querer beijar você em um minuto e empurrá-lo para o trânsito no próximo. Teremos que tocar de ouvido a próxima música.

Ele ri. — É justo.

— Então... — respiro e reúno minha coragem. — Estou ligando para saber se você está livre esta noite.

Em sua pausa, sinto sua surpresa. — Você está me convidando para sair?

Gemo. — Dê-me um tempo, sim? Não sou boa nisso!

— Não sei, você parece estar indo muito bem. Profissional até.

Arrepio-me com seu tom malicioso. — Você está me provocando?

— Talvez um pouco.

— Bem, pare com isso!

— Desculpe, — ele diz, não soando nem um pouco arrependido. — Provocar é uma das minhas coisas favoritas.

A insinuação em sua voz me deixa paralisada. — Nós, ou não, apenas concordamos que você diminuiria?

Ele diz inocentemente: — Não tenho ideia do que você quer dizer.

Okay, certo. — Volte para esta noite. Está dentro?

Sua voz fica pensativa. — Não sei. Depende. Para onde você está me levando?

Coloco o telefone pela cintura, inclino a cabeça para trás e fecho os olhos. Depois de um momento, coloco o telefone de volta no ouvido.

— O que aconteceu? Perdi você?

— Ainda aqui. Apenas me sentindo mal por cada homem que já convidou uma mulher para um encontro.

— Não é divertido se expor, não é?

— É realmente miserável. Não sei como vocês fazem isso.

— Somos um grupo persistente. — Ele abaixa a voz. — E no meu caso, implacável.

A sala dos professores esvaziou. O almoço acabou e tenho uma reunião de equipe em dois minutos.

Eu não poderia me importar menos.

— Percebi isso em você. Logo depois de perceber que você tem uma tendência a dar meia-volta, o que pode causar uma chicotada em uma garota.

— Sim, mas você notou meu bíceps? Disseram que eles são impressionantes.

A jocosidade em sua voz me faz inclinar a cabeça. — Você está flertando comigo?

— Você parece tão surpresa quanto eu quando descobri que você faz biscoitos.

— É que você muda o humor como eu mudo os sapatos. Nunca conheci alguém que pudesse passar de fumegante a bobo tão rápido.

— Bobo? — Ele parece enojado. — Nunca fui bobo na minha vida.

— Muito macho, hein?

— Muito machista. Como você pode dizer.

Tenho que rir, porque ele está flertando comigo novamente. Um Kage alegre não é algo que eu esperava. — Você está de bom humor hoje.

— Você chamou. Você me convidou para sair. Você está obviamente indefesa contra meus muitos, muitos encantos.

— Não vamos nos deixar levar.

— O que significa que meu plano está funcionando perfeitamente.

— Que plano é esse?

Ele faz outra meia-volta, indo de brincalhão para escaldantemente sexy tão rápido quanto dois dedos estalando. Ele rosna: — Fazendo você ser minha.

Decidi que é uma boa hora para sentar. Afundo em uma cadeira à mesa e umedeço os lábios. Minha pulsação é um rugido como ondas do oceano quebrando em meus ouvidos.

— Você não está dizendo nada.

— Apenas recalibrando.

— Você já sabe que sou muito direto.

— O que eu não sabia é que não havia aviso. Nunca estou pronta para isso. Estaremos andando em uma velocidade normal, falando como dois semi-estranhos...

— Já falamos sobre isso. Não somos estranhos.

— Então do nada, *bum!* Christian Grey aparece e começa a estalar seu chicote de couro e comandos de latidos.

Há uma pausa momentânea, então Kage diz: — Não sei quem é esse Christian Grey, mas parece que eu gostaria dele.

É exatamente disso que tenho medo. — Preciso dizer algo antes de irmos para o nosso encontro.

— Isso soa ameaçador.

— É que você é muito intenso, Kage. Você é muito... provocativo. — O calor em minhas bochechas fica mais quente. — Sexual.

Ele espera por mais. Quando não continuo, ele pergunta com impaciência: — E?

— E eu não sou.

Depois de uma batida, ele diz em voz baixa: — Não posso dizer se você está dizendo que não gosta ou gosta.

— É um pouco complicado, na verdade.

Hesito, sem saber o quanto revelar, mas decido que é tarde demais para desistir. Se eu não queria falar sobre isso, não deveria ter tocado no assunto. — Se estou sendo

totalmente honesta, eu gosto disso. As coisas que você diz me chocam, mas também...

Sua voz cai mais uma oitava. — O quê?

Com meu pulso latejando, eu sussurro: — Ligam-me.

O silêncio estala. Ouço-o respirando. É diferente de antes.

— Preciso que você saiba que nunca vou te machucar. Preciso que você confie nisso. Para confiar em mim, sem reservas. Até que você possa, tudo isso é com você. Você dá as cartas. Você faz as regras. Você tem minha palavra de que não farei nada que você não me peça especificamente para fazer.

Recuso a ideia de ter que pedir algo especificamente a ele. — Veja, é exatamente isso. Não sou, hum...

Seja uma garota crescida, Natalie. Apenas diga a ele a verdade.

Mantendo minha voz o mais uniforme possível, digo: — Não tenho certeza se posso ser tão direta quanto você. Verdade seja dita, sou muito conservadora. — Limpo o sapo da minha garganta. — Na cama.

Com a voz rouca, ele diz: — Você acha que não sei disso?

Meu estômago afunda. — É tão óbvio?

— O que é óbvio é que você é tão doce, só quero afundar meus dentes em cada centímetro de você. Se você está preocupada em me decepcionar, não fique. Você é perfeita. Você é um sonho molhado. Se você não gosta de algo que digo ou faço, diga-me. Quero tudo sobre a mesa, porque não quero fazer algo sem saber para foder com tudo isso. Isso significa que você vai ter que se comunicar comigo, seja bom ou ruim.

Ele ri. — Na qual, até agora, você tem sido muito boa.

Estou sem fôlego e a única coisa que faço é me sentar.

Preciso ver um médico sobre minha aptidão cardiovascular.

Kage deve saber que não estou preparada para uma resposta coerente neste ponto, porque ele mostra misericórdia tornando-se profissional.

— Tudo bem, Sra. Peterson. Aceito sua oferta para um encontro. A que horas você vai me buscar?

— Eu? Pegar *você*? Espere...

— Você está certa, eu deveria dirigir. Não se pode confiar nas pessoas que queimam biscoitos tão mal ao volante de um carro.

Eu ri. — Oh, então você quer que eu me comunique com você? É aqui que digo a você para não ser um idiota chauvinista.

— Você não estava brincando sobre perder aquele dia na aula de etiqueta.

— Perdi aquela sobre não ser um espertinho e brincação também.

Mais uma vez, ele puxa um cento e oitenta, indo da luz à escuridão como mercúrio.

— Não se preocupe, — ele diz em uma voz dura e dominante. — Vou corrigir esse mau comportamento. Vou corrigi-lo uma e outra vez com a palma da minha mão em sua bunda nua até que você esteja se contorcendo no meu colo e me implorando para deixá-la gozar.

Então ele me diz que vai me pegar às seis e desliga na minha cara.

13

Nat

Quando Kage bate na minha porta às seis, estou calma e pronta.

Ha!

Na verdade, estou uma pilha de nervos, mas estou decidida a não demonstrar.

Quando abro, o encontro de pé na minha varanda em seu conjunto de denim, couro e lã de luxo que é sua marca registrada. O sobretudo que ele está usando provavelmente custou mais que o meu carro.

Seu cabelo rebelde está domesticado. Sua expressão é severa. Em uma de suas grandes patas, ele segura um buquê de delicadas flores brancas envolto em uma fita de cetim branca.

É um gesto inesperadamente doce. Cortês. Tenho dificuldade em imaginá-lo em uma floricultura, escolhendo caules individuais, mas o buquê obviamente não é uma

daquelas coisas pré-fabricadas de supermercado. Parece mais com seu guarda-roupa: simples, mas caro.

Este é um homem que cuida quando escolhe as coisas.

— Oi, — digo, me sentindo tímida. — Você parece bem.

— Não tão bem quanto você. — Ele estende as flores.

Pego-as dele e o convido a entrar. — Vou colocar na água e pegar meu casaco, e podemos ir andando.

Kage fecha a porta enquanto vou para a cozinha em busca de um vaso. Encontro um em um armário sobre a geladeira. Encho-o com água, removo o filme plástico e a fita do buquê e reconto os caules das flores.

Então tento não ficar inquieta enquanto arrumo as flores no vaso e Kage fica a meio metro de distância, bebendo-me como se ele fosse um cacto em um deserto devastado pela seca e sou a primeira chuva de primavera.

Estou tão perturbada com a intensidade do seu olhar que as comportas se abrem.

— Você desligou na minha cara antes que eu pudesse dizer que Sloane e o namorado dela vão se juntar a nós. Na verdade, não tenho certeza se ele é tecnicamente o namorado dela. É assim que o chamo porque não existe um termo educado para 'sabor do mês'. Ela passa por homens como lenços. Não que eu a esteja julgando. Não estou. Só estou dizendo que ele estará lá. Esse cara. Ah, e alguns de seus

amigos também, aparentemente. Espero que esteja tudo bem. Sei que este era para ser *nosso* encontro, mas na verdade, é um encontro duplo. Quer dizer, ainda é o nosso encontro, só que mais pessoas vão...

Kage estende a mão e agarra suavemente meu pulso. — Fácil, — ele murmura. — Respire.

Fecho meus olhos e faço exatamente isso. — Desculpe. Normalmente não sou tão tensa.

— Eu sei. Nem eu.

Quando abro meus olhos e olho para ele, ele está olhando para mim com tanto desejo queimando em seus olhos que por um segundo, perco o fôlego.

Ele pega a tesoura de cozinha da minha mão, coloca-a no balcão e me puxa para ele, seu aperto em meu pulso ainda suave. Persuadindo, não exigindo.

Um — por favor, — não um comando.

Ele envolve meus braços em volta de seus ombros, agarra minha cintura e puxa nossos corpos juntos, e olha para mim.

Com a voz baixa, ele diz: — Não parei de pensar em você desde o dia em que nos conhecemos. Não sou uma pessoa obcecada por coisas, mas sou obcecado por você. Ao ponto de distração. Ao ponto de interferir no meu trabalho. Não consigo tirar você da minha cabeça e tentei. Difícil. Foi inútil. Então

desisti de tentar. Não vou jogar com você. Não vou tentar mantê-la adivinhando. Já disse o que sinto e o que quero. Vou continuar fazendo isso até que você se sinta segura o suficiente para dar o próximo passo ou você se cansar e me dizer para ir me foder. Não há necessidade de ficar nervosa perto de mim. Sou o homem menos imprevisível que você já conheceu. O que quero de você não mudará se você disser a coisa errada. Isso não mudará se você ganhar peso, cortar o cabelo ou decidir se tornar vegana. Não vai mudar, mesmo se você disser que nunca mais quer me ver de novo e seguirmos caminhos separados. Eu honraria esse pedido, mas não me faria parar de querer você. Mas você deve saber...

Ele hesita. — Você deve saber que não sou um bom homem.

Estou presa em seu abraço. Meu coração está batendo como um martelo. Sinto como se o chão tivesse caído sob meus pés, ou que eu estivesse caindo em queda livre pelo espaço, e é tudo por causa de suas palavras e seu cheiro e seu corpo quente e forte pressionado contra o meu.

Se e quando ele me beijar, estou frita.

— Um homem mau nunca avisaria a uma mulher que ele queira que ele não é bom.

Frustrado com isso, ele balança a cabeça. — Não é uma hipérbole. É a verdade.

— Não acredito em você.

— Você deve.

— E se eu disser que não me importo?

— Então eu diria que você estava sendo tola.

Olhamos um para o outro, nariz com nariz, ambos respirando com dificuldade. Seria necessário apenas uma ligeira curvatura de seu pescoço para que sua boca estivesse na minha.

De repente, quero tanto isso que me deixa sem fôlego.

— Você prometeu que nunca me machucaria. Isso era verdade?

Ele responde instantaneamente. — Sim.

— Então você está sendo mau... isso é sobre outras pessoas?

Ele luta por um momento em silêncio, as sobrancelhas franzidas, parecendo tão bonito que dói. — É sobre o meu trabalho. Meu estilo de vida. Minha *vida*.

— Você está me dizendo que é um criminoso.

Novamente, ele responde instantaneamente. — Sim.

Se meu coração bater mais rápido, vou cair morta. — Quão grande é um criminoso?

— O maior. O pior. O pior.

— Isso não faz sentido. Que tipo de criminoso sairia por aí anunciando que ele é um vilão?

Sua voz fica dura. — O tipo que precisa da mulher, mas quer que ela entenda no que está se metendo.

Rio um pouco, confusa e frustrada. — Então agora você está tentando me assustar?

— Estou tentando educar você.

— Posso perguntar por quê?

Sua voz fica áspera. — Porque uma vez que você está na minha cama, você é minha. E é isso. Assim que tiver você, nunca mais vou deixá-la ir. Nem mesmo se você me pedir.

Olhamos um para o outro. Depois de um momento, digo: — Uau. Ainda nem tivemos nosso primeiro encontro.

Ele rosna: — Este é quem sou. A única coisa ruim *que não* faço é mentir. Nunca vou mentir para você, mesmo sabendo que você vai odiar isso.

Ele está agitado, vejo isso claramente. Agitado e irritado, seu temperamento exaltado.

Isso não me assusta. Em vez disso, isso me intriga profundamente. Assim como tudo o que ele disse.

Todo aquele dinheiro que gastei em terapia... que desperdício.

Digo: — Tudo bem. Digamos que eu aceite o que você está me dizendo. Digamos que avancemos com a suposição de que sei que você está na lista de travessuras do Papai Noel.

Ele suspira, fechando os olhos. — É muito pior do que isso.

— Por favor, pare de me interromper. Estou tentando dizer algo.

Ele abre os olhos e olha para mim, seus olhos brilhando. Um músculo se contrai como um louco em sua mandíbula cerrada.

Fascinada por aquele músculo rebelde, traço-o com a ponta do dedo.

Ele se acalma sob meu toque, tanto que parece que parou de respirar.

Digo baixinho: — Minha vida inteira fui boa. Tomei todas as decisões certas. Não fiz nada tolo ou selvagem. Mesmo quando era criança, seguia todas as regras. Nada disso me protegeu do pior que a vida tinha a oferecer. Ser boa não me impediu de me machucar, ficar deprimida ou desejar mais dias do que não ter coragem de me matar para escapar da dor. Que você é honesto o suficiente para me dizer o que acabou de fazer... suponho que deveria me deixar com medo, mas em vez disso, me faz sentir mais segura. Isso me faz querer confiar em você. Porque a verdade é sempre muito

mais difícil do que inventar algo bonito. Prefiro a verdade feia a uma bela mentira. Então, vamos continuar nosso encontro como duas pessoas normais. Vamos nos divertir. Depois disso, vamos viver um dia de cada vez. Uma hora de cada vez, se for necessário. Não há necessidade de resolver tudo esta noite. OK?

Ele me olha em um silêncio tenso por um longo momento. Vejo as rodas girando atrás de seus olhos. Então ele balança a cabeça, relutante, como se concordar em continuar me vendo fosse contra seu melhor julgamento.

Isso também me faz sentir mais segura com ele.

Ninguém verdadeiramente mau colocaria o bem-estar de outra pessoa antes do seu.

Narcisistas e psicopatas não agem dessa forma.

Sentindo-me ousada, envolvo meus braços em volta de seus ombros novamente e me estico contra ele como um gato. — Então... esse beijo que você mencionou antes no telefone.

Seus olhos brilham com calor. Ele range os dentes de trás e não diz nada.

Sorrio para ele, sabendo exatamente como minhas palavras o afetaram, sentindo uma onda de poder inebriante com a ideia de que algo tão pequeno poderia fazer um homem como ele perder o controle.

— Se bem me lembro, você disse que eu teria que pedir explicitamente o que quero.

Seus cílios baixam. Muito lentamente, ele exala. Ele retumba em seu peito como o som que um urso faria. Ele rosna: — Você está perguntando?

Finjo pensar por um momento, franzindo os lábios. — Não sei. Estou?

Seus olhos ficam pretos. Preto assassino. Negro de pessoa maluca.

A única reação que sai de mim é me fazer sorrir mais.

Mortalmente suave, ele diz: — Cuidado, linda garota.

Adoro quando ele me chama assim. Isso faz todos os meus espaços vazios se encherem de luz branca crepitante e começar a cantar.

Olhando em seus olhos ardentes, sussurro: — Não. Acho que cansei de ser cuidadosa. Então, eu gostaria que você me beijasse n....

Kage esmaga sua boca na minha.

Seu beijo é selvagem, exigente, quase assustador em sua intensidade. É como se ele quisesse rastejar dentro da minha alma pela minha boca. Ele coloca a mão no meu cabelo e mantém minha cabeça firme enquanto bebe profundamente, fazendo pequenos grunhidos de prazer, seu grande corpo duro pressionado contra o meu.

Meu pulso latejando e minha pele em chamas, afundo minhas mãos em seus cabelos e o deixo pegar o que ele é tão ávido.

O beijo continua e continua até que tenho certeza que não vou conseguir ficar de pé.

Então ele se afasta de repente e fica me segurando com os olhos fechados e seu peito arfando, a mão que ele tem em punho no meu cabelo não relaxa seu aperto nem um centímetro.

Quando ele exala, é um gemido.

Quero gemer também, mas sou incapaz de um pensamento coerente no momento.

Nunca, nunca fui beijada assim.

Eu não tinha ideia do que estava perdendo.

Ele desliza a mão pela minha cintura até meu quadril, que ele aperta. Em seguida, ele desliza a mão do meu quadril até a minha bunda e pega um punhado, apertando também. Ele me puxa ainda mais perto, então nossas pélvis estão pressionadas juntas, então sinto cada centímetro de sua excitação.

Respirando com dificuldade, ele coloca a boca contra meu ouvido. — Foda-se. Preciso comer você no jantar esta noite.

Provavelmente porque estou tão tonta, começo a rir. — Oh, não, Romeu. Você não pode pular a parte de comer e beber deste namoro. Você terá que me pagar um ou dois jantares caros antes mesmo de chegar à segunda base. Caso você não tenha notado, sou antiquada.

Ele morde meu pescoço.

Não é difícil, mas me faz engasgar de qualquer maneira. Em seguida, ele suaviza a mordida com um beijo suave, acariciando minha garganta enquanto faz um barulho estrondoso muito próximo de um ronronar.

Seus lábios são como veludo. Sua língua é extraordinariamente quente e macia. O arranhão de sua barba áspera contra a minha pele me dá arrepios. Tremo, sentindo um calor escaldante e um frio glacial e muito vivo.

Ele encontra minha boca novamente, encaixando seus lábios nos meus. Desta vez, o beijo é mais suave, mas não menos apaixonado.

Há uma surpreendente profundidade de emoção na maneira como ele beija. Na maneira como ele me segura contra seu corpo, como se ele nunca quisesse me deixar ir.

Acho que ele estava dizendo a verdade sobre não estar com outra mulher desde que me conheceu.

Ele está com tanta fome de mim que está prestes a se partir em dois.

Ele é o primeiro a quebrar o beijo novamente. Quando ele faz isso, ele enterra o rosto no meu cabelo. Ele inala profundamente, depois exala com um suspiro.

Sussurro: — Para um cara que alega ser um criminoso terrível e assustador, você é um grande molenga.

— Apenas para você.

Sua voz é grossa e suas mãos estão tremendo, e puta merda, nunca me senti tão elétrica em minha vida. Ele me faz sentir como se fosse feita de crack. Como se eu tivesse fogo correndo em minhas veias em vez de sangue.

Como se tudo fosse possível.

— Kage?

— Sim, Baby?

Baby. Estou morta. — Diga-me seu sobrenome.

— Porter.

— Obrigada. Olhe para nós, já fazendo progressos. Em breve, saberei todos os seus segredos mais sombrios.

Ele levanta a cabeça e me encara. Meu sorriso é feliz e amplo.

Parecendo muito sério, ele tira meu cabelo da minha bochecha. Ele diz com uma voz rouca: — Vou ter que fazer você se apaixonar por mim antes de contar todos os meus segredos mais sombrios.

— *Faça você se apaixonar por mim.* — Ele continua aumentando a aposta nesta conversa. Pensei que estava morta há dez segundos, mas agora estou enterrada a dois metros abaixo do solo.

— Oh sim? Por que isso?

— Então você não vai me deixar... mesmo que você queira.

Enquanto olho profundamente em seus olhos, meu sorriso desaparece. Uma sensação quente de formigamento, como uma corrente de eletricidade, percorre meu corpo. O chão parece estar se mexendo sob meus pés.

Sussurro: — Então, não me conte seus segredos ou não me faça me apaixonar por você. Porque uma vez que caio, mesmo a morte não pode me fazer cair.

Ele me encara por um longo e longo tempo, sua mandíbula trabalhando. Quando ele finalmente fala, seu tom é seco.

— Duas coisas.

— Que são?

— Número um: vou fazer você se apaixonar por mim. Não é nem uma pergunta.

Solto uma risada pequena e surpresa.

A coragem deste homem. Em nome das feministas em todos os lugares, quero dizer a ele para enfiar suas suposições arrogantes na bunda.

Mas também... uau. Apenas *wow*.

Porque sei que é a verdade honesta de Deus. Ele *está* indo para me fazer cair no amor com ele.

E não acho que haja nada que eu possa fazer para impedir que isso aconteça.

Ele diz: — Junto com o fato de que não vou mentir para você, isso significa que guardarei muitas informações para mim mesmo. Considere este aviso justo.

Fecho meus olhos e expiro. — Deus, você é intenso.

— Número dois.

Quando ele fica em silêncio, abro meus olhos e olho para ele. Ele está olhando para mim com uma expressão dura em seus olhos, como se o pensamento de algo o estivesse realmente irritando.

Acho que sou eu, até que ele diz: — Ele não merecia você.

Surpreso com isso, rio. — Não estávamos realmente juntos. Quer dizer, nós só namoramos por umas oito semanas

— Não me refiro a Policial de Merda.

Ele não está falando sobre Chris? Então quem mais...

Quando percebo a quem ele se refere, meu coração dá um salto.

Vendo a expressão no meu rosto, Kage balança a cabeça. — Sim. Seu noivo desaparecido. Ele não merecia o tipo de lealdade que você mostrou a ele.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer uma mulher como você, cinco anos da sua vida esperando? — Ele balança a cabeça como se estivesse com nojo. — Nenhum homem merece isso.

— acredite em mim, se eu pudesse ter desligado, eu teria. Acho que sou apenas um tipo de garota leal.

— Então não acabou? Você ainda está apaixonada por ele?

Ele me olha tão de perto que sinto que ele vê todos os cantos ocultos da minha alma.

Eu sussurro: — Acabou. Você sabe como sei?

— Como?

— Porque se não fosse, eu não sentiria nada do que sinto por você.

Seu olhar procura meu rosto. Ele está tenso e silencioso, imóvel, até que finalmente ele solta o fôlego e pressiona um beijo áspero em meus lábios.

— Bom, — diz ele ríspidamente. — Porque eu não divido, porra. Agora vamos jantar antes que eu arranque seu vestido.

Ele pega minha mão, pego meu casaco da cadeira da cozinha e vamos para o restaurante.

Deixamos nossos casacos na porta. Uma anfitriã nos diz que os outros membros do nosso grupo já chegaram e nos leva até nossa mesa.

No momento em que entramos na sala de jantar principal e Kage vê os três homens sentados com Sloane, sei que vai ser uma noite interessante.

Já vi seus olhos ficarem pretos antes, mas isso é algo totalmente diferente.

Nat

Na verdadeira forma de Sloane, ela parece fantástica. Ela está usando um vestido branco curto e justo que expõe hectares de decote e um par de saltos agulha vermelhos *foda-me* que mostram suas pernas.

Todos os homens que estão com ela usam ternos pretos idênticos com camisas brancas e gravatas pretas.

Eles são todos jovens e bem construídos. Todos eles têm cabelos escuros penteados para trás. Não sei dizer de quem é o relógio de ouro maior.

Se não fosse pelas tatuagens combinando nos nós dos dedos e nas costas das mãos, eu pensaria que eles eram corretores da bolsa.

Ou agentes funerários.

— Você está bem? — Pergunto a Kage, de pé rigidamente ao meu lado na entrada da sala de jantar.

Ele olha tão fixamente para os três homens que estou surpresa que eles não explodam.

Ele diz: — Você os conhece?

— Não. Nunca conheci nenhum deles antes. Por quê?

— Porque são problemas.

Mas não muitos problemas para ele lidar, aparentemente, porque ele já está me puxando para a mesa deles.

Quando Sloane me vê, ela sorri e acena. Os homens que a cercam olham para nós.

Então algo estranho acontece.

Ao colocar os olhos em Kage, cada um deles cai perfeitamente imóvel. Seus olhos se aguçam. Embora nenhum mova um único músculo, eles ganham uma vantagem em sua postura, como se estivessem prontos para lutar.

— Hum... Kage?

— Não importa o que aconteça, deixe-me cuidar disso. Você vai ficar bem.

— Por que sinto que estamos entrando na cova de um leão?

Sua risada é sombria e sem humor. — Não estamos. Eles estão.

De alguma forma, isso não me conforta.

Antes mesmo de chegarmos à mesa, os três homens estão de pé. Sentindo a mudança repentina na atmosfera, Sloane olha para trás e para frente entre eles e nós, suas sobrancelhas levantadas.

— Ei, querida, — ela diz para mim, sua voz neutra. Mesmo se ela estivesse nervosa – o que ela não está, ela nunca perde a calma – ninguém ouvindo saberia. — Você está maravilhosa. Kage, bom ver você de novo.

Ela sorri para ele. Ele envia a ela um aceno superficial.

Ela se vira para o homem à sua direita. Ele parece o líder dos três, embora eu não saiba como sei disso. Ele apenas tem um ar de poder sobre ele. Como se ele estivesse acostumado a dar as cartas.

Ela diz: — Nat e Kage, este é Stavros. Stavros, Nat e Kage.

Digo: — Olá, Stavros. Prazer em conhecê-lo.

Ele não responde. Ele e Kage estão muito ocupados lançando um olhar estranho. Então Sloane se volta para os homens do outro lado dela. — E estes são Alex e Nick.

O mais curto diz — Alexei.

O outro também a corrige com um breve — Nickolai.

Ambos estão olhando para Kage quando falam.

Sloane me lança um olhar perplexo, como se dissesse: *Isso é novidade para mim.*

Finalmente, Stavros tira o olhar de Kage. Do canto do meu olho, vejo Kage sorrir.

Sei o que ele está pensando: ele fez Stavros piscar primeiro.

Tenho a sensação de que esta será uma longa noite.

Muito formal e sério, Stavros me diz: — Natalie. É um prazer conhecê-la. Sloane me falou muito sobre você. Sinto que já te conheço tão bem.

Há um leve toque de insinuação em sua voz quando ele diz a última parte. Em torno de seus lábios aparece um sorriso leve e provocador. Ele me olha de cima a baixo, sem pressa, gostando.

Aquele crepitar à minha esquerda é Kage, eriçado.

Aperto sua mão e digo agradavelmente: — Obrigada, Stavros. Sloane também me falou sobre você. — Viro-me para os outros dois. — É um prazer conhecer vocês dois também.

Eles baixam o queixo para mim em uníssono, mas não tiram os olhos de Kage.

Pelo amor de Deus. Em um instante, perco a paciência com a estranheza.

Dirijo minha pergunta a Stavros. — Há um problema aqui? Porque fico feliz em sentar em outra mesa, se houver.

Sloane protesta, enquanto a surpresa brilha nos olhos de Stavros. Ele rapidamente anula, então diz suavemente: — Claro que não. Por favor, junte-se a nós.

Ele senta. Os outros dois seguem. Então Kage puxa minha cadeira, inclinando-se sobre mim enquanto me sento e murmurando: — E você diz *que sou* direto.

Murmuro de volta: — A vida é muito curta para enfrentar competições de urina.

Ele tenta suprimir um sorriso, mas não sinto falta.

No momento em que todos estão sentados, a estranheza começa novamente. Nem mesmo recebi um menu quando Stavros disse a Kage: — Você tem família aqui?

Que pergunta estranha. É com isso que ele conduz? E por que parece que ele está realmente perguntando outra coisa?

A situação fica ainda mais estranha com a resposta de Kage.

— Aqui, em Boston, em Chicago e em Nova York.

— Nova York? — Diz Stavros, sua voz um pouco mais nítida. — Onde em NY?

— Todos os cinco bairros. Mas principalmente Manhattan. — Seu sorriso é brando. — Foi de lá que eu vim.

Veio? Ele não quer dizer cresceu?

Alexei e Nickolai se entreolham.

Sloane e eu trocamos olhares sobre a mesa.

Kage e Stavros não olharam para mais ninguém.

Com sua voz não traindo nada, Stavros diz: — Eu também sou de Manhattan. Talvez eu conheça sua família. Qual é o seu sobrenome?

Farta de tudo o que está acontecendo, decido responder por ele. — É Porter. Certo, Kage?

Após uma pausa de silêncio, Kage diz suavemente, — Porter é a versão anglicizada. Quando meus pais vieram da Rússia para este país, era Portnov.

O congelamento repentino que atinge Stavros, Alexi e Nickolai é ártico.

Com o rosto drenado de sangue, Stavros sussurra: — Kazimir?

Kage não responde. Ele simplesmente sorri.

Depois de um momento, seu rosto branco e seu tom moderado, Stavros diz: — *Ja izvinjajus. Ja ne xotel vas oskorbit.* ¹⁰

Kage responde com um aceno de cabeça majestoso. — Desculpas aceitas. Vamos comer.

Estou muito ocupada juntando dois mais dois para comer.

Sempre fui péssima em matemática, mas essa equação é muito óbvia para perder, mesmo para mim.

Quando Kage me disse que ele era um criminoso, ele não se referia ao tipo de jardim. Seu criminoso comum não compra casas com dinheiro ou pilota seu próprio avião ou assusta a merda da vida de três caras que parecem assustar a merda da vida de todo mundo.

Seu criminoso comum não entende russo.

O tipo de crime no qual Kage está envolvido é organizado.

E pelo jeito das coisas, ele está comandando a organização.

Umedeço meus lábios, coração martelando. Percebendo minha ansiedade repentina, Kage me entrega meu copo de água e ordena: — Beba.

¹⁰ Sinto muito. Eu não queria te ofender.

Termino a coisa toda, desejando que seja vodka.

Enquanto isso, Sloane assiste ao desenrolar dos eventos como se estivesse sentada na primeira fila de uma peça esgotada da Broadway para a qual ela tem ingressos há meses.

Não há nada que a garota ame mais do que drama.

Bem, idiota. Mas também drama.

Ela diz alegremente: — Isso não é divertido! Vocês se conhecem! Um mundo tão pequeno, você não acha?

Os três russos não dão uma espiada.

Kage ri.

Fico quieta e tento não deixar meu cérebro vazar por todo o vestido.

Kage está na máfia.

O primeiro homem por quem tive sentimentos em mais de cinco anos é um *mafioso russo*.

Se eu não tivesse azar, não teria sorte nenhuma.

O garçom chega para anotar nossos pedidos de bebida. Kage diz a ele para trazer a lista de vinhos. Em seguida, ele pede dois copos de Caymus Chardonnay para mim e Sloane. É o mesmo vinho que bebíamos no Downrigger na noite em que o vi pela primeira vez.

Estou tendo a impressão de que ele não perde muito.

Isso deve ser útil em seu ramo de trabalho.

Quando o garçom pergunta a Stavros o que ele gostaria de beber, ele diz que ele e seus companheiros terão tudo o que Kage está pedindo.

A mesa fica em silêncio quando o garçom sai. Eu diria um silêncio incômodo, mas os russos e eu somos os únicos que parecem inseguros. Kage parece um rei segurando uma corte, e Sloane parece que está se divertindo.

Ela apoia o cotovelo na mesa e sorri para ele. — Gosto de seus anéis, Kage. Essa caveira é foda.

Ele olha para ela. Depois de um momento, ele exala uma respiração curta pelas narinas. É uma risada, mas parece dizer que ele sabe que ela é um problema.

— Obrigado.

— Qual é o outro? A coisa do sinete.

Ele desliza o dedo e o estende para ela. Ela o pega, então o examina com os lábios curvados.

— *Memento mori*, — ela lê. — O que isso significa?

— Lembre-se da morte.

Assustada, ela olha para ele. Os russos de cada lado dela sentam-se perfeitamente imóveis, suas expressões em branco e suas posturas rígidas.

Também estou sentada, mas meu coração definitivamente não está. Está prestes a sair do meu peito.

Sloane faz uma careta. — Lembra-se da morte? Isso é mórbido.

— É latim. Traduzido literalmente, é 'Lembre-se de que você deve morrer'. Diz a lenda que os antigos imperadores romanos costumavam contratar escravos para sussurrar isso em seus ouvidos durante os desfiles da vitória para que fossem lembrados de que os prazeres terrenos são passageiros. Que não importa o quão poderoso ou grande seja um homem, a morte acabaria por encontrá-lo.

Ele muda seu olhar para Stavros. Seus lábios se erguem em um pequeno sorriso. — A morte eventualmente encontra todos nós.

— Era para ser um motivador para levar uma vida significativa. Também criou um grande movimento artístico que teve seu apogeu no século XVI.

Todos olham para mim.

Engulo. Minha garganta está seca como osso. Meu corpo inteiro parece uma escultura memento mori, sabendo como agora sei exatamente quem é Kage.

O que ele é.

— Crânios, comida em decomposição, flores murchando, bolhas, ampolhetas, velas derretendo... A arte memento mori

apresenta simbolismo sobre a efemeridade da vida. — Olho para Kage. Minha voz só treme um pouco. — Todos os mesmos símbolos que você tatuou em seu corpo.

Seu olhar em mim é suave, assim como sua voz quando ele responde. — Entre outros.

Sim, eu vi os outros. Quando o espiei batendo no saco de pancadas pela janela da sala.

— Como aquelas estrelas em seus ombros. O que isso significa?

— Alto escalão.

Sussurro: — Na máfia.

Ele nem perde o ritmo. — Sim.

Oh Deus. Como é essa minha vida?

Parecendo interessada e nada surpresa com este desenvolvimento bizarro, Sloane rola o anel de Kage entre os dedos. — O que a máfia estaria fazendo em Lake Tahoe? Motos de neve?

Kage diz: — Jogo de azar. Desviar de cassinos, aqui e em Reno. Executando operações de jogos ilegais. — Com um pequeno sorriso letal, ele olha para Stavros. — Não é verdade?

Stavros se senta rigidamente em sua cadeira, parecendo que gostaria de estar em qualquer outro lugar na terra. — Exclusivamente on-line.

Quando Kage levanta as sobrancelhas, Stavros pigarreja e ajusta a gravata. — Possuo uma empresa de software.

— Ah.

Quando ele não adiciona mais nada e continua a dar a Stavros um olhar desafiador, Stavros baixa o olhar para a mesa.

Ele murmura: — Teremos o prazer de prestar homenagem a Maxim qualquer quantia que ele considere justa para continuar as operações.

— Em atraso, também.

Um músculo da mandíbula de Stavros funciona. — É claro.

Digo: — Maravilhoso. Ainda bem que temos tudo planejado. Por favor, me dê licença por um momento.

Empurro minha cadeira para trás e caminho em direção à entrada do restaurante, minhas bochechas queimando e meu pulso voando. Não sei exatamente para onde estou indo, só que precisava sair daquela mesa.

Eu sabia.

Eu *sabia* que ele era perigoso no momento em que coloquei os olhos nele.

A questão é: por que não fugi?

No estande da recepcionista, faço uma curva abrupta à direita em direção aos banheiros. O corredor continua passando pelas duas portas, terminando em outra porta que empurro.

Encontro-me em uma sala de descanso de funcionários. Uma mesa quadrada rodeada de cadeiras está situada no meio da sala. Há uma pilha de armários de metal em uma parede. Uma TV está pendurada na outra. Além de mim, está deserto.

Antes que eu possa desabar na cadeira mais próxima, Kage irrompe pela porta.

— Pare, — digo com firmeza, sacudindo meu dedo para ele quando ele se aproxima. — Fique ali mesmo. Não dê mais um passo.

Ele ignora isso e se aproxima.

— Estou falando sério, Kage! Ou é *Kazimir*? Não quero falar com você agora!

Ele rosna: — Também não quero falar com você, — e me agarra.

Meu grito de surpresa é interrompido por um beijo duro e exigente.

Ele puxa minha cabeça para trás com uma mão em meu cabelo e destrói minha boca até eu ficar sem fôlego. Ele tem um dos meus braços preso atrás das minhas costas, segurando-me firmemente pelo pulso, mas minha outra mão empurra seu peito.

É inútil. Ele é muito forte.

Ele me beija até que eu faça um pequeno som de súplica na minha garganta. Então ele se afasta, respirando tão forte quanto eu.

Ele diz asperamente: — Você sabia que eu não era um menino de coro.

— Se você acha que isso está te livrando do anzol, pense novamente.

— Eu disse que não era um bom homem.

— Você não me disse que era o chefe da máfia russa.

— Não sou o cabeça. — Ele faz uma pausa. — Ele está na prisão. Sou o segundo em comando.

— Jesus!

— Ninguém é perfeito.

Minha risada é cáustica. — Sério? Esse é o seu argumento de por que eu deveria continuar vendo você?

Seus olhos brilham. Há algo perigoso em seu olhar. Algo animal.

Nunca o vi mais bonito.

Ele rosna: — Não. *Este* é o meu argumento de por que você deve continuar me vendo.

Ele me beija de novo, tão vorazmente que estou curvada para trás na cintura.

Parte de mim quer fugir. Quer morder a língua e dizer a ele para voltar para qualquer inferno de onde ele veio e me deixar em paz para sempre.

A maior parte de mim – a parte mais estúpida, aparentemente – quer tudo que ele tem para me dar e não dá a mínima para qualquer outra coisa.

É realmente uma pena que eu não tenha feito sexo por tanto tempo. Acho que minha vagina triste e solitária sequestrou todo o meu corpo.

Ele me empurra contra a parede. Sua boca é quente e exigente. Suas grandes mãos percorrem todo meu corpo, apertando e acariciando, reivindicando.

Meus braços encontram o caminho em torno de seus ombros largos. Beijo-o de volta, com a mesma fome que ele está me beijando, minha ambivalência colocada de lado por um momento. O puro prazer de saboreá-lo e senti-lo contra mim de repente tem prioridade sobre todo o resto.

Posso odiá-lo mais tarde. No momento, estou fora de mim.

É por isso que as pessoas tomam decisões ruins no amor.

Essa sensação de euforia. Essa sensação de latejar, queimar a pele e revelar a alma de estar tão completamente vivo. Esse prazer que começa como uma dor e explode em fogos de artifício com algo tão simples como um toque.

Essa sensação crua e profunda de que não importa o quão errado esteja, ainda está totalmente certo.

Kage enfia a mão por baixo do meu vestido e entre as minhas pernas.

No meu ouvido, ele diz rispidamente: — Vá em frente. Diga que você não me quer. Diga que você não quer me ver novamente. Diga-me qualquer mentira que quiser, mas esta doce boceta vai me dizer a verdade. Você está encharcada até a porra da calcinha.

quero gritar de frustração.

Mas só porque ele está certo.

Quando ele toma meus lábios novamente, gemo em sua boca. Isso o faz rosnar. Ele me beija profundamente, esfregando a mão contra minha calcinha, até que meu corpo assume o controle e meus quadris começam a se mover.

Bochechas queimando, corpo tremendo, separo minhas coxas e balanço contra sua mão.

Ele diz calorosamente em meu ouvido: — Você quer minha boca, não é, linda garota? Você quer que eu coma essa bocetinha molhada até que você goze na minha cara.

Murmuro uma negação. Isso só o faz rir.

— Sim, você quer. — Quando ele belisca meu clitóris inchado através do algodão da minha calcinha, empurro, gemendo. Isso o deixa ainda mais quente.

Ele sussurra: — Sim, você quer, merda. Você quer minha língua, meus dedos e meu pau, tudo ao mesmo tempo. Você me quer exatamente tanto quanto quero você. Você quer me dar tudo de você, e isso me deixa louco porque sei que você não dá isso a mais ninguém.

Ele desliza os dedos sob a minha calcinha, acariciando minhas dobras molhadas, provocando o botão do meu clitóris com o polegar.

— Diga a palavra e vou ficar de joelhos e fazer você gozar. Vou fazer você gozar com a minha boca, então vou te foder contra esta parede e fazer você gozar no meu pau enquanto chupo seus seios perfeitos.

Estou ofegante. Delirante. — Alguém vai nos ver. Alguém entrará.

— Tranquei a porta.

Ele desliza seu dedo profundamente dentro de mim.

Arco minhas costas, ofegando e segurando seus ombros.
— Kage.

— Sim, Baby, diga meu nome quando eu te fizer gozar.

Sua voz é um estrondo rouco no meu ouvido. Seu cheiro está no meu nariz. Ele é grande e quente e está ao meu redor, me dominando, fazendo minha visão embaçar e meu sangue virar fogo.

Quando ele me beija de novo, desisto.

Com um pequeno gemido, dobro meu joelho e deslizo minha perna até seu quadril. Isso me abre mais. Ele responde com um grunhido de aprovação do fundo do peito e me beija com tanta força que fico tonta.

Então ele começa a trabalhar seu dedo grande para dentro e para fora enquanto esfrega pequenos círculos sobre meu clitóris com a ponta áspera de seu polegar.

Não demora muito. Estou com muita fome. Muito carente. Muito desesperada por ele.

Quando meu orgasmo atinge, me perco.

Minha cabeça cai para trás. Grito. Convulsiono contra ele, meus ombros pressionados contra a parede e minha pélvis sacudindo contra sua mão. Contrações fortes e rítmicas em meu núcleo me abalam continuamente.

Kage sussurra asperamente: — Porra, sim, Baby. Posso sentir isso. Você está gozando com tanta força. Em seguida, você vai me deixar sentir isso em todo o meu pau.

Um soluço escapa da minha garganta. Longa e dura como uma rocha, sua ereção cava na minha coxa. Posso estar perdendo a cabeça de prazer.

Em seguida, um tiro ecoa, arruinando o clima por completo.

Kage

Quando o segundo tiro vem, os olhos de Natalie se abrem. Quente e flexível em meus braços apenas alguns segundos antes, ela congela e me encara com horror.

— O que é que foi isso?

— Tiroteio.

— *O quê?* Oh Deus, Sloane!

Deslizo minha mão para fora de sua calcinha e resisto ao desejo de chupar meus dedos. Muito tempo para isso mais tarde. — Fique aqui até eu voltar. Não saia desta sala. Entendido?

— Mas...

— *Entendido?*

Ela umedece os lábios, balançando a cabeça, parecendo linda e corada. Seus olhos ainda estão turvos de seu orgasmo.

Jesus, *porra*, meu pau dói. Senti-la gozar por mim drenou cada gota de sangue da minha cabeça.

Dou-lhe um beijo rápido e forte. Então atravesso a sala e abro a porta, ajustando minha ereção. Do fundo do corredor flutuam sons de gritos e passos batendo, o barulho de vidros quebrando. Acima do caos, alguém late ordens em russo.

Outro tiro ressoa, então uma rajada de tiros desencadeia mais gritos de pânico. Ouço mais ordens latidas, exceto que desta vez, elas são em gaélico.

Parece que não sou o único que Stavros irritou.

Embora o que diabos os irlandeses estão fazendo aqui ninguém sabe. De acordo com nosso acordo com o chefe de suas famílias, suas operações de jogo são estritamente na Costa Leste.

Talvez eles tenham decidido renegociar.

Puxo a .45 do coldre de velcro amarrado ao redor do meu tornozelo e ando com cuidado para o corredor, arma em punho. As pessoas passam pelo final do corredor, indo em direção às portas da frente, empurrando umas às outras em pânico.

Sloane não está entre eles.

No final do corredor, coloco minha cabeça para fora e examino a sala de jantar.

As cadeiras estão viradas. As mesas estão invertidas. Ao lado de uma delas, vários corpos ainda estão no chão.

Reconheço os dois que estavam com Stavros. Alexei e Nickolai.

A julgar pela quantidade de sangue ensopado no carpete ao redor de seus corpos, nenhum deles vai se levantar.

Perto deles estão outros dois corpos imóveis, virados para o chão. Ambos são homens de terno. Não posso dizer daqui se eles são civis pegos no fogo cruzado, mas tenho um pressentimento de que se eu os virasse, estaria olhando para dois irlandeses mortos.

Amaldiçoo sob minha respiração. O momento não poderia ser pior para um tiroteio que, sem dúvida, virará notícia.

Eu não deveria estar aqui.

Aqui, com Natalie, que deveria estar no fundo do Lago Tahoe com uma bala na cabeça.

Se Max ficar sabendo disso, estaremos os dois ferrados.

Vejo Stavros e Sloane. Eles estão atrás de um grande grupo de palmeiras em vasos contra a parede do outro lado da sala.

Ele a está protegendo, pelo menos. Agachado na frente dela com uma arma em punho enquanto ela se agacha no chão atrás dele.

Não – não se encolhe. Suas pernas estão enroladas sob ela e ela está curvada perto do chão, mas ela está olhando em volta, sua expressão alerta e vigilante, não apavorada.

Ela chama minha atenção. Então ela inclina a cabeça para a esquerda e levanta dois dedos, indicando com quantos homens armados estamos lidando e onde eles estão.

Esta aqui tem coragem.

Não admira que ela e Natalie sejam amigas.

Aceno, deixando-a saber que entendo. Então volto e sigo para o outro lado do corredor.

Em frente aos banheiros, há uma saída para o exterior. Ela leva a um pátio deserto, exceto por algumas folhas secas espalhadas sobre uma fina camada de neve. Corro pelo pátio para o outro lado do restaurante, entro por outra porta dos fundos da cozinha e levo um dedo aos lábios para os três funcionários amedrontados amontoados sob uma mesa de preparação de aço inoxidável.

Um deles agarra seu colar de cruz. Todos eles olham em silêncio para mim com olhos arregalados e horrorizados.

Passando por eles, vou para as portas giratórias da cozinha. Eles são do tipo com janelas de vidro redondas no nível dos olhos para que os garçons possam ver quando eles saem com as mãos cheias de comida em pratos. Inclino meu ombro contra a parede e olho para a sala de jantar.

Os dois irlandeses estão agachados do lado de fora das portas.

Eles estão escondidos da sala de jantar por uma parede baixa que percorre todo o perímetro do restaurante, cujo topo é decorado com dezenas de samambaias falsas. Empunhando armas, eles estão em discussões intensas sobre o que fazer a seguir, discutindo em gaélico sibilado.

Passei algum tempo aprendendo a língua, então percebi que são soldados. Classificação não alta. Não estão acostumados a dar ordens.

Eles precisam de alguém para fazer isso por eles, então agradeço.

Empurro as portas, aponto minha arma para o mais próximo e digo: — Ei.

Ele se vira, cuspiendo como um louco, balançando sua arma em minha direção.

Minha bala o acerta bem entre os olhos.

Espero uma fração de segundo para que seu companheiro se vire e me enfrente, então atiro em seu peito.

Nunca atiro em um homem pelas costas. É antidesportivo.

Então, atravesso o restaurante em direção a Sloane e Stavros enquanto o uivo distante das sirenes se aproxima. Quando os alcanço, eles já estão de pé.

— Você está bem?

Sloane concorda. Ela perdeu os saltos vermelhos, mas fora isso, ela não tem um fio de cabelo fora do lugar. — Onde está Nat?

— Segura. — Viro-me para Stavros e ordeno em russo: — Tire-a daqui. Ninguém diz uma porra de palavra. Você nunca me viu esta noite. Entendido?

Ele acena com a cabeça uma vez.

— Entrarei em contato para discutir o que diabos aconteceu aqui e como você vai me compensar. Agora vá.

Ele puxa Sloane pelo braço e se dirige para a entrada.

Corro de volta para a sala dos funcionários e encontro Natalie andando de um lado para o outro, torcendo as mãos. Assim que entro na sala e ela me vê, ela deixa escapar: — Oh, graças a Deus!

Ela está aliviada por eu não estar morto.

Acho que esse sentimento expandindo dentro do meu peito é felicidade, mas sei que não. Parei de ser capaz de sentir essa emoção particular anos atrás.

— Depressa. Precisamos ir.

Pego sua mão e a levo para fora da sala. Ela me segue sem protestar, segurando meu braço enquanto se apressa ao meu lado. Pegamos o caminho de volta para fora e

alcançamos o SUV no momento em que três carros da polícia chegam ao topo da colina e começam a rasgar a estrada em direção ao restaurante.

Se tivermos sorte, eles não nos verão partir.

Se tivermos ainda mais sorte, o restaurante não terá câmeras de segurança dentro.

E se todas as estrelas se alinharem e os deuses estiverem sorrindo para nós, nenhuma das testemunhas será capaz de dar uma descrição precisa de qualquer um de nós para a polícia.

Tenho um mau pressentimento sobre aquela funcionária apavorada na cozinha segurando seu colar de cruz, no entanto.

Acho que a imagem do meu rosto pode estar gravada em sua alma.

Nat

Kage fica em silêncio enquanto dirige. Suas mãos estão firmes no volante. Sua postura é relaxada, sua atitude é composta.

É óbvio que sou a única no carro que está pirando.

Minhas palavras vêm em uma corrida sem fôlego. — O que aconteceu? Por que o tiroteio começou?

— Não sei ainda. Vou descobrir.

— Sloane?

— Ela está bem. Stavros está com ela. E ele vai protegê-la com sua vida. — Sua risada é sombria.

— Por que é que isso é engraçado?

Ele olha para mim. — Porque ele sabe que se não o fizer e ela acabar com um arranhão, ele e sua família inteira pagarão o preço.

— O que significa... você vai matá-los.

— Sim. De uma forma muito desagradável.

Eu gostaria que meu batimento cardíaco se acalmasse. É extremamente difícil se concentrar quando você está tentando não ter um ataque cardíaco.

Ele examina meu rosto e depois olha para a estrada. — Respire lenta e profundamente.

— Por quê?

— Você está hiperventilando.

Ele está certo: estou. Pareço um pug¹¹ asmático. Afundo no assento, fecho os olhos e tento me acalmar.

Não funciona.

— A polícia...

— Se eles entrarem em contato com você, não fale com eles. Você não é legalmente obrigada a falar com eles, não importa o que eles ameacem. Você tem o direito constitucional de permanecer em silêncio, mesmo se for preso ou na prisão.

Minha voz aumenta em pânico. — Presa? *Cadeia?*

— Isso foi apenas um exemplo. Eles não vão te prender. Você não é culpada de nada. Meu ponto é, se eles entrarem em contato com você – o que é um grande se – recuse-se a

¹¹ Raça de cachorro.

falar com eles. Não há nada que eles possam fazer para forçá-la.

Faço mais ruídos de respiração ofegante.

A voz de Kage abaixa. — E, especialmente, não diga a eles que você estava comigo.

Isso me deixa paralisada, depois me irrita. — Você está dizendo que acha que eu iria denunciá-lo para a polícia?

— Não. Estou dizendo que se as autoridades descobrirem que você tem algum tipo de relacionamento comigo, você se tornará uma pessoa do interesse delas. Você estará sob vigilância constante. Sua casa será grampeada. Suas ligações serão gravadas. Eles examinarão seu e-mail, sua lixeira e seu histórico on-line. Sua vida nunca mais será a mesma.

Fico olhando para o seu perfil com minha boca aberta enquanto corremos pela noite.

Ele diz suavemente: — Por que você acha que fiquei longe por todos esses meses?

— Mas você voltou.

— Sou um idiota egoísta assim.

— Então, qual era o seu plano para esse relacionamento? Que vamos nos esgueirar sob a cobertura da escuridão? Fingir que não nos conhecemos, mas continuamos nos vendo às escondidas?

— Em poucas palavras... sim.

Agora estou com *muita* raiva. O calor em minhas bochechas está esquentando o interior do carro. Exijo: — Isso é o que você acha que mereço? Algum tipo de status de merda meia-boca?

— Não, — ele diz, sua voz dura. — E se você tiver algum bom senso, você deveria me dizer para me foder e nunca mais me ver.

Pálida, fico olhando para ele. — Eu deveria.

— Sim. Você deve.

Droga. É impossível discutir com alguém que concorda com você.

Ele faz uma curva rápido demais. O carro dá uma guinada, pneus cantando. Não olho para longe de seu rosto por um segundo.

— Ok, então o que vamos fazer agora?

— Acho que é óbvio.

— Seja condescendente comigo mais uma vez, e vou te bater na cabeça.

Ele aperta os lábios, suspeito que para não rir. — Você tem uma decisão a tomar, Natalie.

— Continuar vendo você ou mandar você se foder?

— Exatamente. Oh, há mais uma coisa que você deve saber antes de decidir. — Ele olha para mim. — É mau.

Jogo minhas mãos no ar. — Pior do que ser mafioso?

— Não posso ter filhos.

Pensei que estava sem palavras antes. Realmente pensei. Mas aquela pequena joia acabou com minha habilidade de formar palavras direto do parque.

Ele considera meu silêncio atordado como um convite para continuar falando.

— Fiz uma vasectomia quando tinha 21 anos. Não há nenhuma maneira de eu trazer uma criança para esta vida. *Minha* vida. É muito perigoso. Seria injusto. Portanto, você deve levar isso em consideração ao decidir se deseja ou não continuar a me ver. Nunca poderei dar-lhe filhos, se é isso que você deseja.

Pisco uma quantidade desnecessária de vezes. Limpo minha garganta. Respiro profundamente, limpando.

Que foda tudo para ajudar.

— Você sabe o que? Isso é demais para meu disco rígido processar agora. Não quero mais discutir isso.

Cruzo os braços sobre o peito, solto um suspiro pesado e fecho os olhos.

Dirigimos por um tempo em silêncio, até que Kage diz em voz baixa: — Vou te dar qualquer coisa que você pedir. Tudo que você pede. Qualquer coisa que você quisesse para o resto de sua vida, você teria.

— Por favor, pare de falar agora.

— Você seria cuidada para sempre. Você seria minha rainha.

Abro os olhos e fico olhando para ele sem acreditar. — Uma rainha escondida? Uma rainha que não poderia usar sua coroa porque todos os inimigos de seu rei iriam ver e querer cortar sua cabeça?

Ele aperta a mandíbula. Com os dentes cerrados, ele diz: — Você estaria protegida.

— Tem certeza que não quer dizer sequestrada?

— Não vou trancar você, se é isso que você pensa.

A emoção cresce no meu peito, subindo pela minha garganta para formar um caroço que tenho que engolir.

— Não. Você não iria me trancar. Ao que parece, você simplesmente entraria e sairia da minha vida como sempre, indo e vindo sempre que quiser, perdendo o controle e desaparecendo para sabe-se lá onde até a próxima vez que decidir que está com tesão, tudo sob o pretexto de me manter a salvo da polícia.

Ele está ficando com raiva. Posso ver na maneira como ele está apertando a mandíbula. Na maneira como sua respiração mudou. No aperto mortal, ele está no volante.

Com a voz grave, ele diz: — Não é um *disfarce*. É a porra da verdade.

— Mesmo se eu acreditasse em você, Kage, por que eu deveria querer isso para mim? Por que eu deveria querer isso?

Ele responde: — Não vou tentar argumentar com você. Ou você me quer ou não.

— Claro que quero você! Quero você como nunca quis nada! Mas você não acha que já passei pelo suficiente? Você acha que eu deveria colocar meu coração na linha novamente quando você está me dizendo claramente quem e o que você é e quais seriam os limites desse relacionamento?

— Não! — Ele ruge. — Eu não! É exatamente o que estou dizendo, porra!

Ele se inclina em outra esquina. Quase acabamos por matar uma pessoa na faixa de pedestres.

Alguns minutos depois, paramos bruscamente na minha garagem. Antes que ele possa dizer outra palavra, estou fora do carro, correndo em direção à porta da frente.

Quando abro, ele invade atrás de mim. Quando ele bate a porta, Mojo levanta a cabeça de onde está deitado no meio

do chão da sala de estar, faz um latido *indiferente* e depois volta a dormir.

Juro, se eu fosse roubada, aquele cachorro levaria os ladrões direto para dentro e mostraria onde estão minhas joias.

— Não se afaste de mim.

Kage agarra meu braço e me gira para encará-lo.

— Não me maltrate.

— Você sabe que eu nunca colocaria minhas mãos em você com raiva.

— Mesmo? Porque suas mãos estão em mim agora, e você está com raiva.

Ele me arrasta contra o peito, fecha os olhos e respira fundo. Quando ele exala, ele diz com a mandíbula cerrada: — Maldição, mulher. Pare.

— Por que, você vai me colocar sobre os joelhos se eu não fizer isso?

Seus olhos se abrem. Suas narinas dilatam. Seus lábios são finos, e santo inferno, ele é quente quando está bravo.

Olhos estreitados, ele rosna: — Experimente e descubra.

Olhando em seus olhos, digo deliberadamente: — *Não* dou permissão para você me bater.

Tenho certeza de que para qualquer outra pessoa, aquele som animal estrondando em seu peito seria aterrorizante. Para mim, é perversamente satisfatório.

Porque não importa o quão assustador ele pareça ou soe, sei que não estou em perigo. Ele morreria antes de me machucar.

Percebendo isso, meu temperamento amolece.

Abaixo meus cílios e sussurro: — Ainda.

Ele fica congelado por dois segundos, então ele coloca a mão em meu cabelo e pega minha boca.

Ficamos parados no meio da sala, nos beijando apaixonadamente, até que ele se afasta, respirando com dificuldade.

— Diga-me para ir agora, ou assumirei que você quer que eu fique. E se eu ficar, você nunca vai se livrar de mim.

Agarrando a frente de sua camisa, rio. — O mundo inteiro é preto ou branco para você, não é? Você está tudo dentro ou nada.

— Não acredito na metade. No meio do caminho é para covardes.

Ele definitivamente não é um covarde, admito.

Ele me beija novamente, desta vez segurando minha cabeça com firmeza em suas mãos, uma na nuca e a outra

em volta do meu queixo. Sua língua mergulha profundamente em minha boca, exigindo mais, me fazendo tremer de excitação.

Droga, gostaria que ele não beijasse tão bem. Ele está cruzando todos os fios do meu cérebro.

Desta vez, me afasto primeiro. — Com que frequência eu te veria?

Ele fica imóvel.

Ele sabe o que estou pedindo.

Sabe que não importa o quão impossível e ridícula seja toda essa situação, estou mais perto de um *sim do* que de um *não*.

Umedecendo os lábios, segurando minha cabeça com as mãos, ele diz rispidamente: — Algumas vezes por mês. Por alguns dias de cada vez, se eu conseguir.

Oh Deus. Quase não chega a hora.

— E você só veio aqui? Eu nunca poderia ir para onde *você* mora?

— Nunca, — ele repete, sua voz pedregosa. — Não podemos correr esse risco.

Risco?

Parece que há algo mais nisso do que apenas ele tentando me manter protegida de seu estilo de vida. Quero

dizer, os mafiosos devem ter famílias. Eles devem ter esposas e namoradas. Pelo menos nos filmes eles fazem.

Então, por que ele não poderia?

— Você teria uma vida totalmente diferente da qual não sei nada.

— Sim. Essa é a questão. Essa é a única maneira de mantê-la segura.

— Mas... como vou saber que você não tem outras mulheres?

— Porque estou lhe dando minha palavra de que não. E não vou. Nunca irei. Se você me disser que é minha, você será a única mulher para mim. Para sempre.

Ele está tão sério, olhando para mim tão duramente com essa intensidade sem piscar, dizendo todas essas palavras como se elas não fossem nada. Fazendo todas essas promessas malucas como se realmente quisesse.

Porque ele realmente quis dizer isso.

David nunca foi assim.

É um momento terrível para pensar nele, mas uma memória vem à minha mente do dia em que David e eu fomos comprar anéis de noivado.

Eu sabia que ele iria propor. Nunca houve surpresas com ele. Cada movimento que ele fez foi metódico, planejado

com bastante antecedência, plotado precisamente em uma planilha do Excel. Ele nunca correu riscos desnecessários. Ele nunca tomou decisões precipitadas. Ele nunca se deixou levar por suas emoções, mesmo quando fazíamos amor.

Isso também foi planejado com antecedência.

Mesmo o sexo não foi espontâneo.

Havia uma reserva dentro dele, que eu não conseguia alcançar. Um lugar intocável que esbarrei em momentos inesperados, como na manhã de Natal em que perguntei qual era sua lembrança favorita de sua infância e seu rosto ficou branco.

Ele nunca respondeu à pergunta. Ele simplesmente mudou de assunto.

Nunca mais toquei no assunto.

Agora, de pé aqui nos braços de Kage com toda a necessidade e devoção brilhando tão claramente em seus olhos, percebo que David e eu poderíamos não ser um par tão bom quanto eu pensava que éramos.

Certa vez, prometi minha vida a um homem que me deu um orçamento para um anel de noivado. Um orçamento muito pequeno. Em seguida, desaprovei cada um que escolhi, até que finalmente ele sugeriu que realmente faria mais sentido investir o dinheiro no carburador doente que precisava ser substituído em meu carro.

Prometi minha vida a um homem que dobrou sua roupa suja antes de colocá-la no cesto.

A um homem que fez amor com as meias porque os pés sempre estavam frios.

Para um homem que sempre desviou o olhar antes de eu beijá-lo.

— Kage?

— Sim?

— Você dobra suas roupas sujas antes de colocá-las no cesto?

Ele junta as sobrancelhas. — Claro que não. Quem diabos faria isso?

— Os seus pés estão sempre frios?

— Não. Corro alguns graus quente. O que você está falando?

Já sei que ele não desvia o olhar antes de me beijar. Ele olha profundamente nos meus olhos, como se ele nunca quisesse desviar o olhar.

Como se ele não quisesse perder nada.

— Estou falando sobre tomar uma decisão estúpida. Uma última pergunta.

— O que é isso?

— Depois que você me deixou naquela sala do restaurante, ouvi mais tiros. Aquele era você?

Ele não hesita em responder. — Sim. Havia dois homens armados. Eles tinham sua mira voltada para Stavros e Sloane. Eu os matei.

Oh, ponte. Ponte de corda alta e instável balançando em um rio barulhento muito, muito abaixo. Espero que você segure meu peso quando eu pisar em você.

Sussurro: — Tudo bem. Obrigada por ser honesto. Você deveria me levar para o quarto agora.

Sem outra palavra, Kage me pega em seus braços.

Nat

Eu já sabia que Kage era intenso, mas estou despreparada para a violência de sua necessidade quando ele me coloca na cama.

O que quer que ele esteja segurando até agora está liberado.

Com uma vingança.

Ajoelhando-se no colchão sobre mim, ele rasga o corpete do meu vestido. O som de tecido rasgando é quase tão alto quanto o som da minha respiração irregular. Então ele tira a camisa pela cabeça, cai em cima de mim com um grunhido, enfia meu sutiã embaixo do meu queixo e se apóia em um dos meus mamilos rígidos.

Ele o suga avidamente em sua boca.

Quando grito, ele pausa sua sucção voraz por tempo suficiente para rosnar: — Serei gentil da próxima vez. Desta vez, vou te dar minhas notas.

Ele afunda os dentes na carne macia abaixo do meu mamilo.

Gemo, me contorcendo embaixo dele. Dói, mas também é incrível. Ondas de choque de prazer percorrem meu corpo com sua mordida.

Ele faz o mesmo com meu outro seio, mordendo-o como se quisesse me devorar inteira.

Então ele recua, me rola de barriga, desabotoa meu sutiã com um movimento experiente de seus dedos e puxa meu vestido para baixo de meus quadris e das minhas pernas. Minha calcinha recebe o mesmo tratamento áspero.

Ele joga tudo no chão. Quando olho por cima do ombro para ele, ele está olhando para o meu corpo nu com olhos selvagens e narinas dilatadas, peito tatuado arfando, sua mandíbula e grandes punhos cerrados.

Uma emoção percorre meu corpo.

É diferente de tudo que já senti. Em parte terror, em parte desejo e em parte pura adrenalina, isso faz meus braços e pernas ficarem arrepiados e faz meu coração disparar.

A maneira como ele me quer me faz sentir sobre-humana. Como se eu fosse capaz de qualquer coisa. Como se todos os meus átomos estivessem vibrando em uma velocidade perigosamente alta, ameaçando me abrir completamente.

Como se eu pudesse levitar da cama e colocar fogo em toda a casa.

Olhando em seus olhos escuros brilhantes, percebo que esta é a primeira vez na minha vida que não tenho medo de ser eu mesma. Na primeira vez, não tive medo de ser julgada. Na primeira vez, não me importo em fazer o que é seguro, o que é inteligente, o que eu – deveria – fazer.

A primeira vez que me senti verdadeiramente livre.

Sussurro: — Faça isso, então. Faça tudo. Dê-me tudo de você. E não se atreva a se conter.

Em sua fração de segundo de hesitação, ele umedece os lábios. Suas pálpebras baixam.

Então ele me agarra pelos tornozelos, me arrasta para a beira da cama, se inclina e dá uma grande e gananciosa garfada na minha bunda.

Ele cravou os dentes nela com o rosnado de um animal.

É um som primitivo de vitória. Como um leão regozijando-se com uma nova morte.

Então, no lugar de seus dentes, pego sua mão. Sua palma aberta encontra o local onde sua boca estava com um *estalo* pungente que me faz pular e gritar em estado de choque.

Ele começa a falar comigo em russo.

Russo áspero e gutural, palavras ditas com os dentes cerrados.

Está tão quente que mal consigo aguentar.

Ele me vira de costas, puxa meu sutiã, joga-o para longe e me beija profundamente, mordendo meus lábios. Ele está respirando com dificuldade e suas mãos estão tremendo. Sei que ele está oscilando em uma borda fina de autocontrole, mal se segurando porque ele está preocupado que se ele me soltar completamente como exige, ele vai me machucar.

Que este homem enorme e perigoso também possa ser tão doce e terno, quase traz lágrimas aos meus olhos.

Envolvo minhas pernas em sua cintura e o beijo de volta com ainda mais força, puxando seu cabelo.

Ele morde minha orelha. Meu pescoço. Meu ombro. Eu rio sem fôlego, me sentindo enlouquecida.

Ele beija e belisca seu caminho pelo meu corpo. Eu diria acariciando também, mas suas mãos são mais ásperas do que isso. Mais ganancioso. Ele pega grandes punhados de minha carne sempre que pode, agarrando meus seios e quadris, sua boca seguindo a trilha que seus dedos traçam.

Quando ele morde a parte interna da minha coxa, gemo.

Ele congela. — Demais?

— Deus não. Não pare.

Ele vira o rosto para a minha outra coxa e afunda os dentes na carne tenra lá também. Arqueio minhas costas, querendo sua boca quente exigente em outros lugares.

Tipo – *ali*.

Ele me dá exatamente o que estou procurando, agarrando meu clitóris e puxando-o com os lábios. Emito um som que tenho certeza de nunca ter feito antes, um de total delírio.

Em seguida, ele estica a mão sobre a minha barriga para me segurar e me devora até quase minha vida enquanto fico deitada lá com minhas pernas abertas, gemendo e me contorcendo, balançando desenfreadamente meus quadris contra seu rosto.

Quando ele desliza dois dedos dentro de mim e raspa os dentes contra meu clitóris, eu gozo.

Meu orgasmo é repentino e violento. Uma explosão de prazer. Abro-me para ele, estremecendo e gritando seu nome.

Ele rasga a braguilha de sua calça jeans, mexendo nela, sua boca ainda me devorando. Ele pula sobre uma das mãos na cama. O outro está na virilha. Pego um vislumbre de sua ereção, projetando-se de seu punho, antes que ele enfie dentro de mim.

Gememos ao mesmo tempo. Esticada e aberta em torno de seu pau enorme e duro, cravo minhas unhas em suas costas.

Sua voz é baixa e áspera. — Sim, Baby. Você me dá suas marcas também.

Então ele me fode, profundo e forte, empurrando descontroladamente em mim como se sua vida dependesse disso.

Prendo meus tornozelos atrás de suas costas e seguro.

Meus seios saltam. Meus pulmões doem. Minha pele começa a suar. Ele bate em mim repetidamente, equilibrando-se com uma mão sobre mim, a outra segurando minha bunda e me puxando para mais perto com cada impulso forte de seus quadris.

Contra a trilha sonora de meus próprios gritos indefesos e seus grunhidos de prazer no fundo do peito, chego ao clímax novamente.

Meu corpo inteiro fica tenso. Minha cabeça tomba para trás. Curvo-me contra a cama, empurrando, empalada em seu pênis, convulsionando em torno de sua circunferência invasora.

Ele diminui o movimento de seus quadris. Cai sobre os cotovelos. Coloca a boca perto da minha orelha.

— Minha agora, — ele sussurra calorosamente, sua voz triunfante. — Você goza no meu pau, você é *minha*.

Soluço, sentindo como se a última corda que me prendia à terra tivesse se desenrolado e me enviado cata-ventos para a vasta escuridão do espaço sideral.

Em algum lugar bem no fundo, sei que é disso que eu temia. Neste momento, bem aqui.

O momento em que finalmente me entrego a ele, de coração e alma, corpo e mente, me entregando completamente.

Não há mais volta agora. Sem mudar minha mente.

O que me surpreende é que não quero que haja.

Não importa quem ou o que ele seja, não me importo.

Estou em tudo.

Puxo sua cabeça para baixo e o beijo com força, sabendo que a garota que eu era antes desse momento não existe mais. Quando nos levantarmos desta cama, será como uma pessoa, não duas.

Acho que ele e eu somos parecidos nesse aspecto: não há meio-termo para nenhum de nós.

Estamos ambos envolvidos ou nada.

Ele ordena: — Abra seus olhos.

Abro-os e olho para ele através de uma névoa feliz. Ele está lindo, sobrenatural, seu olhar ardente, sua testa franzida com intensidade.

Ele pega o ritmo de suas investidas, e entendo que ele quer que eu o observe chegar ao clímax. Quando ele goza dentro de mim, ele quer que nós dois tenhamos nossos olhos bem abertos para que possamos ver tudo claramente, tudo o que há entre nós enquanto compartilhamos nossos corpos e respiração.

Ele disse isso, mas quer que eu *saiba*: agora pertenço a ele.

Assim como ele pertence a mim.

Estendo a mão e toco seu rosto. Murmuro: — Todos aqueles anos que passei esperando... acho que não era mais para ele. Acho que foi para você.

Ele estremece, geme, joga sua testa quente no meu pescoço. Então ele se esvazia dentro de mim com uma série de estocadas curtas e violentas, segurando meu cabelo e sussurrando em russo.

Envolvo meus braços em volta de suas costas e minhas pernas em volta de sua cintura e fecho meus olhos, sentindo como se estivesse voando.

Sentindo que estou finalmente, finalmente em casa.



Cochilamos.

Depois de um tempo, Kage se levanta de meus braços e tira a roupa, ficando ao lado da cama e rapidamente tirando seu jeans, cueca e botas, impaciente para voltar para mim. Ele rasteja de volta em meus braços e acaricia meus seios, puxando-me contra seu corpo grande e quente. Enredando suas pernas fortes entre as minhas.

— Por que você está rindo?

Abro meus olhos e olho para ele. Mesmo suado e desganhado, seu cabelo escuro bagunçado caindo nos olhos, ele é tão bonito que me tira o fôlego.

— Porque você deixou seus sapatos.

Ele enrugando o nariz. É adorável. — Eu estava com pressa.

— Você não disse?

Ele torce os lábios e me examina por baixo dos cílios. — Minha mulher está tentando me dizer que a deixei insatisfeita?

— *Minha mulher.* — Um pouco de emoção me percorre ao ouvir essas palavras.

Esse relacionamento provavelmente será um desastre total, mas agora estou tão feliz que poderia explodir.

Sorrindo, me estico contra ele, pressionando meus seios na extensão dura de seu peito. Amo o quão duro ele é.

Duros em todos os lugares, exceto em seus olhos, que são dolorosamente, adoravelmente suaves.

— Não. Apenas fazendo uma observação.

Ele me puxa para mais perto. Estamos deitados de lado. Estou aninhada nele, perfeitamente segura e quente, seu cheiro no meu nariz e a batida lenta e constante de seu coração perto do meu ouvido. Eu poderia ficar exatamente neste local para sempre.

No meu cabelo, ele sussurra: — Também tenho uma observação.

— Qual é?

— Nunca vi nada mais bonito do que você quando você goza.

Meu rosto fica vermelho. Não sei dizer se esse sentimento no meu peito é orgulho ou vergonha, mas até gosto.

— Idem.

Ele faz uma pausa. — Idem? Esse é o meu elogio pós-coito?

— *Pós-coito?* Estamos soltando todas as grandes palavras, eu vejo.

— Não quero que você pense que sou apenas um rosto bonito.

Ele está brincando. Adoro quando ele me provoca. Isso acontece com pouca frequência. Digo levemente: — Oh, não, não quero. Você tem todos os tipos de qualidades impressionantes, além de sua beleza deslumbrante.

Outra pausa, esta mais longa.

Digo: — Você está pensando que o termo 'beleza arrebatadora' não combina com o seu machismo violento, estou certa?

— Quer dizer, *acho* que é lisonjeiro.

Ele parece perturbado. Sufoco uma risada, tentando brincar de sério. — Exceto?

— Exceto que isso me faz parecer uma debutante em um romance da Regência.

É a minha vez de ser perturbada. — Como diabos você sabe o que é um romance da Regência?

— Tenho um gosto eclético pela literatura.

Incrédula, me apoio em um cotovelo e olho para ele. Ele está sorrindo para mim preguiçosamente, parecendo presunçoso.

Digo categoricamente: — *Você* lê romance.

Ele finge inocência, arregalando os olhos. — Por quê? Isso não é algo que um homem 'real' deveria fazer?

Bato em sua parede de tijolos de um músculo peitoral.
— Você está puxando minha perna.

Ele passa de provocação a ardente em um piscar de olhos, rosnando: — Prefiro puxar seu cabelo enquanto fodo essa sua boceta deliciosa de novo.

Meu Deus, o jeito que ele fala. O homem é o Shakespeare da obscenidade.

— Você acabou de fazer isso.

— Eras atrás.

— Foi cerca de vinte minutos.

— Como eu disse. Eras.

Ele me agarra e rosna no meu pescoço, me fazendo gritar. Então ele rola em cima de mim, dando-me todo o seu peso substancial. Expiro com um *uf* audível.

— Você pesa uma tonelada!

— Você ama isso.

Penso por um momento, sentindo-o em cima de mim. Ele é um enorme cobertor totalmente masculino, me envolvendo e me mantendo segura. Esmagando-me, mas também me mantendo segura.

Ele tem razão. Isso me faz amá-lo.

Sua risada sacode seu peito. — Te disse.

— Pare de ser presunçoso, seu grande...

Ele captura minha boca antes que eu possa insulta-lo mais e me beija profundamente. Afundo no colchão, me deleitando com seu gosto e o calor que ele está gerando, até que meus pulmões estão prestes a entrar em colapso.

Batendo fracamente em suas costas, balido, — Socorro. Sufocando. A morte é iminente.

— Rainha do drama. — Ele se vira de costas, levando-me com ele.

Fico rígida de surpresa, então relaxo. Espalhada em cima dele, sorrio para seu rosto. — Ah-ha! Agora tenho você exatamente onde quero.

— É aqui que você me quer? De costas?

Beijo-o suavemente nos lábios. — Sim. Deitado de costas e indefeso contra mim.

Exalando, seus olhos pensativos, ele arrasta as mãos pelo meu cabelo. Ele murmura: — Minha linda garota. Estou impotente contra você desde o primeiro dia em que nos conhecemos.

Meu coração pula uma batida. Há algo distante em seu olhar.

Algo triste.

— Você diz isso como se fosse uma coisa ruim.

— Nada mal. Simplesmente complicado.

Examinando sua expressão, digo: — Acho que você não vai explicar isso.

— Acredite em mim quando digo que você não quer que eu o faça.

Um pequeno alarme soa no fundo da minha mente quando percebo que ele está evitando meus olhos.

Mas isso é o que é. O que somos. O que concordamos.

Segredos.

Não mentiras, mas segredos – muitos deles – e distância, tudo em nome de me manter segura.

Dane-se.

Se esse é o preço por estar com ele, eu pago. Passei muito tempo percorrendo meus dias como zumbi para deixar passar essa nova vida elétrica, mesmo que ela tenha seus lados sombrios.

Todos os contos de fadas sim.

Nat

Conversamos um pouco, então Kage decide que é hora de me alimentar.

Ele puxa a calça jeans e desaparece na cozinha, ordenando que eu fique na cama. Fico deitada nua, olhando para o teto com um sorriso bobo no rosto, ouvindo-o vasculhar minha geladeira e armários. Ouço o barulho de panelas e frigideiras no fogão, então, logo depois, o cheiro de bacon frito de dar água na boca enche o ar.

Um pouco depois, ele volta segurando um prato. Descalço, com o peito nu e incrivelmente bonito.

— Café da manhã para o jantar, — ele anuncia, de pé na beira da cama. — Sente-se.

Não o obedeco. Em vez disso, digo: — Mandão.

Ele arqueia uma sobrancelha. — Sente-se ou vou deixar sua bunda vermelha.

Meu sorriso fica mais largo. Olho para ele, sorrindo como uma maníaca. — Dobrando. Gosto disso. Mas não se esqueça, não dei permissão para isso.

— *Ainda*. Ele gesticula com o prato. — Agora sente-se como uma boa menina para que eu possa alimentá-la.

— Você parece desnecessariamente preocupado com a minha ingestão calórica. O que há com isso?

É a vez dele sorrir. Ele vem lento e aquecido. Ele diz com uma voz rouca: — Você vai precisar de sua energia. A noite ainda é uma criança.

Ele tem um bom argumento.

Sento-me e recuo até ficar encostada na cabeceira da cama, com o travesseiro amassado nas costas. Arrasto o lençol para cobrir meus seios nus.

Kage se senta na beira do colchão e arrasta o lençol para baixo para que meus seios fiquem expostos novamente. Ele coloca o prato no colo. Então pega um pedaço de bacon crocante.

— Abra, — ele comanda, segurando o bacon perto dos meus lábios.

Embora me sinta um pouco ridícula sendo alimentada como uma criança, concordo. No entanto, rapidamente esqueço de me sentir boba, porque é delicioso. O bacon tem um gosto tão bom que gemo um pouco enquanto mastigo.

O homem pode cozinhar. Vai saber.

Ele me observa com um foco de falcão até que engulo. Em seguida, ele faz um barulho de satisfação e pega o garfo apoiado na lateral do prato. Ele pega uma pilha de ovos mexidos.

— Uau. Quão grande você acha que minha boca é? Essa mordida é o suficiente para quatro pessoas.

Um sorriso indulgente curva seus lábios. — Cada vez que você me dá ousadia, você ganha outra surra.

Olhamos um para o outro. Nenhum de nós pisca. Mas ele é melhor neste jogo, e estou morrendo de fome, então ele vence o desafio.

Obedientemente abro minha boca e o deixo deslizar o garfo.

Observando minha boca, ele diz com veemência: — Esses lindos lábios de merda. Não posso esperar até que você esteja de joelhos com esses lábios em volta do meu pau, engasgando com ele.

Quase cuspo os ovos pelo nariz, mas consigo me controlar. Engulo e rio. — Como você é romântico! Você deveria escrever sonetos.

— Coma.

Ele me alimenta com mais ovos. Dá-me outro pedaço de bacon, depois uma fatia de torrada com manteiga. Observa-

me mastigar e engolir como se fosse a coisa mais fascinante que ele já viu.

Quando o prato está vazio, ele o coloca na mesa de cabeceira ao lado da cama. Em seguida, ele se volta para mim e diz em tom de conversa: — Exatamente quantos vibradores você possui?

Meus olhos se arregalam.

— Só estou perguntando porque esta gaveta aqui parece estar cheia a ponto de transbordar. Aquele rosa choque pode ser o meu favorito. — Ele aponta para a mesa de cabeceira onde acabou de colocar o prato.

A gaveta abaixo está aberta alguns centímetros, o que é grande o suficiente para ver o tesouro de brinquedos sexuais lá dentro.

O vibrador rosa choque em questão é na verdade um dildo. Um espécime bastante grande também, com veias naturais e uma haste longa e grossa, terminando em uma cabeça bulbosa que poderia assustar as virgens para que permanecessem castas pelo resto da vida.

Ai meu deus.

Faço um *gemido* de horror, o que faz Kage rir.

— Seu segredinho sujo foi revelado, baby. E pensar, você me disse que era conservadora na cama.

Ele abre mais a gaveta, puxa o vibrador rosa gigante, o segura e o sacode para frente e para trás, sorrindo. — Isso não é nada conservador. Você poderia perfurar um pulmão com este monstro.

Tento agarrá-lo, mas ele o segura sobre a cabeça. Seu braço é muito longo para eu arrancar a evidência horrível.

Então – mortificada, brilhando de vergonha – caio de lado na cama e puxo os lençóis sobre o meu rosto, choramingando.

Ele prossegue com um exame forense da minha gaveta de brinquedos sexuais.

— Veja. Que garrafa enorme de lubrificante. Aqui temos o clássico vibrador de coelho, é claro, junto com um vibrador de vidro que brilha no escuro. Muito artístico. Você pode querer considerar investir em uma lanterna, mas acho que seria muito mais divertido usá-la como fonte de luz se faltar energia. E o que é essa coisa interessante? É lavanda. Plástico macio. Redondo como um frasco de geléia, exceto que a parte superior tem uma pequena abertura... espere. Aqui está o botão de ligar.

Um zumbido eletrônico enche a sala. É seguido pelo estrondo baixo e profundo da risada de Kage. — Oh meu. Sua garotinha imunda. É isso que acho que é?

Pega. Debaixo dos lençóis, suspiro profundamente. — Ele utiliza sucção e vibração profunda para simular a sensação dos lábios e da língua.

Kage ri mais alto, o bastardo.

Meu tom fica ríspido. — Também é à prova d'água, recarregável e tem dez configurações. É uma capa prática para manter a coisa sem poeira quando estiver na gaveta.

— Nenhum desses brinquedos tem uma partícula de poeira sobre eles, baby. Você tem se mantido ocupada.

— Não julgue! Estou solteira há muito tempo!

Ele se inclina e beija meu quadril nu. — Eu sei. Não estou julgando. Mas você não precisa mais de nada disso.

Sua pausa me deixa nervosa. Então ele pensa, — A menos que...

Ele coloca a mão atrás do meu joelho e gentilmente afasta minhas pernas. Entre minhas pernas abertas, ele pressiona o brinquedo vibratório.

Enterro meu rosto no colchão, puxo o lençol com mais força contra meu rosto e gemo.

Ele murmura: — Você quer esconder seu rosto de mim quando eu fizer você gozar?

— Sim.

— Você sabe que preciso ver você.

— Não!

Ele desliza o brinquedo alguns centímetros para o norte, onde entra em contato com meu clitóris. Empurro, gemendo novamente, desta vez mais levemente.

— Role de barriga para baixo e abra as pernas.

Sua voz caiu uma oitava e ganhou aquele tom forte e dominante que sempre faz meu pulso voar.

Tremendo, o obedeco. Meu rosto ainda está coberto pelo lençol, mas de resto estou nua. Embora o quarto esteja frio, minha pele arrepia com o calor. Já estou suando.

Kage desliza o brinquedo entre minhas pernas novamente, movendo-o ligeiramente até que ele atinja o ponto certo e ofego. O brinquedo puxa contra meu clitóris em um movimento constante e rítmico. As vibrações que ele emite percorrem todo o meu assoalho pélvico.

É tão bom que estremeço.

— Você precisa de mais, não é, baby?

Sua voz é suave, profunda, hipnótica. Não sei exatamente o que ele quer dizer, até que sinto algo quente e úmido deslizar pela minha bunda rachada e sobre meu sexo.

Lubrificante...

Ele gentilmente o espalha com os dedos, então algo firme cutuca minha abertura e empurra ligeiramente para dentro.

Porque estou tão intimamente familiarizada com seu tamanho e forma exatos, sei que o que Kage acabou de deslizar dentro de mim é o meu vibrador rosa choque.

Se meu rosto ficar mais vermelho, minha pele vai queimar.

Quando deixo minhas coxas mais abertas e inclino minha bunda no ar, Kage respira fundo. — *Tão foddidamente linda*, — ele sussurra.

Em seguida, ele empurra o vibrador mais para dentro.

Grito baixinho, enrolando minhas mãos em punhos em torno dos lençóis.

O brinquedo pressionado no meu clitóris suga e vibra. O dildo começa a se mover suavemente para dentro e para fora. Meus mamilos doem, estou sem fôlego e com o rosto vermelho, e sou incapaz de parar de rolar meus quadris enquanto Kage me fode com meu próprio brinquedo sexual.

— Você gosta disso?

Meus olhos se fecham e meu rosto em chamas, sussurro, — Sim.

— Você gosta de ter sua boceta lambida e fodida ao mesmo tempo?

— Sim.

Sua voz cai. — E quanto a isso, beby? Você gosta disso?

Ele passa um dedo sobre o anel de músculo tenso e lubrificado entre as bochechas da minha bunda e pressiona suavemente.

Suspiro, olhos voando abertos, as costas ficando rígidas.

Ele sussurra: — Shh. É isso, a menos que você peça mais.

Meu coração batendo forte como um trovão sob meu esterno, fico rígida e com os olhos arregalados enquanto ele me massageia suavemente lá, trabalhando o vibrador lentamente para dentro e para fora da minha boceta enquanto o brinquedo vibratório / sugador alimenta meu clitóris.

A sensação dele me tocando onde nenhum homem me tocou antes não é exatamente desagradável. É muito, muito estranho. Quase íntimo demais. Sinto que estamos fazendo algo errado.

Sinto-me assim por cerca de dez segundos, até que a combinação de merda que ele está orquestrando com meus dispositivos pessoais de prazer toma conta da parte racional do meu cérebro, e desabo de cara no colchão novamente, gemendo delirantemente.

— Essa é minha doce garota suja, — Kage rosna. — Você é tão bonita. Eu gostaria que você pudesse se ver fodendo este vibrador rosa gordo. Flexionando seus quadris. Você me deixa tão duro. Tão *fodidamente* difícil.

Sua voz queima ao longo de minhas terminações nervosas. Ele empurra o vibrador para dentro e para fora com velocidade crescente até que estou gemendo e me contorcendo, resistindo contra a cama. As sensações são avassaladoras. As vibrações, a plenitude, seu dedo provocando aquele feixe de nervos sensível, lubrificado e proibido.

O orgasmo me atinge com tanta força que não consigo emitir nenhum som.

Minhas costas arqueiam involuntariamente. Minha boca se abre. Convulsiono impotente enquanto Kage sussurra cada coisa quente e imunda que um homem pode dizer a uma mulher, palavras de elogio e obsessão sexual.

— *Eu amo essa boceta molhada gananciosa.*

— *Goze para mim, minha linda vagabunda.*

— *Você é magnífica.*

— *Essa buceta linda é minha.*

Estou soluçando, tremendo, gozando com tanta força que não consigo recuperar o fôlego. As contrações no meu

núcleo são incontrolláveis. Termonuclear. Sinto como se fosse explodir.

Todo o tempo, ele fala comigo, um fluxo constante de sujeira terna e bela profanação que de alguma forma consegue fazer com que eu me sinta querida e adorada em vez de humilhada.

Ele puxa o vibrador e o substitui por seu pênis, empurrado com força até o cabo.

Então ele enrola uma grande mão firmemente em volta do meu pescoço e me segura enquanto me fode.

Amo tanto isso, gemo seu nome.

Ele envolve um braço em volta da minha cintura e me arrasta até os joelhos, em seguida, empurra minha cabeça para baixo de forma que minha bochecha fique no colchão, mas minha bunda está no ar. Ele dirige em mim repetidamente, suas bolas batendo contra minha boceta, uma mão puxando meu cabelo.

A outra mão está ocupada entre minhas pernas, puxando e acariciando meu clitóris latejante, substituindo o brinquedo que caiu debaixo de mim quando ele me levantou.

— Kage... oh Deus...

— Pegue, baby. Tome cada centímetro de mim.

Seu pau é enorme, mais grosso que o vibrador, longo e forte. Estou esticada ao redor dele e tão molhada que está

escorrendo pelas minhas coxas. Meus seios balançam com cada impulso de seus quadris. Estou completamente louca de prazer.

Qual é a razão provável para o que digo a seguir.

— Bata em mim, — sussurro, agarrando os lençóis desesperadamente. — Bata na minha bunda.

— Não dessa vez. Você não está pronta.

Estou quase ofendida. — O quê? Você tem me ameaçado com isso por...

Choque!

Empurro e sugo uma respiração difícil. Minha bunda arde como fogo onde ele deu um tapa.

— Eu disse, você não está pronta. Não me faça dizer isso de novo.

— Você quer jogar dessa forma? Tudo bem, revogo minha permissão. A única maneira de você me bater é se me deixar bater em você primeiro!

Ele ri. Enrola a mão com mais força no meu cabelo. Continua me fodendo.

O filho da puta presunçoso.

Ele alcança meu corpo novamente e acaricia meu clitóris inchado.

Se alguém pode gemer com raiva, acabei de fazer.

Então, de repente, ele puxa para fora, me vira, espalha minhas coxas e desce sobre mim novamente, segurando meus pulsos com força ao lado do corpo para que eu fique presa ali indefesa enquanto ele me come.

Quando estou gemendo alto e minhas coxas estão tremendo com o esforço de segurar outro orgasmo porque estou brava com ele, ele me solta, joga minhas pernas sobre seus ombros e penetra dentro de mim novamente, me dobrando ao meio.

Ele prende meus braços sobre a minha cabeça com uma grande mão em volta dos meus pulsos e começa a sussurrar calorosamente em meu ouvido enquanto sua mão livre agarra meu peito e aperta.

Só não consigo entender o que ele está dizendo porque está em russo.

O que estou pensando é o ponto.

Então ele me beija. Profundamente. Gemendo em minha boca. O movimento de seus quadris vacila. Ele se afasta dos meus lábios com um sufocado — *Porra!*

Ele está tentando não gozar também.

Então, é claro que tenho que continuar rolando meus quadris, me fodendo em seu pau ingurgitado, levando-o mais perto de perder o controle.

Só porque ele é maior e mais forte, não significa que ele está no comando.

Posso ser apenas uma professora do ensino médio com um carro de merda e uma história patética de namoro e uma incapacidade de multiplicar um dígito sem uma calculadora, mas sou sua rainha agora.

Tenho a intenção de jogar minha coroa e mostrar a ele com quem ele está lidando.

Quando ele abre os olhos e olha para mim, com a testa franzida e sua expressão de intensa concentração beirando a dor, sorrio.

— Como está se sentindo, garotão? Você parece um pouco cansado.

Respirando com dificuldade, ele diz algo em russo. Não tenho ideia do que ele disse, mas não importa. Este é o meu jogo que estamos jogando.

Meu jogo, minhas regras.

— Estou me sentindo muito bem, obrigada por perguntar. Embora eu tenha que admitir, minha boceta está tão esticada em torno de seu enorme pau que mal posso suportar. É uma coisa boa eu estar tão molhada.

Seus olhos brilham. Ele inala uma respiração forte.

Sorrio mais amplamente.

Oh sim. Está ligado.

Abaixando minha voz, sussurro, — Aposto que vou ficar ainda mais molhada quando você me colocar sobre o seu joelho e me bater. Vou ficar tão quente e molhada, e vou me contorcer no seu colo e implorar para você me foder, mas você não vai me foder até que eu chupe seu pau até que você esteja quase pronto para gozar também. Você vai me bater enquanto tenho seu grande pau duro empurrado em minha garganta, não vai, Kage? Oh, sim, você vai dar um tapa na minha bunda nua repetidamente com sua mão nua enquanto brinco com minha boceta ensopada e latejante e você fode minha boca, então você vai me colocar em minhas mãos e joelhos e violar minha bunda virgem com esse seu pau gigante

Com um empurrão violento que sacode a nós e à cama, Kage chega ao clímax.

Ele joga a cabeça para trás e grita roucamente para o teto, todos os músculos de seu grande corpo tensos.

Eu estaria mentindo se dissesse que vê-lo gozar completamente desequilibrado porque falei sujo com ele não teve efeito sobre mim.

Na realidade, é o oposto.

Saber que tenho tanto poder sobre ele na cama quanto ele sobre mim me deixa tão animada que só preciso de mais

alguns puxões de meu quadril contra o dele para eu ir direto ao limite com ele.

Empurro-me contra ele, em convulsão.

Ele abaixa a cabeça até meus seios e puxa com força um mamilo com sua boca quente.

Sinto-o latejando dentro de mim, latejando e pulsando enquanto aperto em torno dele. Grito seu nome.

Isso continua e continua até que nós dois desabamos contra o colchão, ofegando.

Quando nossos corpos pararam de tremer e finalmente recuperamos o fôlego, Kage desliza para fora de mim, nos rola para os nossos lados, me puxa contra ele de forma que ele está me acariciando, e dá um suspiro profundo e satisfeito em meu cabelo.

Com uma voz rouca aquecida pela admiração, ele diz: — Essa boca imunda.

— Você gostou?

— Nunca gozei tão forte na minha vida.

Meu ego grita de alegria, mas tento jogar com calma, encolhendo os ombros. — Aprendi com os melhores.

Sua risada sacode nós dois. Ele pressiona um beijo carinhoso na minha nuca. — Você vai ser a minha morte, linda garota.

Sorrio. — Espero que não.

Essa é a última coisa de que me lembro antes de cair em um sono tão profundo que é praticamente um coma.

Quando acordo de manhã, estou sozinha.

Kage se foi.

E os policiais estão batendo na minha porta.

Nat

Quando abro a porta, encontro duas pessoas em pé na minha porta. Um deles é um homem mais velho com uniforme de policial. Ele é barrigudo e tem um daqueles narizes vermelhos que indicam anos de bebedeira. Não o reconheço.

A outra pessoa é uma atraente mulher negra em seus quarenta e tantos anos, usando um vestido casual de negócios: calça bege e uma jaqueta azul-marinho com uma camisa de botões branca por baixo. Ela não usa maquiagem ou joias, nem mesmo brincos. Suas unhas não estão polidas. Seu cabelo está preso em um coque simples. Apesar de sua falta de ornamentação, ela exala um ar de glamour sem esforço.

Reconheço-a bem.

O nome dela é Brown. Detetive Doretta Brown, para ser mais precisa.

A mulher que liderou a investigação sobre o desaparecimento de David e nunca me deixou esquecer por um segundo que ela não estava descartando ninguém como suspeito.

Incluindo eu.

— Detetive Brown. Faz algum tempo. Você tem notícias sobre David?

Seus olhos se estreitam ligeiramente enquanto ela examina meu rosto.

Aposto que ela pode sentir o cheiro do medo em mim. A inteligência da mulher é assustadora.

— Não estamos aqui por causa disso, Sra. Peterson.

— Não?

Ela espera que eu diga mais, mas minha língua está presa firmemente entre os dentes. O aviso de Kage sobre falar com a polícia é muito recente para eu começar a tagarelar.

Quando não paro sob seu olhar de feixe de laser, ela acrescenta: — Estamos aqui sobre o tiroteio em La Cantina na noite passada.

Não dou um pio. No entanto, noto que há mais de um carro de polícia estacionado na calçada na rua.

Chris se inclina contra a viatura do xerife com os braços cruzados sobre o peito, olhando fixamente para mim por cima dos óculos de sol espelhados.

Merda.

Percebendo que a detetive Brown e eu poderíamos ficar ali em silêncio para sempre, o policial barrigudo faz uma sugestão amigável. — Por que não entramos e conversamos?

— Não.

Ele parece surpreso com a força da minha resposta. Detetive Brown, no entanto, não.

— Há algo que você gostaria de nos dizer, Sra. Peterson?

Aposto que seus ouvidos aguçados podem ouvir os gritos fracos de minhas entranhas, mas consigo manter o rosto sério quando respondo. — Há algo que você gostaria de *me* dizer?

Ela compartilha um olhar de cumplicidade com seu colega. Ele cruza os braços sobre o peito largo e me dá um novo visual. Um que diz que ele não me levava a sério antes, mas ele leva agora.

Obviamente, a detetive Brown tem lhe contado histórias.

Em seu livro, posso parecer inocente, mas não sou.

Pergunto-me se ela acha que cortei David em pedaços minúsculos e coloquei ele em um picador de madeira.

Ela diz: — Houve um tiroteio ontem à noite em La Cantina. Quatro pessoas foram mortas.

Pausa. Um olhar ousado. Não digo nada. Ela continua.

— O que você pode nos contar sobre isso?

— Estou presa?

Ela parece surpresa com isso, mas rapidamente recupera a compostura. — Não.

— Então, talvez você possa direcionar sua atenção para a investigação aberta do meu noivo desaparecido e voltar quando tiver algo.

Começo a fechar a porta, mas o outro policial diz: — Sabemos que você estava no restaurante ontem à noite.

Paro, respiro fundo e olho para ele. — Sinto muito, não fomos apresentados. Qual o seu nome?

Ele descruza os braços e casualmente pousou a mão na coronha da arma de fogo presa ao cinto de utilidades em sua cintura. Tenho a impressão de que é uma manobra para me intimidar. Em vez disso, me irrita regamente.

Não há nada que eu odeie mais do que um valentão.

Ele aponta para o distintivo em seu peito. — O'Donnell.

Mantendo meu tom agradável, digo: — Policial O'Donnell, pegue sua colega e saia da minha varanda. A menos que você tenha novas informações sobre o

desaparecimento de meu noivo, não tenho nada a dizer a nenhum de vocês.

A detetive Brown diz: — Poderíamos fazer você vir até a delegacia para bater um papo.

— Só se você estiver me prendendo. O que você já disse que não está.

Rapaz, ela *realmente* não gosta de mim. Seu olhar poderia descascar o papel das paredes.

— Por que você se recusaria a cooperar conosco se não tem nada a esconder?

— Os cidadãos não têm obrigação de falar com a polícia. Mesmo que sejam acusados de um crime. Mesmo se eles estiverem na prisão. Estou certa?

Ela diz: — Um juiz pode forçá-la a falar conosco.

Tenho certeza de que é um exagero, mas considerando que não sou um advogado constitucional, não sei.

Ainda assim, estamos jogando frango aqui.

Não vou piscar primeiro.

Digo: — Não vejo um juiz na minha varanda. Tenha um bom dia, detetive.

Com o coração martelando, fecho a porta na cara deles. Então fico ali tremendo e tentando me controlar, até ouvir a voz de Chris do outro lado da porta.

— Nat. Abra. Sei que você está parada aí.

— Vá embora, Chris.

— Estou com sua bolsa.

Congelo de horror.

Oh meu Deus. Minha bolsa! Deixei no restaurante!

Não entre em pânico. Você não fez nada de errado.

Apresse-se e invente uma mentira de qualquer maneira.

Abro a porta e olho para ele, parado ali com minha pequena bolsa preta na mão. Minha mente vai a um milhão de milhas por hora tentando descobrir o que fazer.

Quando não digo nada, Chris suspira. — Quatro pessoas foram mortas ontem à noite, Nat. Seis outros ficaram feridos. Se você sabe de alguma coisa, realmente precisa falar com a polícia.

A detetive Brown e o policial O'Donnell estão na calçada ao lado de sua viatura, nos observando conversar. Sei que mandaram Chris porque namorávamos e eles acham que ele teria uma chance melhor de arrancar informações de mim.

O que me faz pensar no que ele disse a eles sobre nosso relacionamento.

O que ele *pensa* sobre nosso relacionamento. Ele realmente acredita que tem algum tipo de influência sobre

mim, a garota com quem ele namorou por algumas semanas no verão passado, com quem ele nunca teve relações sexuais?

Homens.

— Não sei de nada.

Ele segura minha bolsa e me encara. — Mesmo? Então você não estava em La Cantina ontem à noite? Isso acabou de sair de sua casa e apareceu na cena de um crime?

Tenho a sensação de que não há nenhum vídeo meu no restaurante. Que a bolsa – com minha identidade e telefone dentro – é a única coisa que me coloca lá. Detetive Brown com certeza teria usado a filmagem da câmera de segurança como seu trunfo para me assustar e me fazer falar, mas ela não o fez.

Dedos cruzados, porque embora eu possa não ser legalmente obrigado a falar com a polícia, não tenho ideia se mentir para eles é crime.

Olhando nos olhos de Chris, digo: — Acidentalmente deixei aquela bolsa no balcão da lavanderia outro dia. Quando voltei para buscá-la, ela havia sumido.

Ele examina meu rosto em silêncio por um momento. — Você está me dizendo que alguém roubou sua bolsa e manteve todas as suas coisas dentro quando saiu para jantar?

— Não tenho ideia do que aconteceu com ela entre o antes e o agora. Posso pegar de volta, por favor?

Seu suspiro é pesado. — Nat. Vamos. O que diabos está acontecendo com você?

— Só estou tentando pegar minha bolsa de volta.

Sua voz ganha um tom agudo. — Sim? Então você se recusar a falar que não tem nada a ver com o seu vizinho?

Meu estômago aperta. Engulo, sentindo minhas mãos tremerem, desejando ser o tipo de pessoa que pode mentir com confiança. Sloane já o teria rasgado com um novo e o chutado para o meio-fio.

Seja Sloane.

Levanto meu queixo, puxo meus ombros e estendo minha mão. — Dê-me minha bolsa.

— Eu sabia que ele era um problema, aquele cara. Você confia muito nas pessoas, Nat. Você precisa ser mais cuidadosa.

— Não sei de quem você está falando. Dê-me minha bolsa.

— Você não sabe de quem estou falando? Será que isso soa como um sino?

De dentro do bolso da jaqueta, ele puxa um pedaço de papel dobrado. Colocando minha bolsa debaixo do braço, ele desdobra o papel e o entrega para mim.

É um esboço a lápis preto e branco da cabeça e do rosto de um homem. Apesar do meu horror, devo admitir que a semelhança é notável.

É Kage.

Mesmo em um esboço desenhado à mão, bidimensional, ele é tão lindo que me tira o fôlego. Se houvesse um concurso internacional de homem quente, ele o venceria, sem dúvida.

— Este é um esboço da polícia de um dos suspeitos no tiroteio da noite passada. Alguns funcionários do restaurante deram uma boa olhada nele... logo antes de atirar em dois caras à queima-roupa. Ele parece familiar para você?

— Não.

Chris está ficando exasperado. Ele balança a cabeça, olhando para mim. — Esse é seu vizinho de porta, Nat. O cara que me ameaçou bem aqui nesta mesma varanda.

Envio seu olhar de volta para ele, triplicado. — Oh, você quer dizer quando você se forçou a mim enquanto eu dizia não? Sim, me lembro disso.

Um impasse mexicano começa. Somos dois bandoleros com pistolas em punho, frente a frente em um curral empoeirado, nenhum querendo correr ou atirar primeiro.

Finalmente, ele diz baixinho: — Você está transando com ele?

O calor sobe em minhas bochechas, mas não há nada que eu possa fazer a respeito. — Minha vida pessoal não é da sua conta. Agora me devolva minha bolsa e dê o fora da minha propriedade.

— Jesus, Nat. *Esse cara?* Você está brincando comigo? Tudo que você precisa fazer é *olhar* para ele para saber que ele é uma má notícia!

Respiro fundo. Então devolvo o esboço e pego minha bolsa com ele.

— Adeus, Chris.

Fecho a porta na cara dele.

Fico lá ouvindo por alguns momentos, mas ele não sai. Finalmente, ele pragueja baixinho.

— Ok, eu vou. Mas vou ficar de olho em você. Isso não acabou.

Suas botas fazem barulho quando ele se afasta.

Pergunto-me se por – manter um olho para fora, – ele realmente significa manter um olho *sobre*.

Tenho um mau pressentimento de que ele decidiu tornar sua missão pessoal ficar de olho em mim.

Vou para a cozinha, sento-me à mesa e abro minha bolsa. Tudo está lá como estava, minha carteira e telefone, batom e chaves.

Estou chocada quando percebo que não tranquei a porta da frente ontem à noite quando Kage e eu saímos. Não percebi que a porta estava destrancada quando voltamos, também.

Se vou ser a rainha de um rei da máfia, terei de ser mais inteligente sobre coisas assim.

Quando meu celular toca, pulo assustada. Não reconheço o número, então fico hesitante quando atendo.

— Olá?

— O líder da máfia russa na América é um cara chamado Maxim Mogdonovich, um ucraniano. Não é interessante, um ucraniano no comando? Você pensaria que os russos étnicos ficariam um pouco chateados.

— Sloane! Oh! Graças a Deus. Você está bem? Você está segura? Onde você está?

Ela ri deliciada, parecendo estar no convés de um navio de cruzeiro lido, coquetel na mão. — Baby, estou bem. Você me conhece. Sempre caio de pé. A questão é: como *you* está?

Desabo de cara na mesa da cozinha e gemo.

— Isso foi o que pensei. Tome uma taça de vinho. Isso vai fazer você se sentir melhor.

— São nove horas da manhã.

— Não em Roma, não é.

— Não estou em Roma!

— Não, mas eu estou.

Sento-me totalmente ereta na cadeira. — *O quê?*

— Stavros tem um avião particular. Voamos assim que saímos do restaurante. Acho que ele está com medo de que seu homem vá amarrá-lo pelas bolas se alguma coisa acontecer comigo. Eu realmente vou gostar de você ser a chefona da máfia, a propósito.

— Com licença, mas não sou nenhuma *tola*.

— Você nem sabe o que isso significa.

Odeio quando ela está certa. — Saberei, se você me der um segundo para pesquisar no Google.

— Significa a companheira de gângster.

— Existe uma palavra para isso?

— Há uma palavra para tudo. Exemplo: você conhece aquele pequeno patamar no topo de um lance de escadas onde você tem que virar e subir outro lance de escadas?

— Sim?

— Isso é chamado de meio-espço. Não é fofo?

— Você está bêbada. É isso?

Ela ri novamente. Ouço vozes de homens ao fundo. — O iate de Stavros tem muitas escadas.

— Iate? Achei que você estivesse em Roma!

— Desembarcamos em Roma. Agora estamos em seu iate. O Mar Mediterrâneo é *inacreditável*. Ei, você e Kage deveriam vir se juntar a nós!

Não é à toa que ela parece estar tomando coquetéis no convés lindo de um navio de cruzeiro: ela está.

Exijo: — Você sabia que Stavros estava na máfia, não é?

— Não é como se eles fizessem uma grande produção disso. Ninguém anda por aí com alfinetes de lapela que dizem 'mafioso'. Ou qualquer que seja a palavra em russo. Só tenho uma vibração.

— Como você não me disse que estava namorando um mafioso? Você disse que ele era um cara da tecnologia!

— Ele é um cara de tecnologia. Que também está na máfia. Porque você está tão chateada?

Digo secamente: — Puxa, não sei. Talvez tenha a ver com o tiroteio durante o jantar na noite passada? Ou os quatro cadáveres que deixamos em La Cantina? Ou os policiais que bateram na minha porta esta manhã? Ou o fato de que Kage tinha ido embora quando acordei?

Ela suga uma respiração emocionada. — Você dormiu com ele, não foi?

— De tudo que eu disse, *é sobre isso* que você está interessada em falar?

— Sim! Oh meu Deus, vadia, desembucha!

— Retroceda, maníaca. *Os policiais bateram na minha porta esta manhã.*

— E você não disse nada a eles. E agora eles se foram. Vamos voltar às coisas boas: você e Kage. Sei que a resposta é provavelmente não porque foi a sua primeira vez juntos e tudo, mas ainda tenho que perguntar... sexo anal?

— Há algo muito, muito errado com você.

— Responda à pergunta.

— Eu poderia estar na prisão agora mesmo!

— Baby, você não fez nada para ser colocada na prisão. Agora responda a maldita pergunta.

— A resposta é não, psicopata!

Ela suspira em decepção. — Bem, pelo menos você está bem. Tivemos sorte em sair vivas daquele restaurante.

— O que aconteceu, afinal? Perdi como o tiroteio começou.

— Stavros viu alguns caras no bar que estavam olhando para ele de lado. Ele disse algo para Alex e Nick, os outros caras se aproximaram da mesa, houve um pouco de conversa, então Alex e Nick pularam e abriram fogo.

Então eles começaram. Interessante. — O que eles disseram um ao outro?

— Quem diabos sabe? Estava tudo em russo e irlandês. Fosse o que fosse, obviamente não era bom.

— Stavros te disse alguma coisa?

Ela ri. — Querida, sei que não devo perguntar. Quanto menos soubermos, melhor.

Ela soa exatamente como Kage. Faço uma careta para o telefone.

— Quando você vai voltar?

— Não tenho certeza. Mas pelo que ouvi, Stavros e sua equipe vão esperar o contato com Kage antes de fazerem qualquer coisa. Aparentemente, mana, seu homem é uma merda. Perdendo apenas para o Grande Poobah da máfia russa.

Maxim Mogdonovich. O homem que Kage disse que estava na prisão... deixando-o para cuidar dos negócios diários.

Meu namorado é o chefe interino de um sindicato criminoso internacional.

Minha mãe ficaria muito orgulhosa.

Meu telefone emite um bipe, indicando outra chamada recebida. Quando olho para ver quem é, meu coração começa a bater forte. Digo a Sloane que terei de ligar de volta.

Então clico em Kage.

20

Nat

— Kage!

— Bom Dia. Deixei um celular para você na gaveta sob o micro-ondas da cozinha. Vai buscar.

Por alguma razão estranha, ouvir sua voz me emociona. Provavelmente por causa da minha história com homens desaparecidos.

Depois que um deles desaparece permanentemente de você, mesmo uma ida não anunciada ao banheiro do outro cara é causa para um ataque de pânico.

Hiperventilando, pego o telefone. — Onde você está? Você está bem? Você vai voltar? A polícia esteve aqui

— Natalie. *Pegue. O. Telefone.*

Posso dizer pelo seu tom que ele não está com humor para perguntas e respostas. Então, vou até a gaveta em que ele disse que o telefone estava dentro. Com certeza, aí está.

É uma coisa preta elegante, dobrada ao meio e do tamanho de um cartão de crédito. Quando o abro, a tela acende.

— Qual é a senha?

— O aniversário da sua mãe.

Isso me faz parar. — Como você sabe o aniversário da minha mãe?

— Sei tudo sobre você.

— Isso não é possível.

Sem hesitar, ele começa a marcar uma lista.

— Sua cor favorita é azul índigo. Sua música favorita é 'Somewhere Over the Rainbow'. Sua comida favorita é o frango assado de sua mãe. Você é de peixes, não come quase nada de vegetais e doa muito do seu magro salário de professor para instituições de caridade de resgate de animais. Seu primeiro carro foi um Mustang conversível 1986. Seu pai comprou usado para você no seu aniversário de dezesseis anos. A transmissão saiu três meses depois.

Onde ele conseguiu todas essas informações? Mídia social? Verificação em segundo plano?

O FBI?

Quando fico em silêncio, atordoada demais para responder, ele diz gentilmente: — Eu disse que sou obcecado

por você. Você acha que isso significa escrever seu nome repetidamente em um bloco de notas e desenhar pequenos corações ao redor dele?

— Por favor, espere. Estou me sentindo enjoada.

Ele me ignora. — Vou desligar e ligar para você no outro telefone. É indetectável. Use-o de agora em diante e destrua o seu. Esmague-o com um martelo e jogue os pedaços em diferentes latas de lixo pela cidade.

Ainda estou tentando recuperar o equilíbrio, mas consigo perguntar: — Isso é realmente necessário?

— Eu não pediria que você fizesse se não fosse.

Ele desliga sem se despedir. Em segundos, o outro telefone toca.

Pego e digo: — Por favor, não me diga que tenho que deixar o país. Gosto daqui.

— Não seja dramática. Você não vai a lugar nenhum.

— *Não seja dramática?* Com licença, mas sou um cúmplice de assassinato!

Ele ri. — Você está em pânico. Não. Tudo está sob controle.

— Controle de *quem?*

— Meu, é claro.

Ele parece tão confiante, tão sereno, tão calmo. *Muito* calmo.

Quantos caras ele atira em uma semana média?

— Kage?

— Sim?

— Estou tendo problemas com tudo isso.

Sua voz fica mais suave. — Eu sei, baby. Mas acredite em mim quando digo que cuidarei de você. Vou cuidar de tudo. Tudo vai ficar bem.

— Mas a polícia está procurando por você!

— Não havia câmeras de segurança no restaurante. As testemunhas que forneceram minha descrição à polícia não me viram atirar em ninguém. Andei pela sala, então eles ouviram tiros. As portas da cozinha foram fechadas atrás de mim. Eles não podem me identificar como o atirador.

— Como você sabe de tudo isso?

Em sua pausa, sinto sua satisfação. — Sei tudo.

Estou começando a achar que ele realmente quer.

— Sloane

— Está em Roma. Eu sei. — Sua voz cai. — Você parece tão em paz quando dorme. Como um anjinho. Tão doce. Bom

o suficiente para comer. Porra, amo o seu gosto. A maneira como você goza tão forte por mim. Já estou viciado.

Sento-me de volta à mesa da cozinha, deixo cair minha cabeça e bato suavemente minha testa contra ela algumas vezes.

— Que som é esse?

— Meu colapso mental.

— Você é mais forte do que pensa. Você vai ficar bem.

— Tem certeza? Porque agora estou com vontade de fazer uma internação preventiva. Um médico muito preocupado deveria estar me monitorando na UTI.

— Isso é adrenalina. Você vai se acostumar com isso.

Meus olhos saltam de horror. — Acostumar? Esse tipo de coisa vai acontecer com frequência? Caras vão cair em volta de mim como moscas?

Sua voz fica firme. — Natalie. Garota linda. Respire fundo.

Com a testa apoiada no tampo da mesa de madeira lisa, fecho os olhos e obedeco.

— Bom. Agora faça de novo.

Murmuro, — Mandão, — mas obedeco a ele assim mesmo.

Após alguns momentos de silêncio, ele diz: — Fui chamado a negócios esta manhã. Não sei quanto tempo vai demorar até que eu possa voltar. Enquanto isso, você pode entrar em contato comigo por telefone a qualquer hora do dia ou da noite. Se precisar de alguma coisa, é só me avisar. Não fale com ninguém sobre o que aconteceu, exceto Sloane. E livre-se do seu outro telefone o mais rápido possível. Hoje. Entendido?

Ele não interrompe meu silêncio. Ele me deixa pensar em tudo até estar pronto para falar.

Quando suspiro pesadamente, ele exige: — Diga-me.

— Inscrevi-me para isso. Eu disse sim...

— Você está se arrependendo?

— Cale a boca e deixe-me falar, por favor.

Um rosnado baixo e estrondoso vem ao longo da linha, sinalizando sua impaciência, mas ele obedece.

— Como eu ia dizendo: eu disse sim para você. Para essa coisa entre nós. Ser mantida no escuro sobre um monte de coisas, e basicamente viver vidas separadas, apenas nos vendo... bem, sempre que for conveniente para você, se estivermos sendo precisos

— Para sua segurança. Para *you*.

Fumegando de raiva, pulo na cadeira. — Estou falando agora! Sua vez é a próxima! Onde estão suas maneiras, mafioso?

Ouve-se um pequeno som. Uma risada abafada, talvez. Então ele volta na linha, parecendo arrependido. Também como se ele estivesse tentando muito não explodir em gargalhadas.

— Desculpe-me. Por favor, continue.

Se ele estivesse na minha frente agora, chutaria sua bunda arrogante de seis maneiras até domingo.

— Se isso vai funcionar, você tem que me prometer algo aqui e agora. Prometa e é sincero.

— Claro.

— Nunca minta para mim.

Ele parece insultado. — Eu já disse que não faria isso.

— Me diga de novo. Porque mentir é um obstáculo para mim.

Sua exalação é lenta e pesada. Quase posso ouvi-lo revirando os olhos.

— Não posso te contar tudo, mesmo se eu quisesse. Existem vidas de outras pessoas em risco. Mas se eu puder responder a uma pergunta, eu o farei. Não vou reter

informações deliberadamente sem motivo... mas haverá mais lacunas do que você gostaria.

— E isso é justo. Isso é compreensível. Apenas nunca minta para mim, Kage. Se você quiser que eu confie em você, preciso saber que você me contará o máximo de verdade que puder.

Ele diz baixinho: — Estou ouvindo.

— Então, estamos de acordo?

— Sim.

Estico meu pescoço e solto um suspiro. — OK. Tenho que desligar agora.

— Por quê?

— Estou atrasada para o trabalho.

— Você não precisa mais trabalhar, se não quiser.

Eu ri. — Oh sério? Ganhei na loteria ou algo assim?

Ele ri. — Ou alguma coisa. Você me conquistou.

Espere. Ele está realmente *falando sério*. Paro de rir e franzo a testa. — Deixe-me ver se entendi. Você está me dizendo que depois de dormir comigo uma vez, você está disposto a me apoiar financeiramente de agora em diante?

— É claro.

— Não faça isso parecer tão razoável!

— Por que não? Isto é.

— Não, absolutamente não.

— Você é minha agora. É meu dever e prazer cuidar de você.

Quem fala assim? O que está acontecendo? — Dê-me um segundo. Minha cabeça está girando.

— Não estou dizendo que você *deveria* largar seu emprego. Só estou dizendo que você *poderia*. O dinheiro não será mais uma preocupação para você.

Olho em volta da cozinha como se procurasse a ajuda de outra pessoa mais razoável. — Você vai me enviar uma mesada agora, é isso que estou ouvindo?

— Sim.

— Excelente. Aceito em barras de ouro, por favor. Sempre quis empilhá-los em uma pirâmide gigante na sala de estar para ver se consigo me comunicar com os alienígenas.

Ignorando meu sarcasmo, ele diz: — Sua casa já está paga – o que é bom, porque o seu salário é patético – mas abri uma conta fiduciária para você, da qual você pode sacar para quaisquer despesas grandes. Um carro novo. Novo guarda-roupa. Novo jato. Qualquer que seja.

Jato?

Quando fico quieta por muito tempo, tentando levantar meu queixo do chão, ele diz: — A conta está unicamente em seu nome, se é com isso que você está preocupada. Não posso revogar. Esse dinheiro é seu para fazer o que quiser.

Quando ele ouve o pequeno ruído estrangulado que faço, ele ri. — Se sete zeros não forem suficientes, vou transferir mais.

Tentando descobrir quanto dinheiro tem sete zeros, meu cérebro se transforma em ovos mexidos. Digo sem fôlego: — Espere. *Espere*

— Senhor. Santiago de MoraBanc em Andorra entrará em contato com os detalhes. Você pode confiar nele. Ele é um bom homem. Fazemos negócios juntos há anos. Na verdade, deveríamos planejar uma viagem para lá. É um lugar lindo, entre a França e a Espanha nas montanhas dos Pirineus. Estâncias de esqui incríveis. — Sua voz fica terna. — Sei o quanto você adora esquiar.

Outro detalhe sobre mim que nunca contei a ele.

Ele tem sido um menino muito ocupado.

Decido que é mais seguro eu ficar de braços na mesa. Quanto mais essa conversa continua, mais sou capaz de cair de lado no chão e abrir minha cabeça.

— Baby?

— Hmm?

— Você está bem?

— Apenas uma pequena hemorragia cerebral. Nada para se preocupar.

— Você é tão fofa.

— Que bom que te divirto.

— Vou tentar voltar para o Natal, mas não posso garantir. Enquanto isso, relaxe. — Sua voz fica quente. — E fique longe dessa gaveta de brinquedos. Quero você bem apertada como uma mola na próxima vez que te ver. Quero que você goze no meu pau no segundo que eu enfiar dentro de você.

A linha fica muda.

Fico na mesma posição por muito tempo, pensando, até que finalmente acordo e levo Mojo para fora para fazer xixi. Então me visto e vou trabalhar.

A vida continua, mesmo quando é bizarra e confusa.

Mesmo quando você é a nova obsessão de um criminoso rico, sexy e perigoso.

Mesmo quando você está além da sua cabeça.

21

Nat

Pelas próximas semanas, existo em um estado estranho de antecipação sem fôlego. Estou tensa e nervosa, como se a qualquer momento, um monstro com cabeça de cobra gritando estivesse prestes a sair de debaixo da minha cama.

Quase não durmo. Ando tanto que faço sulcos no chão. Não consigo nem olhar para minha gaveta de brinquedos sexuais, muito menos usar um deles. Não é tanto o comando de Kage que me impede de fazê-lo, mas que honestamente estou muito ansiosa.

A ansiedade que se deve, em parte, ao carro-patrulha do xerife que passa furtivamente por minha casa a qualquer hora do dia e da noite.

Chris mantém sua palavra de ficar de olho em mim como eu guardo rancor: religiosamente.

Não sei o que ele espera alcançar. Não há nada a descobrir com esse compromisso.

Kage não retorna.

Falamos ao telefone quase todos os dias, mas as conversas são curtas. Ele está sempre sendo puxado pelos negócios, interrompido pelos muitos deveres e obrigações de seu cargo. Tenho a sensação de que raramente tem tempo para si, até mesmo para dormir.

Fiel à sua palavra, porém, recebo uma ligação do Sr. Santiago, de MoraBanc. Quando ele me informa que o saldo da minha nova conta fiduciária é de dez milhões de dólares e pergunta em qual moeda eu gostaria de começar a receber fundos, dou risada até que ele fica desconfortável e me diz que vai me ligar de volta em um momento melhor.

Sloane contrata alguém para assumir suas aulas no estúdio de ioga, e ela e Stavros navegam pelo Mediterrâneo. A cobertura noticiosa do tiroteio diminui. Estou morrendo de vontade de descobrir o que a polícia sabe sobre aquela noite no restaurante, mas a única informação que posso conseguir é do jornal local. Não é muito.

Uma coisa estranha é que nenhum dos quatro homens que foram baleados foi capaz de ser identificado. Eles não carregavam nenhuma identidade, e suas impressões digitais e rostos não foram encontrados em nenhum banco de dados da polícia, nos Estados Unidos ou no exterior. As armas que carregavam não eram registradas. Os exames odontológicos forenses não revelaram uma correspondência.

Mesmo antes de morrerem, todos os quatro eram fantasmas.

Pergunto-me se Kage também é um fantasma, existindo apenas por reputação. O temido Kazimir Portnov, capaz de causar medo nos corações de assassinos empedernidos apenas com a menção de seu nome.

Tento não pensar em todas as coisas terríveis que ele deve ter feito para ganhar sua reputação.

Tento não me perguntar o que um homem como ele veria em uma garota como eu. O que ele acha que um professor de uma cidade pequena pode lhe dar e ele não consegue em nenhum outro lugar.

E apesar de toda a minha preocupação, quando chega a véspera de Natal, o detetive Brown não bate na minha porta novamente.

Não tenho certeza se isso é um bom ou mau sinal.

Com um pouco de pena de mim mesma por estar sozinha na véspera de Natal, preparo um bom jantar. Frango assado com batata vermelha, salada com vinagrete de champanhe. O frango é a receita da minha mãe – aquela que Kage de alguma forma sabia que é minha favorita – e tem um gosto delicioso.

Também me faz sentir pior ficar sentada à mesa da cozinha, tendo apenas Mojo como companhia.

Imaginando-me cinco anos no futuro fazendo exatamente a mesma coisa que Kage viaja pelo mundo –

sabe-se lá onde, sabe-se lá o quê – fico tão deprimida que abro uma garrafa de vinho e termino.

Ligo para meus pais no Arizona, mas a caixa postal deles atende. Eles provavelmente estão na casa de um amigo, brindando com gemada, os olhos brilhando com a alegria do feriado.

Até os aposentados têm uma vida social melhor do que a minha.

Eu ligaria para Sloane, mas não consigo descobrir a diferença de horário entre Tahoe e Roma sem pesquisar. Além disso, ela poderia estar na Noruega agora. África. Brasil. A última vez que nos falamos, há vários dias, ela e Stavros estavam remoendo mapas.

Parecia que ela estava se divertindo muito, ela poderia nunca mais voltar.

Querendo saber por que Kage não ligou ainda, fico vagando pela casa até que seja hora de deixar Mojo sair para um último xixi antes de dormir. Enquanto estou parada na varanda da frente, com meus chinelos felpudos e meu casaco de inverno, vendo o cachorro farejar nos arbustos, um carro passa devagar pela casa.

É um sedan branco com luzes montadas no teto e as palavras Placer County Sherriff pintadas na lateral em dourado e verde.

Chris para no meio-fio, estaciona o carro e sai, deixando-o ligado.

Maravilhoso. Exatamente o que eu precisava agora. Muito obrigada, universo.

Considero pegar o cachorro e voltar para dentro, mas acho que Chris iria apenas bater na minha porta até que eu abrisse de qualquer maneira. Então, espero na varanda enquanto ele se aproxima, de chapéu na mão.

— Boa noite, Nat, — ele diz, parando a uma distância respeitosa. — Feliz Natal.

Seu tom é neutro. Sua expressão é ilegível. Não tenho ideia se ele está feliz, triste ou prestes a explodir de raiva.

Digo agradavelmente, — Feliz Natal, Chris. Estou surpresa em ver você trabalhando esta noite. Seu chefe não lhe dá férias por espionar suas ex-namoradas?

— Não estou espionando você.

— Quantas vezes por dia você passa pela minha casa?

— Tudo parte do trabalho. Você sabe, mantendo a comunidade segura e tudo mais.

— Você acha que sou uma ameaça para a comunidade?

— Não. Você não. No entanto, acho que você é boa demais para aquele pedaço de merda que está protegendo.

Olhamos um para o outro. Na luz da varanda, seus olhos por trás dos óculos brilham em um azul glacial.

É melhor colocá-lo lá fora. Ambos sabemos por que ele está aqui.

Digo baixinho: — Sempre gostei de você, Chris. Acho você uma boa pessoa. Mas essa coisa que você está fazendo, me perseguindo assim, não é legal. Não importa quantas vezes você passe pela minha casa, acabou.

Sua mandíbula funciona. Uma rachadura aparece na fachada lisa de sua expressão. Por um momento, ele quase parece que vai começar a gritar comigo.

Em vez disso, ele desvia o olhar, respirando lentamente. — Fiz algumas escavações. Tenho alguns amigos na agência. Mostrei a eles o desenho do seu vizinho. Eles mantiveram isso fora do noticiário, mas eles sabem quem ele é.

Ele olha para mim e agora seus olhos azuis estão ferozes. — Você sabe quem ele é, Natalie?

— Chris, por favor.

— Você sabe o *que* ele é?

— Isto é ridículo.

Ele dá um passo em minha direção, os olhos brilhando. — Não, não é. Na verdade, é uma questão de vida ou morte.

Bebi muito vinho para lidar com essa merda com calma por mais tempo. Exijo: — O que isso quer dizer?

Chris levanta a voz. — Isso significa que seu vizinho é o segundo membro mais graduado da máfia russa, Nat. Isso significa que esse é o cara com quem você está dormindo.

— Eu *nunca* disse isso.

— É um mentiroso, um criminoso profissional e um assassino. Ele *mata pessoas*, Nat. Por uma vida. Esse é o seu trabalho. É assim que o chamam: Reaper¹². Você sabe, como no *Grim Reaper*? Como no esqueleto na capa com a foice que vem para pegar sua alma?

Reaper.

Meu namorado tem o nome de uma personificação mítica da morte?

Uma imagem mental de Kage com olhos vermelhos brilhantes espiando por baixo do capuz de uma capa preta me dá calafrios.

Tentando manter minha voz calma, digo: — Nada disso tem nada a ver comigo. Agora é hora de dizer boa noite e de você ir embora. Mojo!

Assobio para ele. Ele trota, ignorando Chris, e volta para dentro, entrando na casa pela porta aberta atrás de mim.

¹² Ceifador.

Chris dá mais um passo à frente. Dou um passo para trás. A raiva em seu olhar faz meu coração bater mais forte e meus olhos se arregalam.

Então sinto o cheiro do álcool em seu hálito e meu pulso dispara mais alto.

Alarmada, digo: — Você andou bebendo.

— Você também. Suas bochechas sempre ficam vermelhas depois de algumas taças de vinho.

É verdade. Estou propensa a ruborizar. Também estou propensa a teorias de conspiração e pensamento do pior cenário possível, impressionantemente demonstrado por meu cérebro, que está gritando que Chris está prestes a me matar.

Ele diz: — Você sabe como eu sabia que você estava dormindo com ele? Você faz isso quando não está dizendo a verdade. Você olha para cima e para a direita. Só por um segundo. Quando perguntei se você estava transando com ele, foi o que você fez.

O fato de ele perceber um tique tão pequeno em mim me assusta profundamente.

Isso me faz pensar no que mais ele notou.

E por que ele estava olhando tão de perto em primeiro lugar.

— Você perceberá que não estou olhando para cima e para a direita agora quando digo que você está começando a me assustar.

Ele estava prestes a dar mais um passo à frente, mas para.

Ele diz com veemência: — Eu nunca machucaria você. Provado pelo fato de que eu não disse aos federais que pensei que você e esse personagem Reaper estavam envolvidos. — Seus olhos escurecem. — Porque se eu fizesse, você estaria sentado em uma cela militar do site negro agora, algemada, sendo questionada por um cara chamado Snakebite que fica excitado ao ver sangue e ao som de uma mulher gritando.

É oficial. Chris saiu dos trilhos.

— E não é de mim que você deveria ter medo. Sou apenas um cara que quer o melhor para você. Posso te dizer, Nat, com cem por cento de certeza, que o melhor para você *não* é Kazimir Portnov.

Então ele sabe o nome verdadeiro de Kage. Ele descobriu sobre ele.

Isso faz minha ansiedade explodir em pânico.

Se Kage descobrir que Chris foi para os federais, e os federais agora estão de olho nele... talvez ele não venha mais por aqui.

Talvez nunca mais o veja.

Estou em pânico pelo espaço de alguns batimentos cardíacos, então sou consumida pela raiva.

Como ousa esse cara, com quem eu mal passei alguns meses, com *quem nunca* transei, pregar essa merda de homem das cavernas mesquinha e territorial.

Dou um passo para trás pela soleira da porta aberta, pego a espingarda encostada na parede no canto e fico de frente para Chris com o cano do rifle na mão esquerda, a coronha apoiada no chão.

Digo com firmeza: — Esta é uma propriedade privada. *Minha* propriedade. Já lhe pedi para sair, mas você não me atende. Então, você não está apenas me assediando e me assustando, você está invadindo. E considerando nosso relacionamento anterior, sua obsessão com meu vizinho e seu histórico de comportamento perseguidor com os constantes percursos – que tenho certeza que seu chefe poderia rastrear de seu telefone ou do equipamento em sua viatura se precisasse – ficaria muito mal para você na frente de um júri se eu me sentisse obrigada a usar esta arma.

Seus olhos saltam. Seu rosto fica vermelho. Ele balbuciou: — A-você está ameaçando *atirar em mim*?

— Não sei, Chris. Verifique se estou olhando para cima e para a direita.

Depois de um momento de silêncio atordoado, ele diz em voz alta: — Sua vadia!

Isso quase me faz sorrir. Se nada mais, isso me faz sentir melhor por estar toda Rambo com ele. — Encantador. Agora saia da minha varanda antes que eu coloque um buraco em seu peito grande o suficiente para ver a luz do dia.

Ele aperta os punhos. O vapor sai de suas orelhas. Ele fica ali tremendo de raiva até que ele vira e se afasta, praguejando.

Nunca fui um entusiasta de armas antes. Só tenho a coisa porque meu pai deixou para trás quando ele e minha mãe se mudaram. Mas agora, estou sentindo todos os tipos de resistência de Clint Eastwood, e tudo o que precisei foi descansar minha mão nesta arma.

Esta arma que não poderia abrir um buraco em nada, humano ou não, porque não está carregada.

Enquanto Chris desce a rua em uma nuvem de fumaça, fico na porta aberta, sem saber se quero rir ou chorar.

Vou para a cama deprimida.

Quando acordo algum tempo depois, ainda está escuro. O quarto está silencioso e imóvel. Por um momento, estou desorientada, ouvindo atentamente na escuridão e me perguntando com uma pequena vibração de pânico dentro do meu peito o que me fez acordar.

Então meu coração começa a bater forte, porque percebo que não estou sozinha.

Alguém mais está no quarto comigo.

Nat

Com um grito de terror, pulo para a mesa de cabeceira ao lado da cama, abro a gaveta e puxo a primeira coisa sólida que minha mão fecha para usar para me defender.

Então me esforço para voltar contra a cabeceira da cama e grito: — Tenho uma arma!

As luzes acendem.

Kage está na porta do meu quarto.

As sombras se aninham nas cavidades sob seus olhos. Seu cabelo escuro está despenteado. Ele está vestindo calça social preta, sapatos de couro preto e uma camisa social justa de botões que destaca a bela arquitetura de seu peito e braços.

Do pescoço à bainha, todo o lado esquerdo de sua camisa está suja de sangue.

Ele diz: — Precisamos ter uma conversa sobre autodefesa, baby. Você não pode assustar um intruso com isso.

Com um leve sorriso, ele aponta para o que estou brandindo para ele:

Meu grande vibrador rosa.

Jogo fora, salto da cama e corro para ele, jogando meus braços em volta de seus ombros e enterrando meu rosto em seu pescoço. — Você está aqui!

Ele envolve seus braços em volta das minhas costas, me puxando com força contra seu peito. Sua voz é um estrondo baixo e satisfeito. — Estou aqui. Você está com saudades de mim?

— Não. Nem um pouco. — Aconchego-me mais contra ele, o mais perto que posso chegar, arrastando seu cheiro em meu nariz e estremecendo um pouco de felicidade.

Ele ri, pressionando um beijo no meu cabelo. — Mentirosa. Dê-me sua boca.

Inclino minha cabeça para trás e imediatamente coloco seus lábios nos meus. Ele me beija vorazmente, me segurando com força.

Quando subimos para respirar, digo sem fôlego: — Por que há sangue por toda a sua camisa?

— Porque algum idiota atirou em mim.

Horrorizada, me afasto de seus braços e fico olhando para ele, procurando por buracos. — O quê? Ah Merda! Onde?

— Meu ombro. Relaxa. Mal é um arranhão.

— Arranhões não sangram assim! Deixe-me ver, tire sua camisa!

Ele sorri com indulgência para mim, como se eu fosse um bebê agitado. — Nem mesmo sessenta segundos na porta e ela já está tentando me deixar nu.

Com as mãos na cintura, olho para ele. — Não fale sobre mim como se eu não estivesse na sala. E tire sua camisa antes que eu tenha um ataque cardíaco.

Seu sorriso fica mais largo. — E você diz que sou mandão.

Ele cumpre minha exigência, desabotoando a camisa rapidamente. Quando ele a deixa cair no chão e fica parado com o peito nu, paro por um momento para admirá-lo antes de me lembrar do que devo fazer: procurar buracos.

Encontro rapidamente o que procuro. Na parte externa de seu ombro há um corte vermelho feio do qual o sangue ainda está vazando.

— Sente-se, — ordeno, empurrando-o em direção à cama.

Ele se senta na beira do colchão, então agarra meus quadris e olha para mim enquanto fico entre suas pernas e inspeciono o ferimento, fazendo uma careta.

Ele murmura: — Minha enfermeira particular. Você deveria tirar sua camisa também.

Ele desliza a mão em minhas costelas e aperta meu peito.

Estou usando meu pijama típico de shorts masculinos e uma camiseta de algodão macia sem nada por baixo. Ele dedilha meu mamilo até que esteja tenso, então se inclina e gentilmente o morde através do algodão.

É uma sensação incrível, mas temos assuntos mais urgentes para tratar.

— Preciso limpar isto, Kage. Pare de me distrair.

Ele fuça meus seios, inalando o cheiro da minha pele. Ele sussurra: — Senti sua falta. Não consegui respirar desde que saí.

Uma explosão de alegria efervescente explode dentro do meu estômago, mas seguro firme.

— Os elogios não levarão você a lugar nenhum. Vou colocar um pouco de antisséptico...

Ele me agarra, me joga na cama e pressiona o comprimento longo e duro de seu corpo contra o meu, estabelecendo seu corpo entre minhas coxas abertas.

— Mais tarde, — ele diz, sua voz rouca de necessidade.
— Agora mesmo, preciso te foder. Todas as noites, tenho sonhado com a maneira como você soa quando goza. Meu pau está doendo por você há semanas. *Tenho* saudades de você. Acho que você me enfeitiçou, bruxinha.

Ele me beija novamente, apaixonadamente, suas mãos cravadas em meu cabelo.

Estou dividida entre querer limpar aquele corte em seu ombro e querer senti-lo dentro de mim. É uma batalha que dura até que ele puxa minha camisa para cima e começa a chupar meus mamilos duros, para frente e para trás, um após o outro.

Desisto com um suspiro de gratidão e deslizo meus dedos na espessa bagunça de seu cabelo, arqueando contra o prazer quente e exigente de sua boca.

Ele tem razão. Posso limpá-lo mais tarde.

No momento, ele não parece correr perigo de sangrar até a morte.

Apoiando-se nos cotovelos, ele desliza minha camisa pela minha cabeça. Em seguida, ele pressiona meus braços no colchão e desliza a camisa mais para cima, até chegar aos meus pulsos. Ele faz algum tipo de truque de mágica de Houdini para amarrar meus pulsos junto com a camisa.

Agora estou amarrada, olhando para ele com olhos arregalados e um batimento cardíaco galopante.

— Minha cativa, — ele sussurra, seus olhos quentes. —
Mova seus braços, e vou puni-la.

Tremendo de desejo, lambo meus lábios. — Revoguei
minha permissão para você me bater, lembra? Eu disse que
você teria que me deixar fazer isso com você primeiro.

Ele sorri. — Existem tantas outras maneiras de punir
você, linda garota.

Minha voz fica alta. — Mesmo? Como o quê?

— Experimente e descubra.

Engula. Respire fundo várias vezes. Tente não desmaiar.

Rindo, Kage abaixa a cabeça para meus seios
novamente. Ele os esbanja com atenção até que estou me
contorcendo e ofegando embaixo dele, querendo aquela sua
língua inteligente em outro lugar.

Ele desce pelo meu corpo, beijando minha barriga e
quadril, apertando minha carne, acariciando-me com suas
mãos grandes e ásperas. Ele fuça seu rosto entre minhas
coxas abertas, inala profundamente contra a virilha do meu
short de menino, em seguida, exala com um gemido suave.

Minhas bochechas em chamas. Aperto minhas mãos em
punhos, tentando desesperadamente não começar a ofegar.

Ele tira meu short, joga-o no chão, então dá um beijo
francês na minha boceta.

Quando gemo, delirando, ele faz um zumbido que reverbera por todo o meu corpo.

— Diga que você sentiu minha falta, — ele sussurra, me lambendo como uma casquinha de sorvete.

— Você sabe que senti. Oh... *oh...*

Ele desliza um dedo grosso dentro de mim. — Quanto?

— Muito. Oh Deus. Por favor, não pare com isso. Isso é incrível.

— O que isso?

Ele empurra o dedo mais fundo, em seguida, chupa meu clitóris, girando sua língua ao redor até que estou gemendo, indefesa, dizendo a ele em uma corrida distorcida o quanto eu amo isso. Quanto preciso disso.

Quanto preciso dele.

— Você quer gozar no meu pau ou no meu rosto primeiro, amor?

AMOR.

Soluço, balançando meus quadris. Meu coração se expande dentro do meu peito até não haver espaço para mais nada. Nem mesmo meus pulmões. Estou tão emocionada que mal consigo respirar.

Quando não respondo, Kage rasteja pelo meu corpo e pega meu rosto em suas mãos. Ele me beija, enfiando a língua em minha boca.

Sinto-me nele. Seu coração bate contra meu peito.

Ele diz asperamente: — Você é minha boa menina? Você é minha?

Meus olhos se abrem. Ele paira sobre mim, lindo e intenso, seus olhos ferozes com desejo.

Uma emoção passa por mim. Sinto que estou voando e caindo, ao mesmo tempo.

Minha voz sai no mais leve dos sussurros. — Sim. Sou sua. Sou todo sua. Por favor, me foda.

Ele se abaixa entre nós, desabotoa o cinto e se atrapalha com o zíper. — Diga isso de novo.

— Por favor, me foda.

— Não, não Isso.

Seu pênis salta solto de suas calças. Ele está quente e duro contra mim, cutucando, querendo deslizar.

— Eu... eu sou sua. Apenas sua. Tudo de mim.

Ele empurra dentro de mim com um grunhido de satisfação, em seguida, apoia-se nos cotovelos enquanto me beija profundamente novamente, puxando meu cabelo.

Puxando meu cabelo e me fodendo, me penetrando com força.

Tento me segurar, para fazer durar, mas já estou desmoronando nas costuras. A sensação dele me abrindo, empurrando em mim, ouvindo-o gemer de prazer em minha boca enquanto ele me leva – é tudo demais.

Chego ao clímax com um empurrão violento e repentino. Jogando minha cabeça para trás contra a cama, grito, em convulsão.

Quando chego ao orgasmo, Kage solta um fluxo imundo de louvor e adoração, rosnando ardentemente em meu ouvido.

— Porra, sim, é melhor você gozar forte por mim, minha linda garota. Você está encharcada, tão molhada, tão apertada, tão perfeita. Amo a maneira como você se sente. Amo o seu gosto. Como você soa. Como você cheira. Você me deixa tão louco. Enlouqueci ficando longe de você por tanto tempo. Longe do seu sorriso doce e boca inteligente e dessa boceta linda que pertence a mim, só a *mim*...

Quando levanto meus braços amarrados de cima da minha cabeça e os coloco em volta de seu pescoço, ele congela.

— Oh não, — ele respira. — O que você fez?

Contorcendo-me debaixo dele, balanço minha cabeça e gemo em negação.

Sua voz fica sombria. — Sim, você sabe. — Ele agarra meus pulsos e os pressiona de volta no travesseiro sobre minha cabeça.

Em pânico, deixo escapar: — Eu disse que você não poderia me bater!

— Eu sei, Baby. Shh. — Ele me beija suavemente. — Nunca farei nada que você diga não. Ok?

Relaxando um pouco, aceno.

Ele me beija novamente e murmura: — Então, o que você acha de ser amarrada e vendada?

O que quer que meu rosto esteja fazendo, isso o faz sorrir. — Você gosta dessa ideia.

— Não sei. Parece excêntrico. Não sou pervertida.

— Diz a garota com uma enorme coleção de brinquedos sexuais e um vocabulário que faria uma dominatrix corar.

Ele empurra em mim novamente, mordendo suavemente meu pescoço, então sussurra: — Quero fazer você gozar quando estiver restringida. Com os olhos vendados, contida e implorando.

— O negócio é que você só pode fazer comigo o que me deixar fazer com você. Lembrar?

— Engraçado, não me lembro de ter concordado com esse acordo.

— Você poderia, entretanto? Porque me faria sentir muito melhor. Mais segura, quero dizer.

Ele levanta a cabeça e examina minha expressão. Depois de um momento, ele diz: — Sim.

Sentindo uma combinação de medo e empolgação, sussurro: — Sério?

— Se é o que você quer. Sim.

Ele empurra novamente. E de novo. Sua respiração fica irregular.

Acho que esse assunto da conversa também o empolga.

— Então você... você me deixaria bater em você?

Suas pálpebras baixam. Um músculo se flexiona em sua mandíbula. Em outro giro de seus quadris, ele diz: — Sim. Aí eu te foderia tanto depois, você não seria capaz de andar por uma semana.

— Você me deixaria amarrar você e vendá-lo? Fazer você gozar enquanto esta restringido?

Suas pálpebras tremem. Ele diz asperamente: — Nunca deixei ninguém fazer isso comigo antes.

— Você me deixaria fazer isso?

Seus quadris se movem mais rápido. A mão em volta dos meus pulsos aperta. Ele lambe os lábios. — Sim.

— Você me deixaria tocar onde você me tocou... nas costas? Você sabe.

Ele sabe. Seus olhos estão tão quentes e escuros que quase fazem um buraco na minha cabeça. Ele rosna: — Nunca deixei ninguém fazer isso também.

O que é essa estranha sensação de poder correndo por mim? Sinto que poderia ordenar que uma montanha saísse do meu caminho, e ela sairia.

Olhando em seus olhos enquanto ele continua a me foder, sussurro: — Mas você me deixaria fazer isso, não é?

Em um movimento tão rápido, é um borrão, Kage se retira de mim e me arrasta para fora da cama. Ele se senta na borda, me empurra de joelhos entre suas pernas abertas, agarra sua ereção saliente em seu punho e me encara com olhos como fogo.

Ele diz com os dentes cerrados: — Sim. Você quer?

Sorrio para ele. — Não. Eu só precisava ver se você me deixaria.

— Bruxinha. Você *realmente* merece aquela surra. Agora seja boazinha e chupe o esperma do meu pau.

Ele desliza a mão em volta do meu pescoço e puxa minha cabeça para baixo em seu pau duro, brilhando com a minha umidade.

Abro a boca e o levo, o mais longe que ele pode, até a raiz.

Ele geme, flexionando os quadris. — Ah, porra, baby. Essa *boca*.

Minhas mãos ainda estão amarradas com meus pulsos, mas as levanto e envolvo ambas ao redor do eixo liso de Kage para que eu possa controlar melhor a profundidade de suas investidas.

Apesar da acusação de Sloane de que não tenho reflexo de vômito, não sou sobre-humano. Meus olhos já estão lacrimejando.

Mantendo uma mão em volta da minha garganta, Kage segura a outra no meu cabelo e olha para mim enquanto o chupo e o acaricio. Ele sussurra algo entrecortado em russo enquanto observa minha boca com olhos ávidos.

Ele gosta disso. Ele *adora*.

E eu também.

Fecho meus olhos e chupo com mais força, acaricio mais rápido, giro minha língua ao redor da coroa ingurgitada. Ele grunhe de prazer, fodendo minha boca e segurando minha cabeça firme.

Então ele estremece e geme, longo e baixo. Sua mão aperta meu cabelo.

Ele sussurra asperamente: — Estou perto. Quero que você engula cada gota e depois me lamba para limpar.

Não consigo falar, então abro os olhos e digo sim em silêncio enquanto o encaro.

Ele joga a cabeça para trás, geme meu nome e estremece novamente. Sua mão em volta da minha garganta está quente e trêmula.

Quando ele explode, é com uma estocada abrupta de quadril e um grito em direção ao teto.

Seu pau lateja contra minha língua. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Tenho que respirar superficialmente pelo nariz enquanto engulo. Ele tira a mão da minha garganta e embala minha cabeça enquanto continua a gozar, bombeando seus quadris e gemendo vigorosamente. — Ahh... ahh... ahh

Ele desaba contra o colchão com um estremecimento final, então solta um suspiro.

Quanto a mim, sento-me um pouco de joelhos para começar a limpar.

Lambo-o com amor da base à ponta, pensando que provavelmente estaria fazendo isso mesmo se ele não tivesse me ordenado. Seu pau grosso é digno de incontáveis horas de adoração. É uma coisa bela.

Talvez, em vez de resumos, passe para nus.

Rio um pouco quando imagino as paredes da minha sala repletas de pinturas da ereção de Kage.

Ele vira a cabeça para o lado e olha para mim com olhos turvos e semicerrados. Ele acaricia meu rosto. Com uma voz rouca, ele diz: — Se eu tivesse um ego mais frágil, talvez não recebesse tão bem que você está rindo quando seu rosto está a cinco centímetros do meu pau.

Dou-lhe mais algumas lambidas, em seguida, rastejo por seu corpo e deito em cima dele, passando meus braços amarrados sobre sua cabeça e aconchegando meu rosto na curva entre seu pescoço e ombro.

— Eu estava pensando que você daria um ótimo modelo nu. Se eu trouxesse você para a aula de desenho, meus alunos morreriam.

Enrolando os braços em volta das minhas costas, ele acaricia meu cabelo. — Suas aulas têm modelos nus?

— Não. As crianças são muito novas para isso. Mas você está me inspirando a começar a lecionar em escola noturna para adultos. — Inclino minha cabeça e sorrio para ele. — Eu poderia ganhar muito dinheiro cobrando a admissão se você estivesse no ingresso.

Ele beija a ponta do meu nariz. — Você não precisa mais se preocupar com dinheiro, lembra? A propósito, por que você não começou a tirar proveito do fundo?

Enrugo meu nariz. — Podemos, por favor, ter alguns minutos de brilho intenso antes de começarmos a falar sobre dinheiro?

Ele segura meu rosto e beija suavemente meus lábios. — Você pode ser a única pessoa que conheci que não se importa com isso.

— Oh, eu me importo com isso. Só não quero sentir que você me deu um pagamento de dez milhões de dólares pelos serviços prestados.

Depois de um momento, ele começa a rir. Risadas curtas e silenciosas que balançam seu peito. — E se eu dissesse que era apenas um pagamento de cinquenta dólares e o resto fosse uma gorjeta?

— Se meus pulsos não estivessem amarrados, eu te daria um bom golpe, seu idiota.

Ele me rola e me pressiona contra o colchão, sorrindo para mim, tão bonito que dói.

— Então acho que terei que mantê-la amarrada para sempre.

— Você tem que me deixar ir algum dia. Eu ainda preciso limpar esse seu ombro.

Seus olhos quentes brilham ainda mais quentes, até que eles estão ardentes. — Tenho uma ideia melhor. Vamos nos limpar juntos. No banho.

Sem esperar por uma resposta, ele rola para fora da cama, me pega e me carrega para o banheiro.

Nat

Sempre imaginei a realidade do sexo no chuveiro sendo menos como nos filmes – glamoroso, sensual – e mais como dois elefantes bebês rolando desajeitadamente em uma pequena piscina infantil enquanto são borrifados com mangueiras de jardim: troncos voando, pernas emaranhadas, tudo uma bagunça caótica e de aparência estranha.

Kage simplifica as coisas, pressionando-me contra a parede do chuveiro, prendendo meus braços nas minhas costas e me fodendo em pé.

Quando os gritos ecoantes de nosso prazer desaparecem, ele encosta a testa no meu ombro e expira.

— Eu gostaria de ter conhecido você anos atrás, — ele murmura, beijando suavemente minha pele molhada. — Você me faz querer ser um homem diferente.

A tristeza em sua voz aperta algo dentro do meu peito.
— Gosto do homem que você é.

— Só porque você não me conhece bem o suficiente.

Ele se afasta do meu corpo e me vira na direção do jato quente. De pé atrás de mim, ele esguicha um montão de xampu na mão e massageia meu cabelo.

É tão bom que quase me distraio com o que ele acabou de dizer.

Quase, mas não exatamente.

— Então comece a falar. O que é que eu deveria saber?

O som da água não pode abafar seu suspiro. — O que você quer saber?

Penso por um momento. — Onde você nasceu?

— A cozinha do inferno.

Nunca tendo estado em Manhattan, não sei muito sobre seus diferentes bairros. Mas sei que a *cozinha do inferno* não é considerado sofisticado. — E você estudou lá?

Seus dedos fortes massageiam meu couro cabeludo, passando o shampoo pelo meu cabelo. — Sim. Até eu ter quinze anos e meus pais foram mortos.

Congelo de horror. — Mortos? Por quem?

Sua voz ganha um tom duro e odioso. — O irlandês. Suas gangues eram as mais mortíferas de Nova York na época. O maior e mais bem organizado. Meus pais foram mortos a sangue frio na frente de seu açougue na 39th Street.

— Por quê?

— Eles perderam um pagamento de proteção. 1. — Seu tom se torna mortal. — E por isso, eles foram assassinados.

Viro-me. Envolvendo meus braços em volta de sua cintura, procuro seu rosto. É difícil, fechado e um pouco assustador. Sussurro: — Você estava lá, não estava? Você viu isso acontecer.

Um músculo desliza em sua mandíbula. Ele não responde. Ele simplesmente ajusta o spray e inclina minha cabeça para trás para enxaguar o shampoo do meu cabelo.

Depois de um momento tenso, ele continua. — Depois disso, abandonei a escola e comecei a trabalhar em tempo integral na loja.

— Aos quinze?

— Eu tinha duas irmãs mais novas para cuidar. E nenhum parente, meus pais deixaram todo mundo para trás quando emigraram da Rússia. Eles mal falavam inglês quando chegaram, mas eram muito trabalhadores. Não tínhamos muito, mas era o suficiente. Mas sem eles, eu era o homem da casa. Era meu dever cuidar de minhas irmãs.

Lembro-me de como ele disse que era seu dever e prazer cuidar de mim e acho que entendo isso um pouco melhor agora.

Ele pega a barra de sabonete e começa a me lavar, com delicadeza e método, metendo-se em todos os meus cantos e

recantos até meu rosto ficar vermelho. Enquanto ele me enxágue, ele continua falando.

— No dia em que fiz dezesseis anos, dois homens entraram na loja. Reconheci-os de antes. Eles eram os mesmos dois que atiraram em meus pais. Eles disseram que tinham me dado tempo, por respeito aos mortos, mas agora era minha vez de começar a lhes dar proteção. Quando eu disse a eles para irem para o inferno, eles riram de mim. Eles pararam bem no meio da loja dos meus pais e riram. Então atirei neles.

Terminado comigo, ele começa a ensaboar seu peito.

Fico boquiaberta para ele com horror.

Ele diz: — Eu sabia a quem ligar para cuidar dos corpos. Não foi a polícia, é claro. Foram os russos. Os irlandeses não eram os únicos com fortes conexões na comunidade. Embora meu pai não fosse um homem feito, ele era respeitado. Depois de sua morte, o chefe da máfia russa deixou claro que, se eu precisasse dele, poderia contar com ele.

Há uma pausa curta e ponderada. — Por um preço.

— Você quer dizer Maxim Mogdonovich?

Surpreso, Kage olha para mim com olhos afiados. — Sim.

— Sloane me contou.

— Stavros deve ter falado.

Parece sinistro a maneira como ele diz isso. Não quero sangue em minhas mãos, então esclareço.

— Não sei se ele falou ou não. Talvez ela tenha ouvido algo. Ou ela pesquisou na internet. Ela é experiente dessa forma, com pesquisa. Ela sabe um monte de coisas aleatórias.

Ele sorri, me vira para o outro lado e se enxágua com o spray.

É como assistir filme pornô.

O sabão desliza sensualmente sobre hectares de músculos ondulantes. Mãos fortes correm para cima e para baixo em seu peito largo e tatuado. Ele inclina a cabeça na água, fecha os olhos e enxágua o cabelo, dando-me uma bela vista de seu lindo pescoço e bíceps, peitorais e abdômen duro como pedra.

Então ele balança a cabeça como um cachorro, espalhando água por toda parte.

Ele desliga a água e diz: — Você é muito leal a sua amiga.

— Ela é minha melhor amiga. É requerido.

— Você acha que ela tem sentimentos verdadeiros por Stavros?

Isso seria um *não*. Os homens são como peixes dourados para ela: eles são animais de estimação fofos, mas

são indistinguíveis uns dos outros e substituíveis com pouco ou nenhum custo.

Mas não vou contar isso a Kage, considerando sua tendência para atirar em pessoas.

Olhando para ele com cautela, digo, — Não sei. Por que você pergunta?

Ele ri. — Não seja tão desconfiada. Só estou curioso.

— Vamos apenas dizer que ela não é exatamente uma romântica.

Kage pega meu rosto em suas mãos. Ele me encara, seus lábios se curvando em um sorriso terno. — Nem eu. Ela simplesmente não conheceu O Único ainda.

Minha boca fica seca. Meu pulso dispara.

Ele está me dizendo que sou o cara para ele? Quer dizer, obsessão e amor verdadeiro são duas coisas muito diferentes.

Mas não tenho coragem de perguntar, então mudo de assunto. — Seu ombro está sangrando de novo.

Ele olha para ele e franze a testa. — Você é boa com uma agulha?

Sinto o sangue drenar do meu rosto, mas cerco minha virilha mental. Se ele precisar de mim para costurá-lo, farei isso.

Respiro e endireito meus ombros. — Tenho certeza que posso administrar.

Ele sorri com a expressão sombria no meu rosto. — Sei que você pode. Você pode gerenciar qualquer coisa.

O orgulho em sua voz me faz brilhar. Provavelmente estou piscando sonhadoramente para ele com pequenos corações vermelhos de confete no lugar dos olhos.

Saímos do chuveiro e ele nos enxuga, secando cuidadosamente meu cabelo com a toalha, depois ainda mais cuidadosamente penteando os dedos do couro cabeludo às pontas para tirar os emaranhados. Mesmo quando digo a ele que tem um pente na gaveta, ele quer usar as mãos.

— Você tem uma queda pelo meu cabelo, não é?

— Tenho uma queda por tudo em você. Sua bunda está perto do seu cabelo. Ou talvez suas pernas. Não, seus olhos.

Fingindo estar insultada, digo: — Com licença, mas sou mais do que a soma das partes do meu corpo. Na verdade, também tenho uma personalidade, caso você não tenha notado. E um cérebro. Um cérebro muito grande, na verdade.

Exceto quando se trata de álgebra, mas não conto, porque é ridículo.

Ele ri, me puxando contra seu peito. Ele abaixa a cabeça para dar um beijo carinhoso em meus lábios. — Não pode ser tão grande quanto sua boca.

— Oh, engraçado. Você é um comediante agora.

Ele me dá outro beijo suave e diz: — Voltarei em breve.

Sinto meu próximo ataque cardíaco. Minha pulsação triplica no espaço de dois segundos. — Por quê? Onde você está indo?

— Para minha casa.

— Você já vai voltar para Nova York?

Divertido com meu pânico ao pensar que ele vai embora tão cedo, ele diz: — Minha casa ao lado. Tenho roupas limpas lá. Não posso exatamente colocar de volta a camisa com a qual cheguei e saí sem fazer a mala.

Meu alívio é temperado pela confusão. Olho para ele. — Você veio direto de um tiroteio?

— Sim.

— Isso foi planejado?

— Não.

Aperto os olhos com mais força. — Ferido, sangrando, sem bagagem, você voou pelo país espontaneamente. Aqui. Para me ver.

Ele pega meu rosto em suas mãos e olha para mim, me deixando ver tudo. Todas as necessidades. Toda a saudade. Todo o desejo escuro.

— É para lá que as pessoas vão quando precisam se sentir melhor: em casa.

— Mas sua casa é em Nova York.

— O lar também pode ser uma pessoa. Isso é o que você é para mim.

Lágrimas brotam dos meus olhos. Preciso respirar fundo várias vezes antes de poder dizer qualquer coisa e, mesmo assim, minha voz sai estrangulada. — Se eu descobrir que você leu isso em algum lugar, vou atirar em sua cara.

Olhos brilhando, ele me beija.

Então solto uma respiração forte e limpo a umidade dos meus olhos. — Mas você não precisa ir ao lado. Tenho roupas para você.

Ele levanta as sobrancelhas. — Você quer me ver em um de seus vestidos? E você diz que não é pervertida.

— Não! Quer dizer, tenho coisas de homem para você. Coisas de grandalhão. Comprei tudo em tamanho triplo XL. — Olho a largura de seus ombros em dúvida. — Embora agora eu esteja pensando que pode não ser grande o suficiente.

Kage franze a testa para mim. — Você comprou *roupas para mim*?

Ele parece tão surpreso que fico envergonhada. Espero não ter cruzado a linha do machão, como se agora ele

pensasse que estou tentando ser sua mãe e me sentisse sufocada ou algo assim.

Em retrospecto, talvez não tenha sido uma ideia tão boa.

Olhando para os meus pés, digo: — Hum. Como moletom. E meias. E camisetas. Coisas que você poderia usar depois de um banho. Ou antes de dormir. Estar confortável. Então, você teria algumas coisas aqui se quisesse passar a noite...

Paro em silêncio, sem saber o que mais dizer, porque tudo soa muito idiota em voz alta.

Ele levanta meu queixo com o nó dos dedos. Quando nossos olhos se encontram, os dele ficam exultantes.

— Você comprou roupas para mim.

Ele diz isso em um tom fervoroso de admiração e admiração, como você diria: *O céu é real e eu vi!*

— Comprei.

— Com seu próprio dinheiro.

— De quem eu teria usado o dinheiro se não fosse o meu?

— Quero dizer, não era de sua conta fiduciária. Você não retirou nenhum dinheiro ainda. Portanto, tinha que ser seu próprio dinheiro. Que você ganhou. Você mesmo.

Examino a expressão em seu rosto. — Estou entendendo que você não costuma receber presentes.

— Ninguém comprou nada para mim desde que meus pais morreram.

— Mesmo? Nem mesmo suas irmãs? Para aniversários ou algo assim?

Imediatamente percebo que suas irmãs são o assunto errado para mencionar. Seus olhos ficam distantes. Seu rosto endurece. Ele deixa cair as mãos para os lados.

Então ele se vira para a pia e diz com uma voz sem vida: — Os irlandeses as mataram também. Depois que descobriram o que eu tinha feito, levaram minhas irmãs em retaliação.

Ele faz uma pausa por um momento. — Elas não tiveram a mesma sorte dos meus pais. Antes de serem baleadas, elas foram estupradas e torturadas. Em seguida, elas foram jogadas nuas e quebradas na porta de nossa casa. — Sua voz cai. — Sasha tinha treze anos. Maria tinha dez anos.

Cubro minha boca com as duas mãos.

— Um envelope de papel manilha com fotos de todas as coisas que foram feitas a elas antes de serem finalmente filmadas também foi entregue. Levei alguns anos, mas encontrei todos os homens nas fotos.

Ele não tem que dizer o que fez quando os encontrou.

Já sei.

Sentindo-me doente, toco a mão trêmula no ombro de Kage. Ele exala, então se vira e me puxa com força contra seu corpo, me apertando em um abraço de urso como se ele nunca quisesse me deixar ir.

— Sinto muito, — ele sussurra, sua cabeça inclinada para o meu ouvido. — Eu não deveria ter te dito isso. Você não precisa saber de toda a feiura da minha vida.

— Estou feliz que você fez. Não quero que você carregue isso sozinho.

Minhas palavras enviam um delicado arrepio em seu peito. Engolindo em seco, ele pressiona seu rosto no meu pescoço e me aperta com mais força.

Eles o chamam de Reaper por causa de todas as coisas terríveis que ele fez, mas ele ainda é um homem como qualquer outro.

Ele sofre. Ele sangra. Ele é feito de carne e osso.

E ele está sozinho desde que era um menino, sem nada para sustentá-lo, exceto memórias terríveis. Memórias que o transformaram de um menino em um mito enquanto ele subia na hierarquia de uma organização conhecida por sua crueldade, até que ele estava no topo.

Todo o seu sucesso foi impulsionado pelo que aconteceu com sua família.

A violência é o seu cartão de visita, o derramamento de sangue seu estoque, mas o verdadeiro coração deste homem é a vingança.

Ele me disse que era cobrador de dívidas, mas só agora é que entendi o que ele quis dizer.

As dívidas que ele cobra são pagas com sangue.

Quando tremo, ele se afasta e olha para mim – realmente *olha* para mim, bem no fundo dos meus olhos. Há algo cru em seu olhar. Algo desesperado.

Como se estivesse esperando que eu me despedisse.

Mas já caí longe demais na toca do coelho para voltar à minha antiga vida agora. Eu não poderia voltar, mesmo se quisesse.

O que não faço.

Não tenho ideia de onde esta parte escura de mim tem dormido, como ela esteve adormecida em meu coração por tanto tempo, mas a história de Kage despertou algo duro em meus ossos. Uma criatura que acredita que os fins justificam os meios, por mais sangrentos que sejam.

Um dragão cuspidor de fogo despertou dentro de mim, abrindo os olhos semicerrados.

O dragão diz: — Não me importo com o seu passado. O que você fez. Como você chegou aqui. Talvez devesse, mas não faço. Preocupo-me com você e com a maneira como me sinto quando estou com você e como você me trouxe de volta à vida. Você nunca precisa me dizer nada que não queira. Não vou te pressionar. Mas se você quiser falar, ouvirei sem julgamento. Não importa o que você tenha a dizer. Não importa o quão terrível você ache, estarei aqui para ajudá-lo. Porque embora você tenha me dito que não é um bom homem, não acredito que seja verdade. Mas mesmo que seja, mesmo que você *seja* um homem mau, você é o melhor homem mau que já conheci.

Congelado, ele me encara. Seus lábios se abrem. Ele exala uma respiração curta e superficial.

Então ele me beija como se sua vida dependesse disso. Como se sua alma estivesse em jogo.

E se sinto o menor indício de angústia em seu beijo, a menor sombra de miséria e arrependimento, sei que deve ser minha imaginação.

Kage

Tenho que contar a ela.

Diga a ela e deixe que ela me odeie por um tempo, até que eu possa fazê-la entender. Até eu encontrar as palavras certas para explicar como não ter contado a ela até agora não foi mentir, mas um daqueles segredos que eu disse que tinha que manter para mantê-la segura.

Exceto que ela sabe que isso é besteira. Ela é muito inteligente para isso.

Ela já pode me ler muito bem.

Não guardo esse segredo para a segurança dela, mas por motivos egoístas.

Porque sei que se eu contasse a ela que sempre soube que seu noivo desaparecido não caiu montanha abaixo como ela pensa que ele fez, ela me odiaria.

Se eu contasse a ela por que realmente vim para a cidade em setembro passado, ela nunca me perdoaria.

E se eu contasse a ela quais seriam as consequências para ela se Max descobrisse que menti para ele, ela desejaria que eu estivesse morto.

Eu deveria ir antes que isso aconteça.

Eu deveria partir e nunca mais visitar este lugar.

Eu deveria deixá-la encontrar um homem normal, viver uma vida normal e vigiá-la à distância.

Mas enquanto ela olha para mim com aqueles lindos olhos do oceano cheios de emoção, sei que não vou fazer nenhuma dessas coisas.

Mesmo se de alguma forma eu encontrasse forças para sair, não poderia ficar longe. Ela já provou ser muito poderosa para eu resistir. Muito viciante. Estou muito sob seu feitiço.

Portanto, a verdade não é uma opção.

A única escolha que tenho é viver essa vida dupla tão cuidadosamente quanto possível. Para manter tudo separado. Os caminhos dos meus passos na costa leste e no oeste nunca podem se cruzar.

Não posso dar um único passo em falso nesta corda bamba que estou andando, porque a vida dela está em jogo.

E não posso perdê-la.

Se eu fizer isso, vou queimar o mundo inteiro antes de segui-la no escuro.

Nat

Depois do banho, sirvo um uísque para Kage e o faço sentar à mesa da cozinha, onde a luz é boa. Então pego agulha e linha do meu kit de costura, peróxido de hidrogênio do armário do banheiro, uma pequena toalha de algodão e compressas de gaze.

Parada na frente dele, olhando para este homem enorme e tatuado sentado na cadeira da minha cozinha vestindo apenas o par de moletoms cinza que comprei para ele como um presente, estou tomada por uma felicidade repentina e brilhante. É cegante, como se estivesse olhando para o sol.

Para administrar isso sem deixar escapar algo tolo, digo: — Não tenho nenhuma fita.

Recostado na cadeira como o rei dos libertinos, ele toma um gole do uísque, lambe os lábios e sorri para mim. — Para que?

— As bandagens. Não posso colá-los, preciso de esparadrapo.

— Você tem alguma fita adesiva?

— Não vou colocar fita adesiva em você! Essa coisa é a força industrial! Ele vai arrancar sua pele quando você removê-lo!

Ele olha para o kit de costura em minha mão. — Você vai me costurar com linha de algodão que vai se degradar e me dar uma infecção, então vou morrer de sepse, mas você traça o limite na fita adesiva?

Fico olhando para o fio com consternação. — Oh droga. O que devo usar, então?

— A linha de pesca é boa. Se você não tiver isso, fio dental sem sabor.

Não pergunto como ele sabe disso. Acabo de voltar ao banheiro e pego meu fio dental, depois volto para a cozinha. Ele está servindo outro copo de uísque.

— Boa ideia. Isso vai ajudar a anestesiá-la a dor.

— Isto não é para mim. É para você.

— Não acho que seja inteligente beber álcool antes de tentar a cirurgia.

— E não acho que seja inteligente meu médico tentar uma cirurgia em mim com as mãos tão trêmulas.

Nós dois olhamos para minhas mãos. Eles estão definitivamente tremendo.

— Dê-me isto.

Coloco todos os meus suprimentos na mesa. Ele me entrega o copo de uísque. Engulo a maior parte e devolvo o copo. — Ok, vou sentar aqui. Você deve virar.

— Você vai sentar aqui.

Ele me puxa para baixo em seu colo, de frente para ele, minhas coxas abertas em torno de seus quadris.

— Esta não parece ser a melhor posição.

Afundando os dedos na minha bunda, ele se inclina e acaricia meu pescoço. — Sim, para mim.

— Agradeço a atenção, mas se você continuar me distraindo assim, é provável que acabe com pontos que parecem algo do qual o monstro de Frankenstein se orgulharia.

— Não vou entrar em nenhum concurso de beleza, baby. Basta limpar e costurar.

— Você diz isso como se fosse fácil.

— Porque é. Vou te guiar por isso. Despeje o peróxido sobre a ferida primeiro.

Inclino-me mais perto para inspecioná-lo, mordendo meu lábio quando vejo o corte de perto.

Não é horrível. Não é nem particularmente longo ou grande. É, entretanto, sangue escorrendo, do qual ele nem parece estar ciente.

Ele diz: — Vê? Eu te disse. Quase não é um arranhão.

— Quantas vezes você foi baleado?

Ele pensa por um momento. — Seis? Dez? Não me lembro. Sempre faço uma tatuagem para cobrir a cicatriz.

Examino seu peito, uma tela gloriosa de tinta cobrindo uma rede ainda mais gloriosa de músculos. O homem está caminhando arte.

— Como este.

Toco uma caveira sorridente em seu peito esquerdo, acima do coração. Há um pequeno nó de tecido cicatricial branco no meio de um dos olhos pretos do crânio. Dá a aparência de um pequeno globo ocular, espiando com más intenções.

Olhando para baixo, Kage diz: — É uma coisa boa que você não estava por perto para isso. Você definitivamente teria desmaiado.

— Mas a cicatriz é tão pequena. Nem mesmo do tamanho de uma moeda.

— Essa é a ferida de entrada. O ferimento de saída nas minhas costas era desse tamanho.

Ele olha para cima e ergue o punho. É tão grande quanto uma toranja. Engulo, sentindo meu estômago revirar.

— Como você sobreviveu?

— Quase não sobrevivi. — Ele encolhe os ombros. — Mas sobrevivi.

Ele fica tão indiferente com isso, como se morrer não fosse grande coisa. Ou talvez seja sua própria vida que ele acha que não é grande coisa.

Talvez ele não ache que vale muito.

Coloco minhas mãos sobre seu peito largo e olho em seus olhos. — Estou feliz que você sobreviveu, —digo suavemente. — Acho que nunca seria feliz novamente se não tivesse te conhecido.

Embora ele tente não demonstrar, vejo o quanto minhas palavras o afetam. Seus olhos brilham. Ele engole, seu pomo de Adão balançando.

Em uma voz áspera, ele diz: — Você teria conhecido alguém.

— Conheci muitos homens depois de David. Até namorei alguns deles. Ninguém nunca me fez sentir como você. Ninguém me fez sentir viva.

Alguma emoção não identificável brota em seus olhos, mas ele desvia o olhar, então não posso dizer o que é. Quero

perguntar a ele o que está errado, mas ele muda abruptamente de assunto.

— Vou enfiar a linha na agulha para você. Junte as bordas da ferida e comece com uma das pontas. Não puxe os pontos com muita força, ou a carne morrerá. Não vá muito raso ou muito fundo também. Basta fazer pequenos pontos com espaçamento uniforme. Finja que está fazendo bainha em um vestido.

— Um vestido de pele. Como Hannibal Lecter.

— O cara do skin dress era Buffalo Bill. Lecter foi quem ajudou Starling a pegá-lo.

— Isso mesmo, me lembro agora. Você é fã de cinema?

Suas sobrancelhas se juntam. Ele parece perdido em alguma memória ruim, uma que sei que ele não vai divulgar.

Com a voz baixa, ele diz: — Não durmo muito. Sempre há um filme na TV tarde da noite.

Tenho um vislumbre de como deve ser sua vida cotidiana. Não é bonito.

Quando toco sua bochecha, ele olha para mim, assustado, se afastando de onde quer que tenha ido.

— Da próxima vez que você não conseguir dormir, me ligue, ok? Podemos assistir a um filme juntos.

Ele procura meu rosto com uma expressão de desejo em seus olhos, como se não houvesse nada na terra que o faria mais feliz do que assistir o mesmo filme pelo telefone quando ele está fora.

Mas, novamente, ele muda de assunto, estendendo a mão para pegar o frasco de peróxido.

— Limpeza primeiro. Em seguida, costura. Vamos acabar com isso para que possamos voltar às coisas importantes.

Ele aperta minha bunda quando diz – coisas importantes, – para que não haja má interpretação do seu significado. O homem é o Coelhozinho Energizer¹³.

Nós dois ficamos quietos enquanto limpo suavemente a ferida com uma ponta da toalha encharcada de peróxido. Há um pequeno pedaço de tecido de sua camisa preso na ferida, com uma crosta de sangue. Quando o liberto, ele começa a sangrar de novo, então pressiono o corte até que o sangramento pare e, em seguida, continuo limpando.

Quando acabo, ele me entrega a agulha.

Muito sério, ele diz: — Não tenha medo se eu desmaiar quando você me furar.

Fico horrorizada por um segundo, até perceber que ele está brincando.

¹³ Coelho de uma marca de pilhas.

Murmurando baixinho, começo a trabalhar.

Não é tão nojento quanto eu esperava. Depois dos primeiros pontos, tenho o equilíbrio. Não demoro a terminar e estou bastante satisfeita comigo mesma com os resultados.

— Tenho que cortar o fio dental ou o quê?

— Dê um nó e, em seguida, corte-o.

Sigo suas instruções com o nó, mas tenho que sair de seu colo para ir buscar a tesoura na gaveta. Então recorto o final e recuo para admirar meu trabalho.

Aparentemente, ele não gosta que eu fique tão longe. Ele me puxa de volta para seu colo, desta vez com ambas as minhas pernas penduradas para um lado, então estou enrolada contra ele, segura no círculo de seus braços fortes.

Ele beija o topo da minha cabeça. Suspiro de contentamento. Então bocejo.

Sua risada é um estrondo baixo sob meu ouvido. — Estou te entediando?

Sorrio contra seu pescoço e digo a ele uma mentira ultrajante. — Muito. Você é o homem mais chato da terra. É tão enfadonho quanto ver a tinta secar quando você está por perto. Falando nisso, quanto tempo você vai ficar dessa vez?

Passando a mão pelo meu cabelo, ele diz: — Pelo menos até o ano novo.

Empolgada, me sento e olho para ele. — Mesmo? Tanto tempo?

Afastando meu cabelo do rosto com as mãos, ele sorri. — Você vai ficar cansada de me ver.

Aceno, como se isso fosse uma preocupação real. — Provavelmente. Uma semana inteira com você... — Estremeço. — ECA.

— Acho que terei que tentar ser mais interessante.

Com os olhos ardendo, ele me pega e me carrega de volta para a cama.

No caminho para lá, conto a ele sobre a visita de Chris. E mesmo que eu não queira porque tenho medo de qual seja sua reação, admito o que Chris disse quando me mostrou o esboço de seu rosto ao FBI.

— Não se preocupe com isso.

Ele me deita na cama e coloca as cobertas sobre mim, em seguida, deita na cama do outro lado e me puxa contra ele para que estejamos de conchinha. Puxando suas pernas por trás das minhas, ele inala profundamente contra meu cabelo, então envolve um braço em volta de mim e beija minha nuca.

— Mas eles estarão procurando por você agora. Aqui.

— Esse esboço já está faltando.

Ele rola e apaga a luz da mesa de cabeceira. Confusa, pisco na escuridão.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, o Delegado de Merda não é o único com contatos dentro da agência.

Pisco tanto que posso muito bem estar sinalizando em Código Morse. — Mas... você disse que se eles descobrissem sobre mim...

— Eles não sabem nada sobre você. E vamos manter assim.

— Mas Chris pode contar a eles.

— Duvido. Ele está apaixonado por você.

Isso me faz bufar. — Nem mesmo perto. Seu ego está machucado.

Kage suspira, mexendo no cabelo do meu pescoço. Claramente, ele não acredita em mim.

— Além disso... — Encolho-me. — Posso ter... meio que... ameaçado atirar nele.

Depois de uma batida, Kage se ergue até o cotovelo e diz em voz alta: — O que diabos ele fez? Aquele filho da puta tocou em você? Vou matá-lo!

Seu tom é assassino. Não posso deixar de achar isso romântico de uma forma distorcida. — Não, querido. Ele não me tocou.

— O que ele fez então?

Penso sobre isso por um momento, então digo a ele a verdade. — Basicamente, ele me irritou.

Não posso ver seu rosto, mas sinto Kage franzindo a testa para mim no escuro. — Você ameaçou atirar em um xerife porque ele a irritou.

Parece ruim quando ele diz isso. Fico um pouco na defensiva. — Ele está dirigindo em frente a minha casa a qualquer hora do dia e da noite há semanas...

Ele rosna: — Espere. *O quê?*

— Vê só? Chato. E ele disse algumas coisas insultuosas sobre você e sobre mim, e não foi embora quando pedi, e simplesmente agiu como um idiota premiado.

Kage fica em silêncio por um tempo, fervendo. — Obrigado por me dizer. Vou lidar com ele.

Meus olhos se arregalam. — Por 'lidar com ele', você quer dizer...

— Quero dizer que seu homem vai cuidar disso. Você não precisa mais se preocupar com ele te incomodando.

Com um resmungo, ele deita a cabeça no travesseiro e desliza o braço por baixo do meu pescoço. Ficamos deitados em silêncio por um tempo, até que a respiração de Kage volte ao normal.

Então sussurro: — Mas não o machuque. Ok?

Ele exala com uma pressa pesada.

— Não quero isso na minha consciência. Promete?

— Você apontou uma arma para ele, mas *eu* não posso?

— A minha não estava carregada. A sua estaria.

Posso sentir sua indignação. — Sua arma não está carregada? Por que diabos não?

— Só a tenho porque meu pai deixou aqui. E esta é uma cidade de apenas cerca de quatro mil habitantes, com baixíssima criminalidade. E tenho um cachorro grande.

A risada de Kage é azeda. — O cachorro que me cumprimentou com o rabo abanando quando abri a fechadura da porta dos fundos e imediatamente foi dormir no sofá?

— Sim. Esse é Mojo. Sei que ele não está exatamente em alerta máximo.

— Não, ele está tomando Prozac.

— Ele é um cachorro feliz!

— Cães felizes não são bons cães de guarda. Devíamos comprar um Rottweiler para você.

Imagino um monstro peludo de noventa quilos mostrando presas afiadas e pingando saliva para mim enquanto estou dormindo. — Passe difícil.

— Então, pelo menos carregue sua arma.

— Não tenho munição.

O suspiro de Kage transmite sua extrema decepção em minha falta de preparação para uma invasão de casa.

Mantenho meu tom leve quando digo, — Estarei segura pelo menos na próxima semana, de qualquer maneira. Então é isso.

Outro resmungo insatisfeito. O braço em volta do meu corpo me aperta com força.

Sei que sua mente está funcionando, repassando o que eu disse. Eu não quis dizer isso como uma repreensão, mas pode ter soado assim. Como se eu o estivesse culpando por não estar mais aqui.

Como se eu estivesse tentando fazê-lo se sentir culpado.

Quando abro a boca para explicar, ele me interrompe.

— Sei que você não está me dando merda.

Sussurro: — Tudo bem. Bom.

Mas há tensão em seu corpo. Tenho certeza de que posso ouvi-lo ranger os dentes.

— Você estaria justificada, no entanto, — ele diz, em voz baixa. — Este arranjo não pode ser fácil para você.

Meu coração bate forte. Mordo meu lábio, tentando não perguntar a ele o que quero perguntar, mas finalmente cedo ao desejo e digo mesmo assim. — É fácil para você?

Ele inspira e expira lentamente, virando o rosto para o meu pescoço. Perto do meu ouvido, ele sussurra: — É uma tortura do caralho, baby.

Espero, mas ele não se oferece para mudar as coisas. Ele não se oferece para consertar. Não importa o quão difícil seja para nós nos vermos apenas de vez em quando, parece que isso vai continuar.

Porque por alguma razão, Kage não quer mudar o status quo.

Para minha segurança, supostamente. Mas não estou tão vulnerável aqui, com a polícia respirando no meu pescoço e meu ex-namorado perseguidor conspirando sabe-se lá o quê em retaliação por eu ter puxado uma Annie Oakley contra ele?

Pode ser. Talvez não. Nunca vou saber, porque ele nunca vai me dizer.

Esse pensamento me deixa indizivelmente triste.

Quando enterro meu rosto no travesseiro, suspirando, Kage sussurra: — E se...?

Meus olhos se abrem e meu coração começa a bater forte. — E se o quê?

— E se eu movesse você para mais perto de mim? Nova Jersey tem alguns subúrbios agradáveis

— *Nova Jersey?*

— Martha's Vineyard, então. É lindo lá.

Estou tentando não ficar com raiva, mas o calor já está subindo pelo meu pescoço. — É também em Massachusetts. Você quer que eu me mude para o outro lado do país e deixe minha vida inteira aqui apenas para que eu possa viver em um estado diferente de você?

— Fica a apenas cinco horas de carro de Manhattan.

Minha voz se eleva. — Somente?

Ele exala. — Porra. Você está certa. Esqueça.

Giro em seus braços e o encaro, olhando para ele através das sombras. Seus olhos estão fechados. Sua mandíbula está rígida. Parece que ele decidiu que este é o fim da conversa.

Acho que terei que esclarecê-lo sobre isso.

— Kage. Olhe para mim.

Mantendo os olhos fechados, ele diz secamente: — Vá dormir.

Este homem autoritário, obstinado e irritante. Quanto mais o conheço, mais remédios para pressão terei que tomar.

— Não. Vamos conversar sobre isso. Agora mesmo.

— Você sabe qual é a definição de impasse? Isso, bem aqui. Não podemos consertar isso, não importa o quanto conversemos. Então vá dormir.

— Kage, me escute...

Ele se senta, me empurra de costas e monta em meu corpo. Então ele chega bem na minha cara e começa a gritar.

— Você é a melhor coisa que já me aconteceu. A melhor coisa, e também a pior porra, por causa de quem sou e o que faço e toda a merda que vem junto com isso. Nunca poderei ter a cerca branca, Natalie. Jamais poderei fazer um brunch de domingo com amigos ou Ação de Graças com os sogros ou piqueniques no parque ou qualquer outra coisa que as pessoas normais fazem, porque nunca serei normal. Minha vida não é minha, entendeu? Fiz uma promessa. Fiz um juramento e selei com sangue. A Bratva é minha família. A Irmandade é minha vida. E não há como escapar disso. Sangue dentro, não fora. Nunca.

Sua voz falha. — Nem mesmo por amor.

Com o pulso acelerado, todo o meu corpo treme, olho para seu lindo rosto e olhos angustiados, tão cheios de dor e escuridão, e percebo o que ele está me dizendo.

Estamos condenados.

Acho que já sabia. Essa coisa entre nós não foi feita para durar. Além da logística de tentar manter um relacionamento enquanto moramos a cinco mil quilômetros de distância, uma paixão crua como a nossa não é sustentável.

Quanto mais quente queima, mais rápido se apaga.

Adicione a máfia como a cereja do nosso sundae fodido e você terá uma tragédia se formando.

Então, o que mais há de novo? Não é como se minha vida até agora tivesse sido uma comédia romântica.

Alcanço e enquadro seu rosto em minhas mãos, a nuca em sua mandíbula áspera e elástica sob meus dedos. — Eu te escuto. Mas você está esquecendo de algo.

Ele espera, tenso e sem piscar, seu olhar perfurando o meu.

Sussurro: — Vou cavalgar ou morrer. Tudo ou nada. Não importa onde vivemos ou quão distantes estamos. Sou sua. Você faz seus votos com sangue, mas eu os faço com meu coração. E meu coração pertence a você agora. Não preciso de cerca de estacas ou piqueniques no parque. Só

preciso do que você me dá. E é a coisa mais linda que já conheci.

Depois de um momento, ele diz asperamente: — Qual é?

— Você mesmo.

Seus olhos se fecham. Ele engole e umedece os lábios. Em seguida, ele rola de costas, me vira em cima dele e expira com força, olhando para o teto enquanto segura minha cabeça com uma das mãos e me abraça com força contra seu peito.

Adormecemos assim, os corações batendo no tempo na escuridão, todos os nossos problemas e o mundo lá fora esperando para nos separar retidos por um tempo enquanto dormimos enredados, sonhando com um lugar onde poderíamos estar juntos sem nos esconder.

Um lugar sem juramentos de sangue, tiroteios ou dor de cabeça.

Um lugar sem segredos, vingança ou arrependimento.

Um lugar que não existe, pelo menos não para nós.

Nat

Quando acordamos de manhã, o quintal está coberto de neve.

— Natal branco, — murmura Kage, de pé atrás de mim na janela da sala.

Estou envolta em uma manta. Seus braços fortes estão em volta de mim. Seu queixo repousa no topo da minha cabeça. Sinto-me em paz, seguro, acolhedor e com sorte.

Por mais estranha que seja nossa situação, algumas pessoas nunca conseguem nem isso.

Minha vizinha do outro lado é uma mulher na casa dos setenta, chamada Barbara que me disse no ano passado, em sua festa de aniversário, que nunca se casou porque o amor era um grande risco.

Ela é contadora. Como David, ela tem afinidade por coisas em que se pode confiar: títulos do tesouro, tabelas estatísticas, a segunda lei da termodinâmica.

Perguntei a ele uma vez como alguém como ele poderia ter se apaixonado por alguém como eu – intuitivo, emocional, matematicamente desafiado – e ele parou por um momento antes de dizer sombriamente: — Até Aquiles tinha uma fraqueza.

Esse foi o clássico David. Breve e misterioso.

Até hoje, não tenho certeza do que ele quis dizer.

Kage diz: — Tenho algo para você.

Minha risada é gutural. — Acho que já tive isso, senhor. Duas vezes na noite passada e novamente esta manhã.

— Isso não.

Sua voz está séria, então me viro e olho para ele. A expressão em seu rosto é uma que eu não tinha visto antes. A ternura que vi, mas também há uma hesitação. Como se ele estivesse preocupado em como vou reagir a alguma coisa.

— O que é isso?

— Olhe e veja. Está no meu bolso.

Olho para baixo em seu moletom cinza. A única protuberância que vejo está bem na frente. — Você não tem que brincar para me fazer agarrar esse idiota.

Ele suspira. — Basta colocar a mão no meu bolso esquerdo.

Sorrindo para ele, digo: — Tudo bem. Faremos do seu jeito.

Enfio a mão no bolso dele, fingindo procurar algum tesouro que obviamente não está lá, ou seria capaz de ver o contorno dele através do tecido.

— Vamos caçar... vamos ver, aqui está um bom pedaço de fiapo. — Enrugando o nariz, tiro o elo dos meus dedos e começo a cavar novamente. — E aqui está uma espécie de parte de homem muito carnuda. O que é isso – um quadril?

— Abaixei, — ele diz, sua voz suave.

Franzindo a testa para ele, procuro todo o caminho até o fundo do bolso, até que meus dedos encontram algo.

Algo pequeno, redondo e de metal.

Com meu pulso latejando ao longo de minhas terminações nervosas, retiro o objeto e o seguro. Então fico olhando para ele com olhos arregalados, lábios entreabertos e uma profunda sensação de choque.

Kage pega o anel de mim e o coloca no terceiro dedo da minha mão esquerda trêmula.

Ele murmura: — É um nó de amor russo. Os três anéis interligados significam diferentes aspectos da devoção. O ouro branco é macio. Ele se molda à mão, como o amor molda duas pessoas. O ouro amarelo é difícil, assim como o amor verdadeiro é difícil contra qualquer coisa que tente

quebrá-lo. E o ouro rosa é raro. — Ele olha profundamente nos meus olhos. — Como o que temos entre nós.

Quando começo a chorar, ele parece mortificado. — Ah Merda. Você odeia isso.

Desabo contra seu peito e bato o punho fracamente em seu ombro. Espero que seja bom, mas estou muito emocionada para me importar.

Ele diz rispidamente: — Sinto muito. Vou devolver. É muito cedo.

Eu falo entre soluços. — Você vai calar a boca? Estou *feliz!*

— Oh. — Ele faz uma pausa, depois ri. — Eu odiaria ver você quando você está triste.

Choro contra seu peito enquanto ele me segura, até que estou calma o suficiente para levantar minha cabeça e olhar para ele.

Quando ele vê meu rosto, ele provoca gentilmente: — Quem diria que uma garota tão bonita poderia ser uma chorona tão feia?

Limpo meu rosto molhado, fungando. — Mais uma piada e vou te matar onde você está.

— Não, você não vai. Você gosta de mim.

— Você está bem. Eu acho.

Rindo de novo, ele me puxa contra seu peito e enfia minha cabeça sob seu queixo. Então ele fica sério, exalando uma respiração longa e lenta. Ele diz suavemente: — É um anel de compromisso, baby. Minha promessa a você de que sou seu. Mas...

Quando ele hesita, levanto minha cabeça e olho para ele. Uma pontada de terror aperta meu estômago. — Mas o que?

Ele acaricia minha bochecha, gentilmente enxugando uma lágrima perdida com o polegar. — Mas não é um anel de noivado, porque nunca podemos nos casar.

Fecho meus olhos, esperando que ele não seja capaz de ver o jeito que ele acabou de me apunhalar no coração. — Por que não é seguro para mim, certo?

— Porque não tenho permissão.

Meus olhos se abrem. Fico olhando para seu rosto bonito com as sobrancelhas franzidas. — Permitido? O que você quer dizer?

— Quero dizer, quando eu disse que minha vida não era minha, isso inclui decisões sobre coisas como se eu me casasse. E quem.

Chocada, me afasto dele e recuo, olhando para ele em descrença. — Você está brincando.

— Não.

Sua expressão confirma a palavra. Parece que ele está indo ao funeral de seu melhor amigo.

— Então, quem decide por você?

Quando ele não responde e apenas fica ali me olhando como se alguém tivesse morrido, eu sei.

Com uma sensação de pavor crescente, digo lentamente:
— Seu chefe decide. Maxim Mogdonovich.

Sua voz afiada com miséria, Kage diz: — Nunca importou antes. Achei que sempre estaria sozinho. Como sempre fui. Não havia versão possível da minha vida que eu pudesse imaginar que incluísse algo assim. Alguém como você.

A realidade fria e dura despeja um balde de água gelada na minha cabeça. O verdadeiro escopo da minha situação torna-se dolorosamente claro.

Estou apaixonada por um homem que não pode ter filhos.

Quem não pode viver comigo.

Quem não pode se casar comigo.

Quem pode, de fato, um dia ser obrigado a se casar com outra pessoa.

E ele não teria escolha no assunto.

Ele faria isso para honrar seu juramento.

Quando dou um passo para trás, Kage estende a mão e agarra meu pulso. Ele me puxa contra seu corpo, pega meu rosto em suas mãos e rosna: — Não importa o que aconteça, sempre serei seu. Você sempre será minha. Isso não vai mudar.

— Vai ficar se você for casado com outra mulher! Ou você achou que eu compartilharia?

Tento me desviar, mas ele me mantém contra ele, envolvendo seus braços fortes em volta de mim e me segurando com força. — Ele não vai me encontrar uma esposa. Ele precisa de mim como sou. Focado. Sem distração.

— Mas ele poderia, certo?

Quando Kage não responde, tenho minha resposta.

Minha risada é uma coisa feia, sufocada e cheia de desespero sombrio. — Certo. Ele pode decidir a qualquer momento que você deve se casar com alguma princesa da máfia para formar uma aliança com sua família. Não é assim que os casamentos arranjados costumam ser?

Estou chorando de novo. Mas essas não são lágrimas de felicidade. Essas lágrimas vêm de um lugar de raiva. Um lugar de dor. Um lugar de total desapontamento comigo mesma por permitir que meu coração tomasse posse demoníaca de minha cabeça e me conduzisse a esta situação terrível.

Se eu pudesse chutar minha própria bunda, eu o faria.

— Deixe-me ir.

Depois de um momento de hesitação, ele faz o que peço, abrindo os braços e me liberando. Afasto-me, caminho até a metade da sala, então paro e volto.

— É por isso que você disse que teria que me fazer apaixonar por você primeiro, antes que eu descobrisse todos os seus segredos, certo? Porque mesmo se eu pudesse superar o que você faz para viver, você sabia que eu não seria capaz de superar isso.

Ele permanece em silêncio. Seu peito sobe e desce rapidamente. Seus olhos escuros queimam.

— Bem, parabéns. Seu plano funcionou. E não se atreva a falar comigo pelo resto do dia, porque estou tão brava com nós dois que poderia cuspir!

Seus olhos brilham. Ele dá um passo à frente, seu olhar queimando o meu. — Você está dizendo que está apaixonada por mim?

Exasperado, jogo minhas mãos para o ar. — Você está brincando comigo? Você está procurando por declarações de amor agora? Estou prestes a cortar sua cabeça!

Ainda avançando lentamente, ele diz suavemente: — Você está, não é? Você está apaixonada por mim. Diz.

Estou tão brava que começo a tremer. Ainda estou chorando um pouco, também, mas as lágrimas ficaram em

segundo plano e agora a raiva está no banco do motorista. Fervendo, fico olhando para ele.

— Você é egoísta, arrogante, filho da puta.

— Culpado.

— Eu teria concordado com alguma dessas insanidades se não estivesse apaixonada por você?

Sua voz cai, tornando-se mortalmente suave. Ele ainda está avançando. — Então diga. Diga-me. Quero ouvir as palavras.

— E quero ouvir você gemendo de dor quando eu quebrar um martelo em todos os seus dedos, mas nem sempre podemos conseguir o que queremos.

Viro-me e saio da sala de estar, pelo corredor e para o meu quarto. Kage está bem atrás de mim. Entro no banheiro, com a intenção de bater a porta atrás de mim e trancá-la, mas ele está perto demais. Ele invade comigo, me aproximando da pia.

Enfurecida por ele não me deixar sozinha para ter um colapso nervoso em particular, pego minha escova da pia e o ameaço.

— Não me faça usar isso em você!

É uma ameaça ridícula, em parte porque não tenho nenhuma intenção de bater nele com minha escova de cabelo

e em parte porque ele provavelmente só riria de mim se eu fizesse, mas o faz parar de repente.

Ele olha para a escova na minha mão, então ele olha para mim.

Sua voz sai grossa. — Talvez você deva.

Confusa com o tom de sua voz e o novo olhar aquecido em seus olhos, faço uma pausa por um segundo. — Hum... o quê?

— Talvez você devesse me punir.

Quando tenho uma ideia do que ele quer dizer e levanto as sobrancelhas de surpresa, ele concorda.

Então ele se vira e caminha até a porta aberta, puxa o moletom até o meio das coxas e levanta os braços acima da cabeça, apoiando os antebraços na moldura em torno do batente da porta.

Com as pernas afastadas, costas e bunda nuas, ele olha por cima do ombro e espera.

Nat

Ele tem uma daquelas bundas masculinas perfeitas, duras e redondas que você vê em atletas de elite. Não há um grama de gordura nele. Mais pálido que suas costas ou coxas, a pele parece macia, macia e sem manchas.

Aposto que se batesse com força com meu pincel, ele brilharia em um tom vermelho cereja.

Engulo porque minha boca está seca. Há um zumbido estranho em meus ouvidos. Sinto-me um pouco tonta. Minha fúria voou para fora da janela, deixando-me viciada em endorfinas sexuais.

Não admira que ele queira me bater. Apenas ficar aqui contemplando a ideia de fazer isso com ele me faz vibrar como um dos meus brinquedos.

Ele diz: — Não se preocupe em me machucar. Tenho uma alta tolerância à dor.

— É uma espécie de anulação de todo o propósito se você não consegue senti-lo.

— Eu não disse que não seria capaz de sentir. Só não quero que você se segure.

Sua voz é suave e hipnótica. Ou talvez eu esteja me sentindo hipnotizada por toda a adrenalina inundando minhas veias.

Quando eu disse a ele que só o deixaria me bater se eu pudesse fazer isso com ele primeiro, não achei que uma hipotética se tornasse realidade. Era uma ameaça vazia, porque que homem deixaria sua namorada bater na bunda dele?

Este, aparentemente.

Ele é um gênio do mal.

Conforme me aproximo dele, a escova fica mais quente na minha mão, como se estivesse viva. É de madeira, com uma parte superior plana retangular, feita para lidar com cabelos grossos como os meus.

É basicamente um remo.

Paro um pouco atrás dele e para o lado. Tenho uma visão magnífica de seu corpo, todas aquelas tatuagens e músculos salientes. Semiduro, seu pau grosso repousa contra sua coxa.

Quando lambo meus lábios em agitação, ele diz rispidamente: — Vá para dez. Vou contar em voz alta.

Dez golpes de punição contra sua bunda nua enquanto ele os conta com aquela voz quente e áspera dele...

É um milagre de Natal.

Ele me observa por cima do ombro. Sua respiração aumentou. O ar na sala parece quente e perigosamente carregado, como se uma única faísca pudesse causar uma explosão gigantesca.

— Droga, Natalie. *Faça isso!*

Ele devia saber que aquele comando disparado me irritaria, porque quando minha mão voa e a escova atinge sua pele com um *estalo!* Ele solta um grunhido de satisfação, como se tivesse acabado de ganhar uma aposta consigo mesmo.

Riso em sua voz, ele diz: — Um.

Cerro meus dentes e deixo minha mão voar novamente.
— Você é presunçoso...

Rachadura!

— ...mandão...

Rachadura!

— ...arrogante...

Rachadura!

— ...pretensioso...

Rachadura!

— ...empurrão!

Paro, ofegante, olhando para a bunda de Kage. Está ficando em um tom muito satisfatório de rosa mosqueado. Quando olho para seu rosto, seus olhos são fogo vivo.

— Sente-se melhor?

— Não. Você não contou.

— Sim, contei. Estamos em cinco. Acho que você estava preocupada.

Deixo meu olhar varrer seu corpo, da cabeça aos pés. Ele não está se esforçando para manter os braços acima da cabeça, mas sua respiração é difícil. Um fino brilho de suor apareceu ao longo de sua testa.

Sua ereção agora é dura como uma rocha, projetando-se de seus quadris e apontando para o teto. Um pequeno ponto de líquido claro brilha na fenda da coroa.

Não quero que isso acabe tão rápido. Já estamos na metade do caminho para as dez.

Estendo a mão e acaricio levemente uma de suas bochechas vermelhas. Seu pênis se contrai. Ele respira fundo e enrijece.

Correndo a ponta do meu dedo sobre um vergão levantado em sua bunda, observo com fascinação enquanto

seu pau se contrai novamente, um pequeno pulso da base que viaja até seu eixo rígido e faz a coroa estremecer.

Essa pequena gota de líquido em cima está chamando meu nome.

Murmuro: — Não se mova. — Então mergulho a ponta do dedo na gota e lentamente espalho sobre a coroa em um pequeno círculo.

Kage me obedece e permanece parado, mas ele não pode evitar o pequeno estremecimento de prazer que passa por ele ao meu toque. Ou o leve gemido que sai de seus lábios.

Esse som me sacode como eletricidade.

Meus mamilos endurecem. Uma onda de calor sobe para o meu núcleo. O desejo surpreendente de cair de joelhos e chupá-lo me agarra, mas em vez disso, enrolo meus dedos em torno de seu eixo grosso e o acaricio suavemente, da ponta à base e vice-versa.

A pele de seu pênis é a mais macia de seu corpo. É como veludo.

Veludo esticado sobre aço.

Quando fazemos contato visual, é um estalo de conexão que sinto em cada célula.

Ele murmura: — Empurre-me com a mão esquerda. Acerte-me com a direita.

— Oh, você achou que estava no comando? Isso deveria ser uma punição, lembra? — Agarro seu pau na base. Meus dedos não conseguem alcançar todo o contorno. — Aqui vamos nós.

Segurando a base de seu pau, o bato na bunda mais quatro vezes com a escova, parando por um segundo após cada uma para deixá-lo contar. Quando chegamos ao nove, ele está respirando com dificuldade, flexionando seus quadris contra minha mão, tentando bombear nela. Todos os músculos de seu estômago estão contraídos.

E estou tão excitada que posso explodir em chamas.

Ele rosna: — Mais um. Faça isso agora.

— O que acontece quando eu terminar?

— É a minha vez.

Não consigo recuperar o fôlego. Meu corpo inteiro está tremendo. Eu sussurro: — Estou com medo.

— Não vou te machucar, querida. Prometo.

— Não, quero dizer... estou com medo de gostar.

Segurando meu olhar, ele diz: — Você vai.

Fome de corpo.

É uma frase que já ouvi antes, mas nunca entendi. Mas agora entendo. É um desejo ardente, dolorido, desejo que se

apodera de você e o torna faminto. Todo o meu ser físico está tão faminto por este homem que estou salivando.

Dou a Kage o golpe final em sua bunda, em seguida, libero seu pau e me afasto dele, deixando cair a escova no chão.

Ele abaixa lentamente os braços para os lados. Ele me olha de cima a baixo por cima do ombro e lambe os lábios. Ele diz suavemente: — Dez.

Sua bunda está vermelha, seu pau está duro e ele tem uma expressão de tigre que foi libertado de suas correntes após cinquenta anos de cativo.

Ele se curva e puxa o moletom. Então ele se vira para mim, fumegando.

Com sua voz dura e dominante, ele diz: — Venha aqui.

Pânico frio inunda minhas veias. *Oh Deus. Oh deus, oh deus, oh deus!*

Tremendo, dou um passo hesitante em direção a ele. Quando não vou mais longe, ele fica impaciente, estendendo a mão. Ele gesticula com os dedos para que eu me apresse.

Respiro fundo e continuo andando, mordendo meu lábio enquanto vou. Quando estou bem na frente dele, ele me pega pelo pulso e prende meu braço nas minhas costas, segurando meu queixo com a outra mão.

Olhando para mim com os olhos semicerrados, ele diz:
— Permissão para fazer com você o que eu quiser.

Mesmo que seja tecnicamente uma pergunta, seu tom ainda é tão sombrio, comandante.

Meu coração não foi feito para esse tipo de estresse. Está tonto, desmaiando dentro do meu peito como um bêbado com problemas de equilíbrio.

— E se... — Umedeço meus lábios, tentando recuperar o fôlego. — E se você fizer algo que não quero?

— Diga 'vermelho' e paro. Se você ficar desconfortável, mas não tiver certeza se quer que eu pare, diga 'amarelo'. Se você gostar de algo, diga 'verde'.

Imagino-me contorcendo na cama enquanto ele faz o que quer comigo, tagarelando delirantemente: — Verde, verde, verde!

— Vou checar com você enquanto vamos para ter certeza de que você está bem. Não vou te machucar. Você estará no comando. Tudo pára se você diz. Agora me dê sua permissão.

Ele afirma que estarei no comando, mas mal estou no comando de minhas funções corporais.

Todo o meu sistema nervoso central está em colapso. Meu pulso está martelando, meus joelhos estão batendo e meus pulmões não estão alimentando meu cérebro com

oxigênio suficiente. Literalmente sinto como se estivesse prestes a desmaiar. A única coisa que me mantém de pé é a mão que está enrolada no cós de seu moletom.

— Eu... eu...

Kage espera, narinas dilatadas e lábios estreitos, parecendo tão quente que estou suando.

Finalmente, sai em uma corrida sem fôlego. — Oh, foda-se. Sim, você tem minha permissão.

Antes que eu desmaie, ele me pega nos braços e caminha para o quarto.

Comigo em seus braços, ele se senta na beira do colchão. Ele me vira para que eu fique de bruços em seu colo, meu peito na cama e minha bunda no ar. Ele puxa meu short até o meio da coxa, me segura pela nuca e diz em voz rouca: — Venho sonhando com isso há meses.

Ele me dá um tapa rápido e inteligente na minha bunda.

Quando pulo e grito, ele ri.

Sombriamente.

Ele me bate de novo, desta vez na outra bochecha, um pouco mais forte. Isso envia uma onda de choque de prazer pelo meu corpo. O lugar onde ele me atingiu formiga e arde, mas não dói.

Ainda assim, estou hiperventilando. Minhas mãos trêmulas se fecham em punhos nos lençóis.

— O primeiro era um nível. O segundo era um nível dois. Aqui está um três. Diga-me se você quer mais macio ou mais duro.

Ele dá um tapa na minha bunda de novo, desta vez com mais força. Respiro fundo, minhas costas enrijecendo. Em seguida, ele alisa sua grande mão áspera sobre as minhas nádegas, para frente e para trás de um lado para o outro, gentilmente afastando a dor e esperando.

Já estou molhada entre as minhas pernas. Meu batimento cardíaco está acelerado. Meus mamilos estão tensos e doloridos.

Sussurro: — Quero mais forte.

Ele exala uma respiração irregular. Contra minha barriga, seu pau lateja.

— Preparada?

— Sim.

O golpe atinge minha bochecha esquerda. É mais forte do que os outros, chegando perto da dor, mas o calor que floresce sobre minha pele em seu rastro me faz gemer.

Fecho meus olhos e me movo inquieta em seu colo, esperando por outro.

Esperando e desejando.

Sua voz é uma carícia calmante para meu cérebro febril.
— Fale comigo baby. Como você está se sentindo?

— Bem.

— Use as cores.

— Verde.

Ele aperta minha carne tenra, acariciando da minha bunda até o topo da minha coxa, gentilmente me acariciando lá, em seguida, movendo a mão para a minha outra perna e deslizando-a de volta. Minha bunda inteira está quente e extremamente sensível, preparada ao seu toque.

— Vou fazer cinco, então paro e pergunto como você está de novo. Preparada?

Minha resposta é um gemido fraco.

Sua voz endurece. — Natalie. Você está pronta?

Quando sussurro, — Sim, — ele desfere uma série de tapas afiados e pungentes na minha bunda, usando a mesma pressão do último. Minha bunda inteira estremece a cada golpe.

É uma sensação incrível.

Sujo, cortante e incrível. Toda a parte inferior do meu corpo lateja de calor. Gemo mais alto, balançando meus quadris.

Kage respira, — Foda-se, baby. Você ama isso, não é?

Tão fraco que quase não se ouve, digo: — Verde. Super ultramega verde. Mais. Por favor, mais.

O gemido de Kage é quase inaudível também. Ele alisa a mão sobre a minha bunda novamente, ao redor, em seguida, mergulha os dedos entre as minhas coxas, encontrando meu centro encharcado.

Quando ele gentilmente belisca meu clitóris inchado, suspiro. Em seguida, ele gira os dedos em torno da protuberância sensível, sussurrando: — Então. Porra. Perfeito.

Quando empurro sua mão, com vontade de sentir seus dedos dentro de mim, ele se afasta e me dá mais cinco tapas na minha bunda.

Estremecendo de prazer, gemo.

Ele acaricia meu clitóris novamente, até que estou esfregando minha pélvis contra sua mão, depois volta a bater. Para cada cinco golpes de sua mão, sou recompensado com atenção à minha boceta.

Em menos de um minuto de idas e vindas extraordinariamente torturantes, estou à beira do orgasmo.

Choramingo. — Por favor, Kage. Por favor.

— Fale comigo.

— Preciso gozar. Por favor, me faça gozar.

— Oh, eu vou, baby. Mas ainda não.

Gemo de decepção, enterrando meu rosto nos lençóis.

— Vou continuar, mas não quero que você goze. Quero que você se segure por mim. Diga-me para parar quando você chegar muito perto.

É difícil pronunciar até mesmo uma palavra entre minhas respirações difíceis. — Por que?

Sua voz fica mais suave. — Porque será muito mais intenso se você tentar esperar. Ele vai construir e construir até que você se torne uma supernova. Eu quero dar isso a você. Eu quero fazer você gozar com mais força do que nunca. Mas se você não quiser isso, você sabe o que dizer.

Há uma possibilidade distinta de morrer neste cenário, mas estou disposta a correr esse risco.

Meus dentes cerrados, eu digo, — Verde.

Desta vez, os golpes vêm mais rápidos.

Não tenho tempo para me recuperar de um antes que o próximo chegue, quente e queimando. Gemo no final, então gemo mais alto quando ele coloca seus dedos deslizando pelo meu calor escorregadio.

— Olhe para você abrindo mais as pernas para mim, — diz ele, sua voz baixa e crua. — Inclinando seus quadris para

que eu possa ver esta linda boceta rosa implorando pelo meu pau. Este pequeno clitóris roliço implorando pela minha língua.

Ele puxa suavemente. Quase grito de prazer, mas gemo nos lençóis em vez disso.

Ele desliza os dedos por toda a minha fenda, espalhando minha umidade ao redor, acariciando minha boceta como se fosse seu animal de estimação favorito, o tempo todo falando comigo em sua voz baixa e hipnótica, me dizendo como ele me adora, como ele precisa de mim, como ele não consegue pensar direito quando estamos separados.

Soluçando, digo: — Estou perto, estou bem aí, meu Deus, estou *aí*...

Ele tira os dedos de entre minhas pernas e os pressiona contra meus lábios, ordenando: — Chupe.

Faço, avidamente, provando-me nele. Morrendo de vontade de enfiar aqueles dedos dentro de mim, o mais fundo que podem.

Ele rosna: — Vou amarrar você agora e colocarei uma venda nos olhos e foda-se. Antes disso, porém, vou colocar você de joelhos e fazer você chupar meu pau enquanto bato mais um pouco, porque não me canso desta bela bunda e como você responde a mim.

Ele muda para o russo e continua falando.

Gemo em torno dos dedos grossos enfiados em minha boca.

Meus olhos reviram em minha cabeça.

Este é o melhor Natal de todos.

Nat

Kage me empurra para o chão ao lado da cama. Ele me instrui a ficar de quatro e diz que devo apertar sua coxa se chegar muito perto do orgasmo.

Em seguida, ele bate na minha bunda nua repetidamente enquanto chupo seu pau e tento desesperadamente não gozar.

Quando ele pausa a surra, passando a palma da mão aberta sobre a minha bunda em chamas, lamento no fundo da minha garganta, apertando minhas coxas juntas para tentar obter algum alívio da dor latejante no meu núcleo.

— Não, baby, — diz ele, respirando com dificuldade. — Ainda não.

Uma das minhas mãos está envolvida em torno do eixo grosso de seu pênis. A outra repousa, tremendo, em sua coxa. Levo-o profundamente em minha garganta, então me afasto e giro minha língua ao redor da cabeça inchada, lambendo a fenda com amor.

Ele geme. Em seguida, ele se inclina e acaricia meus seios, colocando-os em suas mãos ásperas e beliscando meus mamilos duros, enviando ondas quentes de prazer direto para baixo entre minhas pernas.

Lamento novamente. Preciso tanto que ele me foda que estou à beira das lágrimas.

— Você precisa do meu pau?

Aceno, chupando mais forte.

Ele pega minha mão e a move para baixo, então estou segurando suas bolas. Aperto-as suavemente, ganhando um gemido suave. Ele enfia a mão no meu cabelo e agarra a parte de trás da minha cabeça, flexionando os quadris no mesmo ritmo dos golpes da minha língua.

Quando olho para ele, seus olhos estão fechados. Seus lábios estão molhados e separados. Sulcos profundos cruzam sua testa. Todos os músculos de seu estômago estão contraídos.

Ele está tão perto quanto eu.

Ele sussurra: — Amo sua boca. Cristo, isso é incrível.

Quando aperto sua coxa, ele abre os olhos e olha para mim. Suas pupilas estão tão dilatadas que suas íris estão quase obliteradas.

Ele puxa minha cabeça para trás. Seu pau sai da minha boca. Ele me beija vorazmente, enfiando a língua

profundamente em minha boca, em seguida, me puxa para a cama com as mãos sob minhas axilas.

Empurrando-me de costas, ele me beija novamente, espalmando meu sexo e apertando.

— Amo essa boceta também, — ele diz asperamente contra minha boca. Ele desliza um dedo profundamente dentro de mim, me fazendo arquear e gemer. — E esses seios lindos.

Ele abaixa a cabeça em meus seios. Ele chupa um mamilo, girando sua língua antes de morder suavemente.

Estremeço de prazer, afundando minhas mãos em seus cabelos e empurrando meu peito mais perto de sua boca.

Em meu ouvido, ele diz ríspidamente: — Amo cada porra de sua parte perfeita, toda você, por dentro e por fora, e nunca vou deixá-la ir, não importa o que aconteça. Você me entende?

A voz dele está áspera, cheia de desespero.

Abro os olhos e o encontro olhando para mim com uma intensidade abrasadora. Seu rosto está vermelho. Ele está mais emocionado do que jamais o vi, seu coração ardendo em seus olhos.

Quando aceno, ele me beija novamente, profundamente, fazendo um som de prazer baixo em sua garganta.

Em seguida, ele se afasta e fica na beira da cama, olhando para baixo.

— Você não deve se mover ou fazer barulho.

Sua voz mudou. Caiu mais baixo, tornando-se mais duro e escuro. Sua expressão também mudou. Está fechada. Impenetrável.

Ele está em modo Alfa completo.

Tremendo, minha pele em chamas e meu coração batendo como um louco, aceno novamente.

Ele vai até minha cômoda e abre uma gaveta. Não encontrando o que está procurando, ele abre outra. Ele estende a mão e empurra calcinhas e sutiãs para o lado, depois se vira para mim, segurando um par de minhas meias.

— Deite de costas no meio da cama.

Arrasto-me da beira do colchão para o meio e me deito. Kage volta para a cama e fica lá olhando para mim, seu olhar faminto vagando pelo meu corpo nu.

— Coloque os braços sobre a cabeça e abra as pernas.

Se meu coração continuar fazendo o que está fazendo, ou desmaio ou morrerei. Nesse ínterim, levanto os braços, coloco-os no travesseiro sobre a cabeça e afasto as pernas.

Kage envolve uma das minhas meias em volta dos meus pulsos e amarra as pontas. Então ele levanta meus braços e

usa a outra meia para amarrar meus pulsos à cabeceira da cama. Ele testa a força dos nós, puxando-os até ficar satisfeito de que eles vão aguentar.

— Está muito apertado?

— Não. Está bem.

— Bom. Diga-me se ficar desconfortável.

Ele se inclina e me beija. Então, muito levemente, ele me dá um tapa entre minhas pernas abertas.

Empurro de surpresa e suspiro contra sua boca. Ondas de calor de prazer saem da minha boceta, ondulando pelo meu corpo.

— Cor?

Ofegante, sussurro: — Verde.

Olhando em meus olhos arregalados, ele me acaricia, beliscando e acariciando minhas dobras encharcadas até que estou sem fôlego me contorcendo contra sua mão. Então ele me dá um tapa de leve novamente, me fazendo gemer como uma estrela pornô.

É uma sensação incrível. Quente, intensa e incrível. Quero que ele faça isso de novo, mas não ousa pedir.

Ele sabe de qualquer maneira.

— Você poderia gozar assim, não poderia?

Aceno vigorosamente.

Suas pálpebras caem. Um sorriso perigoso curva seus lábios carnudos. — Boa menina. Mas da próxima vez. Desta vez, você não tem permissão para gozar até que esteja cheia do meu pau e eu mande.

Ele dá outro beliscão na minha boceta latejante com os dedos, depois se levanta e volta para a minha cômoda. Enquanto ele abre as gavetas e olha dentro delas, movo-me inquieta na cama, puxando as amarras.

A sensação de estar contida é aterrorizante e intensamente erótica. Confio que Kage não vai me machucar, mas ainda há um elemento primordial de medo de estar amarrada. Estar indefesa.

Sei que isso também é parte do que o torna tão emocionante.

Ele vai fazer de mim o que quiser, empurrando-me além do meu nível de conforto até que eu pise no freio. O pensamento do que ele poderia fazer – o que ele poderia fazer, se eu deixar – está me deixando louca de desejo.

Sou um grande nervo exposto, elétrico e vulnerável.

Nunca estive tão excitada em minha vida.

Então Kage se vira e meu coração para em meu peito quando vejo o que está em suas mãos: um lenço de seda preta.

Sei exatamente o que ele vai fazer com isso.

Ele murmura: — Você deveria ver seu rosto. Cor?

— Verde.

Ele caminha em minha direção tão lentamente que a antecipação aumenta até eu quase gritar. Então ele se abaixa e planta as mãos no colchão de cada lado da minha cabeça.

— Eu te adoro. Preparada?

Engolindo em seco, aceno.

Ele me dá um beijo suave nos lábios, depois enrola o lenço em volta da minha cabeça várias vezes para que eu não possa ver através dele. Meu nariz e boca ainda estão expostos, então posso respirar facilmente.

Bem, eu *poderia* respirar facilmente, se não estivesse muito ocupada hiperventilanda.

— Respire fundo, baby, — ele diz em um murmúrio reconfortante enquanto amarra as pontas do lenço na ponta do meu nariz. — Não se esqueça, você está no comando.

Estou no comando. Estou no comando. Estou no comando.

Put a merda, acho que estou morrendo.

Ele estica a mão sobre meu esterno e o deixa lá por um momento enquanto luto para controlar minha respiração. Estou perfeitamente ciente de cada parte do meu corpo, de

uma forma que nunca estive antes. Sinto o sangue correndo em minhas veias. Sinto o ar passando por todos os minúsculos pelos dos meus braços. Sinto-me como um instrumento meteorológico ajustado, medindo a temperatura de tudo na sala com cada nervo e célula eletrificados.

Kage se senta ao meu lado, irradiando calor e poder.

— Você é tão bonita. Minha linda garota. Diga que você é minha.

Lambo meus lábios e digo, sem fôlego.

Ele move a mão do centro do meu peito para um dos meus seios, acariciando-o suavemente. Ele passa o polegar para frente e para trás sobre o meu mamilo rígido. Ele desliza a mão pela minha barriga e entre as minhas pernas.

— Diga-me que isso é meu.

Minha resposta é fraca. — É seu. Você sabe que é. Acho que meu coração está parando.

— Cala-te agora. Não há mais som, a menos que eu faça uma pergunta.

A cama se move, então sinto a boca quente de Kage no meu centro. Respiro fundo enquanto ele lentamente lambe meu clitóris, sugando-o como se estivesse mamando. Abro minhas pernas ainda mais, levantando meus quadris em direção a sua boca.

Em seguida, ele está me comendo, apertando ritmicamente meus mamilos duros ao mesmo tempo.

Gemo, minha cabeça inclinada para trás no travesseiro.

Quando o leve tapa entre minhas pernas vem, não estou preparada para isso. Empurro com força contra minhas restrições, ofegando.

— Eu disse, cale-se.

Sua voz é inebriante. Profunda e baixa, ele vibra com poder e masculinidade potente.

Reajo a isso em um lugar muito mais profundo do que minha mente consciente, obedecendo instintivamente. Relaxando contra o colchão, desisto de tentar controlar meu batimento cardíaco furioso, minha respiração irregular ou o turbilhão caótico em minha mente.

Rendo-me a ele completamente.

Porque ele parece saber tudo, ele sabe disso também.

Ele rosna: — Você nasceu para ser minha. Minha rainha. Você não se ajoelha por ninguém além de mim. E te adoro por isso.

Ele dá um tapa na minha boceta exposta e dolorida de novo, um pouco mais forte, me testando.

Respiro fundo pelo nariz, mas fico em silêncio.

Minha recompensa é sua boca, me devastando entre as pernas.

Quando estou ofegante e tremendo, atingindo a crista da onda rapidamente me levando em direção a um pico brilhante em chamas, sua boca desaparece. Fico deitada em silêncio e tremendo na cama, suando, até que ouço a gaveta da mesinha de cabeceira se abrir e o som de Kage remexendo nela.

Ele diz a si mesmo: — Este.

Ouve-se um clique suave e, em seguida, um zumbido enche a sala. Então a mão de Kage está em meu queixo, virando minha cabeça.

— Chupe até que eu diga para parar.

A cabeça de seu pau cutuca meus lábios. Abro-os e tomo sua ereção em minha boca, sugando com entusiasmo.

Ele desliza o vibrador entre minhas pernas.

É uma tortura requintada, tentar respirar em torno de seu pau enorme e não fazer um som de prazer enquanto ele desliza o vibrador para frente e para trás sobre meu clitóris inchado e sensível. Quando ele empurra suavemente dentro de mim, quase quebro e gemo, mas me paro a tempo.

Meus quadris, no entanto, têm vontade própria. Eles balançam para frente e para trás desenfreadamente enquanto

Kage me fode com o vibrador enquanto afundo seu pau na minha garganta.

— Lindo, — diz ele com os dentes cerrados. — Jesus fodido Cristo.

Meu pulso está voando. Estou flutuando em algum lugar acima do meu corpo, olhando para baixo, mas sinto tudo. Cada vibração, cada golpe, cada veia latejante em seu pau enquanto desliza contra minha língua e lábios.

Também me sinto poderosa.

Porque sei que se eu disser a palavra, tudo isso para. Mesmo que parar o mate, ele faria isso instantaneamente se eu quisesse.

Não quero. Na verdade, espero que isso nunca acabe.

Respirando com dificuldade, ele sai da minha boca. Ele remove o vibrador e o desliga. Em seguida, ele sobe na cama, abre mais minhas pernas com os joelhos e se acomoda sobre mim, equilibrando seu peso em um cotovelo, minhas coxas abertas em torno de seus quadris e seu estômago pressionado contra o meu.

Ele desliza seu pênis pelas minhas dobras molhadas, para cima e para baixo, em seguida, cutuca minha entrada até que apenas a cabeça empurra para dentro.

Arqueio, ofegante, fora da minha mente de prazer, desesperada para ele empurrar profundamente.

Ele não sabe. Em vez disso, ele chega ao meu redor e desliza a mão entre as bochechas da minha bunda até encontrar aquele pequeno nó proibido de carne.

Ele o acaricia com a ponta do dedo.

Estou molhada lá também, de toda a umidade produzida por sua boca, o vibrador e meu nível de extrema excitação. Tão molhado, bastaria um empurrão suave e seu dedo deslizaria para dentro.

Meu peito arfa contra o dele. Meu corpo inteiro treme. Impotente em suas amarras, minhas mãos se fecham em punhos.

Em meu ouvido, Kage diz em uma voz gutural, — Cor?

Ele se mantém parado acima de mim até que sussurro: — Verde.

Então ele leva minha boca e empurra seu pau bem fundo dentro de mim.

Ele me fode com uma mão na parte de trás da minha cabeça e a outra acariciando minha bunda, brincando com ela, sem pressionar, mas simplesmente acariciando levemente, ao redor e ao redor.

As sensações são avassaladoras.

Ele, enorme e quente em cima de mim, seu pau, enorme e quente dentro de mim, sua língua na minha boca e seus dedos me sondando suavemente por trás. Sinto-me

totalmente cercada por ele. Engolida por sua masculinidade dominante. Consumida.

Quando ele começa a falar comigo em russo – palavras guturais e estrangeiras rosnam acaloradamente em meu ouvido – estou lá. Não posso aguentar mais. Ondas de prazer caem sobre mim com velocidade crescente, até que estou resistindo descontroladamente debaixo dele, gemendo seu nome.

Ele me beija na garganta e ordena: — *Goze*.

Em seguida, ele abre aquele pequeno anel de músculo apertado entre as bochechas da minha bunda e empurra o dedo dentro de mim.

Meu clímax me atinge como uma explosão.

Perco-me em um branco ofuscante de calor e prazer, convulsionando em torno dele, um barulho como ventos uivantes em meus ouvidos. Ouço-o praguejando de algum lugar distante, sinto-o estremecer e ouço seus gemidos roucos, mas estou longe no espaço, arremessando-me para o infinito.

Super Nova.

Perdida.

Sou selvagem, uma coisa selvagem incontida. Nunca experimentei sentimentos tão intensos de felicidade e euforia.

Não me importo com nada, passado ou futuro. Só agora existe.

Só ele existe, e eu só existo para ele.

Sou viciada e ele é heroína, injetada direto nas minhas veias.

O momento se estende até a atemporalidade. Vivo e morro mil vezes, ressuscitada em seus braços apenas para ser perdida novamente. Perco todo o senso de quem sou, e isso parece certo, como se estivesse me perdendo, finalmente descobri o que procurei tão desesperadamente:

Significado.

Essa conexão que temos agora é a única coisa que importa, porque é a única coisa que permanecerá quando todo o resto acabar. Nada significa nada, porque no final, tudo desmorona.

Exceto isto.

Sei que vou levar este momento comigo para o meu túmulo... E o que vier depois.

Quando volto a mim, estou chorando.

Meu amante sabe o que fazer.

Desamarrando minhas mãos de suas restrições, ele sussurra para mim suavemente, doces palavras de louvor e devoção. Ele tira a venda, me envolve em cobertores e me

envolve em seus braços. Ele me balança, seus braços e pernas curvados ao redor do meu corpo, seu calor e força um bálsamo para minha mente esgotada.

Ele me faz sentir segura. Seguro e protegido, como só ele pode.

Quando adormeço em seus braços, exausta, ele fica comigo até que eu acorde novamente horas depois, piscando para a luz do sol que entra pelas cortinas do quarto.

— Olá, — ele murmura, sorrindo para mim com os olhos.

— Olá, — sussurro de volta, meu coração se expandindo.

— Está com fome?

— Eu poderia comer. E você?

— Eu comeria um cavalo.

— Estou sem cavalo. Que tal panqueca, em vez disso?

— Parece fantástico. Qualquer coisa que a mantenha longe do forno.

Sorrimos um para o outro por um momento, então nós dois começamos a rir.

Demora muito até pararmos.

Nat

Depois daquele dia, algo muda entre nós.

Não falamos sobre isso, mas está lá, uma consciência elétrica de que movemos além do que éramos antes, para um território novo e mais profundo.

Antecipamos as palavras um do outro. Terminamos as frases um do outro. As emoções são transmitidas com nada além de um olhar. Passamos a semana entre o Natal e o Ano Novo a sós em minha casa, conversando, comendo, assistindo a filmes antigos e fazendo amor.

É o paraíso.

E como todo paraíso, chega ao fim.

Quando acordo na manhã fria e com neve do dia 3 de janeiro, estou nos braços de Kage na cama. Ele já está acordado, olhando para mim com sua intensidade sombria característica, mas há algo mais em seus olhos que faz meu coração disparar.

Sussurro: — Você está indo embora.

— Estarei de volta assim que puder.

Fecho meus olhos e me aconchego mais perto dele, querendo que isso dure apenas um pouco mais. Mas muito em breve, ele está saindo da cama e se vestindo.

Sento-me na cama e puxo meus joelhos até o peito, observando-o, meus pulmões apertados. Sei que é assim que sempre será e sinto uma pontada de tristeza tão forte que me deixa sem fôlego. Mas quando ele se vira para mim, olho para os lençóis para esconder meus olhos.

Ele também não quer ir. É do jeito que é. Fazê-lo se sentir culpado não ajudará nenhum de nós dois.

De pé na beira da cama, ele me puxa para ele. Envolver meus braços em volta de sua cintura e descanso minha cabeça em seu abdômen duro enquanto ele acaricia meu cabelo.

— Quando suas aulas começam de novo?

— Semana que vem.

É uma pena que as férias escolares não sejam mais curtas, porque sem trabalho para voltar, não tenho certeza do que vou fazer com todo o meu tempo extra agora que ele se foi.

Ele segura meu rosto com as mãos e o vira para cima, de modo que estou olhando para ele. Seus olhos estão sombreados. Sua voz vem muito suave. — Obrigado.

— Pelo que?

— Por me dar algo pelo qual viver.

Ele se inclina e me beija suavemente nos lábios. Sem outra palavra, ele se vira e sai.

Sento-me na cama onde ele me deixou, ouvindo seus passos se afastarem pela casa. A porta da frente abre e fecha e ele se foi.

Sabendo que um futuro de pequenas mágoas como este me espera, luto para não deixar as lágrimas caírem. Então respiro fundo e jogo as cobertas, me levanto e endireito meus ombros, e vou para o chuveiro para começar meu dia.

Não adianta chafurdar na miséria. Não serve a nenhum propósito e não muda nada no final.

Se alguém sabe disso bem, sou eu.



Lavo toda a roupa. Limpo a casa de cima a baixo. Dou uma caminhada rápida ao redor do quarteirão. Quando chega às cinco horas, estou me sentindo melhor, certa de que não vai demorar muito antes que Kage volte e este pequeno nó azedo em meu estômago possa se desfazer.

Quando meu celular toca, estou na cozinha, servindo-me de uma taça de vinho. Pego o telefone de onde está carregando na bancada. Quando vejo o número na leitura, fico muito feliz.

— Sloane! Você está viva!

Ela ri. — Claro que estou viva, idiota. Só porque não nos falamos há dez dias, não significa que estou caída em uma vala em algum lugar.

— Como eu deveria saber disso? Você não me ligou para me desejar um feliz ano novo. *Ou Natal.*

Ela ri novamente. — Olá, chaleira, encontre a panela. Você também não me ligou.

Sorrindo, eu digo: — Eu estava meio ocupada.

— Oh sério? Diga. Sua vagina já caiu de todas as batidas que está sofrendo?

— Você primeiro. Como está Stavros? Onde você está agora? África? Belize?

Ouçó o sorriso em sua voz quando ela atende. — Mais próximo. Venha para a porta da frente.

Viro-me e saio correndo pela casa, abrindo a porta da frente para encontrá-la parada na minha varanda com o telefone no ouvido, sorrindo para mim.

Usando um deslumbrante traje de esqui rosa choque completo com botas brancas forradas de pele e um chapéu branco felpudo combinando, ela parece que acabou de voltar de ganhar uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Inverno.

Jogamos nossos braços em volta uma da outra e começamos a rir.

— Senti a sua falta!

Ainda rindo, ela se afasta. — Eu sei. É terrível sem mim por perto. Mas tenho certeza de que você deve ter se mantido ocupada com seu garanhão. Ela olha para trás, olhando para a casa pela porta aberta.

Meu rosto cai. — Ele saiu esta manhã.

Ela diz secamente: — Não sem marcar seu território primeiro, pelo que vejo.

Alcançando para tocar o ponto sensível no meu pescoço que ela está olhando, coro. — Ele, hum, às vezes se empolga um pouco.

Ela sorri para mim. — Claro que ele se empolga. Você é uma delícia. Agora abra o vinho, porque temos muito que recuperar.

— Mentes brilhantes pensam igual. Já abri a garrafa.

Entramos. Quando chegamos à cozinha, pego outro copo e a garrafa do balcão e nos sentamos à mesa. Mojo sai da sala de estar e se joga aos pés de Sloane. Em segundos, ele está roncando.

Sorrindo para ele, ela o cutuca suavemente com a bota.
— Ainda uma bola de fogo, pelo que vejo.

Derramando seu vinho, rio. — Tenho gritado para acordar os mortos por mais de uma semana, e isso não o moveu. Você pensaria que ele foi criado em uma casa mal-assombrada. Não importa quantos gemidos e tremores de parede aconteçam, este cachorro dorme como um bebê.

Sloane levanta seu copo para mim. — Um brinde a ser recheado com salsicha premium.

— Você é uma romântica impossível.

Sorrimos uma para a outra e bebemos.

Quando colocamos nossos copos na mesa, Sloane diz: — Então. Você está apaixonada.

— Não faça soar como se eu tivesse câncer. E como você sabe, afinal?

— Está escrito em seu rosto, Juliet. Romeo Mafioso fez sexo com você em todas as superfícies horizontais da casa, e agora você está brilhando de felicidade.

Meu rosto fica vermelho de prazer, lembrando exatamente o quão bem fui – sexuada. – E não apenas nas superfícies horizontais.

— E você? Você está apaixonada por Stavros?

Ela quase cospe seu vinho pelas narinas. — Garota, sério? Com quem você pensa que está falando aqui? Eu estava entediada demais depois de três dias no mar com ele. Nunca conheci um homem que se preocupasse tanto. Era como morar com minha avó. Andar e torcer as mãos são suas duas coisas favoritas. Graças a Deus eles tiveram que voltar para Nova York para a reunião, ou eu teria pulado no mar.

Meu coração pula uma batida. — Nova York? Reunião?

Ela está surpresa. — Kage não te disse?

— Não perguntei.

— Eu também não.

— Como você sabe, então?

— Uma das minhas habilidades ninja é espionar. Além disso, depois de alguns dias, a equipe de Stavros esqueceu que eu estava por perto. Ou eles presumiram que eu estava bem porque estava com ele. De qualquer forma, consegui ouvir um monte de coisas que provavelmente não deveria.

Meu coração começa a bater forte. Inclino-me para mais perto dela, segurando minha taça de vinho com tanta força que tenho certeza que vai quebrar. — Como o quê?

— Tipo... há uma guerra se formando.

Meu estômago embrulha. — Oh Deus. A guerra não é boa.

— Não, definitivamente não é. Aparentemente, houve uma grande reunião dos chefes de todas as famílias em Boston recentemente, e não terminou bem. Os irlandeses estavam chateados com o que aconteceu com seus rapazes em La Cantina.

— Cópia de segurança. Os *irlandeses* estavam lá? Esta reunião não foi apenas com diferentes famílias da máfia russa?

— Aparentemente, todas as famílias estavam lá. Os armênios, os italianos, os mexicanos, os chineses, os irlandeses. — Ela encolhe os ombros. — Todo mundo.

Posso ver na minha cabeça, como uma cena de filme. Uma longa mesa cercada por homens de aparência perigosa vestindo sobretudos pretos e fumando charutos, todos olhando com suspeita uns para os outros com olhos estreitos, armas engatilhadas sob a mesa.

— De qualquer forma, as coisas ficaram complicadas e os irlandeses sacaram suas armas. Pelo que pude ouvir, parecia muito sangrento.

Afundo em minha cadeira, me sentindo mal. — Esse encontro foi na véspera de Natal?

— Sim. Como você sabe?

— Porque Kage apareceu na minha porta no meio da noite com um ferimento à bala.

Os olhos de Sloane se arregalam. — Ah Merda. Ele está bem?

— Ele está bem. Costurei-o.

Ela pisca. — Você fez o quê, agora?

Aceno uma mão no ar com desdém. — É mais fácil do que parece. De volta à reunião. O que mais aconteceu?

— Então, aparentemente, os russos têm sido os chefões da Costa Leste há décadas. Mesmo com seu líder Maxim na prisão nos últimos anos, eles têm a operação mais poderosa. Todas as outras famílias fizeram acordos com eles para obter seus produtos através dos portos.

— Bens?

— Contrabando. Drogas. — Ela faz uma pausa por um momento. — Carga.

Com uma sensação de mal estar no estômago, entendo o que ela quer dizer. — Os russos estão traficando pessoas?

Ela balança a cabeça. — São os armênios e os chineses. Os russos se dedicam principalmente à distribuição de armas e drogas.

Minha voz sai fraca. — Oh. Excelente.

— De qualquer forma, os irlandeses culpavam os russos pelo massacre de La Cantina. Acho que ninguém atirou no outro por anos. Isso violou algum tipo de acordo de trégua. Além disso, um dos irlandeses que foi morto era sobrinho de alguém importante. Então, eles queriam algum tipo de compensação. E suas demandas não foram bem-sucedidas. Quando a reunião terminou, havia corpos espalhados pelo lugar.

Ela toma outro gole de seu vinho. — Então agora é guerra.

— E esta próxima reunião em Nova York? Quem organizou isso?

— Seu homem. — Seu sorriso é suave. — Era para ser mais cedo, mas ele disse que tinha que esperar.

Fecho meus olhos e pressiono a mão sobre meu coração latejante.

Kage cancelou uma reunião de planejamento de guerra para que ele pudesse passar as férias comigo.

Sloane solta um suspiro de desgosto. — Eu sei. É doentiamente romântico. De qualquer forma, é tudo que sei. Vamos ficar bêbadas.

Pulo da minha cadeira e começo a andar na frente da mesa.

Servindo-se de outra taça de vinho, Sloane me olha. —
Você se parece exatamente com Stavros agora.

— Como você pode estar tão calma? Eles estão indo para a guerra!

— Sinto por você, baby, por causa de Kage e tudo, mas está acabado entre mim e Stavros.

Paro e olho para ela. — O que aconteceu?

Ela me olha por cima da borda de sua taça de vinho. —
Você perdeu a parte em que eu disse que ele me entediava até as lágrimas? Terminei. Estar com um homem vinte e quatro horas por dia é exaustivo.

Ela encolhe os ombros novamente, toma outro gole. —
Conte-me mais sobre o que aconteceu quando a polícia apareceu aqui. Mantenha-me atualizada.

Aproveito para admirar sua postura.

Em menos de duas semanas, ela esteve envolvida em um tiroteio público, viu quatro homens morrerem, voou para Roma, navegou no Mediterrâneo, espionou um bando de gangsteres assassinos para obter informações e rompeu com seu namorado bilionário, tudo sem um chip em sua manicure ou o menor arranhão em sua segurança.

Ela é tão legal, James Dean ficaria com ciúmes.

Sento-me e começo do início, desde a última vez que nos vimos. Quando termino, ela balança a cabeça.

— Então Chris ainda está segurando uma tocha por você. Isso é um problema.

— Não acho que ele está segurando uma tocha.

— Pfft. Sua tocha é tão grande que ele poderia incendiar toda a cidade.

— Seja qual for o caso, Kage disse que cuidaria disso, então...

— Portanto, devemos esperar ver o obituário de Chris no jornal em breve.

— Não! Eu disse a Kage para não machucá-lo!

Ela balança a cabeça como se estivesse profundamente decepcionada comigo. — Se eu tivesse meu próprio assassino pessoal, daria a ele uma lista de pessoas para matar do tamanho do meu braço.

Assassino.

Estou surpresa com essa palavra. A memória de Chris gritando comigo que o apelido de Kage é Reaper, assim como a imagem daquele esqueleto encapuzado de olhos vermelhos com uma foice.

Com as mãos tremendo, bebo minha taça de vinho. É impossível conciliar o Kage que conheço – apaixonado, terno, cheio de calor e coração – com o homem que comanda a máfia russa.

Executa na ausência do chefe, de qualquer maneira.

Sloane percebe a expressão em meu rosto. — Querida, você ficou branca.

— Ainda estou tentando me ajustar ao meu novo normal.

— O amor é uma cadela, por isso nunca terei nada a ver com isso.

— A vida tem um jeito engraçado de fazer você engolir as palavras, namorada.

Ela balança a cabeça, sorrindo. — Não há um homem neste planeta que poderia me fazer apaixonar por ele. Acredite em mim, tenho muita experiência nesse departamento.

— Oh sei. Também sei que seu par está por aí em algum lugar. Você apenas não o conheceu ainda. Mas quando o fizer, serei a primeira a esfregar na sua cara.

Ela ri de mim, claramente descrente. Procurando no bolso o celular, ela diz: — Boa sorte com isso. Nesse ínterim, deixe-me mostrar esta foto do gostoso que conheci no caminho para cá.

Ela me mostra seu telefone. A tela exibe a imagem de um louro sorridente e bronzeado que se parece exatamente com um jovem Brad Pitt, sentado no que parece ser o banco de trás de um sedan.

— No caminho? O que você fez, acenou para ele na beira da estrada?

— Uber carona. Ele vai me levar para jantar amanhã à noite.

Rio, em parte por admiração e em parte por descrença.
— Você nem mesmo deixa os corpos esfriarem antes de passar para o próximo.

Ela vira a câmera para trás para ver a tela e sorri para ela. — Tenho um número na cabeça que quero acertar para poder escrever sobre isso na minha autobiografia. Vai ser um best-seller. As pessoas adoram viver indiretamente por meio dos livros.

— O que este faz para viver?

— Quem se importa? Você viu aquelas covinhas? Eu gostaria de pular nesses bebês e me afogar.

— Sloane?

— Sim?

— Quero ser você quando eu crescer.

Ela sorri e me dá uma piscadela. — Entre na fila.

Só então, Mojo levanta a cabeça do pé de Sloane e olha para a janela escura acima da pia da minha cozinha.

Suas orelhas em pé.

Todo o pêlo de sua nuca fica em pé.

Ele solta um rosnado baixo e estrondoso e mostra os dentes.

Nat

Olhando para Mojo com as sobrancelhas levantadas, Sloane diz: — Oh, não, isso não é nada estranho, Mojo. O que se passa contigo?

Olhando para a janela, murmuro: — Boa pergunta.

Eu poderia jurar que vi um flash de movimento lá fora, mas está muito escuro para dizer.

Levanto-me da mesa e olho para o quintal. Depois da pequena poça de luz amarela vinda da janela da cozinha que ilumina a neve alguns metros além da casa, está escuro como breu.

Alguém poderia estar ali, olhando para mim, e eu não seria capaz de vê-lo.

O arrepio sobe pelos meus braços.

Abro a cortina e volto para Sloane. Mojo agora está de pé, mas ainda está olhando para a janela, rosnando.

— Está tudo bem, garoto. Bom cachorro.

Ele geme, trotando até mim para acariciar minha mão estendida com seu focinho. Em seguida, ele se senta sobre as patas traseiras ao meu lado e se inclina contra minha perna, olhando em volta alarmado e tremendo.

Sloane diz: — Desde quando ele está nervoso?

— Desde nunca.

Compartilhamos um olhar. — Vou trancar a porta da frente. Você fecha as de trás.

Ela me encara como se eu tivesse sugerido que fumaríamos uma tigela de crack e enfiar agulhas em nossos olhos. — Você não tranca as portas quando está sozinha em casa? Você *quer* que uma pessoa louca entre e ataque você?

— Você pode me criticar depois de verificarmos as fechaduras.

Mojo segue atrás de mim, ando rapidamente pela casa até a porta da frente. Com certeza, está destrancada – esqueci de fazer isso depois que Sloane entrou. Amaldiçoando a mim mesma, lanço a fechadura. Então, certifico-me de que todas as janelas da sala estão trancadas.

Faço o mesmo com o quarto e o resto da casa, indo de cômodo em cômodo, puxando as persianas e fechando as cortinas onde as encontro abertas.

O cachorro fica bem perto de mim o tempo todo.

Não sei dizer quem está mais preocupado, ele ou eu.

Quando volto para a cozinha, Sloane está abrindo calmamente outra garrafa de vinho.

— Então?

— Sua porta dos fundos estava trancada. Verifiquei a garagem também. Tudo bem. Sem pessoas malucas.

Aliviada, sento-me à mesa e coço Mojo atrás das orelhas. Ele descansa o focinho na minha coxa e olha para mim, suas sobrancelhas peludas juntas em uma carranca.

— Não se preocupe, amigo. A mamãe tem uma espingarda descarregada que ela pode acenar e provavelmente assustar um intruso.

Sloane puxa a rolha da garrafa de vinho. — E tia Sloane tem um nariz arrebitado .357 Magnum na bota, que *está* carregado, então você *realmente* não deve se preocupar.

Isso me choca. — Desde quando você anda por aí com armas nos sapatos?

No meio de se servir de outra taça de vinho, ela para e me encara. — Desde que fiz um cruzeiro pelo Mediterrâneo com uma dúzia de gângsteres.

— Mas eles deveriam estar protegendo você!

Ela zomba. — Você nunca sabe quando um desses idiotas vai decidir que sua honra foi insultada e começar a atirar em todos que estiverem à vista. Além disso, se alguém além de Stavros decidisse ser prático, eu tinha que ser capaz

de dizer a ele por que isso não seria uma ideia tão boa em uma língua que ele entenderia. O cano de uma arma empurrada contra as bolas de um homem dá a ele uma explicação bastante clara.

Ela é incrível, essa garota. Amo-a loucamente.

— Onde você conseguiu a arma?

Ela começa a servir de novo, enchendo seu copo, depois o meu. — Roubei de Stavros.

— *Roubou?*

Ela faz uma careta. — Não é como se ele fosse notar. Os meninos tinham armas espalhadas por todo o lugar, do jeito que as pessoas deixam pratos de doces para os convidados.

— Uau. Deve ter sido um cruzeiro.

Seu sorriso é pequeno e misterioso. Ela puxa uma cadeira ao meu lado e se senta. — Algum dia vou lhe contar tudo sobre isso. Mas agora, preciso ouvir os detalhes sujos sobre o que você tem feito com aquele lindo monstro, King Kong Kage. E comece com o sexo anal.

Minhas bochechas ficam vermelhas. — O que te faz pensar que houve sexo anal?

Considerando-me por um momento em silêncio, ela inclina a cabeça. Seu pequeno sorriso fica mais largo. — Você tem aquele arrebatamento anal.

Fico olhando para ela por um instante. — Isso não é mesmo uma coisa.

— É totalmente uma coisa.

— Você está inventando! Ninguém brilha porque fez sexo anal!

Com uma cara séria, ela diz: — Claro que sim. É das glândulas fosforescentes do seu esfíncter. Por que você acha que minha pele é tão boa?

Olho para o teto e suspiro.

— Ok, tudo bem, desmancha prazeres. Não me fale sobre seu sexo anal incrível. Mas você *tem* que me dizer uma coisa.

— O quê?

Apoiando os cotovelos na mesa, ela se inclina para mais perto e abaixa a voz. — Ele é pendurado como um Clydesdale¹⁴, não é?

É a minha vez de sorrir misteriosamente.

Ela engasga de indignação e bate com a palma da mão aberta na mesa. — Sua idiota! Você não pode guardar isso para si mesma!

Quando eu apenas bebo meu vinho e continuo sorrindo, ela me encara.

¹⁴ Raça de cavalo.

— Se você não começar a falar, vou atirar em você com esta arma na minha bota. Juro, eu vou.

— Não, você não vai.

— Dê-me uma boa razão.

— Guardei aquela foto sua de quando você colocou o aparelho pela primeira vez quando tinha quinze anos. Lembra como foi durante sua fase de moicano e batom preto, quando você queria fugir e se juntar ao circo para ser um palhaço emo? E você estava experimentado piercings faciais? Você também tinha sardas tão lindas.

Ela diz categoricamente: — Você sabe que eram espinhas. E era um contorcionista punk, não um palhaço emo. E você me disse que jogou aquela foto fora!

Suspiro sonhadoramente, como se estivesse perdida em boas lembranças. — Menti. Mas tenho certeza que o jornal local *adoraria* apresentar uma foto do retrocesso da terceira colocada no concurso Miss Tahoe de 2014

— 2015.

— Na seção Estilo de vida. Você é uma professora de ioga muito popular nesta área. Quantos seguidores no Instagram você tem agora? Quatro mil?

— *Quarenta* mil. Que você sabe. Bruxa.

— Ei, talvez eles queiram fazer uma propagação de fotos antes e depois! Esses são sempre divertidos. Acho que ainda

tenho um monte de fotos do verão entre o quinto e o sexto ano, quando seus pais mandaram você para o acampamento de gordos.

— Você é uma idiota.

— Também te amo.

Depois de um momento, ela levanta a taça para mim em um brinde. — OK. Você ganhou. Vou continuar pensando que ele tem um pau mais comprido que meu antebraço.

Faço uma careta. — Eu estaria no hospital.

É quando ela percebe o anel no meu dedo e congela. Ela olha para ele como se fosse uma tarântula peluda subindo pela minha mão. — O que... é... isso?

— Um anel.

— Não me diga! Você ficou noiva sem me contar?

Torço as faixas de ouro entrelaçadas em meu dedo, balançando a cabeça. Digo baixinho: — É um anel de compromisso.

Examinando minha expressão, ela estreita os olhos. — Essa promessa foi um pacto de suicídio?

Suspiro, esfrego minhas mãos no rosto e engulo um grande gole de vinho. Mojo decide que é hora de voltar a dormir e se enrola embaixo da mesa. — Não é um anel de noivado, porque não podemos ficar noivos. Ele não tem

permissão para se casar com ninguém, exceto com quem seu chefe mandar.

Quando sua boca cai aberta em estado de choque, olho para a mesa e acrescento miseravelmente: — Não podemos viver juntos, também. Ele não acha que é seguro para mim. E só vamos nos ver de vez em quando, quando ele puder ir embora. Não importa quantas vezes seja, o que parece que não será com muita frequência. — Hesito. — E...

— Doce Jesus, tem mais?

— Sim. — Bebo outro gole de vinho, então exalo uma respiração pesada. — Ele não pode ter filhos. Não, não é isso – ele não *quer* filhos, então ele fez uma vasectomia quando era mais jovem.

Silêncio.

Quando olho para ela, Sloane está olhando para mim com o olhar constipado que ela só usa quando está preocupada comigo.

— Para que serve essa cara?

— Só espero...

— O quê?

Olhando para baixo em sua taça de vinho, ela lentamente traça o dedo ao redor da borda. Em seguida, ela levanta o olhar para mim e diz suavemente: — Espero que ele

valha a pena, querida. Porque parece que você está desistindo de muito só para montar no pau do cara.

— Ei, *você é* quem queria tanto que eu dormisse com ele.

— Sim, durma com ele. Em seguida, siga em frente, como uma pessoa normal.

— Eu disse que isso iria acontecer! Eu disse que me apaixonaria por ele se dormisse com ele, e você riu de mim!

— Eu não sabia que seu coração estava localizado dentro de sua vagina.

Digo com amargura: — Não podemos todos ter a sorte de você e ter um caco de gelo como coração.

Assim que sai da minha boca, me arrependo. Estendo a mão e aperto a mão dela. — Sinto muito. Eu não quis dizer isso.

Ela aperta minha mão de volta e suspira. — Está tudo bem dizer. Porque você está certa. Mas não pense que tenho sorte, porque não tenho. Estou...

Ela se esforça para encontrar uma palavra, então torce os lábios. — Defeituosa.

— Você *não* está com defeito.

Parecendo estranhamente taciturna, ela diz: — Estou. Estou perdendo aquela parte essencial que faz as pessoas se

apaixonarem. Sou a única garota que já ouvi que revira os olhos para canções de amor e odeia quando os caras se apegam e preferem ir a um funeral do que a um casamento.

— É verdade, você é basicamente um cara. Mas você ainda não está com defeito. Estou te dizendo, você apenas não encontrou o certo ainda.

Sloane me nivela com um olhar. — E *estou te* dizendo, não posso me apaixonar.

— Você está exagerando.

— Não estou exagerando. Sou literalmente incapaz. Meu cérebro não funciona assim. É como você é com matemática. Rápido, responda isto: quanto é nove vezes doze?

Depois de um momento de forte tensão mental, digo: — Tudo bem, então você não pode se apaixonar.

— Você vê? Isso é deprimente?

— Pelo menos você pode dobrar uma receita. A última vez que fiz muffins de banana tive que ligar para minha mãe para descobrir como dobrar dois terços de uma xícara de farinha.

Compartilhamos um silêncio amigável e deprimido por um momento, então Sloane se ilumina. — Sei do que precisamos agora!

— Se você disser 'pau', não serei responsável por minhas ações.

Ela me ignora. — Pizza. Ninguém pode ficar triste quando está se empanturrando de uma pizza cheia de queijo.

— Isso parece muito bom.

Examinando minha expressão sombria, ela levanta as sobrancelhas. — Puxa, não fique muito animada. Agora quem é o palhaço emo?

— Eu estava pensando... e se acabarmos como duas velhinhas solteiras e rabugentas, morando juntas quando tivermos oitenta anos, brigando por causa do controle remoto da TV e gritando para as crianças vizinhas ficarem longe do gramado? E se toda essa coisa de amor não fosse para dar certo para nenhum de nós, e no final... *nós somos os amores* uma da outra em nossas vidas?

Ela sorri calorosamente para mim. — Nós somos. Mas não se preocupe, você vai cavalgar ao pôr do sol com Romeo Mafioso. Isso vai acontecer nem que eu tenha que ameaçá-lo de morte.

De todas as vezes que Kage provavelmente enfrentou a perspectiva de morrer, não tenho dúvidas de que minha melhor amiga seria a mais assustadora.

Engasgada, digo: — Estou tão feliz por você estar de volta.

Levantando-se da mesa, ela vai até a gaveta perto do fogão onde guardo os cardápios de comida para viagem. — Eu

também. Mas você pode mudar de ideia quando eu pedir couve nesta pizza.

— Isso é nojento.

— Com uma crosta de couve-flor.

— Que isca e troca! Isso está estragando todo o sentido da pizza. Por que não comer apenas uma salada, pelo amor de Deus?

— Porque comi uma salada no almoço.

— Claro que você comeu. Seu vício em vegetais está fora de controle.

Com o cardápio em uma das mãos, ela liga para o restaurante com a outra. — Ter seus pais chamando você de 'Macaco Chunky' durante toda a sua infância deixa cicatrizes, irmã. Ainda estou lidando com as consequências.

Levanto-me e a abraço por trás, descansando minha cabeça em seu ombro enquanto ela pede a pizza de couve-flor.

Sei que vai ser horrível.

Vou comer de qualquer maneira.

Kage não é o único por quem estou cavalgando ou morrendo.

Uma pontada de dor no coração me fez sentir tanto a falta dele que me deixa sem fôlego. Enquanto Sloane lê seu

número de cartão de crédito na pizzaria, tiro meu telefone do bolso e envio uma mensagem para Kage.

Então termino minha taça de vinho e sirvo outra, tentando não pensar no que ele pode estar fazendo agora.

Seja o que for, não me envolve.

E provavelmente não é bom.

Kage

Quando o texto chega, estou no meio de um armazém gelado no Lower East Side, cercado por dezenove russos armados e perigosos.

Espero que seja minha garota. Preciso de algo bom esta noite.

Ignorando o repique do bolso interno do meu sobretudo, continuo.

— Desligue tudo imediatamente. Nada passa a menos que seja nosso. Os portos, as fronteiras, voos de entrada e remessas programadas de todos os lugares para todos os lugares. Quero que eles sintam a pressão. Torne impossível para eles fazerem negócios. Quando o dinheiro acabar, eles estarão mais receptivos a outra reunião. Então vamos deixar o martelo cair. Diga a todos os seus capitães e soldados que estamos em guerra. As regras de tempo de paz estão suspensas.

Olho para cada homem no círculo. Todos eles letais. Todos eles leais. Cada um deles pronto para matar ou morrer, dependendo da minha palavra.

Embora as ordens sejam emitidas por Max, sou eu quem as dispensa. As mãos e a boca do rei, governo em sua ausência.

E governo com punho de ferro.

— O que aconteceu na véspera de Natal é um alerta. Nossas parcerias com as outras famílias estão indo muito bem. Isso os tornou ousados. É hora de lembrá-los quem somos e por que estamos no comando.

Dirijo minha atenção para um dos homens em pé na minha frente. Ele é corpulento, com a cabeça raspada e uma cicatriz que vai da sobrancelha esquerda até o queixo. O chefe do Chicago Bratva, ele é infalivelmente leal. E tão perverso quanto eles vêm.

— Pavel, há um grande carregamento de gado de Asif vindo em sua direção. Certifique-se de que não chegue.

Ele balança a cabeça, sem precisar que lhe digam que as vacas que vai sequestrar têm até cem libras de cocaína de Asif cuidadosamente embaladas em seus intestinos.

Viro-me para outro membro do círculo, um homem mais velho com uma longa barba, olhos malucos e dentes descoloridos. Seu nome verdadeiro é Oleg, mas todos o chamam de Canibal devido ao seu gosto por esculpir o peito

de cada homem que ele mata e dar uma mordida em seu coração sangrento.

Eles não o chamam assim na cara, é claro.

Ninguém é tão estúpido.

— Oleg, os contêineres de Zhou chegam às docas em Miami amanhã à noite. A polícia deve chegar primeiro.

— Eu gostaria de ficar com uma das meninas.

Os homens ao redor do círculo trocam olhares, mas não tiro meu olhar do rosto malicioso de Oleg.

— Não. Não tocamos na mercadoria.

— Pavel fica com a cocaína! O que ganho?

— Para continuar respirando. Desobedeça-me nisso e você não o fará.

Ele mostra os dentes, sibilando. Mas sei que ele quer continuar sendo o chefe da família de Miami mais do que uma das garotas raptadas do container, então não teremos problemas. Sigo em frente.

— Ivan, Rodriguez tem uma dúzia de embaladores em um voo para LAX¹⁵ vindo da Cidade do México. Vou te dar os detalhes. Pegue-os assim que passarem pela alfândega.

— E depois de extrairmos o produto?

¹⁵ Los Angeles.

Ele quer saber o que fazer com os corpos. — Certifique-se de que Rodriguez veja suas mulas mortas de drogas no noticiário noturno.

Todo mundo ri. Eles não apenas gostam da ideia de irritar o chefe arrogante do cartel de Sinaloa, mas mal podem esperar para ver a exibição grotesca que Ivan fará com os corpos.

Ele tem uma reputação de criatividade a esse respeito.

— Aleksander.

— Sim, *Pakhan*?

Faço uma pausa, pego de surpresa pelo título honorífico.

Todos os outros ficam surpresos também, mudando o peso de um pé para o outro e olhando uns para os outros, esperando para ver como vou responder.

Não há escolha, entretanto. Enquanto Max estiver vivo, não sou Pakhan, o – chefão. – Ele é.

Enviarei uma mensagem clara de que sou desleal ao nosso líder e pretendo assumir o trono para mim se aceitar o erro de Aleksander.

A menos que não tenha sido um erro.

Talvez tenha sido um teste.

E talvez o teste tenha se originado de alguém muito mais inteligente do que Aleksander.

Meu olhar está congelando e meu tom mortalmente suave, digo: — De joelhos.

Ele não hesita.

Em um terno de seda de cinco mil dólares, sapatos feitos à mão e um sobretudo feito de lã de antílopes tibetanos bebês, ele silenciosamente cai de joelhos no chão de cimento frio do armazém.

Então ele espera, junto com todos os outros. Nuvens de vapor de sua respiração ficam brancas no ar frio da noite.

— Esvazie seus bolsos.

Ele engole. Remexendo nos bolsos do sobretudo, ele tira um telefone celular e um maço de notas de cem dólares dobrado. Ele os joga no chão, então enfia a mão dentro do paletó. Logo, uma pistola, uma faca dobrável, uma caneta esferográfica e um pequeno pente seguem o dinheiro e o telefone até o chão.

A última coisa que ele tira é um alicate.

Ele está prestes a jogar isso na pilha também, mas digo: — Espere.

Ele congela. Seu olhar pisca até o meu.

Vejo medo em seus olhos, mas também resignação.

Ele já sabe o que vou pedir que faça.

— Um dos da frente. E não conserte. Quero que o seu desrespeito a Maxim seja visível para todos.

Ele exala. Ele olha para o alicate em sua mão.

Em seguida, ele prende os pinos de metal em torno de um de seus pré-molares e o arranca.

É um processo prolongado e sangrento. Os outros homens assistem com vários graus de tédio e interesse. Pavel verifica seu relógio. Oleg lambe os lábios. Quando acaba, Aleksander está ofegante e o peito de seu terno está ensopado de sangue.

Gesticulo para ele se levantar.

Ele o faz, cuspendo sangue no chão.

— Como eu estava dizendo. Nosso amigo armênio, Sr. Kurdian, tem um cargueiro com AKs e munição chegando ao porto de Houston em dois dias. Os braços entrarão em um trem com destino a Boise. Descarrilhe o trem. Quanto maior a explosão, melhor.

Ele concorda. Seu rosto está pálido e ele está suando, mas ele não vai dar um pio de dor ou mostrar desobediência de forma alguma.

Normalmente, isso me agradaria. Agora, só me cansa.

Depois de passar uma semana nos braços de Natalie, esta vida que levo tem um gosto amargo.

Dou instruções ao resto dos homens. Quando isso é feito, os dispenso. Eles desaparecem nas sombras do armazém, voltando para suas famílias e territórios, espalhados por todos os EUA.

Exceto um que deixo de lado.

Mikhail é o membro mais jovem da liderança de Bratva e também um dos mais agressivos e ambiciosos. Ele era o subchefe do líder da família de Boston, mas foi promovido no ano passado quando seu chefe foi assassinado.

Apoiando a mão no ombro de Mikhail, digo: — Gostaria de sua ajuda.

Vejo a surpresa em seus olhos. É rapidamente seguido pelo orgulho.

— Obrigado.

— Descobri uma operação de jogo on-line não autorizada com base em Lake Tahoe. Eles são um dos nossos, mas não estão pagando o dízimo.

— O que você precisa que eu faça?

Aaceno Stavros para frente de onde ele está parado, esperando, perto da porta. Ele vem hesitante, torcendo as mãos.

— Obtenha uma contabilidade da receita total desde o período em que estavam operacionais. Eles devem metade a Maxim. Peça-lhes que me enviem o mais tardar na segunda-feira da próxima semana. Em seguida, coloque-os em uma programação mensal de 20 por cento daqui para frente.

— E se eles não conseguirem arranjar o dinheiro?

Hesito. Isso seria muito mais fácil se Stavros não estivesse envolvido com a amiga de Natalie.

Se fosse esse o caso e ele não pudesse produzir o dinheiro, eu cortaria um de seus dedos das mãos e dos pés para cada dia de atraso até que ele o fizesse.

E se passasse de dez dias, começaria a cortar outras coisas.

— Não se preocupe com isso agora. Apenas certifique-se de que ele entenda quais serão as consequências se ele estragar tudo de novo.

Não é como se ele já não soubesse, mas nunca é demais sublinhar essas coisas.

Envio Mikhail para encontrar Stavros. Então saio do armazém para o carro que me espera do lado de fora. Assim que estou dentro do Bentley, pego meu celular.

Já sinto sua falta. Xoxo

Meu desejo foi atendido: o texto é da Natalie.

Uma imagem de seu rosto sorridente passa pela minha mente. Em seguida, outra imagem vem à superfície, uma memória dela nua e corada debaixo de mim com os olhos fechados e os lábios entreabertos, um hematoma de minha boca gananciosa escurecendo um ponto em seu pescoço esguio.

Uma faixa de aço se enrosca em volta do meu coração. Exalando uma respiração pesada, murmuro: — Sinto sua falta também, baby.

Enquanto meu motorista dirige o carro para fora do estacionamento deserto e para a rua principal, disco o número dela, esperando impacientemente que ela atenda.

No terceiro toque, ela o faz.

— Oi!

Ela parece feliz em me ouvir. O guincho aperta.

— Ouvi dizer que você sente minha falta.

— É estranhamente enfadonho por aqui sem um russo mandão dando ordens para mim. Vai saber.

— Você gosta quando grito ordens para você.

— Só quando estamos na cama.

Imagino-a com os olhos vendados e contidos, chupando meu pau e balançando seus quadris enquanto deslizo o

vibrador para dentro e para fora de sua boceta encharcada, e quase gemo alto de desejo.

Minha voz cai. — Estou pronto para lhe dar algumas ordens agora. Vá para cama.

Ela ri sem fôlego. — Eu faria, mas Sloane está aqui. Isso pode ser estranho.

— Ela voltou de sua viagem.

— Sim. Ela terminou com Stavros... Mas você provavelmente já sabe disso.

Eu não sabia, mas estou feliz por saber agora. Torna as coisas menos complicadas se ele não arranja dinheiro para Max. — Você está tendo uma noite de garotas?

— Pedimos pizza. Abri uma ou duas garrafas de vinho. Então, sim, acho que isso significa que vamos ter uma noite de garotas. O que você quer fazer hoje à noite?

Passo a mão pelo meu cabelo, inclino minha cabeça para trás contra o encosto de cabeça e fecho os olhos. Com a voz suave, digo, — Desejando ter meu rosto enterrado entre suas doces coxas.

Ela deve ouvir a saudade em meu tom, toda a saudade e necessidade desesperada, porque sua voz fica preocupada. — Você está bem?

Respondo com sinceridade. — Não.

Sua voz se eleva. — O que está errado?

— Deixei algo na Califórnia.

— O quê?

— Meu coração, Baby. Meu coração frio, morto e inútil, que nem batia antes de eu conhecer você.

Há um período de silêncio, então ela sussurra: — Estou apaixonada por você.

Agora gemo alto.

Ela apenas atirou uma flecha no meu peito. Estou morto, porra.

— Eu não disse isso quando você estava aqui porque... bem, principalmente porque você estava me mandando. Exigente, na verdade. Você sabe como você consegue.

— Diga isso de novo.

Sua risada é suave e calorosa. — Vê? Exigente.

— Por favor. Por favor, diga novamente.

Ela deve ouvir a dor em minha voz, porque todas as risadas e provocações vão embora quando ela fala a seguir. Sua voz é solene e tranquila.

— Estou apaixonada por você, Kage. Amo você. Desesperadamente. Pensei que já sabia o que significa estar apaixonada antes, mas nunca foi assim. É como se as luzes

se apagassem quando você sai de casa. Como se meus pulmões só funcionassem quando você está comigo. Estou... meio perdida, na verdade. Não sei como lidar com isso. Tudo que quero é estar com você o tempo todo

Após uma breve pausa, ela volta à linha, parecendo arrependida. — Sinto muito. É o vinho. Juro que não queria que isso fosse tão... tão...

— Perfeito, — rosno, minha garganta tão apertada quanto meu peito.

Isso nunca vai funcionar.

Não posso ficar longe dela. Não consigo me concentrar. Minha cabeça está cheia de nada além dela, quando deveria estar focada em todo o resto. Estou liderando meus homens para a guerra e quase não me importo com o que aconteça.

Nada significa mais nada.

Exceto ela.

A mulher que pagaria com a vida se nossos dois mundos colidissem.

A mulher cujo doce amor se transformaria em ódio ardente se descobrisse minha duplicidade.

A mulher com quem não posso viver, mas também não posso viver sem.

Ficamos em silêncio por um momento, até que ela disse baixinho: — Estarei aqui, esperando por você. Seu coração, quero dizer. Cuidarei disso enquanto você estiver fora. Mas você precisa me fazer um favor.

— Diga.

— Você tem que cuidar do meu, porque você o levou com você quando saiu.

Depois de me recuperar, murmuro: — Estarei aí assim que puder. Diga que você me ama de novo.

Ouçõ o sorriso em sua voz quando ela atende. — Eu te amo, homem mandão. Você é minha vida agora. Volte para mim em breve.

Tenho que desligar...

Não posso.

Porque, pela primeira vez desde que eu era menino, estou lutando contra as lágrimas.

Nat

Depois daquela noite, três dias se passam sem que eu tenha notícias dele. Quero ligar, mas paro no meio da discagem.

Ele está indo para a guerra, me lembro severamente. O homem está ocupado.

Recebo uma breve mensagem no quarto dia: *Sonhei com você na noite passada.*

Quando respondo perguntando sobre o que era o sonho, ele não responde.

No sexto dia, estou obcecada sem parar.

Ele está morto. Ele levou um tiro. Esfaqueado. Envenenado. Ele foi capturado pela polícia ou pelo FBI. Algo deu terrivelmente errado e nunca vou saber o quê, só vou ficar sem respostas e sem nenhuma maneira de descobrir o que aconteceu com ele.

A sensação é estranhamente familiar.

Ainda assim, não ouço nada.

Mesmo assim, espero.

A escola começa novamente. Ensinar é um alívio bem-vindo da mania que toma conta de mim quando estou sozinha em casa. No meio da segunda semana sem contato com Kage, começo a pintar em um frenesi, produzindo mais trabalhos em três dias do que em todo o ano.

Em meados de janeiro, estou ficando louca.

— Basta ligar para ele, baby. Isto é ridículo.

Estou na cama, no telefone com Sloane. São dez horas da noite. Sei que não vou dormir de novo, porque não durmo desde que ele foi embora. — É muito tarde para eu ligar. É uma da manhã em Nova York.

— Você é uma idiota.

— Não quero incomodá-lo. Ele tem muita coisa acontecendo.

— Você é uma grande idiota.

Choro: — Por que ele não *me* liga? Eu disse a ele que o amava, e ele ficou todo estranho e nunca mais me ligou!

Ela diz categoricamente: — Sei que você realmente não acredita que ele não tenha entrado em contato com você porque você disse a ele que o ama.

Minha exalação é uma rajada de ar enorme e deprimente. — Não. Eu não.

— Então, qual é o problema real?

Engulo, olhando para o teto, temendo dizer isso em voz alta. — Basicamente... déjà vu.

— Oh. — Ela faz uma pausa. — *Oh*. Ok, você precisa dizer a ele que, *certa* distância. Tenho certeza de que ele não tem ideia, porque os homens não têm noção, mas você não deveria ter que reviver seu passado novamente. Isso é cruel. Ligue para ele agora e diga a ele.

— Sim?

— Sim. Estou desligando agora. Ligue-me de volta depois de falar e ele rastejar epicamente.

Ela desliga, deixando-me lutando com minha consciência.

Ele nunca disse que eu não deveria ligar para ele quando ele estivesse fora, mas não quero ser aquela garota. Aquela garota pegajosa, insegura e carente.

Não tenho muito, mas tenho meu orgulho.

Exceto que aparentemente eu não, porque leva apenas dez segundos de debate interno depois de desligar o telefone com Sloane antes de eu ligar para ele.

Toca. Toca novamente. No terceiro toque, sento-me totalmente ereta na cama, meu coração martelando.

Porque estou ouvindo o toque da linha e também um eco vindo de algum lugar dentro da minha casa.

Não estou nem de pé antes que ele bata na porta do meu quarto e me agarre.

Caímos na cama, nos beijando loucamente.

Ele está tão frenético quanto eu, devorando minha boca e me apertando em todos os lugares, com as mãos ásperas e gananciosas. Puxo seu cabelo e envolvo minhas pernas em volta de sua cintura. Ele me dá seu peso, prendendo-me no colchão, gemendo em minha boca.

Estou em chamas. Eufórica. Intoxicada de alívio, luxúria e o puro prazer dele, seu corpo enorme e duro e cheiro quente e picante. Seu gosto. Os pequenos sons que ele faz. Sua necessidade voraz por mim, do jeito que ele obviamente não consegue o suficiente.

Estou vestindo uma camisola. Ele a arranca.

Minha calcinha de renda está rasgada ao meio e descartada.

Ele me arrasta para a beira da cama, cai de joelhos, abre minhas pernas e me come como um homem faminto, fazendo ruídos desesperados na garganta.

Suspirando de alívio, afundo minhas mãos em seus cabelos grossos e balanço meus quadris contra seu rosto.

Ele dá um tapa na minha coxa. Gemo minha aprovação. Ele aperta a carne dolorida, depois dá um tapa de novo, com mais força. O balanço de meus quadris fica frenético. Arqueando minhas costas, chamo seu nome.

Ele me rola abruptamente de barriga, estica a mão no meio das minhas costas e começa a bater na minha bunda.

Cuspindo um fluxo ininteligível de russo, ele me bate até minha bunda queimar, minha boceta latejar e eu esfregar freneticamente meus quadris contra a cama.

Quando estou à beira do clímax, ele me vira de costas, me puxa para uma posição sentada, puxa para baixo o zíper de sua calça jeans, segura sua ereção em sua mão e me pega pelo pescoço.

Ele não diz uma palavra. Ele não precisa.

Envolvo minhas mãos em torno de seu eixo e umedeço meus lábios.

Quando seu pau duro desliza em minha boca, ele geme.

É um som áspero e desesperado, dolorido de emoção. Ele está de pernas abertas na beira da cama e fode minha boca, uma mão agarrada no meu cabelo e a outra segurando meu pescoço.

— *Ya tebya lyublyu. Ty nuzhna mne. Ty moy*¹⁶.

Suas palavras são ásperas na sala silenciosa. Não sei o significado exato, mas entendo.

Não preciso de um tradutor para ouvir o que seu coração está dizendo.

Então ele está saindo da minha boca e me empurrando de volta contra o colchão, arrancando sua camisa e jogando-a fora. Ele tira os sapatos, arranca a calça jeans e a cueca e cai em cima de mim, ofegante.

— Não posso ir com calma.

— Eu mataria você se você tentasse.

Ele esmaga sua boca na minha e empurra bem dentro de mim.

Gememos juntos. Estremecemos juntos. Faço uma pausa para desfrutar.

Quando abro meus olhos, ele está olhando para mim com tanta necessidade e adoração que me tira o fôlego.

Ele segura meu rosto com sua mão enorme e diz rispidamente: — Todos os dias que estou sem você, eu morro.

Digo o nome dele, lutando para não me afogar na onda de emoção que me inundou.

¹⁶ Eu amo você. Preciso de você. Você é minha.

— Você me destruiu. Arruinou-me. Não consigo pensar em mais nada além de você.

Inalo uma respiração engatada. Ele flexiona os quadris, retirando-se ligeiramente e, em seguida, empurrando de volta para mim. Ele começa a me foder com estocadas duras e superficiais.

— Diga-me o que preciso ouvir.

Sussurro: — Sou sua. Estou apaixonada por você. Você tem todo o meu coração.

Suas pálpebras baixam. Ele lambe os lábios. Posso dizer que ele quer mais.

— Não consigo pensar em nada além de você, também. Tudo fica cinza quando você não está aqui. Você é a única cor da minha vida.

Ele me beija novamente, desesperadamente. Suas estocadas ficam mais rápidas e mais fortes. A cabeceira da cama bate contra a parede.

Quando estou tremendo e gemendo, perto do clímax, ele coloca a boca perto da minha orelha.

Com os dentes cerrados, ele diz: — Você fez desse monstro um homem de novo, minha linda garota. Agora, porra, venha para mim.

Ele chupa um dos meus mamilos doloridos e imediatamente o agradeço.

Convulsionando em torno dele, grito seu nome.

Grunhindo e resistindo, ele me fode direto durante o meu orgasmo. Em seguida, ele chega ao clímax, empurrando em cima de mim, derramando-se dentro de mim enquanto morde meu pescoço e puxa meu cabelo.

Na sequência, ficamos deitados juntos, respirando com dificuldade, nossos peitos pressionados juntos. Seu coração bate tão loucamente quanto o meu. De vez em quando, um pequeno tremor me balança, uma contração profunda em meu núcleo. Isso o faz gemer baixinho de prazer.

Então ele se levanta sobre os cotovelos e me beija.

É um beijo lento. Um dolorosamente terno. Ele me dá toda a sua devoção e necessidade com a boca, em seguida, encosta a testa no meu ombro e expira.

Estou dolorida. Minha bunda dói. O mesmo acontece com meu pescoço, onde ele me mordeu.

E estou tão feliz que poderia voar.

Ele se afasta de mim com um gemido suave e nos rola. Em suas costas, ele envolve seus grandes braços em volta de mim e me segura com força, pressionando um beijo na minha têmpora suspirando.

Sussurro: — Bem-vindo de volta.

Sua risada me sacode. Ele passa a mão pelas minhas costas até minha bunda, acariciando suavemente sua curva. — Preciso colocar creme neste pêssego.

Franzindo a testa no escuro, digo: — Esse código é para algo sujo?

Ele ri novamente. — Não. Quis dizer que deveria colocar algo calmante em sua pobre bunda. Fui muito duro com você.

Aconchego-me mais perto dele, felizmente cheirando sua garganta. — Eu amei.

Ele murmura: — Sei que você amou, baby. Eu também.

Ficamos em silêncio por um tempo, até que me lembro do que estava falando com Sloane antes de ele entrar pela porta. — Hum, preciso te pedir um favor.

Ele estava acariciando minha pele, mas sua mão ainda cai. — O que é isso?

— Quando você não está aqui... não tenho certeza de como dizer isso sem parecer que estou reclamando.

— Diga mesmo assim.

Exalo uma respiração forte. — OK. A questão é que, quando não tenho notícias suas por dias seguidos, fico preocupada. Você vive uma vida perigosa. Não tenho como saber de um dia para o outro se você está... se algo aconteceu com você. E se tivesse, eu nunca descobriria. Seria como...

Quando paro para organizar meus pensamentos, ele diz simplesmente: — Seu noivo.

Claro que ele saberia. Ele sempre sabe o que estou sentindo. Aperto meus olhos, emoção brotando em meu peito.

— Prometo que vou tocar na base todos os dias a partir de agora.

Escondendo meu rosto em seu pescoço, sussurro: — Sinto muito. Não quero ser um pé no saco.

— Não se desculpe. É minha culpa. Eu deveria ter percebido o quão difícil seria para você. Que não ouvir de mim iria lembrá-la do que aconteceu com ele.

Ele engole e aperta os braços em volta do meu corpo. Quando ele fala novamente, sua voz está rouca. — Diga-me que você me perdoa.

— Não há nada a perdoar.

Posso dizer que sua mente está indo a um milhão de milhas por hora, que sua boca está repleta de palavras lutando para sair, mas depois de uma pausa longa e tensa, tudo o que ele diz é: — Sim, há.

Seu tom é tão sombrio e assustador que me assusta. Minha intuição zumbe, enviando um arrepio pela minha espinha.

— Existe?

Ele não fala por tanto tempo, começo a hiperventilar. Cada coisa horrível que ele poderia ter feito para exigir o meu perdão passa pela minha mente.

E cada um deles envolve outra mulher.

Levanto minha cabeça e olho para seu perfil. Ele está olhando para o teto, sua mandíbula flexionada.

— Kage?

Ele vira a cabeça e encontra meus olhos. Sua expressão é insondável. Com a voz rouca, ele diz: — Fiz coisas terríveis, Natalie. Coisas que nunca poderei desfazer. Coisas pelas quais você me odiaria se soubesse sobre elas.

Meu coração troveja em pânico, tento rolar para longe dele. Ele não me deixa. Seus braços são um torno.

Com a voz trêmula, digo: — Há mais alguém. É isso que você está me dizendo?

— Não.

— Tem certeza? Porque parece...

— Sou seu até o dia da minha morte, — ele interrompe, sua voz dura. — Você usa meu anel. Você possui o meu coração. Nunca questione isso.

Examino sua expressão. Convencida de que ele está dizendo a verdade, relaxo um pouco. Mas ainda. O que ele está dizendo?

Hesitante, digo: — Você quer me contar sobre essas coisas que você fez?

— Porra, não. — Ele fecha os olhos e solta uma risada pequena e dura. — E é isso que me torna um bastardo egoísta.

— Sinto muito, mas estou confusa. Realmente parece que você quer me dizer algo.

Ele inala profundamente, seu peito subindo. Ele exala. Quando ele fala novamente, ele parece ter cem anos. — Esqueça.

Um raio congelante de terror rasga meu peito, deixando um buraco onde meu coração costumava estar. Em uma voz baixa e estrangulada, digo, — Oh Deus. Seu chefe encontrou uma esposa para você. Você vai se casar.

Seus olhos se abrem. Ele me encara com horror. — Não! Natalie, não. Juro para você. Cristo, sinto muito, baby. Não é disso que estou falando.

Ele me beija, forte, segurando meu queixo e a parte de trás da minha cabeça enquanto deito em cima dele, tremendo. Então ele me rola e joga uma perna pesada sobre as minhas.

— Ouça-me agora, — diz ele com urgência, olhando nos meus olhos. — Se isso acontecer, se ele vier até mim com essa ordem, não o farei. Vou desobedecê-lo. Nunca estarei com ninguém além de você.

Lutando para não chorar, digo: — Mas você fez um voto. Você me disse que teria que...

— Eu o mataria antes de trair você. Eu queimaria todo o seu império antes de virar as costas para a mulher que amo.

Isso me acerta no peito como uma bola de demolição.

Fico lá sem fôlego, olhando para seu rosto bonito e duro, reconhecendo pelo seu tom letal e o olhar feroz em seus olhos que o que ele acabou de dizer é a verdade.

Sou sua rainha... e ele mataria seu próprio rei por mim.

Mas talvez esta não seja uma declaração aleatória.

Talvez seja um plano.

Colocando minhas mãos em cada lado de seu rosto e digo com veemência: — Não faça nada estúpido. Não faça nada que possa te matar.

Sua risada é curta. — Cada minuto da minha vida pode me matar.

— Você sabe o que estou dizendo, Kage. Não coloque sua vida em risco por mim.

Olhos brilhando no escuro, ele olha para mim com intensidade silenciosa, até que ele balança a cabeça lentamente.

— Já é, baby. Já é.

Nat

Passam-se horas antes de adormecer.

Deito no escuro nos braços fortes de Kage, ouvindo sua respiração profunda e uniforme, aninhada ao lado dele, quente e segura. Ele está de lado com um braço e uma perna jogados sobre mim, protegendo-me mesmo durante o sono.

Ele me fez ficar de ao da cama enquanto esfregava suavemente a loção em cada uma das minhas nádegas. Então ele me trouxe uma aspirina e um copo d'água e me fez beber. Ele estremeceu com a marca que deixou no meu pescoço, mas sua testa suavizou quando menti e disse que não podia sentir nada.

Então ele me puxou para a cama ao lado dele e imediatamente caiu em um sono profundo.

Ele não move um músculo há horas.

Pergunto-me quando ele dormiu pela última vez.

Também me pergunto como essa tragédia que estamos preparando vai chegar ao auge.

É inevitável. Sei no fundo da minha alma que somos um navio sem leme com velas rasgadas em alto mar, indo direto para um recife traiçoeiro cheio de tubarões comedores de carne e rochas afiadas como navalhas.

Sinto. Alguma coisa ruim está chegando.

Uma tempestade está vindo em nossa direção.

Quando tento sair da cama, Kage desperta em alerta instantâneo. Seu tom é afiado. — Você está bem?

— Tenho que urinar.

Ele relaxa contra os travesseiros, passa a mão no rosto, boceja. — Volte logo.

Uso o banheiro e volto para a cama, rastejando sob as cobertas ao lado dele, deitada de lado. Ele me puxa para mais perto, me segurando por trás, e enfia o nariz no meu cabelo.

Cutucando minha bunda, sua ereção logo se torna conhecida. Mas ele ignora, preferindo me abraçar.

Sussurro no escuro: — Preciso que você me amarre.

Ele congela.

— Preciso... — Engulo em seco, oprimido por uma sensação repentina de pavor. Sei que ele pode me livrar do

medo, mesmo que apenas por um curto período de tempo. — Tire-me da minha cabeça. Amarre-me como você fez antes e...

Sua voz é baixa e áspera. — E o que?

Sussurro: — Faça-me esquecer tudo.

Ele ainda está atrás de mim. Parado e silencioso. Apenas sua respiração acelerada dá uma indicação de como minhas palavras o afetaram. Isso e sua ereção, que se transformou em uma barra de aço.

Ele se inclina mais perto e respira ardentemente em meu ouvido, — Permissão para foder sua bunda doce.

Ele não diz mais uma palavra. Ele não se move. Ele simplesmente espera até que eu decida.

Minha voz quase inaudível, eu digo, — Verde.

Ele está respirando com dificuldade agora. Isso remexe o cabelo do meu pescoço. Ele passa a mão pelo meu braço até o ombro, depois volta para o meu pulso, enrolando os dedos em torno dele.

Suas mãos estão tremendo.

Com a boca ainda perto da minha orelha, ele diz: — Nunca conheci ninguém que precisasse possuir como você. Não entendo essa obsessão. Por você, por uma única amostra de você, eu morreria. Eu desistiria de qualquer coisa. Desde o primeiro dia, você me possuiu.

Fecho meus olhos. Uma lágrima solitária escorre de um canto e desliza pela ponte do meu nariz.

— Diga que você é minha.

Sussurro: — Você sabe que sou. Para sempre.

Ele exala, pressiona o beijo mais suave no meu ombro e, em seguida, me empurra de barriga.

Deito na cama trêmula, com os olhos bem fechados enquanto ele se levanta, acende a lâmpada e abre as gavetas da cômoda. Ele abre a gaveta da mesinha de cabeceira também, então o colchão cede com o seu peso.

Ele amarra meus pulsos juntos e na cabeceira da cama com minhas meias como fez da última vez, mas não cobre meus olhos com o lenço.

Lendo minha mente, ele diz: — Preciso ver seu rosto.

Ouçõ um jato de líquido, então sua mão desliza entre minhas pernas. Está escorregadio com lubrificante. Ele trabalha em toda a minha fenda, deslizando os dedos sobre o meu clitóris e dentro de mim enquanto fico imóvel, hiperventilando.

Ele desliza os dedos entre as bochechas da minha bunda e me lubrifica lá também, oh, tão suavemente.

O zumbido de um vibrador me faz prender a respiração assustada. Então sua voz vem naquele tom de comando escuro e intoxicante.

— Use suas cores, Natalie.

Ele pressiona o vibrador no meu clitóris.

Todos os meus músculos ficam tensos. Puxo contra as restrições. É um reflexo automático, que o faz rosnar de prazer.

— Essa bunda linda. Deus, olhe para você.

Ele alisa a mão ao redor da curva de ambas as minhas nádegas. A outra mão aciona o vibrador entre minhas pernas.

Estou começando a suar.

Quando ele desliza o vibrador dentro de mim, gemo.

Em seguida, seu dedo rompe o anel de músculo lubrificado em meu traseiro, e gemo mais alto, estremecendo.

Ele exige — Cor.

— Verde.

Ele move seu dedo e o vibrador para dentro e para fora juntos na mesma velocidade lenta, pressionando mais profundamente a cada passagem até que ele esteja enterrado além de uma junta e estou começando a pressionar ansiosamente contra sua mão.

Ele sussurra: — Tão apertado. Tão quente. Puta que pariu.

Puxo contra minhas restrições, arqueando minhas costas. Estou ofegante agora, espalhando mais minhas coxas.

Observando-me, ele geme em aprovação.

Ele pressiona o dedo o máximo que pode. Na minha boceta, ele aciona o vibrador. Meu clitóris está inchado e latejante. Meus quadris assumem o controle e começam um giro lento e rítmico.

Ajoelhando-se entre minhas pernas abertas, ele diz com uma voz áspera: — Vai doer no começo. Respire através dele. Tente não ficar tensa. Vou devagar. Se você precisar, eu paro.

Ainda rolando meus quadris contra seu dedo invasor e o vibrador, sussurro, — Verde.

Ele remove o dedo lentamente, abaixa seu corpo sobre o meu e puxa um dos meus joelhos mais para cima no colchão, me expondo completamente.

Então, algo muito maior do que seu dedo cutuca minha entrada.

Suspiro e fico tensa, mas ele não desliza seu pau para dentro. Ele me dá um momento para processar, acariciando a cabeça de seu pau para cima e para baixo onde ele quer ir.

— Respire, baby, — ele sussurra, me acariciando. — Deixe-me entrar.

Meu coração está batendo tão rápido que não consigo recuperar o fôlego. Tento respirar fundo, uniformemente, mas

acabo ofegando. Meus mamilos estão duros e meu clitóris esta extremamente sensível, preparado com o vibrador e as sensações estonteantes na frente e atrás.

Digo: — Verde. *Faça isso.*

Um leve empurrão com os quadris e ele está dentro.

E ele é enorme.

E, meu Deus, *dói.*

Fico rígida, ofegante. Minha cabeça levanta do travesseiro, e minha bunda aperta contra o invasor enorme repentino.

Com os dentes cerrados, Kage diz: — Cor.

— Amarelo. Porra! Amarelo.

— Respire, Natalie. — Ele pressiona o vibrador contra meu clitóris novamente.

Estou tremendo tanto que a cama balança. Meu corpo não consegue decidir o que sente mais, o prazer do vibrador ou a dor da cabeça do enorme pau de Kage.

Mas depois de um momento, o prazer se torna maior, e abaixo minha cabeça no travesseiro e gemo.

Kage começa a falar comigo em russo.

O som de suas palavras se mistura com o zumbido eletrônico do brinquedo sexual e o rugido do oceano batendo

em meus ouvidos. Há uma sinfonia em minha cabeça sublinhando a onda cinematográfica de sensação em meu corpo. Sou toda luzes pulsantes e cores vivas, passeios de carnaval malucos e letreiros de néon brilhantes.

Em seguida, Kage insere o vibrador em minha boceta novamente, e sou um foguete explodindo para a lua. Inclino minha bunda para cima e solto uma respiração enorme e reprimida, relaxando contra minhas restrições.

— Porra, sim, baby, — ele sussurra. — Oh, foda-se, sim.

Ele afunda seu pau mais fundo na minha bunda.

Gememos ao mesmo tempo.

Ele espalha minhas bochechas com uma mão, deslizando os dedos ao redor do lugar onde está enterrado dentro de mim, acariciando-me lá enquanto empurra ainda mais fundo. Não dói tanto quanto doeu, mas ainda me sinto desconfortavelmente cheio. Estou bem na frente e atrás e meu rosto está queimando.

Sussurro: — Verde. Foda-me, querido. Por favor.

Ele rosna algo em russo que parece imundo. Em seguida, ele flexiona seus quadris e desliza todo o comprimento duro de seu pau em minha bunda.

A sensação é indescritível.

E ele ainda está me acariciando em todas as bordas de onde está me fodendo, tornando os sentimentos opressores.

Tudo está latejando e formigando, pulsando e doendo, quente e escorregadio.

Tremo, gemendo seu nome.

Ele puxa lentamente para fora, então pressiona novamente, mantendo um controle cuidadoso, embora eu saiba que ele está louco para me soltar e empurrar com força.

O amor que sinto por ele neste momento é enorme e assustador, uma expansão repentina quente e incontrolável dentro do meu peito.

Sentindo como se meu coração tivesse se aberto, soluço.

Kage congela.

Imploro: — Não pare. Estou bem, prometo.

Ele se abaixa sobre mim e planta a mão no colchão ao lado da minha cabeça. Respirando com dificuldade, ele beija minha bochecha. — Diga-me querida. Diga-me o que você precisa.

— Foda-me. Faça-me gozar. Diga que você nunca vai me deixar ir embora.

Ele geme baixinho e me beija de novo, na bochecha, no pescoço e no ombro. — Nunca vou deixar você ir.

Ele bombeia em mim.

— Nunca, baby.

Ele bombeia em mim novamente. Sua voz cai.

— *Nunca.*

Em seguida, ele fica de joelhos e me puxa de volta com ele até que meus braços amarrados estejam totalmente esticados e eu esteja sentada em suas coxas, meu peito pairando acima do colchão.

Ele enrola um braço em volta da minha cintura, enrola meu cabelo em volta do pulso como uma coleira e começa a me foder, salvando-nos do naufrágio para o qual estamos indo, apenas por um tempo.

Kage

Quando a vista do lado de fora da janela do quarto muda de preto para cinza, vejo minha nova coisa favorita no mundo:

Natalie acordando em meus braços.

Ela se mexe, suspirando. Sua cabeça repousa no meu ombro. Acaricio seus cabelos e a beijo suavemente nos lábios. Seus cílios tremem, então levantam, então estou olhando para aqueles incríveis olhos azul-acinzentados e meu coração está caindo de felicidade.

Ela sussurra: — Você estava olhando para mim enquanto eu dormia.

— Eu estava.

Suprimindo um sorriso, ela finge gemer. — *Tão* assustador.

Beijo-a novamente, amando a sensação de sua boca macia contra a minha. — Não posso evitar.

— Você gosta de mim, hein?

Digo com absoluta convicção: — Eu empalaria exércitos inteiros em minha espada se você me pedisse.

Ela torce o nariz. — Isso não será necessário. — Após uma pausa: — Você pelo menos tem uma espada?

— Muitas, mas todas elas disparam balas.

— Ah. Peguei vocês.

Sorrimos um para o outro.

O próprio céu não poderia ser mais perfeito do que isso.

Ela se estica contra mim como um gato, arqueando as costas, todos os seus músculos tensos, então se acomoda com um suspiro feliz, se aconchegando mais perto do meu peito.

Enterro meu rosto em seu cabelo e fungo como uma espécie de viciada e abandonada.

Sua risada é suave e doce. — Preciso enviar uma nota de agradecimento à empresa que fabrica meu xampu.

— Não é o seu shampoo que cheira tão bem, — digo, minha voz rouca. — É você. Você é deliciosa. — Inalo contra seu pescoço. — O cheiro da sua pele me deixa viciado.

Ela desliza a mão pelo meu pescoço e afunda os dedos no meu cabelo, ainda rindo baixinho. — Você tem ouvido muitas canções de amor.

Então estamos nos beijando. Beijos lentos e suaves que perduram, ficando quentes.

Ela pressiona seus seios contra meu peito. Afundo meus dedos na curva de seu quadril e a puxo para mais perto.

— Você está dolorida? — Movo minha mão, então agora estou acariciando suas nádegas.

— Sim. Em toda parte. Amo isso.

Expiro, o sangue correndo para o meu pau. Sussurro: — Você é tão foda, querida. Você gozou muito por mim.

Ela brinca: — Pelo que me lembro, você mesmo teve um orgasmo muito intenso.

— Eu vi estrelas.

— Você rugiu como um leão.

— Sim, rugi. É assim que você me faz sentir. Um leão. Sou o seu leão apaixonado, seguindo você de quatro.

— Apaixonado. Você tem pesquisado palavras de amor no Google. Gosto disso.

Beijando seu pescoço, corro minha mão aberta por toda sua bunda, coxa, quadril e costas, memorizando cada curva. Sua pele é macia e suave, quente e flexível.

Quero afundar meus dentes em cada centímetro dela.

Ela sussurra: — Você está rosnando, Simba.

Mordo seu pescoço de brincadeira. Meu pau está latejando.

Mas já estou atrasado.

Quando suspiro contra sua garganta, ela sabe.

— Ah não. Tão cedo?

A decepção em sua voz leva uma estaca em meu coração. Rolo em minhas costas e a puxo para cima de mim, arrumando-a como amo fazer, então estamos peito com peito, barriga com barriga, coxas em cima das coxas.

Com o peito doendo, digo: — Não poderei voltar por um tempo.

— Quanto tempo?

Hesito, mas preciso contar a verdade. — Provavelmente um mês.

Ela está em silêncio.

Em seguida, ela sussurra: — Meu aniversário é 20 de fevereiro.

— Eu sei.

— Isso é cerca de um mês a partir de agora. Então talvez...?

— Sim. Prometo.

Parte da tensão sai de seu corpo. Em voz baixa, ela diz:
— Tudo bem.

É outra estaca em meu coração, só que desta vez, está me apunhalando ali repetidamente.

Deitamos juntos em silêncio. Nossa respiração fica sincronizada. Lá fora, um pássaro começa a cantar uma doce e triste canção de despedida.

Cristo. Estou enlouquecendo.

A dor dentro do meu peito se expande, enviando um nó na minha garganta.

Depois de muito tempo, ela murmura: — Eu queria te perguntar – o que aconteceu com Chris? Não o vejo passar por aqui há semanas.

— Decapitei um cavalo e o deixei em sua cama enquanto ele dormia.

Ela levanta a cabeça e me encara com olhos arregalados e horrorizados.

— Isso foi uma piada, Natalie.

Ela exala. — Oh Deus. Jesus. Não faça isso comigo!

Sinto-me um pouco insultado. — Sou um monte de coisas ruins, mas um homem que corta cabeças de animais inocentes não é um deles.

Ela torce os lábios e diz: — Não fique todo ranzinza, gangster. Essa é uma cena muito famosa de um filme muito famoso da Máfia, e você tem tendência para gestos dramáticos. Não é como se estivesse fora do reino das possibilidades.

— Não tenho tendência para gestos dramáticos.

— Oh sério? O que você chamaria de fundo fiduciário de dez milhões de dólares? Ordinário?

Levantando uma sobrancelha, ameaço suavemente: — Alguém está pedindo uma surra.

Minha expressão a faz morder o lábio.

Também quero mordê-lo.

Viro-nos, pressiono-a contra o colchão e tomo sua boca.

É um beijo mais difícil do que antes. Ela é tão urgente quanto eu, me beijando de volta com o mesmo desespero, cravando as unhas nas minhas costas.

Quero tanto enfiar meu pau em seu calor úmido e transar com ela uma última vez antes de ir, mas não vai ajudar.

Não há como ajudar essa necessidade terrível e torturante.

Nada de ajudar, e também nada de escapar.

— Então, o que foi?

— O quê?

— O que você disse para fazer Chris ir embora.

— Você quebrou nosso beijo para me perguntar sobre outro homem... enquanto estamos nus na cama?

— Não evite a pergunta.

— O Delegado Cheio de merda recebeu um telefonema muito civilizado de mim, explicando por que não seria do interesse dele se aproximar de você novamente. Nunca.

Natalie me olha bem de perto. Provavelmente por pistas sobre onde joguei o corpo.

Sorrio. — Eu disse que era civilizado.

— Sim, você disse. Mas não acho que você realmente saiba o que a palavra significa.

— Ele está vivo e bem, querida. Prometo.

Traumatizado, com cicatrizes mentais, mas vivo.

Pintei um quadro muito explícito do que eu faria com ele se ele não me ouvisse.

Dou um último beijo sincero em Nat, depois me levanto da cama e me visto.

Ela me observa em silêncio.

Se suas palavras já não tivessem destruído meu coração, agora seus olhos o fariam.

Minha voz rouca, digo, — Volte a dormir. Vejo você no seu aniversário, baby.

Então saio pela porta, fechando-a atrás de mim.

Fico lá por um momento com minha mão na maçaneta, meus olhos fechados, respirando fundo para tentar controlar a dor no meu peito. Quando sinto uma cotovelada no joelho, olho para baixo.

Mojo, o terrível cão de guarda, está sentado no chão ao meu lado, com a língua feliz pendurada na boca.

— Cachorro maldito, — murmuro, inclinando-me para coçá-lo atrás das orelhas. — Você é muito grande para ser tão molenga.

Mojo *late* suavemente. Acho que significa, *olha quem está falando*.

Pego meu casaco da cadeira da cozinha em que o joguei quando entrei pela porta dos fundos e procuro no bolso interno as cápsulas de chumbo calibre 12 que trouxe comigo.

Então, antes de sair, carrego a espingarda de Natalie.

35

Nat

Janeiro passa.

Fevereiro chega, trazendo fortes nevascas que fecharam a cidade e fecharam as escolas por dias. Passo um tempo com Sloane, foco na minha pintura, e marco um X preto no meu calendário para cada dia que me deixa mais perto de ver Kage novamente.

Meu aniversário está marcado com um coração vermelho.

A semana antes do meu aniversário é o Dia dos Namorados, que celebro comendo um litro inteiro de sorvete no jantar sozinha no sofá, enquanto assisto à TV. Sloane saiu com Brad Pitt Jr., provavelmente sendo entupida até as guelras com seu lindo pau.

Kage envia cem rosas vermelhas e um colar de diamantes que não poderei usar fora de casa porque é muito grande.

Não me importo. Uso-o por dentro com meu roupão e chinelos, me sentindo uma rainha.

Uma rainha perdida e solitária, ansiando por seu leão apaixonado.

Duas vezes quando saio para trabalhar ou levar o lixo para fora, vejo pegadas na neve ao redor da casa. Posso dizer pelo tamanho que são masculinos. Sei a quem eles pertencem.

Mas não vou dizer a Kage que Chris ainda está farejando, porque sei o que vai acontecer, e não quero sangue em minhas mãos.

Mil anos depois, meu aniversário chega.

É um sábado. Levanto cedo, transbordando de emoção. A mensagem de Kage da noite passada dizia apenas — Vejo você em breve, — então não tenho certeza de que horas ele chegará. Quero estar pronta quando ele chegar aqui, então, tomo banho e depilo todas as minhas partes, me visto, arrumo a casa, coloco lençóis limpos na cama e espero.

E espero.

E espero.

Por volta das oito horas daquela noite, estou murcha.

Fico na frente do espelho no meu quarto, olhando desanimadamente para o meu reflexo. Estou usando o vestido vermelho que Kage admirou naquela noite no

restaurante de Michael's meses atrás, junto com o colar que ele me enviou no Dia dos Namorados. Meu cabelo está preso, minha maquiagem está perfeita e meu rosto parece que alguém acabou de me dizer que o cachorro morreu.

Sei que não é justo ficar desapontada por ele ainda não estar aqui. Ele geralmente chega muito tarde. Além disso, há um tempo de voo de cinco horas a ser considerado, junto com a guerra que ele está enfrentando e tudo o que vem junto com a gestão de um império da máfia. Ele tem muito em sua lista de tarefas.

Eu só queria estar um pouco mais perto do topo.

Sentada sozinha na mesa da cozinha, pego o filé mignon frio que fiz antes, tentando ao máximo não sentir pena de mim mesma.

É uma batalha perdida.

Quando o telefone interno toca, isso me assusta tanto que deixo cair o garfo. Ela bate no prato com um estrondo. Meu coração bate mais rápido, pulo para atender, esperando que seja Kage.

— Olá?

Uma voz eletrônica pré-gravada diz: — Olá, você tem uma ligação a cobrar do Centro Correcional de Green Haven. Para aceitar as cobranças, pressione dois. Para recusar as cobranças, pressione nove.

Meu coração para no meu peito.

Kage foi preso. Ele está na prisão.

Com as mãos tremendo, pressiono o número dois.

A voz eletrônica diz: — Obrigado. Por favor, espere.

Ouçõ uma série de cliques, como se a linha estivesse sendo transferida.

Depois: — Olá, Natalie.

A voz é masculina, rouca e com forte sotaque. Ele parece um fumante de dois maços por dia. Definitivamente não é Kage.

— Quem é?

— Maxim Mogdonovich.

Perco a capacidade de respirar. Em estado de choque, fico paralisada, boquiaberta com os armários da cozinha.

— Presumo pelo seu silêncio que você sabe quem sou?

Minhas mãos tremendo e meu estômago dando nós, sussurro: — Sei quem você é.

Kage. Oh Deus, Kage. O que aconteceu com você?

Porque algo deve ter acontecido. Algo terrível. O chefe da máfia russa não estaria ligando da prisão para me desejar feliz aniversário.

— Bom. Você provavelmente está se perguntando por que estou ligando.

Ele faz uma pausa, esperando que eu diga algo, mas meus pulmões estão congelados. Tudo em mim está congelado em terror puro e frio. Exceto meu coração, que agora está batendo freneticamente como as asas de um beija-flor.

Ele continua em um tom calmo e coloquial.

— Para ser honesto, *dorogoy*¹⁷, quando descobri o que estava acontecendo pela primeira vez, não pude acreditar. Meu próprio Kazimir, como um filho para mim nos últimos vinte anos, nunca me desobedeceria. Ele nunca mentiria para mim. E ele definitivamente não me trairia. Especialmente para uma mulher.

Desobedecer? Trair? O que diabos ele está falando?

— Mas todas aquelas viagens inexplicáveis à Costa Oeste me deixaram curioso, então mandei um passarinho para dar uma olhada. Quando vi sua foto, fez um pouco mais de sentido. Tão linda. Todo aquele cabelo preto.

Os passos na neve. A noite em que pensei que alguém estava fora da janela da minha cozinha. Todas aquelas vezes que senti como se alguém estivesse me observando – era ele.

¹⁷ Cara.

— Você se parece tanto com sua mãe. A propósito, como está Naomi? Gosta de viver no campo de golfe? Pessoalmente, nunca poderia morar no Arizona. É tão seco. Todos aqueles cactos feios. Mas suponho que Scottsdale é bom para a saúde de seu pai.

*Ele sabe tudo sobre meus pais. Ele os está ameaçando?
Oh Deus, oh Deus, oh Deus!*

Começo a hiperventilar. Vou ficar doente. O bife que comi vai subir a qualquer segundo e vou vomitar no chão da cozinha.

Agarrando o telefone com força, digo com a voz trêmula:
— Não sei do que você está falando, mas meus pais não têm nada a ver com nada. Por favor...

— Claro que sim. Eles lhe deram vida. Você, a mulher que virou Kazimir contra mim. Eles são cúmplices. Eles vão pagar, assim como você.

— Não o virei contra você! Não sei o que você quer dizer! Por favor, *me escute...*

— Será um consolo frio, *dorogoy*, mas você pode estar interessada em saber que Kazimir nunca levou uma mulher a sério antes. Elas sempre foram descartáveis para ele. Esquecíveis. Até você. Espero que tenha valido a pena.

Ele ri. É um som horrível, como lixa raspando madeira.

Esperançosamente, aquele chocalho doentio em seus pulmões é câncer.

Minha voz alta e desesperada, exijo: — Onde está Kage? O que você fez com ele?

— Nada ainda. Mas se for a hora certa, ele chegará em breve, para encontrar você morta. No seu aniversário, nada menos. Que trágico. Eu gostaria de estar aí para ver sua reação, mas Viktor vai me dizer.

À beira da histeria, grito: — Quem é Viktor?

— Eu sou.

Viro-me para ver um homem parado no meio da minha cozinha, sorrindo para mim.

Ele é alto e de ombros largos, vestindo um terno preto com um sobretudo de lã preto e luvas de couro pretas. Seu cabelo é cinza metálico, raspado rente à cabeça. Seus olhos são do azul mais claro que já vi.

A arma que ele está apontando para mim é enorme.

Além da linha, Maxim diz: — Ele é muito bom no que faz. Quase tão bom quanto Kazimir. Se você cooperar com ele, será muito melhor para você. Vai ser mais rápido.

Sua voz baixa. — E acredite em mim quando digo que você não quer que ele vá devagar.

Largo o telefone.

Sorrindo agradavelmente, Viktor aponta para uma das cadeiras da cozinha. — Sente-se. Vamos bater um papo.

Nunca estive tão apavorada em minha vida. Não é apenas a arma apontada para mim, ou o telefonema que acabei de receber, ou o fato óbvio de que o chefe da máfia russa bateu em mim e em Kage.

É também o sorriso no rosto de Viktor.

Aquele sorriso caloroso e ansioso, como se ele estivesse prestes a se envolver em um de seus passatempos favoritos.

Quando fico congelada no lugar, agarrada ao balcão da cozinha e hiperventilando, Viktor diz: — Sente-se, Natalie, ou vou foder seu cadáver depois de terminar com você e enviar o vídeo para seus pais.

Quente e ácida, a bile lateja na minha garganta. Respiro várias vezes, mas sinto que meus pulmões estão cheios de água. Acho que estou me afogando.

Quando o sorriso de Viktor fica amargo, encontro a vontade de me mover e me jogo na cadeira mais próxima.

— Bom. Agora. Diga-me onde está o dinheiro.

Suando e tremendo, sussurro: — O dinheiro?

Ele exala um suspiro curto e desapontado pelas narinas. — Sou um homem ocupado. Não tenho tempo para jogos. Então, vou perguntar de novo, você vai me dizer a verdade e

vamos em frente. — Sua voz endurece. — Onde está o dinheiro?

Meu estômago se revira. Uma gota de suor frio escorre entre minhas omoplatas. — Você quer dizer a conta de confiança?

Parecendo interessado, ele inclina a cabeça. — Ele estabeleceu uma relação de confiança?

Lambendo meus lábios, aceno. Na minha visão periférica, vejo Mojo parado na sala de estar, orelhas achatadas, olhando para Viktor com todos os pelos das costas eriçados.

— Suponho que isso faça sentido. Contadores do caralho. Qual banco?

Contadores? — M-moraBanc. Em Andorra.

— Andorra? Escolha interessante. Ele sempre usou bancos armênios quando trabalhou para Max. Eles dão dez por cento de juros sobre suas contas. Boa maneira de aumentar seu dinheiro. Dê-me o número da conta.

Quando ele trabalhou para Max? Kage se tornou freelance?

Meu nível de pânico é tão alto que quase não consigo ouvir as palavras que saem da minha boca por causa dos meus gritos internos. — Não sei. Não tirei nenhum dinheiro.

Ele me encara por um instante, o sorriso desaparecendo, os olhos azuis brilhando como pingentes de gelo ao sol. — Não me considere um idiota. Você não poderia pagar esse colar com o salário de um professor.

Estendo a mão e toco as pedras em volta da minha garganta. Sussurro: — Foi um presente de Dia dos Namorados.

Estreitando os olhos, Viktor estuda meu rosto. — Este ano?

— Sim.

Ele dá um passo mais perto de mim, aumentando a voz. — Você ainda está em contato com ele? Onde ele está? Onde ele está morando?

Está acontecendo algo que não entendo. Uma peça do quebra-cabeça está faltando. É quase como se ele estivesse falando sobre alguém que não seja Kage.

Mas não consigo me concentrar nisso agora, porque estou tentando descobrir uma maneira de evitar levar um tiro no rosto.

— Sim, estamos em contato. Ele me disse que mora em Manhattan.

Viktor solta uma risadinha de espanto, balançando a cabeça. Ele murmura: — Todo esse tempo, bem debaixo de nossos narizes.

Então ele me olha de cima a baixo, me estudando com novo interesse. — Você tem sido uma garota muito ocupada. Onde você encontra tempo, pequena professora?

Quando eu apenas balanço minha cabeça em confusão, ele faz um gesto de desprezo com a mão livre.

— Onde há vontade, há um caminho, suponho. Eu não teria pensado em você como uma vagabunda, mas você nunca pode dizer. Às vezes, as que parecem mais inocentes são as maiores prostitutas de todas.

— Você acabou de me chamar de vadia e prostituta?

Viktor parece levemente surpreso com meu tom. *Estou* surpresa com meu tom. É alto, raivoso e até um pouco perigoso.

Com uma voz suave, seu sorriso voltando, ele diz: — Como você chamaria uma mulher que fode com dois homens ao mesmo tempo?

Atrás de Viktor, Mojo se aproxima silenciosamente, com a cabeça baixa e os dentes à mostra.

— Não sei do que você está falando.

— Eles se conhecem? — Ele ri. — Espero que não. Vou dizer a ele antes de matá-lo. Mal posso esperar para ver a expressão em seu rosto.

— *Não sei do que você está falando!*

Quando grito isso para Viktor, Mojo solta um rosnado de gelar o sangue.

Viktor vira a cabeça em direção ao som. Aproveito para pular da mesa.

Assim que me movo, Mojo ataca.

Vendo uma bola de pelo de 45 quilos voando em sua direção, Viktor dispara na direção de Mojo. O som é ensurdecedor. Grito, puramente por instinto, mas não olho para trás enquanto corro pela casa em direção à porta da frente.

Quando estou a um metro e meio dele, uma bala passa zunindo pela minha cabeça e se crava na parede de gesso com um jato de gesso. Abaixo-me e continuo correndo, mas outra bala passa direto pela porta. Mergulho no chão, ouvindo Viktor rugindo de dor, e rolo, batendo no canto entre a porta e a parede.

Viktor está lutando para fazer Mojo soltar seu braço. Mojo o pegou pelo pulso da mão que segurava a arma, e provavelmente é por isso que seus tiros foram largos e não me acertaram. O cachorro está rosnando furiosamente e puxando a cabeça para frente e para trás com força, recuando para manter Viktor sem equilíbrio.

Mas de alguma forma, Viktor fica livre.

Ele não se incomoda em desperdiçar outra chance no cachorro. Ele simplesmente levanta o braço e caminha em minha direção, apontando a arma para meu rosto.

Levanto minhas mãos e grito: — Pare!

Então há uma explosão trovejante de ar quente e luz branca, e a cabeça de Viktor explode como um tomate maduro.

Sangue e massa cerebral borrifam a parede e o teto.

O que sobrou dele tomba de cara no chão, onde ele fica deitado, imóvel. O sangue jorra da artéria cortada em seu pescoço.

Sento-me atordoada, sem entender o que aconteceu. Fico olhando em total descrença para o homem morto no chão da minha sala, até que levanto meu olhar e vejo Kage parado do outro lado da sala, segurando a espingarda de meu pai.

Acho que ele carregou.

Feliz aniversário para mim.

Nat

Kage deixa cair a espingarda e voa pela sala, caindo de joelhos ao meu lado e segurando meu rosto com as mãos.

— Baby, fale comigo. Você está machucada? Natalie, olhe para mim. *Olhe para mim.*

Atordoada, rasgo meu olhar dos restos sem cabeça de Viktor e me concentro em Kage.

Sussurro entrecortado, — Maxim... o dinheiro... meus pais... você o matou...

Ele me envolve em seus braços e me segura com força. Ele beija minha cabeça. No meu ouvido, ele diz: — Você está bem. Está tudo bem. Estou aqui. Fique de pé.

Ele tenta me ajudar a levantar, mas minhas pernas são inúteis. Caio contra ele, entorpecida. Ele me pega e me carrega para o sofá, me colocando suavemente no chão e alisando meu cabelo para trás do meu rosto.

De pé ao meu lado, ele diz: — Preciso cuidar do corpo. Fique bem aqui. Entendeu?

Pisco lentamente, balançando a cabeça, sem entender nada.

Ele beija minha testa. Então ele se endireita, vai até Viktor, enrola-o no tapete da sala, coloca-o sobre o ombro e o carrega para fora da porta dos fundos.

Observando eles irem, Mojo choraminga de seu esconderijo sob a mesa de centro.

Não sei quanto tempo leva para o retorno de Kage. Parece que duraram apenas alguns minutos, mas podem levar horas. Dias. Semanas. Quando ele volta, ele se ajoelha no chão na minha frente. Ele segura minhas mãos.

Tento não pensar em quanto sangue deve haver neles e me concentro em seu rosto.

— Diga-me o que aconteceu.

Engulo, fechando meus olhos para banir a imagem que continua brincando no retrocesso da cabeça de Viktor explodindo.

Com uma voz monótona que soa distante aos meus próprios ouvidos, digo: — Recebi um telefonema de Maxim. Ele disse que você o traiu. Desobedeceu a ele. Ele mencionou meus pais. Ele disse que todos nós tínhamos que pagar por como coloquei você contra ele. Então Viktor estava aqui. Ele

perguntou onde estava o dinheiro. Eu disse a ele sobre a confiança que você estabeleceu para mim. Então ele... ele estava estranho. Ele queria saber onde você morava. Se estávamos em contato. Ele agia como se você não estivesse mais trabalhando para Maxim. Não entendi o que ele quis dizer. Então não importou porque ele ia atirar em mim. Tentei correr... Mojo o mordeu... então tudo aconteceu tão rápido...

Abro meus olhos. Kage se ajoelha na minha frente, apertando minhas mãos, parecendo angustiado.

Parecendo culpado.

— Por que ele veio? O que você fez? O que aconteceu?

Ele fica em silêncio por um momento, então ele solta minhas mãos e se levanta. Ele se afasta, dá alguns passos, para e depois se vira.

Sua expressão ficou em branco. Quando ele fala, sua voz é oca.

— Ele veio pelo dinheiro. Como eu fiz.

Fico olhando para ele. De repente, parece muito difícil formar palavras. — Como você fez? Não entendo.

Quando ele fica em silêncio, pergunto: — Você quer dizer que ele queria o dinheiro de confiança que você me deu?

— Não.

— Então, de que dinheiro ele estava falando?

O jeito que ele está olhando para mim é assustador. Há uma morte em seus olhos, um final, mas não sei o que significa.

Ele diz baixinho: — Os cem milhões de dólares que seu noivo roubou de Max.

Meu coração batendo descontroladamente cai mortalmente quieto.

Uma vez, quando eu tinha dez anos, pulei da plataforma de mergulho mais alta da piscina da comunidade. Sloane me desafiou a fazer isso, então é claro que fiz.

Eu pretendia fazer uma bala de canhão, porque era divertido e espalhafatoso. Mas estraguei tudo, liberando minhas pernas muito cedo e caindo para frente, então caí na superfície da água.

Rosto, peito, barriga, coxas – eles batem juntos, tudo de uma vez.

O impacto foi violento. Isso me deixou sem fôlego. Doeu como fogo, como se eu tivesse levado um tapa no asfalto congelado por uma mão gigante e quebrado todos os ossos do meu corpo.

Eu estava paralisada. Cada centímetro da minha pele queimou.

Atordoada, agonizante, virei com o rosto para o fundo da piscina até que Sloane saltou e me salvou.

Até o desaparecimento de David, essa foi a pior dor que já senti.

Sinto isso de novo agora, aquela falta de ar batida com força. Essa dor estilhaçada e sufocante.

Sussurro: — Meu noivo morto? David?

Kage faz uma pausa. Olha para mim com aqueles olhos vazios de adeus.

— O nome dele não é David. É o Damon. E ele ainda está vivo.

Kage

Pelo menos uma vez na vida de cada homem, ele enfrenta um acerto de contas.

Meu pai me disse isso. Ele sabia muito sobre cálculos. Sobre o cálculo de ganhos e perdas. Sobre dizer adeus. Ele deixou tudo o que tinha na Rússia para fazer uma nova vida em uma nova terra. Para ter melhores oportunidades para seus filhos do que para si mesmo.

Ele pagou com a vida por esse risco, mas duvido que ele se arrependesse. Ele era mais forte do que eu. Ele nunca se arrependeu de nada.

Mas eu, agora, de pé aqui... me arrependo de tudo.

Se eu tivesse contado a ela desde o início, não teria que suportar aquele olhar em seu rosto agora.

Eu não teria que testemunhar o amor de Natalie por mim explodindo em chamas.

Ela se senta perfeitamente imóvel. Suas costas estão retas. Seu rosto está pálido. Suas mãos estão abertas em suas coxas. Em torno de sua garganta, o colar que comprei para ela brilha como gelo.

Em voz baixa, ela diz: — Damon?

É um convite para continuar. Ou talvez seja um apelo para parar. Não sei dizer.

A única coisa que sei com certeza é que se uma pessoa pudesse morrer só de olhar, eu seria um homem morto.

— Ele era nosso contador.

Suas narinas dilatam. Algo escuro se acumula atrás de seus olhos. — Você o conhecia?

— Sim.

Não consigo entender a expressão do rosto dela, então me afasto, passando a mão pelo cabelo.

— Max confiava nele implicitamente. Ele era brilhante com os números. Economizou muito dinheiro para a organização. Fez muito para nós também. O mercado de ações, contas offshore, imóveis internacionais... Damon era um gênio. Tão inteligente que ninguém nunca percebeu que ele estava passando os olhos. Que ele configurou centenas de contas de fachada para canalizar dinheiro. Que ele estava planejando sua saída por anos antes de finalmente fugir.

O tique-taque do relógio na parede parece estranhamente alto. Quando Nat fica em silêncio, volto para ela.

Ela é uma estátua.

Fria. Sem vida. Em branco. Uma daquelas esculturas de mármore que decoram uma tumba.

Para lidar com a agonia que sobe pela minha garganta, continuo falando.

— Ele fez um acordo com os federais. Deu-lhes provas em troca de imunidade. Testemunhou contra Max em seu julgamento. Forneceu uma grande quantidade de dados, registros, livros, arquivos. Max foi condenado e sentenciado à prisão perpétua. Damon foi para proteção de testemunhas. O governo deu a ele um novo nome. Uma nova identidade. Uma nova vida. Eles o realocaram aqui.

Respiro. — E então ele conheceu você.

Imóvel, Natalie me encara. Quando ela fala, parece que foi drogada.

— Não acredito em você. David não tinha um centavo em seu nome. Isso é mentira.

Pego meu celular do bolso, abro o aplicativo de imagens, deslizo até encontrar o que estou procurando. Então entrego a ela o telefone.

Ela pega de mim silenciosamente. Ela olha para a imagem na tela. Sua garganta funciona, mas ela não faz nenhum som.

— Deslize para a esquerda. Tem mais.

Seu dedo se move pela tela. Ela faz uma pausa, depois desliza novamente. Ela continua por vários momentos, seu rosto vai ficando cada vez mais pálido até ficar branco.

Ela para de deslizar e diz: — Quem são essas pessoas com ele?

Quando ela vira o telefone para me encarar, me preparo. Então a olho nos olhos.

— Sua esposa e filhos.

Seus lábios se abrem. O relógio bate. Meu coração bate forte dentro do meu peito como um tambor.

— Sua... *esposa*.

— Ele era casado quando entrou para o WITSEC. Claudia ainda mora na mesma casa. Não tem ideia do que aconteceu com ele. Ele deixou tudo para trás, incluindo ela.

Com a voz rouca, Nat diz: — E seus filhos.

— Sim.

— Ele era casado e tinha filhos quando estávamos juntos.

— Sim.

— Ele desviou dinheiro da máfia, apresentou provas ao Estado, colocou Max na prisão, abandonou sua família... depois veio para cá com uma nova identidade e... e...

— Conheceu você.

Agarrando o telefone, ela o coloca no colo e fecha os olhos. Em seguida, ela se senta lá, sem se mover ou dizer nada, pálida como um fantasma e tão sem vida, exceto pela veia latejando loucamente no lado do pescoço.

Eu cortaria meus pulsos e sangraria de joelhos na frente dela se achasse que isso faria sua dor passar, mas sei que não.

A única coisa que posso fazer é continuar dizendo a verdade.

— Não sabíamos para onde ele tinha ido até o ano passado. Em seguida, fizemos um contato dentro do bureau. Alguém disposto a trocar informações por dinheiro. Ele nos disse para onde eles realocaram Damon, nos deu seu novo nome, tudo. Mas a essa altura, Damon já havia mudado.

— Suponho que a mudança aconteceu há pouco mais de cinco anos, certo? — Sua risada é pequena e amarga. — Certo. Um dia antes do nosso casamento. Oh Deus.

Não sei o que dizer, exceto: — Sinto muito.

Ela abre os olhos e me encara com um olhar duro e odioso. É tão cruel que quase dou um passo para trás.

Ela diz: — E você sabia. O tempo todo, você sabia de tudo isso.

— Natalie

— Não fale. Você não vai mais falar comigo.

— Por favor. Deixe-me explicar.

Trêmula, ela se levanta. Ela segura o telefone com a mão trêmula. — Pegue-o e saia.

— Ouça-me, baby...

— *Saia da minha casa!*

Esse grito pode muito bem ser uma bala pelo quanto isso me machuca. Fico lá impotente, balançando minha cabeça.

Respirando com dificuldade, toda tremendo, ela diz: — Você deveria me matar, não era? É por isso que Max disse que você o traiu. Você deveria vir aqui e descobrir se eu sabia onde David escondeu o dinheiro ou para onde ele foi, então me matar, assim como Viktor. Mas ao invés...

Ela ri. É o pior som que já ouvi.

— Em vez disso, você decidiu fazer as coisas de forma diferente. Você decidiu se divertir um pouco primeiro. Então

você me fodeu. Fez-me apaixonar por você. Deu-me um anel e me contou um milhão de mentiras bonitas.

Digo com firmeza: — Não, Natalie. *Não*.

— Quando você ia começar a me fazer perguntas sobre ele? Trabalhar com isso na conversa de maneiras sutis?

Minha voz fica mais alta. — Não menti. Isso é real. Apaixonei-me por você.

Ela me olha angustiada, os olhos brilhando de lágrimas. — Certo. Exatamente como David fez. Agora dê o fora da minha casa, Kazimir.

Ela diz meu nome de batismo como uma maldição.

Embora meu estômago esteja batendo, meu sangue está fervendo e mal posso respirar de dor, mantenho minha voz firme e mantenho seu olhar. — Você não quer que eu vá embora. Você me ama. Você é minha.

Sua inalação é um soluço baixo e quebrado. — Você está doente! Olha o que você fez comigo! *Olha!*

Ela aponta para o rosto. Agora é vermelho, em vez de branco. Seus olhos estão selvagens. As veias saltam em seu pescoço. Sua expressão é o equivalente a um prédio em chamas, queimando até o chão.

— Posso compensar você.

— Você pode ir para o inferno! Max ameaçou meus pais! Meus *pais*, Kage! E se ele tiver alguém lá agora? E se outro Viktor estiver em Scottsdale batendo na porta dos meus pais enquanto conversamos?

— Não. Viktor trabalhava sozinho, como eu. Ele teria planejado vir aqui primeiro, depois ir para lá.

Ela me encara incrédula. — Você realmente acha que isso deveria me fazer sentir melhor, não é?

Quando não respondo, ela foge.

Ela corre para fora da sala de estar e vai para a cozinha, em direção à porta dos fundos. Agarro-a antes que ela possa chegar lá e a aperto contra mim, segurando-a com força contra o meu peito enquanto ela luta para fugir.

— Deixe-me ir!

— Pare por um minuto! Escute-me!

— Foda-se!

— Eu amo você! Não quis dizer...

— Você não quis dizer nada, seu filho da puta mentiroso!

Ela se contorce em meus braços, empurrando contra mim, desesperada por liberação.

Não vou libertá-la.

Beijo-a em vez disso.

Ela se recusa a abrir a boca para mim, virando a cabeça para longe. Coloco a mão em seu cabelo e seguro sua cabeça, em seguida, beijo-a novamente.

Desta vez, ela me deixa enfiar minha língua em sua boca. Ela me deixa prová-la, abraçá-la, enquanto respiramos com dificuldade pelo nariz, nossos corpos pressionados juntos com força.

Então sinto o cano frio de minha arma pressionado contra minha têmpora.

Ela puxou-a da parte de trás da minha cintura e colocou-a contra o meu crânio.

Sinto um lampejo de admiração por minha garota corajosa e inteligente, mas é rapidamente engolida pelo desespero.

— Afaste-se, — diz ela baixinho contra a minha boca.

Quando abro meus olhos, ela está olhando diretamente para eles. Portanto, posso ver claramente que nela não sobrou nenhum vestígio de calor, amor ou misericórdia.

Minha alma está em cinzas. Não há nada dentro de mim. Sou uma concha apodrecida e vazia.

Deslizo de joelhos a seus pés e inclino minha cabeça. — Faça isso, então. Sem você, estou morto de qualquer maneira.

Há um silêncio longo e tenso. Em seguida, ela sussurra asperamente: — Eu deveria.

Ela cava o cano da arma no topo da minha cabeça.

Mas algo em sua voz acende uma pequena centelha de esperança em meu peito. Levanto minha cabeça e olho para ela, esta mulher que adoro e acabei de destruir.

Enquanto ela aponta a arma a uma polegada da minha testa, seu dedo no gatilho, olho em seus olhos.

— Amo você. Isso não é mentira. Eu te amo mais do que qualquer coisa. Mais do que quero minha próxima respiração. Darei qualquer coisa para você me perdoar, e isso inclui minha vida.

Inclino-me para frente para que a arma fique entre minhas sobrancelhas. Levanto minhas mãos e as coloco em seus quadris.

Meu coração em minha voz, digo: — Mate-me se isso vai tirar sua dor, amor. Se isso vai te dar um pouco de paz, aperte o gatilho e me mate.

Ela engole em seco. Suas mãos tremem. Ela umedece os lábios. Com a mão livre, ela limpa os olhos lacrimejantes com raiva.

Depois de um longo momento sem fôlego, ela exala pesadamente e abaixa a arma para o lado.

Gemendo, jogo meus braços em volta de sua cintura e enterro meu rosto em sua barriga. Seguro-a com força até que ela suspira.

— Fique de joelhos, gangster. Não posso lidar com você assim.

Quando tento segurar seu rosto em minhas mãos, ela se afasta, balançando a cabeça. Ela estende minha arma.

— Apenas pegue essa maldita coisa, ok?

Enfio a arma sob o cós da minha calça jeans na parte inferior das minhas costas, em seguida, alcanço-a novamente. Mas novamente ela se retira, virando-se de costas para mim e envolvendo os braços em volta do corpo. Ela vai até a pia e encosta-se nela, olhando para baixo.

Com a voz muito baixa, ela diz: — E agora?

O alívio que sinto por ela não estar gritando para eu ir embora é tão esmagador que quase caio de joelhos novamente. — Coloquei Viktor no carro, mas tenho que... — Hesito, não querendo traumatizá-la mais.

Ela diz: — Livre-se do corpo. Entendo. Vá em frente.

Eu deveria saber que ela iria se recuperar, minha rainha Valquíria.

— Estarei de volta em uma hora.

Ela vira a cabeça, falando por cima do ombro. — Para onde você vai levá-lo?

— O lago.

Ela faz uma pausa. — É para lá que você teria me levado? Se você não tivesse se apaixonado por mim, quero dizer.

Oh merda.

— Chega de mentiras, gangster, — ela diz suavemente.

É um momento antes que eu possa tirá-lo. — Sim.

Ela vira a cabeça. Olhando para as cortinas fechadas sobre a pia, ela diz: — Obrigada por ser honesto.

Soa como *Foda-se e morra*, mas não temos tempo para discutir.

— Não atenda a porta ou o telefone enquanto eu estiver fora. Não saia. Quando eu voltar, vou limpar o resto. Então faremos um plano.

— Um plano?

— Quando Viktor não fizer o check-in, Max enviará outra pessoa.

— Entendo. Um plano. Isso faz sentido.

Ela está estranhamente calma, especialmente considerando o quão histérica ela estava apenas alguns minutos atrás. O choque está se instalando.

Dou um passo em sua direção, meu coração doendo. — Baby...

— Apenas vá, Kage. Preciso de um minuto para processar. Quando você voltar, conversaremos. Prometo.

Quero abraçá-la. Quero beijar ela. Quero que essa distância terrível entre nós acabe. Mas, por enquanto, estou grato por uma trégua.

Eu poderia estar deitado em uma poça do meu próprio sangue agora.

E tenho que me mover rápido, porque o tempo está passando.

Saio sem outra palavra.

Quando volto, uma hora depois, a casa dela está uma bagunça total e ela se foi.

Nat

No instante em que a porta se fecha atrás de Kage, corro para o meu quarto, corro para o armário e rasgo meu álbum de noivado da prateleira de cima.

Quando abro a capa de couro, a carta de David voa e cai aos meus pés. Escondi aqui naquele dia em que saí do banco.

Jogando o álbum de lado, pego a carta e rapidamente a leio. Minhas mãos tremem tanto que o papel treme.

Finalmente faz sentido, esta estranha carta de cofre.

Há uma pista dentro.

Perdi isso antes porque eu não tinha o quadro de referência certo. Eu não estava olhando para ele com os mesmos olhos. Mas agora que sei o que sei, a lógica é perfeita.

David não me falou sobre o cofre porque era um segredo. Um segredo destinado apenas a mim. Sua maneira

de me dizer que era algo especial foi me enviando a chave pelo correio.

Se ela não tivesse ficado presa em sua decrepita caixa de correio de saída, eu teria recebido aquela chave alguns dias depois que ele desapareceu. Talvez até no mesmo dia em que deveríamos nos casar. E se eu *tivesse* recebido naquela época, teria mostrado para a polícia. Sem dúvida. Eles teriam rastreado o cofre e feito o banco abri-lo.

E assim como quando abri, haveria apenas uma carta de amor dentro.

Não é dinheiro. Obrigações ao portador não marcadas. Nada suspeito, apenas uma carta.

A polícia teria pensado que era um beco sem saída. Mas eu deveria saber melhor.

Por causa daquela linha que estou tão desesperada para reler agora, que acho que vai me dizer tudo.

Nat,

Amo você. Primeiro e sempre, lembre-se disso. Você é a única coisa que já fez minha vida valer a pena, e agradeço a Deus todos os dias por você e por seu sorriso precioso.

Murmuro: — Homens idiotas mentirosos. — Pulo para o próximo parágrafo.

Uma vez você me disse que sempre se encontra na arte. Você disse que sempre que se perde, você se encontra em suas pinturas.

Minha linda Natalie, espero que você me encontre lá também.

— Encontre-me em suas pinturas, — digo lentamente.

Um arrepio cai sobre minha pele. Levanto minha cabeça e olho ao redor do quarto para todas as obras de arte penduradas nas paredes.

Olho para todas as *minhas pinturas* penduradas nas paredes.

E me lembro do filme que David e eu assistimos na semana anterior ao nosso casamento, quando estávamos sentados na cama.

Era um drama policial chamado *Traffic*. Havia várias histórias diferentes interligadas, todas sobre o comércio ilegal de drogas. Um juiz tem uma filha viciada em crack. Dois agentes da DEA protegem um informante.

A esposa de um rei das drogas continua no negócio quando ele é enviado para a prisão.

Catherine Zeta-Jones desempenhou o papel de esposa do rei das drogas. Ela estava incrível, é claro. Mas houve uma cena em que ela visita o marido na prisão, reclamando que ela e os filhos não têm dinheiro porque o governo confiscou todas as suas contas bancárias.

Seu marido, mantendo a calma, sabendo que os guardas estão observando e cada palavra que eles dizem está sendo gravada, diz algo casual do tipo — Talvez vender algumas coisas. Temos muitas coisas caras. — Pausa significativa. — Olhe para as pinturas.

Então ele *olha para* ela.

Ela, sendo esposa de um rei das drogas, sabe o que esse olhar significa.

E isso não significa vender a porra das pinturas.

Então, ela investiga todas as obras de arte da casa e encontra microfilmes escondidos nas molduras que detalham dezenas de contas bancárias offshore secretas, onde seu marido estacionou a maior parte do dinheiro ilegal.

Nesse ponto do filme, David se virou para mim e disse: — Ideia inteligente. Você não acha?

Não me lembro de minha resposta, mas lembro que ele estava me olhando com o mesmo olhar que o rei das drogas lançou para sua esposa.

Sussurro: — Jesus, David. Isso foi um exagero.

Então, vou de cômodo em cômodo, arrancando pinturas das paredes.

Examino as molduras, frente e verso. Examino as telas, frente e verso. Examino os colchões, as placas de montagem, as placas de apoio. Em um frenesi, rasgo dezenas e dezenas de peças de arte.

Não encontro nada.

Quarenta e cinco minutos depois estou desesperada.

Kage estará de volta a qualquer segundo, e terei que explicar o que estou fazendo. Então, saio por aí chutando cadeiras e quebrando lâmpadas até parecer que estava tendo um bom colapso à moda antiga, em vez de procurar um tesouro escondido.

Quando estou perdendo o juízo, fico parada no meio da sala, olhando os destroços em volta, imaginando o que perdi.

Então meu olhar cai sobre a pintura acima da lareira.

Eu deveria ter começado lá primeiro.

A pintura foi feita como presente no aniversário de um ano de David. Ele adorava este local específico em um prado

alpino com vista para o Lago Tahoe, chamado Chickadee Ridge. No inverno e na primavera, você pode ir lá com um punhado de alpiste, e os passarinhos voarão e se empoleirarão em sua mão estendida para se alimentar. É um lugar lindo e mágico, e a pintura reflete sua majestade silenciosa.

De todas as paisagens que pinte quando estávamos juntos, esta era a favorita de David.

Digo para a pintura: — Seu pedaço de merda planejador.

Uma esposa. *E* crianças.

E quase me casei com ele.

Como eu gostaria agora que ele tivesse caído da encosta da montanha como pensei que ele fez e esmagado sua cabeça deitada.

Sei que em breve, vou precisar de terapia intensiva para desvendar isso. Provavelmente muito. Provavelmente pelo resto da minha vida. Mas agora, estou em um tipo estranho de Neverland. O mundo – real – não existe.

Encontrar David – Damon – se tornou minha única realidade.

Pego a pintura da parede e coloco-a virada para baixo no chão. Removo a placa de apoio de madeira, expondo a moldura e a parte de trás da tela...

E a única palavra rabiscada com a letra de David na borda inferior.

Panamá.

Ele não teve que escrever mais. Ele sabia que eu saberia para onde ir apenas com isso.

Faço uma mala, ligo para meus pais e os convenço a ficar com um amigo até que eles tenham uma resposta minha, e deixo Mojo na Sloane.

Quando ela me pergunta para onde vou, digo a verdade: na minha lua de mel.

Então pego um táxi para o aeroporto e compro uma passagem, primeira classe.

Aquela conta fiduciária que Kage configurou para mim será muito útil.

Nat

O Villa Camilla Hotel, no Panamá, está situado entre uma praia de cordões prateados e uma floresta tropical na Península Azuero, na costa do Pacífico. Com apenas sete quartos, é um hotel pequeno, mas fabulosamente bonito.

Quando chego, é o início da tarde, noventa graus e opressivamente úmido. Estou murchando de botas, um suéter de gola alta e meu casaco de inverno pesado.

O atraente concierge me cumprimenta com um sorriso amigável. — Bem-vinda a Villa Camilla, señorita. Você está se registrando?

Suando, exausta de doze horas voando com uma conexão através do LAX, largo minha bolsa de viagem para os ladrilhos espanhóis vermelhos e me inclino na beira do balcão de mogno entalhado que nos separa. — Ainda não tenho certeza.

— Você gostaria de um tour pela propriedade ou um dos quartos? Temos duas lindas suítes disponíveis, ambas com vista para o mar.

— Na verdade, gostaria de saber se você tem alguma mensagem para mim.

— Posso certamente verificar. Qual é o nome do convidado que deixou a mensagem?

— David Smith. Mas ele não é um convidado.

Ela arqueia as sobrancelhas.

— É complicado. Deveríamos vir aqui na nossa lua de mel, mas... o casamento não aconteceu.

A concierge franze a boca em um formato de O preocupado. — Sinto muito por ouvir isso.

— Foi algo bom. Acontece que ele já era casado.

Ela pisca. — *Díos mio*¹⁸.

— Idiota. De qualquer forma, tenho certeza que ele deixou uma mensagem para mim aqui. Meu nome é Natalie Peterson. Você se importaria de verificar?

— É claro. — Ele começa a digitar no teclado. — Quando ele teria deixado a mensagem?

— Isso teria sido há pouco mais de cinco anos.

¹⁸ Meu Deus.

Seus dedos ficam imóveis. Ela olha para mim.

— Eu sei. É uma longa história.

Não posso dizer se a expressão em seu rosto é de curiosidade ou se ele está prestes a chamar a segurança. Em ambos os casos, ele começa a digitar novamente e balança a cabeça.

— Não tenho nada no sistema para Natalie Peterson.

Ah Merda. — Existe um lugar físico onde você guarda mensagens ou algo assim? Uma caixa de correio? Um arquivo?

— Não. Tudo vai para o computador. Esse tem sido o nosso padrão desde que abrimos.

Coloco minha cabeça em minhas mãos e gemo.

Todo esse caminho por nada. Por que diabos não liguei primeiro?

O que vou fazer agora?

Então uma lâmpada se acende. Pego meu celular, ignoro todas as mensagens perdidas e notificações de correio de voz de Kage, e uso o navegador da web para procurar um nome. Então me inclino ansiosamente sobre o balcão.

— Tente o nome Helena Ayala.

O concierge tem sobancelhas muito eloquentes. No momento, eles estão transmitindo que ela está começando a

se preocupar com sua segurança pessoal por causa da senhora maluca na frente de sua mesa.

Tento fazer meu sorriso parecer o mais lógico possível.
— Foi uma piada interna.

Na verdade, era o nome da esposa do rei das drogas preso no filme *Traffic*, mas não vou dizer isso a ela.

Após um momento de hesitação, o concierge começa a digitar novamente. Então, uma expressão de alívio substitui a preocupação em seu rosto.

— Sim. Aqui está.

Quase grito, *Put a merda!* Mas me contenho. — O que está escrito?

Ela levanta um ombro. — É apenas um endereço. — Ele rapidamente o rabisca em um pequeno bloco, arranca o pedaço de papel e o entrega para mim.

— Isso é próximo?

— É uma viagem de cerca de nove horas.

Quando meus olhos se arregalam, ela acrescenta rapidamente: — Ou uma hora em um avião.

Sentindo cada milha da jornada de Tahoe até aqui em meus ossos doloridos, fecho meus olhos e expiro. — OK. Obrigada. Acho que estou voltando para o aeroporto.

— Haverá um passeio de balsa também.

Quando abro meus olhos e olho para ele, ele dá um único passo para trás.

Minha loucura deve estar aparecendo.

— É uma ilha, señorita.

Repito lentamente, — Uma ilha.

— Quer que chame um táxi?

Ele já está atendendo o telefone. O pobre garoto não pode esperar para se livrar de mim.

Pego minha bolsa do chão, tiro uma nota de vinte dólares da carteira e entrego a ele. — Sim, por favor. E obrigada. Você tem sido muito útil.

Tenho misericórdia dele e espero o táxi lá fora.



Acontece que o concierge estava mal informado sobre a balsa ou só estava me zoando em retaliação por deixá-lo maluco, porque há um vôo direto da Cidade do Panamá para o meu destino. No momento em que desembarco do avião na pequena ilha verde-esmeralda chamada Isla Colón em Bocas

del Toro, já é fim da tarde e estou delirando de exaustão, fome e estresse.

Tenho tremores nas mãos. A pálpebra estremece. Dores de estômago. Além do mais, estou tendo alucinações, porque o Viktor sem cabeça se esconde atrás de cada poste e palmeira, sua artéria carótida cortada espirrando sangue nos transeuntes.

Chamo um táxi e digo ao motorista o endereço que a concierge do hotel me deu, na esperança de não ser mandado em outra perseguição louca.

Se houver um banco e uma caixa de depósito de segurança esperando por mim neste endereço para o qual estou indo, estou dizendo foda-se para toda essa bagunça ridícula e voando direto para Andorra para pegar meus dez milhões de dólares.

Vou morar na Antártica, onde os únicos machos solteiros são pinguins.

Fecho meus olhos e descanso minha cabeça contra o assento, me perguntando o que diabos vou dizer quando vir David.

O que poderia ser apropriado nas circunstâncias?

Oi! Faz muito tempo, idiota! Abandonou alguma mulher ultimamente?

Ou – Que *bom ver você, seu filho da puta! Obrigaaao pelos infernais últimos cinco anos!*

Ou... *Morra, canalha!*

Ou talvez eu deva manter as coisas simples e apenas dizer: *Surpresa!*

Mal posso esperar para ver seu rosto.

Também mal posso esperar para colocá-lo no fogo e apagá-lo com um martelo.

Não sei que emoção estou sentindo mais, mas estão todas juntas em um nó horrível no meu estômago e se contorcendo como uma cesta de cobras venenosas.

Pior de tudo, os pensamentos de Kage se mantêm firmes na minha mente, insistindo em ficar, mesmo quando os empurro de volta.

Sempre pensei que amor e ódio eram duas coisas muito diferentes, mas agora, eles são inseparáveis.

Sei que é apenas o choque e a adrenalina que me impedem de desmoronar completamente.

Evitando que meu coração se parta completamente.

Impedindo-me de arrancar meus olhos de dor.

Eu começaria um grupo de apoio para mulheres que se apaixonaram e foram traídas pelo assassino que foi enviado para matá-las, mas o único membro seria eu.

Ajude-me. Estou ficando louca.

O táxi para. Devo ter adormecido, mas agora estou bem acordada, olhando pela janela para um enorme portão de ferro flanqueado por duas altas colunas de pedra com leões esculpidos no topo.

Atrás do portão, em uma estrada sinuosa de cascalho, está uma casa, situada no topo de uma colina com vista para o azul cristalino do Mar do Caribe.

Não. Casa é a palavra errada.

É um palácio.

Com um brilho branco ao sol poente, a propriedade se estende por vários hectares de jardins bem cuidados. Fontes de pedra em camadas espirram em piscinas. Cascatas de buganvílias escarlates sobre balaustradas de mármore. Um pavão passa vagando, espalhando majestosamente sua plumagem.

E no meio de tudo isso, na entrada principal do prédio principal, duas enormes portas de carvalho escuro estão abertas.

Um homem está no espaço entre eles.

Quando saio do táxi, ele sai pela porta e começa a caminhar pela longa estrada de cascalho.

Ele é alto, magro e muito bronzado. Seu cabelo escuro é claro nas pontas pelo sol. Vestindo uma camisa social

branca para fora da calça enrolada nos antebraços, um par de shorts cáqui e chinelos, ele se aproxima.

Ao fazer isso, ele me observa com olhos castanhos afiados que eu reconheceria em qualquer lugar da terra.

E de todas as coisas que pensei que poderia fazer ou dizer neste momento, de todas as maldições que queria gritar e os insultos que queria lançar, a única coisa que me vejo realmente fazendo é cair de joelhos e lutar por respirar.

Quando meus joelhos tocam o cascalho, David começa a correr.

40

Kage

Fico no meio dos destroços da sala demolida de Natalie, pensando.

Ela não está atendendo ao telefone.

A bolsa e o carro dela sumiram.

O cachorro também se foi.

Meu primeiro pensamento é que ela foi para Sloane, mas Nat saberia que eu iria lá. Ela iria para outro lugar se quisesse me evitar.

Duvido que ela tenha corrido para os pais, mas é uma possibilidade. Tenho certeza de que há amigos do trabalho também, ou talvez ela simplesmente fosse para um hotel se acalmar.

Só há uma maneira de descobrir.

Pego meu celular e abro o GPS.

— O aeroporto, — murmuro, olhando para o pequeno ponto vermelho na tela.

Porra.

Espero poder chegar lá antes que ela embarque em um voo, mas mesmo que seja tarde demais, o sinal de posicionamento do celular que dei a ela me indicará seu destino final.

Nesse ínterim, tenho que descobrir uma maneira de matar um preso dentro de uma prisão de segurança máxima.

Não importa o que me custe, mesmo que o preço seja meu próprio sangue, Max está caindo.

Ninguém ameaça minha garota.

Nat

Quando desperto, estou deitada de costas em um sofá de couro com uma toalha fria na testa. Algum tempo se passou, porque o sol se pôs e os grilos cantam lá fora.

O quarto é amplo e arejado, decorado em estilo tropical balinês. O piso de madeira escura polida brilha. Samambaias, orquídeas e palmeiras aninham-se ao lado de mesas de teca entalhadas e sorridentes budas de pedra. Cortinas de linho branco transparentes balançam com a brisa de um par de portas francesas abertas. Sinto o cheiro do ar salgado e ouço gaivotas chorando em algum lugar distante, e tento me lembrar de como cheguei aqui.

David está sentado no sofá em frente ao meu, me observando.

Suas pernas bronzeadas estão cruzadas. Seus pés estão descalços. Seu olhar está fixo em mim com intensidade sem piscar.

Quando me sento abruptamente, a toalha cai no meu colo e a sala começa a girar.

— Você teve exaustão pelo calor, — diz ele calmamente.

A voz dele. Aquela voz baixa e rica que ouvi tantas vezes nos últimos cinco anos em meus sonhos e memórias queridas... aqui está.

Não fazendo nada por mim.

Uma mesa de centro quadrada de madeira nos separa. Nele estão artefatos de sua vida: livros de viagens, uma tigela de vidro com belas conchas, uma pequena escultura de bronze de um nu reclinado.

Estou tomada pela necessidade de espancá-lo com aquela escultura.

Encontro seu olhar e passo vários momentos de silêncio apenas olhando para ele, tentando não quebrar seu crânio. Ele parece bom. Saudável e bem descansado. Como se ele não se importasse com o mundo.

O mentiroso, trapaceiro e intrigante filho de um cachorro perneta.

— Ou talvez sejam os cinco anos que passei lamentando sua morte enquanto você vivia como um rei em uma ilha paradisíaca que está me afetando.

Ele pisca, lentamente, como se estivesse absorvendo isso. Um pequeno sorriso curva seus lábios.

— Senti falta daquele senso de humor letal, tulip¹⁹.

— Chame-me de novo pelo apelido e enfio essa tigela de conchas no seu traseiro.

Olhamos um para o outro. Ele finalmente se move, descruzando as pernas e sentando-se para frente para descansar os antebraços nas coxas. Ele me fixa em seu olhar penetrante.

— Por que você demorou tanto para chegar aqui?

Ele diz gentilmente, não como uma acusação, mas é o que parece.

Como se ele pensasse que *falhei*.

— Puxa, não sei. Pode ser o fato de que pensei que você estava morto.

— Eu te enviei a chave...

— Aquela chave idiota ficou presa na saída da sua caixa de correio. Só a recebi recentemente, depois que o dono do Thornwood a encontrou durante as reformas.

Seus lábios se abrem. Então ele fecha os olhos e exala.

— Sim. Ótimo plano, David. Você sabe o que teria sido melhor? *Um telefonema*.

¹⁹ Tulipa.

Ele balança a cabeça, franzindo a testa. — Eu não poderia correr o risco de contatar você diretamente. A polícia estava rastejando em cima de você por meses.

— Ok, isso cobre os primeiros meses. Que tal os quatro anos e meio depois disso?

Quando ele olha para mim agora, seu olhar está avaliando, como se eu fosse alguém que ele nunca conheceu antes.

Ele diz suavemente: — Você mudou.

— Sim. Não estou mais preocupada em ser fácil de engolir. Você pode sufocar.

Depois de outra pausa de silêncio, ele diz: — Por que você está tão zangada comigo?

Não me lembro dele ser tão estúpido.

— Puxa, por onde começar? Oh, aqui está um bom lugar: você desapareceu. Um. Dia. Antes. Do. Nosso. *Casamento*.

Ele se levanta abruptamente e atravessa a sala, as mãos enfiadas nos bolsos da bermuda, os ombros tensos. Olhando pelas portas francesas abertas em direção ao mar, ele diz: — Não sou o homem que você pensa que sou, tulip. Há muito que não te contei.

— Já estou atualizada sobre isso, David. E não me empurre com essa coisa da tulip. Eu quis dizer o que disse sobre a tigela de conchas.

Ele olha para mim por cima do ombro. Então ele olha para minha mão esquerda.

— Há algo que você não está me dizendo também, não é?

Torço o anel da promessa de Kage com meu polegar. De repente, parece quente, como se pudesse queimar minha pele e queimar meus ossos.

Quando permaneço em silêncio, ele diz: — Conheço um nó de amor russo quando vejo um, Natalie.

— Aposto que você conhece. Você deu um para Claudia?

A surpresa pisca em seus olhos. É seguido rapidamente por um alarme.

Ele se vira das portas francesas e caminha de volta para mim, sua expressão preocupada e seu tom aumentando. — Como você sabe sobre Claudia? Quem está falando com você?

— O quê, sem negações? Não é típico de você não ter uma boa história de capa pronta para começar.

Ele ignora meu sarcasmo estrondoso. — Quem quer que seja, você não pode confiar nele. Ele está apenas tentando se aproximar de você para descobrir informações sobre mim

Interrompo em voz alta: — Eu sei. Também estou presa lá. Tem sido uma risada um minuto nos últimos dias, deixe-me dizer a você.

Ele se agacha na minha frente, segurando minhas mãos úmidas e olhando nos meus olhos.

— Diga-me quem entrou em contato com você. Diga-me o que aconteceu. Diga-me como você chegou aqui – tudo.

Ele deve ser capaz de ver que estou prestes a arrancar seus olhos com um belo e afiado golpe de meus polegares, porque adiciona suavemente: — Por favor.

Posso sentir o cheiro dele agora que está tão perto. Aquela mistura velha e inebriante de especiarias e sândalo. Doce e cremoso, suave e quente, chega ao meu nariz como o canto de uma sereia.

Como eu costumava adorar esse cheiro. Como costumava ser reconfortante.

Ênfase em – *costumava*.

Em vez de sentir surpresa ou dor por sua voz, cheiro e olhar persistente não terem mais o poder de me mover, estou incrivelmente aliviada.

Vai ser muito mais fácil mandá-lo para o inferno agora que não estou mais apaixonada por ele.

A imagem do rosto bonito de Kage pisca na frente dos meus olhos. Quando pisco com força, ele desaparece.

— Você primeiro, amante. Diga-me por que você me deixou na véspera do nosso casamento sem sequer se despedir. Um grande caso de pés frios? Ou você bateu a cabeça e lembrou que já era casado?

Ele respira fundo e depois o solta, curvando a cabeça para descansar em nossas mãos entrelaçadas. Ao contrário da minha, sua testa é fria e seca.

Ele murmura: — Eu nunca quis machucar você. Sinto muito, Natalie.

— Excelente. Pule para a parte boa.

Ele exala pesadamente, pressiona um beijo suave nas costas de cada uma das minhas mãos e as libera, subindo. Ele volta para o sofá em frente ao meu e se senta.

— Presumo que você saiba que estive envolvido com a máfia.

— Sim.

— Eu era um contador do sindicato de Nova York. Eu me reportava diretamente ao chefe.

— Maxim Mogdonovich.

David concorda. — Era um trabalho de escritório. Não sujei minhas mãos. Nunca fiz mal a ninguém.

— Whoopee (maravilha) para você. Continue falando.

Ele faz uma pausa para apertar a mandíbula por um tempo. Ele não gosta do meu novo *eu* mandão.

— Eles me recrutaram logo após a faculdade com uma oferta de um salário ridículo. Aos vinte e dois anos, era impossível eu resistir a tanto dinheiro. Então aceitei o trabalho. Disse a mim mesmo que não estava fazendo nada de errado. Eu não estava machucando as pessoas. Mas depois de quase uma década trabalhando para eles, mudei de ideia. Fui cúmplice da violência deles, embora nunca derramei uma gota de sangue. Minhas habilidades os ajudaram a prosperar. Então decidi que queria sair. Permanentemente.

Ele parece sincero, mas este homem é um mentiroso realizado. Dormi com ele por anos e nunca tive a menor ideia de que ele não era quem dizia ser.

Faço um gesto para ele continuar.

— Exceto que não há uma saída de Bratva. Você não pode apresentar sua renúncia e ir embora. Tive que fazer um plano cuidadoso, o que fiz.

— Então você entregou Mogdonovich ao governo.

— Sim. Dei a eles tudo que eles precisavam para prendê-lo por crimes suficientes para prendê-lo para sempre. Em troca, eles me deram uma nova identidade, me realocaram e varreram minha existência dos livros. Essas eram coisas que eu não poderia fazer sozinho.

Olho para ele, tão enfadonho e estudioso. Tão diferente de Kage.

Pare de pensar em Kage!

— E quanto à sua esposa, David? E os seus filhos?

Sua expressão endurece. Por um momento, ele parece mais um gangster do que um contador.

— Claudia odiava minhas entranhas. Foi um casamento arranjado. Ela era de uma das famílias italianas com a qual Max queria fazer uma aliança. Ele estava sempre forçando as pessoas a esse tipo de arranjo para provar sua lealdade. Ela me traiu o tempo todo. Flagrantemente. Nem acho que essas crianças eram minhas. Eles se pareciam exatamente com seu guarda-costas siciliano cabeludo.

Penso em Kage me dizendo como ele não poderia se casar comigo porque Max tinha controle sobre toda a sua vida, incluindo isso, e sinto uma pontada de empatia por David.

Então, penso em todas as vezes que tive vontade de me matar depois que ele desapareceu, e a pontada de empatia se transforma em uma nuvem de fumaça.

— Você poderia ter me dito. Você poderia ter me contado tudo isso.

Seus olhos castanhos brilham de emoção. Ele balança a cabeça lentamente. — Eu deveria, mas eu te amei demais. Eu

não estava disposto a correr o risco de que você me deixasse se descobrisse a verdade.

Ele sempre foi avesso ao risco. Sentindo-me tonta de novo, desvio o olhar.

— Então, você me deixou. Disse-me que você ia fazer uma caminhada e nunca mais voltou.

Encontro a vontade de fazer contato visual com ele novamente e sussurro: — Quebrou meu coração de mil maneiras e me deixou como um zumbi. Deixou-me para morrer. Você pode imaginar como tem sido para mim? Não sabendo o que aconteceu com você? Todo esse tempo... não sendo capaz de seguir em frente?

Posso dizer que ele quer pular do sofá e me pegar nos braços, mas não quer. Em vez disso, ele olha para o meu anel.

Sua voz fica rouca. — Você não mudou?

A esperança em sua voz me faz querer quebrar alguma coisa.

Digo acidamente: — Vamos voltar à parte em que você explica por que saiu um dia antes do nosso casamento. Vamos conversar um pouco sobre isso.

Ele se senta para frente, apoia os cotovelos nos joelhos e deixa o rosto cair nas mãos. Seu suspiro é uma grande e pesada rajada de ar.

— Meu encarregado do programa de proteção a testemunhas me disse que eles obtiveram informações confiáveis de que minha localização em Lake Tahoe foi comprometida. Eles insistiram que eu me mudasse novamente, imediatamente. Eles quase não me deram nenhum aviso antes de me liberarem.

Quando ele levanta a cabeça e olha para mim, seus olhos estão cheios de dor.

— Eles disseram que eu nunca poderia entrar em contato com você novamente. Disseram que você estaria sob vigilância para sempre pelo pessoal de Max. Que eles usariam você como uma armadilha para me atrair de volta. E se eu cometesse o erro de cair na armadilha, eles não teriam mais uso para você. Você seria morta. Posso muito bem estar puxando o gatilho sozinho. Mas enquanto eu ficasse longe, você continuava viva. E pensei... pensei que você pegaria a chave e encontraria a carta, e você entenderia que precisava tomar precauções extremas...

— Essa é uma grande suposição sobre minha capacidade de conectar alguns pontos muito distantes.

Ele diz suavemente: — Você sempre foi mais inteligente do que acreditava. Tive fé.

Olhamos um para o outro. Um milhão de memórias de nossa vida juntos aglomeram minha cabeça. É um momento antes que eu possa finalmente falar novamente.

— E quanto ao dinheiro que você desviou de Max? Vivíamos como pobres. Você beliscou cada centavo. Você costumava me fazer enxaguar e reaproveitar sacolinhas de plástico, lembra? E agora você está aqui, vivendo como uma estrela de cinema.

— Os federais não sabiam que peguei o dinheiro. Mas se eu tivesse começado a comprar carros chamativos e casas grandes, eles teriam descoberto o que fiz. E acredite em mim quando digo que não há nada mais que o governo federal queira do que dinheiro. Eles teriam descoberto como tirar isso de mim, de uma forma ou de outra. Eles provavelmente teriam me enviado para a prisão se eu não obedecesse. E eu não deixaria que me colocassem na mesma prisão que Max.

Isso está ficando cada vez pior.

É a minha vez de deixar cair meu rosto em minhas mãos e exalar pesadamente.

David continua. — Passei a primeira semana depois de deixar você em Juneau, Alasca, morando em um apartamento que os federais alugaram para mim sob o nome de Antoni Kowalski. Então me separei. Eu sabia que você me procuraria no Panamá, então vim aqui. O caminho mais longo. Peguei carona na rodovia Pan-americana para que não houvesse nenhum vestígio de onde eu tinha ido. Então, depois que cheguei aqui, liquidei parte da criptomoeda em que investi o dinheiro de Max e comprei este lugar. Então esperei.

Ele faz uma pausa por um momento para respirar lentamente. — Estou esperando desde então.

Eu gostava mais quando estava com raiva. Agora estou exausta e deprimida.

Quando não digo nada, ele pergunta gentilmente: — Quem te contou sobre mim?

Levanto minha cabeça e encontro seu olhar, sabendo que a próxima parte vai ser ruim. — Kazimir Portnov.

O rosto de David instantaneamente fica branco como o lençol.

— Sim. Essa é a reação de quase todos quando ouvem seu nome.

— Ele... ele... — David engole, piscando com força. — Ele te machucou?

— Não fisicamente.

— Não entendo.

Tento pensar em uma maneira de dizer isso em voz alta que não pareça ridícula. Não há nenhum, então apenas digo a ele a verdade.

— Ele veio a Tahoe em setembro passado para me torturar para obter informações sobre você e depois me matar.

David faz um pequeno ruído horrorizado. Sorrio severamente.

— Espere. Fica pior. Em vez de ser um bom assassino e atirar na minha cabeça e depois me jogar no lago, ele pensou que seria divertido me fazer apaixonar por ele primeiro. O que ele fez, o bastardo.

A boca de David cai aberta. Ele parece que está prestes a vomitar.

— Sei. Sou uma idiota. Aparentemente, tenho um tipo bem específico: mafiosos que mentem descaradamente para me meter nas calças deles, mas não têm intenção de ficar comigo. Ou me mantendo viva. De qualquer forma, avance cinco meses e Mogdonovich descobre que Kage ainda não me matou. Ele ainda está brincando com a grande idiota que ele deveria matar. Como um gato com um rato. Você sabe como os gatos batem em ratos por um tempo, aproveitando a fase de caça e mutilação antes de finalmente começarem a trabalhar e arrancar a cabeça deles? Era Kage comigo. Mas estou divagando – então Mogdonovich fica puto porque não estou morta e manda Viktor.

David faz um som sufocado.

— Oh, você conhece o Viktor? Olhos azuis antigos? Tão encantador. Pelo menos ele não tentou fazer eu me apaixonar por ele. Ele era todo profissional. Exceto que a piada é sobre ele, porque ele teve sua cabeça estourada com uma espingarda.

David resfolega de horror. Continuo falando.

— Descobri sobre o dinheiro e a pista na carta por causa de Viktor, a propósito. Se ele não tivesse aparecido, eu ainda estaria felizmente inconsciente de que você estava vivo e Kage estaria me tocando como um violino.

Paro para respirar, mas não consigo. Meus pulmões estão congelados. É quando percebo que meu rosto está contorcido e minhas bochechas estão molhadas.

Estou chorando.

Então uma voz profunda atrás de mim diz: — Nunca estive brincando com você, baby. Eu te amei desde o primeiro dia.

Giro ao redor. David pula de pé.

Ambos olhamos com horror para Kage, emergindo das sombras de uma porta.

Sua expressão é fria como uma pedra, ele tem uma expressão letal nos olhos e está segurando uma arma.

Está apontado para David.

Nat

Meu estômago despenca. Minhas mãos começam a tremer. Por um longo e terrível momento, o silêncio reina. Fico olhando para Kage, tão perigoso e bonito, e meu coração se parte novamente.

Amo-o.

E me odeio por amá-lo, este homem que faz meu corpo queimar e conta as mentiras mais doces.

— Como você me achou? — Digo baixinho, um tremor em minha voz.

Kage mantém seu olhar mortal em David quando ele responde. — Não há nenhum lugar na terra que você possa se esconder de mim.

David diz: — Você sempre foi bom em encontrar pessoas, Kazimir. Suponho que você ainda tenha contatos com os federais que você pode subornar para lhe dar acesso aos registros de voos e listas de passageiros?

Ele parece abalado, mas tentando ser corajoso. Kage ignora isso e rosna: — Eu deveria matar você pelo que você a fez passar.

Sussurro: — Kage, não. Não o machuque. Por favor.

Quando ele olha para mim, seu olhar se suaviza. — Não vou, baby. Prometo. Mas só porque você não quer.

Ele olha de volta para David, e toda a suavidade se transforma em gelo. — Só para constar, não tínhamos ideia de que você tinha ido para Tahoe até o ano passado. Não tínhamos um homem dentro da agência até então. Portanto, ou seu contato no WITSEC estava mentindo sobre o nosso fechamento há cinco anos ou você está. Meu dinheiro está com você. Você sempre foi cheio de merda.

Quero me virar para ver a expressão de David, mas não consigo. Meu olhar está colado no rosto de Kage, enquanto meu cérebro confuso gira em uma roda de hamster, girando descontroladamente com perguntas.

Se ele não vai matar David, por que ele me seguiu até aqui?

Por que ele ainda está me chamando de – baby – quando sabe que conheço seu jogo?

E por que ele arriscaria sua própria vida só para dormir comigo?

Ele devia saber que seu chefe não toleraria a desobediência. Ele saberia que sua cabeça ficaria presa em uma estaca se aquele idiota do Maxim descobrisse que não me matou imediatamente, mas sim brincou por meses sem conseguir nenhuma informação de mim sobre David...

Ou talvez aquele telefonema de Maxim fosse parte de um plano elaborado para me assustar e me deixar desesperada? Eles não haviam recebido nada de mim ainda, então eles encenaram um grande confronto dramático que definitivamente me faria falar se eu soubesse de alguma coisa?

Mas então por que Kage teria atirado em Viktor? Isso também fazia parte do plano?

Não sei. Não sei! Gah!

Ele ainda é um mentiroso, não importa o quê. Ele nunca me disse que conhecia David. Ele sabia que David estava na máfia, se casou, roubou dinheiro, fugiu e se escondeu, e tudo mais. Ele sabia de tudo isso enquanto me fodia sem sentido.

Mas isso era realmente mentir ou era outra coisa?

Algo como... guardar segredos.

Com o qual concordei 100%.

Oh Deus.

Tirando-me da minha tempestade de pensamentos, David diz: — Você vai querer o dinheiro. Posso devolver tudo o que tirei de Max.

— Não quero a porra do seu dinheiro, Damon.

O gole de David é audível. — O que você quer então?

Kage olha para mim novamente, e agora seus olhos estão queimando. Duas brasas escuras de amor.

— A minha mulher.

Ficamos em silêncio novamente. Sinto David olhando para minhas costas, mas não consigo me virar para olhar para ele. Estou caindo muito fundo nos olhos de Kage.

Finalmente, David diz: — Se Max sabe que você o desobedeceu e você não devolver o dinheiro...

— Estou morto. Eu sei. — O tom de Kage indica que ele dá zero trepadas.

— Vocês *dois* estão mortos.

— Ele não vai tocar nela. Estou lidando com isso.

Sussurro: — A menos que...

Ao mesmo tempo, David e Kage repetem, — A menos?

Umedeço meus lábios, tremendo todo. — Vamos nos esconder.

Os olhos de Kage brilham com calor. Ele abaixa a arma para o lado e diz baixinho: — Nós?

Fecho meus olhos e respiro fundo, reunindo minhas forças. Então abro meus olhos novamente e olho para ele. —

Não pense que te perdoo, pois não perdoo. Só preciso de um novo lugar para morar. Não posso mais dormir naquela casa, sabendo que o fantasma de Viktor está à espreita.

Com a voz cheia de amor, Kage diz: — Sua mentirosa.

— De volta para você, gangster.

De algum outro lugar da casa, uma voz de mulher grita: — Querido? Onde você está? Estou em casa!

Estou atordoada por um segundo, então me viro e olho para o rosto de David. De alguma forma, ficou ainda mais branco do que antes. Ele é da cor de papel de copiadora.

Atrás dele, uma morena atraente aparece na sala. Ela é jovem e curvilínea, sorrindo amplamente, mas o sorriso desaparece de seu rosto quando ela vê nós três parados ali, e Kage segurando uma arma.

Ela congela. Olha para frente e para trás entre nós com olhos arregalados.

— Nikki? — Ela diz, sua voz alta e firme. — O que está acontecendo?

Alarmada, ela leva a mão à garganta. O enorme diamante em seu dedo anelar esquerdo brilha tão intensamente que é quase cegante.

Ainda esperando por mim, uma ova. Deus, os homens são tão decepcionantes.

Olhando para David, digo baixinho: — Quanto tempo você realmente esperou que eu te encontrasse?

Ele engole. Umedece seus lábios. Muda seu peso de um pé para o outro. — Um ano.

Kage diz secamente: — Agora você quer que eu atire nele?

Espero a dor chegar, mas ela nunca vem. Não sinto nada.

Depois de todo esse tempo, não me importo mais.

Kage caminha ao redor do sofá e pega minha bolsa de viagem do chão, jogando-a sobre o ombro. Ele enfia a arma no cós da calça jeans. — Venha baby. Hora de ir.

Então ele fica lá esperando, estendendo a mão.

Ando até ele e pego.

Antes de irmos, volto para David e digo: — A propósito, *Damon*, seus filhos não parecem sicilianos. Eu vi fotos. Eles se parecem exatamente com você.

Quando estamos saindo, ouço a nova esposa de David dizer em voz alta: — Quem é Damon? Quais *crianças*?

Se ela tiver sorte, não levará mais de cinco anos de sua vida para descobrir a verdade sobre o homem que ela está chamando de Nikki.

Espero que ela receba metade desses cem milhões.

Tenho certeza que ela merece.

Kage

Desde o momento em que saímos da casa de Damon, Natalie não fala mais comigo.

Passamos a noite em uma suíte de hotel. Peço serviço de quarto e preparo um banho para ela. Vejo-a comer em silêncio, isso é sufocante. Ouço os sons dela tomando banho atrás da porta do banheiro trancada e quero chutá-la e forçá-la a falar comigo.

Mas não.

Este sofrimento é minha penitência. Não importa quanto tempo seu silêncio dure, vou esperar.

Ela dorme na cama king size. Fico acordado no sofá, com o coração doendo, e ouço sua respiração.

Na manhã seguinte, voamos para Nova York. Ela não pergunta para onde estamos indo. Acho que ela está em um estado de choque profundo ao ver Damon.

Eu deveria ter atirado naquele idiota quando tive a chance.

Quando chegamos a La Guardia, ela está dormindo. Solto o cinto de segurança e aliso seu cabelo. — Baby. Acorde. Chegamos.

De olhos fechados, ela murmura: — Onde?

— Casa.

Suas pálpebras tremem, então se levantam. Ela me encara por um momento, depois olha pela janela.

É óbvio que ela pode dizer pela vista que não pousamos no Reno-Tahoe International.

Mas ela apenas respira fundo e se levanta, evitando meus olhos.

Ela se recusa a olhar para mim no caminho para a cidade. Ela também não olha para o meu motorista, nem mostra surpresa ao ver o Bentley esperando por nós na pista. Ela apenas olha pela janela, seu olhar distante.

Tenho que manter minhas mãos fechadas em punhos ao meu lado para não puxá-la contra meu peito e enterrar meu rosto em seus cabelos.

Quando entramos em Manhattan, ela estica o pescoço para olhar os arranha-céus pelos quais passamos. Ela parece muito jovem, olhando pela janela com os olhos arregalados, os lábios entreabertos de admiração.

Quero levá-la a todos os lugares do mundo para que eu possa ver aquela expressão em seu rosto uma e outra vez.

Assim que eu recuperar sua confiança, eu vou.

Ela fica distraidamente brincando com o anel que dei a ela, girando-o com o polegar. O fato de ela não ter tirado é um bom presságio.

Eu gostaria que ela me dissesse o que está pensando.

Quando paramos no estacionamento da minha casa na Park Avenue, ela se recosta em seu assento e agarra a maçaneta, olhando para frente. Mesmo de perfil, vejo sua ansiedade.

Sinto isso, saindo dela em ondas.

Digo gentilmente: — Esta é minha casa. Uma delas. Estaremos seguros aqui até que isso acabe.

Ela engole, mas não pergunta o que quero dizer com isso.

Estendo a mão e agarro sua mão. Está fria e úmida. Quando aperto, ela se retira, deslizando as mãos entre as coxas, fora de alcance.

Pegamos o elevador privativo para o octogésimo segundo andar. As portas se abrem, mas ela não se move. Ela fica congelada no canto, piscando, olhando para o saguão da cobertura.

— É o andar inteiro. 8.000 pés quadrados. Vistas de 360 graus da cidade de Nova York. Você vai amar.

Depois de um momento, ela dá um passo à frente hesitante. Mantenho as portas abertas para ela, ignorando a campainha do alarme eletrônico quando começa a tocar. Ela sai do elevador e entra na minha casa, sem parar até que ela atravesse a sala de estar e esteja de pé nas janelas de vidro do chão ao teto no lado oposto dos elevadores.

Por um longo tempo, ela silenciosamente contemplou a vista do Central Park.

Então ela se vira para mim e diz baixinho: — Não vou voltar ao trabalho, vou?

Sabendo que nunca mais poderei esconder um fragmento da verdade dela novamente, respondo sem hesitação. — Não.

— Ou Lake Tahoe.

— Não.

— Permanentemente?

— Correto.

— E se eu disser que quero?

Digo suavemente, — Você não quer, baby. Você já teria me contado se quisesse.

Ela respira lentamente. Olhamos um para o outro. Meus braços doem para sentir seu calor.

— Deixei o Mojo com o Sloane.

— Vou trazê-lo aqui. Junto com todas as suas coisas de sua casa.

Depois de um momento, ela sussurra roucamente, — Apenas queime essa maldita casa. Queime tudo.

Quando dou um passo em sua direção, meu coração lateja, ela levanta a mão para me impedir.

— Ainda não, Kage. Você precisa me deixar em paz por um tempo.

Sua voz está quebrada. Seus olhos brilham com lágrimas não derramadas.

Vou deixá-la sozinha o quanto ela quiser mais tarde, mas agora ela precisa de seu homem.

Quando ando para frente, meu olhar se fixa no dela, ela diz com firmeza, — Não.

— Sim.

Agarro-a, puxo-a contra meu peito e aperto-a com força. Ela não se afasta, mas também não me abraça de volta. Coloco a mão em seu cabelo e sussurro em seu ouvido.

— Diga-me o que fazer. Farei qualquer coisa.

Com o rosto escondido na minha camisa, ela suspira. — Você pode começar pegando uma taça de vinho para mim. Não posso lidar com essa merda sóbria.

— Você vai fugir assim que eu entrar na cozinha?

— Tive o pensamento. Mas sei que você me seguiria, então... — Ela suspira novamente.

— Eu poderia. Sempre vou te seguir. Você é minha estrela do norte.

Ela faz um barulho estrangulado e enterra o rosto mais fundo no meu peito. Meu coração dispara, beijo sua garganta e a abraço mais perto.

— Pare de cheirar meu cabelo, pervertido.

— Não posso evitar. Seu cheiro é minha droga favorita.

— Se você disser mais uma coisa romântica, vou vomitar.

Ela está com raiva, magoada e em estado de choque, mas por trás de tudo isso, ouço algo mais em suas palavras.

AMOR.

Quase gemo alto.

Enterrado no bolso de trás, meu celular toca. Não quero atender, mas estou esperando uma ligação importante.

Se for o que estou esperando, não posso perder.

— Vá em frente, — Nat diz suavemente, se afastando. — Posso dizer que você quer.

— Vou pegar aquela taça de vinho. Volto já.

Assentindo, ela se vira e envolve os braços em volta da cintura. Deixa-a olhando pela janela e vou para a cozinha, puxando o telefone e colocando-o contra o meu ouvido.

O número está bloqueado, o que é um bom sinal. Todos os outros que me ligam estão programados.

— Fale comigo.

— Está feito.

A voz do outro lado da linha tem um leve sotaque italiano. Massimo só viveu na Itália até os dez anos de idade, mas ainda mantém um toque de sua pátria em seu discurso.

— Bom. Quão?

— Uma briga começou no refeitório. Parecia que ele estava no lugar errado na hora errada. Foi pego no fogo cruzado, por assim dizer. Não haverá perguntas.

Ouvindo isso, respiro mais fácil. Até que Massimo acrescenta: — Você me deve por isso.

Esses filhos da puta italianos insistentes. Sempre pedindo mais.

Mas eu esperava isso. Um negócio tão complicado como este nunca é simples.

— Estou abrindo as portas para você, lembra? Você pode retomar o comércio, fazer o dinheiro fluir, quando todas as outras famílias ainda estão presas. Esse era o acordo. Estamos bem.

Sua risada é curta e dura. — Não. Derrubar o chefe de uma família é grande demais para nos igualar. E você sabe que tudo o que preciso é eu vazar uma palavra sobre isso e você estará ferrado.

— Ninguém acreditaria em você, Massimo. Você é um mentiroso patológico.

— Acho que é uma chance que você teria que correr, não é? Sempre há algum descontente ambicioso nas fileiras que ficaria feliz em iniciar um golpe e se instalar como o novo rei. — Ele ri novamente. — Você deveria saber.

Não estou preocupado com esta ameaça. Sinto que Massimo tem outra coisa que deseja. Ele não se importa em me expor, mas se preocupa em obter vantagens.

Seja o que for, ele vai revelar eventualmente.

— Vá em frente. Diga o que você quer. Meus homens são leais e estamos no meio de uma guerra. Você pareceria um idiota.

— *Seus* homens? Max ainda nem está com frio e você já está tomando as rédeas? Você é um foda cruel, Kazimir.

— Lembre-se disso da próxima vez que você me ameaçar.

Ele zomba. — Como se eu não tivesse seguro para esse cenário. Caio morto, todos os chefes das famílias russas recebem de mim um pequeno pacote, explicando o que você fez.

— Certo. A prova?

— Uma gravação desta conversa, para começar.

Sorrio, abrindo a adega. — É uma pena que tenho um codificador de sinal, então tudo o que você ouve na reprodução é o ruído branco.

No silêncio seguinte, ouço Massimo fervendo de raiva.

— Olhe, aprecio o seu esforço. E estou com um humor generoso. Então, enquanto o que você disse for verdade, e eu vir no noticiário que Max morreu em uma briga na prisão como um espectador inocente, apanhado no frenesi de um bando de italianos malucos espancando cada um por causa das drogas, vou te conceder um favor. Olhe para o outro lado se quiser roubar uma de nossas remessas, algo assim. *Concorda?*

Ele faz uma pausa. — *Concordo.*

Sua pausa foi muito breve para que eu acreditasse que seria algo tão pequeno e inconveniente quanto roubar uma remessa, mas cuidarei disso quando acontecer.

Uma coisa de cada vez.

Desligamos sem um adeus.

Sirvo duas taças de vinho e volto para a sala. Nat está exatamente onde a deixei, olhando pela janela.

Ela pega o copo que estendo para ela sem dizer uma palavra.

— Quero te mostrar algo.

Bebendo seu vinho, ela olha para mim.

— É este caminho.

Viro-me e me afasto, sabendo que a maneira mais certa de levá-la a fazer algo é não insistir para que ela faça.

A menos que ela esteja amarrada na cama, ela odeia ser mandada por aí.

Com certeza, ela segue, seus passos suaves no piso de madeira. Conduzo-a pela cozinha e sala de jantar formal, abaixo um corredor e para um dos quartos de hóspedes no final. Então abro a porta e me afasto para permitir que ela olhe para dentro.

Com o olhar cauteloso, ela espia dentro da sala.

Ela engasga.

— É seu, — murmuro, apreciando sua expressão de espanto.

Ela o encara por um momento, olhando ao redor com os olhos arregalados. — Há quanto tempo você tem isso assim?

— Desde que você me disse que era minha.

— Mas você disse que nunca poderíamos viver juntos. Que eu nunca poderia te visitar aqui. Então, por que ter todo esse trabalho?

Ela aponta para a sala. É um ateliê de artista, cheio de coisas de artista: tintas, pincéis, cavaletes, telas em branco de todos os tamanhos esperando para serem coloridas.

Estendo a mão para acariciar sua bochecha acetinada, murmuro: — Quando a saudade piorasse, eu viria sentar aqui e imaginar você naquele banquinho em frente ao cavalete, pintando algo que a deixasse feliz. Talvez uma foto minha.

Ela me olha com lágrimas nos olhos.

Quero beijá-la, mas não beijo. Aconteça o que acontecer a seguir, ela tem que ser aquela que inicia.

Posso ser o rei da máfia russa agora, mas minha rainha sempre terá o maior poder. Só ela pode me fazer ou quebrar com uma única palavra.

Ela diz: — Você disse que nunca me traria aqui. Então, o que mudou?

— Max está morto.

Ela pisca. Aceno, deixando-a levar um momento para processar isso.

— Vocês...

— Sim.

— Por quê?

Digo baixinho: — Qualquer homem que ameace você perde a vida, não importa quem ele seja.

Ela pisca novamente. Umedece seus lábios. Toma outro gole de seu vinho.

Sua mão está tremendo.

— Isso é meio que uma grande coisa para você, certo? Quer dizer, politicamente.

— Sim.

— Vai ficar bagunçado?

— O que você quer dizer?

— Haverá outros caras lutando contra você para ficar no comando agora que Max se foi?

Ela morde o lábio. Suas sobrancelhas estão unidas. Não tenho certeza do que ela realmente significa por um momento, até que percebo que ela está preocupada.

Sobre minha segurança.

Sobre mim.

Seja qual for essa emoção que está se expandindo como um balão quente dentro do meu peito, nunca senti isso antes.

Minha voz sai rouca. — Não. Haverá uma votação, mas isso é uma formalidade.

Ela acena com a cabeça, desviando o olhar. Em voz baixa, ela diz: — Isso é bom.

É preciso cada grama de autocontrole que tenho para não jogar esta maldita taça de vinho que estou segurando no chão e esmagar minha boca na dela. Preciso prová-la tanto que estou quase salivando.

Ela sente isso. Olhando para o meu rosto, suas bochechas coram. Ela desvia o olhar novamente, engolindo.

— Preciso falar com meus pais. Eles provavelmente pensam que tive um colapso mental. Eu estava gritando como uma lunática quando liguei para eles.

Mantenho minha voz suave, então não a assusto com um rosnado necessitado. — É claro. Vou te dar um pouco de privacidade. Estarei na cozinha.

Viro-me para ir embora, mas ela me impede dizendo meu nome.

Quando volto para ela, vejo o quão duro ela está tentando se controlar. Seu lábio inferior está tremendo e seu

rosto está pálido, mas seus ombros estão retos e ela está ereta.

Ela diz: — Obrigada.

— Pelo que?

— Por salvar minha vida.

Olhamos um para o outro. O ar entre nós estala.

Digo baixinho: — Eu te disse, baby. É meu dever e prazer cuidar de você.

Então me viro e vou embora, deixando-a decidir se isso é o suficiente para compensar todos os meus outros pecados.

É uma pena que eu não seja o tipo de homem que ora.

Eu realmente poderia usar a ajuda de um poder superior agora.

Nat

Na ligação frenética que fiz aos meus pais antes de deixar Tahoe, disse-lhes que um ex-namorado com quem namorei fez ameaças de que iria à casa deles e os cortaria com um facão, a menos que eu voltasse com dele.

Dramático, eu sei, mas foi eficaz.

Eles adoram assistir a verdadeiros documentários sobre crimes. Minha mãe espera que alguém invada a casa deles e os mate há anos.

Então, quando ligo de volta e digo que o suposto ex foi preso e está na prisão, ela quase parece desapontada.

Quando ela me pergunta como tudo está indo, digo: — Ótimo.

Porque nenhuma mãe quer ouvir que o novo namorado de sua filha é o chefe da máfia russa que originalmente deveria matá-la, mas se apaixonou por ela e recentemente a salvou de ser baleada no rosto por outro assassino cujo

cérebro está agora decorando o teto da casa em que ela cresceu.

Isso seria um pouco demais, mesmo para ela.

Desligo e ligo para Sloane.

Ela atende, gritando. — Tenho estado muito preocupada! Você está bem?

Deslizo para o chão e sento-me com minhas costas contra a parede e meus joelhos dobrados, olhos fechados. — Sinto muito. Sei que saí um pouco perturbada.

— Um *pouco*? Você saiu como se estivesse sendo perseguida por uma horda de demônios comedores de almas! E você não quis me dizer o que diabos estava acontecendo! O que aconteceu?

Penso por um momento, tomo um gole do meu vinho e decido ir em frente e pular.

— Um assassino da máfia chamado Viktor veio até minha casa para me matar.

Silêncio.

— Bem, primeiro ele deveria obter informações de mim sobre David...

— *David*?

— A propósito, o nome dele na realidade é Damon. Ele estava na máfia também. Longa história. Vou resumir. Então,

o assassino apareceu e estava prestes a atirar em mim quando Kage irrompeu e atirou nele em vez disso. Finalmente, tive sorte. Então minha sorte vira uma merda novamente porque descobri que Kage deveria fazer o trabalho de Viktor originalmente, mas se distraiu com minha vagina deslumbrante.

Paro para respirar. — Você ainda está aí?

— Só pegando a pipoca. Continue falando.

Ela nunca perde o ritmo, essa garota. Ela deveria se candidatar a presidente. O país estaria em forma em nenhum momento.

— Então Kage desobedeceu a uma ordem direta de seu chefe, Max, que também era chefe de David, antes que David desviasse cem milhões de dólares dele e tornasse as provas do estado para que os federais lhe dessem uma nova identidade para que ele pudesse deixar a máfia e se mudar um jeito.

— *Aquele pão-duro teve cem milhões de dólares o tempo todo que você esteve com ele?*

Ela está indignada com o dinheiro. Tenho que me perguntar sobre suas prioridades.

— Sim. Ele também tem uma nova esposa. Oh! Pulei uma parte. David está vivo. Encontrei-o no Panamá.

Sloane começa a rir. — Claro que você fez. Santo menino Jesus.

— Ele teve outra esposa, também, antes desta nova. Ele foi casado com uma princesa da máfia siciliana o tempo todo em que estivemos juntos. E ele tinha dois filhos. Você pode acreditar nisso? Ele é um bígamo!

Sloane ri ainda mais.

Digo amargamente: — Com licença, é da minha vida que estamos falando aqui. Não é engraçado.

— Querida, essa é a merda mais engraçada que ouvi desde que tínhamos doze anos e você colocou aquele absorvente tão preso na sua boceta que seu pai teve que levá-la ao pronto-socorro para tirá-lo.

— Foi a minha primeira menstruação! Eu não sabia como usá-los direito! E por que você não está preocupada com meu estado mental? Quase fui morta! Estou tendo um colapso aqui!

Ela suspira. Imagino-a enxugando as lágrimas de riso de seus olhos e deixando seu rosto todo amanteigado por causa da pipoca.

— Você não está tendo um colapso. Mas não culpo você por estar chateada. Todo aquele tempo e aquele pão-duro do David estava realmente carregado. Que buraco enorme.

Esfrego minhas têmporas, balançando a cabeça em descrença. — Você não vai perguntar onde estou agora?

— Você está com Kage, obviamente.

— Por que obviamente?

— Porque embora você quase tenha morrido e seu noivo morto não esteja realmente morto, apenas um idiota, e Deus sabe tudo o que você ainda não me disse, você está bem. E a única vez em que você esteve bem nos últimos cinco anos foi quando esteve com ele.

Minha garganta fica apertada. Meu estômago também. Digo em voz baixa: — Ele mentiu para mim.

Ela não está impressionada. — Dã. Ele é um homem. Apenas retenha o sexo por uma ou duas semanas e ele nunca mais vai mentir.

— É impróprio punir alguém negando sexo.

— Não seja ridícula. É a ferramenta mais poderosa do seu arsenal.

— O que vai acontecer quando você encontrar alguém de quem realmente gosta, Sloane?

— Querido Deus. Você ainda não está batendo naquele cavalo morto, está?

— Estou. Eu sei que você ainda não encontrou seu par.

— Isso é porque você sofreu uma lesão cerebral desde aquela época, quando tinha seis anos, quando caiu da bicicleta e bateu com a cabeça no meio-fio.

— Eu estava usando um capacete.

— Tanto faz. Você não tem sido a mesma desde então. Tentei convencer seus pais a puxar a tomada, mas eles se apegaram a você e recusaram. Idiotas.

Percebo que estou sorrindo. — Nunca fui para o hospital, mas obrigada pelo amor.

— De nada. E sei que você está sorrindo agora, então nem tente fingir que está magoada por achar sua vida amorosa ridícula divertida.

— Falando em vidas amorosas, como está Brad Pitt Jr.?

Ela faz uma pausa. — Quem?

— O cara loiro gostoso que você conheceu no Uber Rideshare.

— Oh. Dele. Espelho retrovisor, baby.

Quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem as mesmas. — Sinto sua falta.

— Saudades de você também. Volte logo. Este seu cachorro é o animal mais chato do planeta. Tudo o que ele faz é dormir.

— Você ficaria surpresa se eu dissesse que ele atacou Viktor, o assassino que foi enviado para me matar?

— Ok, certo. Agora você está apenas inventando coisas. A propósito, vi Chris na loja ontem à noite.

— Ah não.

— Oh sim. Ele pediu para lhe dizer que pede desculpas por tudo que fez para ofendê-la e espera que você o perdoe, então ele fugiu. Agora, o que você acha que o levou a fazer isso?

Lembrando meu último encontro com Chris, faço uma careta. — Kage teve uma pequena conversa de homem para homem com ele depois que eu disse a ele que Chris tinha estado dirigindo por minha casa em todas as horas do dia e da noite.

— Exatamente como eu pensava. Eu gostaria de ter um homem que me protegesse de todos os idiotas do mundo.

— Você poderia, mas você ficaria entediada com ele.

— Você entendeu meu ponto. Kage está gagá por você, querida. Dê um tempo para ele. Agora tenho que ir, porque tem uma reunião de solteiros na biblioteca para a qual estou atrasada. Ouvi dizer que vai haver bingo.

Ela desliga na minha cara, que é sua maneira de me dizer para não sentir pena de mim mesma.

Ela é a rainha do amor duro, mas suspeito que por baixo da armadura de aço que ela usa bate o coração mais suave do mundo.

Não que eu nunca tenha certeza, porque ela se jogaria de um penhasco antes de admitir.

Termino minha taça de vinho, depois perambulo pela sala, abrindo gavetas e passando os dedos sobre pincéis e tubos de tinta, minha mente zumbindo e meu corpo tão cansado que mal consigo sentir os pés.

Então deito de lado no chão e fico olhando para a cidade de Nova York até cair no sono.



Acordo nos braços de Kage. Ele está me carregando por um corredor.

Bocejando, murmuro: — Para onde você está me levando?

— Para a cama.

Não me preocupo em lutar. Não tenho forças para isso agora.

Ele me leva para o quarto principal. É decorado em tons suaves de bege e marrom com muitos detalhes em madeira. Há outra visão ridícula das janelas altas, mas ela desaparece quando ele fecha as cortinas.

Ele me coloca na cama, tira meus sapatos e puxa as cobertas sobre mim.

Então ele se vira para sair.

— Você está saindo?

Ele para e olha para trás. Um pequeno sorriso aparece em seus lábios carnudos. Posso dizer que meu tom o agradou, mas ele está tentando não ser desagradável sobre isso.

— Você não quer que eu vá?

— Não. Sim. Não sei. — Suspiro e me enterro mais profundamente sob as cobertas. — Pode ser?

— Avise-me quando tiver certeza. Até então, durma bem.

Ele sai, fechando a porta suavemente atrás de si.

Agora estou bem acordada de novo.

Rolo de costas, tiro as cobertas e fico olhando para o teto por um longo tempo, repassando tudo na minha cabeça. Exceto que minha cabeça está cheia de purê de batatas. É como se eu estivesse tentando fazer álgebra. Não consigo pensar em nada que faça sentido.

A única coisa que sei com certeza é que não importa o que ele fez ou quão brava estou com ele, eu me sentiria melhor se os braços de Kage estivessem ao meu redor.

Jogo minhas pernas para o lado da cama, vou até a porta e abro. Então paro.

Kage está parado ali, encostado na parede ao lado da porta com os braços enormes cruzados sobre o peito e a cabeça baixa.

Ele olha para mim. Nossos olhos se encontram. Um choque como um raio passa por mim, quente e poderoso, todo o caminho até os dedos dos pés.

Ficamos ali parados, olhando um para o outro em um silêncio crepitante até que digo baixinho: — Pode entrar e...

Ele empurra a porta e me agarra, esmagando sua boca na minha.

O beijo é desesperado. Devorando. Quando subimos para respirar, digo sem fôlego: — Abrace-me?

Fazendo-me andar de costas para a cama, ele rosna: — *Abrçar* você? Certo. Logo depois de eu te foder.

— Kage...

— Vermelho ou verde, baby. — Ele me empurra para a cama, se ajoelha, coloca as mãos em cada lado da minha cabeça e me beija novamente, vorazmente.

É como se minhas mãos tivessem vontade própria, porque instantaneamente se enredam em seus cabelos e começam a puxar.

Ele se afasta da minha boca, rindo. — Isso foi o que pensei.

Ele fica de joelhos, puxa a camisa pela cabeça e a joga fora, sorrindo para mim.

Ele é tão lindo que perco o fôlego.

Seu sorriso morre e ele rosna: — Adoro quando você olha para mim assim.

— Como o quê?

— Como se você fosse minha.

Ele puxa minha camisa. Ele arranca meu sutiã. Ele dispensa meu jeans e calcinha com alguns movimentos rápidos, então estou nua debaixo dele, tremendo.

Ele leva um momento para passar as mãos lentamente pelo meu corpo, do meu peito até minhas coxas, olhando para mim com os olhos de um lobo faminto. Então ele abre a braguilha de sua calça jeans.

— Diga.

Minha voz sai em um sussurro. — Sou sua.

Ele fecha os olhos por um momento, exalando. Quando ele abre os olhos, ele enfia a mão nas calças e segura sua ereção, puxando-a e acariciando-a da base às pontas.

— Diga de novo, baby.

Respiro e sopro. Cada célula do meu corpo está cantando. — Sou sua, Kage. Mesmo quando te odeio, te amo. Aconteça o que acontecer, vamos resolver isso.

Com um gemido, ele cai em cima de mim. Em seguida, ele está me beijando novamente, empurrando um cotovelo e espalhando minhas coxas abertas com seus quadris. Corro minhas mãos por suas costas musculosas até sua bunda, deslizando minhas mãos sob sua calça jeans e afundando minhas unhas em sua pele.

Então rio suavemente.

Ele mal podia esperar para tirar as calças ou as botas novamente.

— Ria enquanto te fodo e você vai ganhar uma surra, — diz ele com veemência.

— Então acho melhor continuar rindo.

Olhando para mim com olhos de adoração, ele sussurra: — *Ya tebya lyublyu*. Amo você. *Ty nuzhnah mne*. Preciso de você. *Ty moy*. Você é minha.

Então ele desliza dentro de mim e prova tudo.

Nat

Durante a próxima semana, o que parece ser uma centena de homens de terno entram e saem da cobertura, prestando seus respeitos ao novo rei.

Existem apertos de mão sérios. Beijos formais na bochecha dupla. Conversas tranquilas na biblioteca com uísque e charutos.

E sempre, na chegada e na partida, uma reverência e um beijo no anel de sinete de Kage.

Ele me apresenta a alguns dos homens. Quando outros chegam, ele rapidamente me conduz para fora da sala. Sei que a intenção não é guardar mais segredos, mas me proteger.

Nenhum elenco em qualquer filme de máfia que já vi chega perto da realidade da escuridão e do perigo que esses homens usam como um segundo conjunto de roupas. É palpável. Uma vibração assustadora no ar. Uma energia

inconfundível de violência paira sobre eles, emanando de seus olhos estreitos e vigilantes.

Se Sloane estivesse aqui, ela estaria no paraíso dos porcos.

Faço o meu melhor para ser equilibrada e educada, embora não saiba o que é esperado de mim. Não sei como me encaixo neste mundo, ou se o faço em absoluto. A única certeza é que Kage sempre me quer ao alcance dos braços.

Se eu estiver do outro lado da sala, ele virá e ficará ao meu lado. Se ele estiver conversando com alguém e eu não estiver por perto, ele acenará com o dedo. Seu olhar está sempre em mim também, me seguindo com um foco e calor que sinto como um formigamento de consciência sob minha pele.

Eu disse a ele que o amo, mas não tenho certeza se amor é uma palavra complexa o suficiente.

Há um peso nisso que sinto por ele. Uma escuridão. Uma borda violenta, como o que vejo nos olhos dos homens perigosos.

Isso me assusta, porque sei que sua vida, por sua própria natureza, é insegura. Achei que nunca iria me recuperar quando David desapareceu, mas no final, sobrevivi. Até prosperei sem ele.

Se alguma coisa acontecer com Kage, duvido que serei tão resistente. Há uma fratura fina dentro de mim que ele está segurando. Se eu o perder, vou quebrar.

Portanto, não posso perdê-lo. É simples assim.

— Olha você aqui.

Quando Kage pressiona um beijo suave na parte de trás do meu pescoço, pulo de surpresa. Eu estava perdida em pensamentos, olhando pela janela da sala para a vista ampla do Central Park. O sol está se pondo. As sombras crescem sobre os lagos, caminhos de corrida e árvores.

— Eu queria te dar um minuto com Stavros. O pobre coitado parecia prestes a cagar nas calças. Eu não queria tornar as coisas piores para ele ficando ali enquanto ele estava tendo um colapso.

Kage sorri. Envolvendo um braço em volta da minha cintura, ele me puxa para perto. — Que bom que você não estava lá também. Você teria ficado doida.

— Por quê?

— Ele pediu permissão para sequestrar Sloane.

— *O quê?*

— Ele não a esqueceu. A quer de volta. Acha que a melhor maneira de fazer isso é forçando-a a ficar muito próxima.

Quando o encaro com horror, ele acrescenta: — Eu disse não, baby.

— Não estou preocupada com Sloane. Estou preocupada com o que aconteceria ao pobre Stavros se ele ousasse sequestrá-la. Ela o castraria com uma faca de manteiga enferrujada e o estrangularia até a morte com o toco de seu próprio pau.

Ele ri. — Sim. Esse é o problema. — Seus olhos ficam quentes e sua voz cai. — Não é como minha boa menina.

Torço meus lábios e dou uma cotovelada nas costelas. — Não tenha tanta certeza de que estou bem. Há uma razão para sermos melhores amigos, gangster. Somos almas gêmeas.

Ele agarra meu queixo e pressiona um beijo suave em meus lábios. — Sua alma gêmea é a razão de estarmos em guerra agora.

— O que você quer dizer?

— O tiroteio começou naquela noite em La Cantina porque um dos irlandeses que foi morto deu um tapa na bunda dela quando ela passou enquanto eles estavam sentados. Ela impediu Stavros de atirar nele, mas quando você e eu nos levantamos e deixamos a mesa, o irlandês veio e começou a falar merda. Perguntando o que ela estava fazendo com um bando de maricas russas. Você pode imaginar como foi a partir daí.

— Oh meu Deus.

— Exatamente. Então, na reunião anual de véspera de Natal de todas as famílias, os irlandeses estavam irritados e queriam uma compensação pela quebra da trégua e pela perda de seus homens. Recusei, é claro. Você dá um tapa na bunda de uma mulher e chama seu homem de maricas, está pedindo para levar um tiro. O irlandês não gostou da minha resposta. Naquela época, foram eles que começaram a atirar. Tudo foi para o inferno a partir daí.

— Uau. — Paro, pensando. — Quando eu disser a Sloane que ela é a razão de toda a máfia americana estar em guerra, ela ficará nas nuvens de felicidade. Já posso ouvir as comparações com Helena de Tróia.

— Você pode dizer a ela quando ela chegar aqui esta noite.

Surpresa e animada, digo: — Ela está vindo para cá?

Ele concorda. — Com Mojo. Mande o jato buscá-la.

Eu ri. — Não se surpreenda se ela não devolver. E obrigada. Isso significa muito.

— Achei que você poderia usar a companhia. Não é exatamente normal por aqui agora.

Seu sorriso é caloroso e suave. Em um terno Brioni preto perfeitamente cortado, sua camisa branca aberta no

colarinho expondo seu pomo de Adão, ele nunca pareceu tão bonito ou viril.

Quando meus ovários doem, olho para longe, engolindo.

Seu tom fica mais nítido. — O que é isso?

Fecho meus olhos e expiro. A vida vai ser difícil, viver com um leitor de mentes. — Eu estava pensando.

— Uh-oh.

— Não consigo olhar para você quando digo isso, então, por favor, não me peça para fazer isso.

Seu braço aperta em torno de mim e seu olhar queima meu perfil, mas ele permanece em silêncio, esperando.

Perdendo minha coragem, balanço minha cabeça. — Deixa para lá. Este é um momento ruim.

A risada de Kage é curta. — Boa tentativa. Fale comigo.

Estou tão nervosa para trazer isso à tona, mas sei que preciso contar a verdade a ele ou nunca vou ouvir o fim de tudo. Paro por um momento, reunindo minha coragem, então cuspo.

— Aqui está a coisa. Eu... eu realmente nunca pensei em ser mãe. Quer dizer, eu meio que presumi que teria filhos um dia, mas nunca planejei ter. Não era um objetivo nem nada. Mas agora que sei que não terei nenhum...

Depois de um momento, ele diz rispidamente: — O quê?

Mudo meu peso para o outro pé e molho meus lábios, desejando que meu coração não batesse tão forte. Isso torna difícil manter minha voz uniforme. — Estou pensando que gostaria de ter a escolha.

Ele me vira para encará-lo, me puxando para perto e segurando meu queixo para que eu não possa desviar o olhar. Em voz baixa e intensa, ele diz: — Você está me dizendo que quer ter meus filhos?

Sussurro: — Sei que você disse que não queria trazer filhos para esta vida...

— *Você está me dizendo que quer ter meus filhos?*

— E você já fez a vasectomia

— Responda a maldita pergunta.

— Mas acho que você pode reverter isso

Ele rosna: — Se você não disser sim ou não agora, colocarei você no meu colo.

Olho para Stavros do outro lado da vasta sala de estar, falando em voz baixa com dois outros homens e nos lançando um olhar ocasional preocupado.

— Há pessoas aqui.

— Você acha que isso me impediria?

— Não. Então aqui está algo: vermelho.

Ele aperta a mandíbula, seus olhos escuros brilhando. Parece que o topo de sua cabeça está prestes a explodir como um vulcão. Ele diz meu nome, enunciando cada sílaba.

Solto um suspiro e deixo escapar: — Estou dizendo que quero saber se você estaria aberto a isso.

Sua resposta é instantânea. — Se eu disser que sim, você se casará comigo?

Meus olhos se arregalam. Fico olhando para ele com meu coração batendo forte contra meu esterno e minhas mãos tremendo.

Então, meu estômago dá um nó, abaixo meu olhar para seu peito e balanço minha cabeça.

— Não pode ser uma negociação. Tem que ser algo que você realmente queira fazer. Algo que nós dois queremos fazer. Você não faz das crianças uma moeda de troca.

Depois de um momento de silêncio e tenso, ele tira a mão do meu rosto e me solta.

— Vá para o meu escritório. Procure na gaveta de cima.

Sua expressão é ilegível e agora estou confusa. — Agora? Estamos no meio de uma conversa importante aqui.

— Faça isso agora, antes que eu perca a paciência e faça algo de que me arrependerei.

Raiva se formando em uma pequena bola amarga dentro do meu estômago, fico olhando para ele, parado ali olhando para mim em toda a sua glória de macho alfa. — Você não precisa ser tão mandão.

— E você não precisa ser tão teimosa. Vá.

Ele se vira e se vangloria de volta para Stavros e os outros dois homens, passando a mão pelo cabelo escuro enquanto caminha.

Quero ir para a cozinha e pegar uma taça de vinho para beber, mas faço o que me mandam, resmungando baixinho sobre homens mandões.

Quando entro em seu escritório, vou direto para a grande mesa de carvalho. Abro a gaveta do meio em cima, mas não há nada lá dentro, exceto um bloco de papel pautado em branco, um rolo de selos, algumas canetas esferográficas e um envelope pardo não marcado.

Estou prestes a fechar a gaveta quando faço uma pausa e dou outra olhada no envelope.

Depois da carta do cofre de David, cada envelope em branco parece suspeito. Nunca poderei entrar em uma loja de materiais de escritório novamente sem ficar traumatizada.

Sem tirar o envelope da gaveta, levanto cuidadosamente a aba superior e olho o que está dentro.

É um folheto em cores brilhantes da Clínica Mayo sobre reversão de vasectomia.

Mentes brilhantes pensam igual.

Coloco as duas mãos espalmadas em cima da mesa, inclino-me e me apoio contra ela e respiro profundamente. Depois de um momento, começo a rir baixinho.

— O que é tão engraçado, baby?

Vindo atrás de mim, a voz de Kage é quente, cheia de risos reprimidos. Ele passa a mão pela minha espinha até o pescoço, que começa a massagear.

— Oh nada. Apenas me perguntando quantas conversas exatamente como esta haverão no meu futuro.

— Você quer dizer conversas em que você me deve desculpas por ser tão teimosa?

— Cabeça dura? Você tem lido seus romances da Regência novamente.

Ele me puxa para cima e me envolve em seus braços, sorrindo para o meu rosto corado e feliz. Envolver meus braços em volta de sua cintura e me inclino para ele.

Ele brinca: — Tenho. Foi aí que tive a ideia de colocar seu anel no bolso do meu moletom. Esses heróis de romance sempre têm essas ideias criativas.

— Eu não saberia. Só leio não ficção.

— Ah. Bem, talvez eu deva dizer a você para olhar no meu bolso novamente.

— Hum, querido, não acho que seria a melhor ideia ficar ocupado agora, com todos os caras lá fora e tudo mais.

Ele balança a cabeça, rindo, depois me beija. — Não quero que você agarre meu pau, amor.

— Desde quando?

— Basta colocar a mão no meu bolso.

Olho para seu terno bem ajustado e franzo a testa.

Ele diz suavemente: — Casaco. Lado esquerdo.

Meu coração começa a palpitar, deslizo minha mão no bolso do casaco, procurando até que meus dedos se fechem em torno de algo pequeno, redondo e de metal.

Ao contrário do último objeto redondo de metal que retirei de um bolso dele, este tem um pedaço quadrado substancial de algo macio e fresco de um lado.

Com a voz áspera, Kage diz: — Se dez quilates não são suficientes, vou devolver por um maior.

Fecho meus olhos e coloco minha cabeça em seu peito, enrolando minha mão em torno do anel.

Com o coração na garganta e a alma voando, sussurro: — Dez quilates? Tão pequeno. Deus, você é um pão-duro, gangster.

Ele me abraça com força, beijando o topo da minha cabeça, o lóbulo da minha orelha, meu pescoço. No meu ouvido, ele diz suavemente: — Case-se comigo.

Claro que tinha que ser uma ordem, não uma pergunta.

Minha voz falha quando atendo. — Deixe-me dar uma olhada neste minúsculo anel primeiro. Aviso-te em um minuto.

— É um diamante de corte acolchoado perfeito em uma faixa de platina. Harry Winston.

Pressiono minha bochecha contra seu peito, ouvindo o som reconfortante de seu coração batendo forte. — ECA. Parece horrível.

— Isso é um sim ou um não? — Quando não respondo, ele pergunta com impaciência: — Use suas cores, garota teimosa.

Uma lágrima escorrendo pela minha bochecha, sussurro, — Verde, querido. Todo o verde do universo.

EPÍLOGO

Sloane

Quando desembarco no terminal de jatos particulares em La Guardia, está escuro, quarenta graus lá fora e garoando. Pode muito bem estar oitenta graus e o sol, pelo quanto feliz estou.

Estou no topo da escada aérea do jato ostentoso de Kage e jogo meus braços largamente, gritando: — Alôôôô, Big Apple²⁰!

O chofer uniformizado esperando com um guarda-chuva no final da escada na pista olha para mim como se eu fosse maluca, mas o ignoro. Nunca estive em Nova York e vou aproveitar cada segundo disso.

Talvez eu tenha sorte e encontre um bilionário aleatório em que possa trabalhar.

²⁰ Como Nova York é chamada. Grande Maçã.

Do contrário, sempre há compras. A boutique Louis Vuitton na Quinta Avenida tem chamado meu nome desde Tahoe.

— Vamos, cão. Hora de ir ver a mamãe.

Mojo levanta a cabeça de onde dormiu durante todo o voo, no primeiro assento de couro creme da cabine perto da porta. Ele olha para a porta, parecendo duvidoso, depois se volta para mim.

Sorrio para ele. — Mova sua bunda ou vou fazer de você um tapete, peludo.

Movendo-se na velocidade de uma lesma, ele se joga do assento e cai no chão, boceja, coça a orelha com a pata traseira e pisca para mim.

Balançando minha cabeça, bufo. — Não tem como você atacar ninguém. Seria preciso muita energia.

Ele boceja novamente, provando meu ponto.

Desço as escadas estreitas de metal, o cachorro me seguindo. Quando chego ao fundo, o motorista diz solenemente: — Bem-vinda a Nova York, senhorita. Sou Sergey, seu motorista.

Sergey é jovem, de olhos verdes e grande o suficiente para levantar o carro acima da cabeça se quiser.

Grande energia do pau grande. Já gosto dele.

— Obrigada, Sergey! Estou muito feliz por estar aqui.

— Cuidarei de sua bagagem. Por favor, siga-me.

Ele aponta para o elegante Bentley preto estacionado na pista a alguns metros de distância. Deixei-o cobrir minha cabeça com o guarda-chuva e segui-lo até o carro, sentindo uma leve pontada de culpa por haver apenas um dele para cuidar da minha bagagem, porque não vim com pouca bagagem.

Tradução: trouxe quase tudo que possuo.

Não se pode esperar que uma garota saiba o que ela vai querer vestir com dias de antecedência. Depende do humor.

Mojo e eu nos acomodamos no carro enquanto o pobre Sergey age como meu sherpa pessoal e carrega todas as minhas malas no porta-malas. Quando ele finalmente se senta no banco do motorista e fecha a porta, ele está suando.

— Desculpe por toda a bagagem, Sergey. Sou péssima em tomar decisões sobre roupas.

Ele me olha pelo espelho retrovisor e dá de ombros. — Você é uma mulher.

Decido não ser insultada pelo sexismo aberto e, em vez disso, sorrio para ele. — Você percebeu! Foram meus seios que delataram?

Seu olhar cai brevemente para o meu peito. Então ele encontra meus olhos novamente. — Sim.

Ele coloca o carro no Drive e arranca, encerrando a conversa.

Energia de pau grande, senso de humor zero. Próximo.

Dirigimo-nos pela cidade enquanto eu ooh e ahh em todas as luzes brilhantes e grandes edifícios. Ao meu lado no banco, Mojo ronca. Damos uma volta para a garagem de um arranha-céu e descemos uma curva de pisos vazios até parar ao lado de uma série de elevadores.

Na frente dos elevadores está um grupo de caras corpulentos em ternos pretos, olhando para o carro como se estivesse prestes a explodir.

Ah, gangsters russos. Um grupo de companheiros tão confiantes. Só quero beliscar suas lindas bochechas rosadas.

Espero que Sergey abra minha porta para mim antes de sair, porque não há nada melhor do que fazer uma entrada majestosa na frente de um público cativo.

Especialmente quando esse público é um bando de homens fortes e perigosos.

Tenho a sensação de que esta viagem a Nova York será *épica*.

Sorrindo, saio do carro. Pergunto-me se enviar ao exército de gângsteres uma onda de rainha da beleza seria demais.

Provavelmente. Esses caras não parecem que vão entender a piada.

Mas, de repente, eles não estão olhando para mim. A atenção deles foi capturada pelo outro carro parando atrás de nós.

É um grande SUV preto com janelas escurecidas e pode muito bem ter um letreiro de néon no teto gritando: “Vocês todos vão morrer!” Pela reação que recebe dos russos.

Em um movimento coordenado que deixaria qualquer general militar orgulhoso, todos eles enfiam as mãos nos casacos, puxam as armas e apontam para o para-brisa do SUV. Um dos homens começa a berrar algo em russo como um louco.

Então, quando mais cinco SUVs chamam e param atrás do primeiro, o cara que grita perde completamente a cabeça. Ele se ajoelha e começa a atirar.

Oh garoto. Isso não parece bom.

Eu deveria ter trazido aquela .357 que roubei de Stavros. Parece que foi a única coisa que não empacotei.

Mergulho de volta no Bentley, quase esmagando Mojo quando caio em cima dele no banco de trás. Ele se contorce debaixo de mim e se encolhe no chão. O tiroteio explode ao nosso redor, ecoando dolorosamente alto contra as paredes e tetos de cimento do estacionamento.

Deito no banco com as orelhas tapadas e os joelhos puxados até o peito, apenas esperando até que todos fiquem sem munição e quem quer que esteja vivo vai começar a fase de combate corpo a corpo até que todos se matem assim.

Vou fugir então. Uma vez que esses caras começam a dar socos, eles não percebem mais nada.

Quando eu estava no Mediterrâneo com Stavros e sua tripulação, as brigas estouravam o tempo todo. Eu poderia ter me pavoneado nua por tudo e eles não notariam. Eles são como pit bulls uma vez que começam.

Meu plano é disparado quando alguém agarra meus ombros e me arrasta para fora do carro.

Caio de costas com um baque que tira todo o meu fôlego. Minha cabeça bate fortemente contra o cimento.

Antes que eu possa me recuperar, sou pega e empurrada para o banco de trás de um dos SUVs, com tanta força que voo por todo o banco para o lado oposto do carro. Minha cabeça bate na janela com um estalo alarmante, como um ovo cozido jogado contra a parede.

Vejo estrelas.

O mundo desliza para o lado.

As armas ainda estão disparando.

Ouço Mojo latindo, mas o som fica mais fraco, abafado pelo motor ligado e o guincho dos pneus contra o chão enquanto o SUV dispara para frente.

Tento me sentar, mas não consigo. Algo não está funcionando direito. Meu cérebro não está se comunicando com meus músculos.

Um rosto se materializa em minha linha de visão, entrando em foco.

Um homem se inclina sobre mim. Ele tem trinta e poucos anos, cabelo preto como azeviche, queixo duro e olhos da cor do mar do Caribe. Eles são de um azul tão vívido que é de tirar o fôlego.

Em voz baixa, cadenciada com sotaque irlandês, ele diz: — Então, esta é a mulher que matou dois dos meus homens.

Seu olhar vagueia sobre meu rosto. Ele faz uma pausa na minha boca, onde permanece. — Não posso dizer que entendo por que tanto barulho.

Eu daria um soco nele, mas é impossível no momento. Talvez mais tarde, quando meu cérebro não estiver se mexendo dentro do crânio como um guppy em um aquário giratório.

Depois de algum esforço concentrado, consigo formar as palavras. — Quem é Você? Para onde você está me levando?

— Sou Declan. Estou levando você a Boston para falar com meu chefe. Quanto ao que acontecerá quando chegarmos lá... isso não depende de mim, querida.

O estranho de olhos azuis faz uma pausa, se aproximando. Sua voz cai. — Mas você começou uma guerra, então acho que não vai gostar.

Voando para fora da garagem, o carro pousa com uma guinada tão balançante que minha cabeça tonta bate contra a maçaneta da porta.

A última coisa que vejo enquanto o mundo escurece são os olhos azuis penetrantes de Declan olhando para baixo com intensidade abrasadora nos meus.

FIM

